

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS  
– PPGICH/UEA

GABRIEL HIDALGO DE MELO

**ENTRE O ARCABOUÇO E O SILENCIAMENTO:**  
MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E TURISMO NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO

MANAUS/AM  
2025

GABRIEL HIDALGO DE MELO

**ENTRE O ARCABOUÇO E O SILENCIAMENTO:**  
MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E TURISMO NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, na área de concentração em Teoria, História e Crítica da Cultura e linha de pesquisa Espaços, memórias e configurações sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos

MANAUS/AM  
2025

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

H632e

Hidalgo de Melo, Gabriel

Entre o Arcabouço e o Silenciamento: : memória, patrimônio e turismo no Cemitério Municipal de São João. / Gabriel Hidalgo de Melo . Manaus : [s.n], 2025.

244 f.: color.; 21,0 cm.

Dissertação - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Apêndice.

Inclui Anexo.

Orientador: Tatiana de Lima Pedrosa Santos.

1. silenciamento. 2. patrimônio. 3. cultura. 4. turismo. 5. cemitério.

I. Tatiana de Lima Pedrosa Santos (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)168.522(043.3)

**GABRIEL HIDALGO DE MELO**

**ENTRE O ARCABOUÇO E O SILENCIAMENTO:  
MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E TURISMO NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, na área de concentração em Teoria, História e Crítica da Cultura e linha de pesquisa Espaços, memórias e configurações sociais.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 25/03/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos – PPGICH/UEA  
Orientadora

---

Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle – PPGICH/UEA  
Avaliador

---

Prof. Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes – PPGA/UFPA  
Avaliador

“Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima. Um dia supuseste “morta e separada” a consorte dos teus sonhos e das tuas agonias, que te soubera “pôr um mundo inteiro no recanto” do teu ninho; e, todavia, nunca ela te esteve mais presente, no íntimo de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face de tuas ações. Esses catorze versos inimitáveis, em que o enlevo dos teus discípulos resume o valor de toda uma literatura, eram a aliança de ouro do teu segundo noivado, um anel de outras núpcias, para a vida nova do teu renascimento e da tua glorificação, com a sócia sem nódoa dos teus anos de mocidade e madureza, da florescência e frutificação de tua alma. Para os eleitos do mundo das ideias a miséria está na decadência, e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruínas da outra. Quando eles atravessavam essa passagem do invisível, que os conduz à região da verdade sem mescla, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos.”

*Rui Barbosa, “O adeus da Academia a Machado de Assis”*

“Morremos com quem morre:  
Veja, eles vão, e com eles partimos.  
Nascemos com os mortos:  
Veja, retornam, e nos trazem consigo.”

*T. S. Eliot, “Little Gidding”*

“Encontrei um viajante vindo de uma antiga terra  
Que me disse: — Duas imensas e destroncadas pernas de pedra  
Erguem-se no deserto. Perto delas, sobre a areia  
Meio enterrado, jaz um rosto despedaçado, cuja carranca  
Com lábio enrugado e sorriso de frio comando  
Dizem que seu escultor soube ler bem suas paixões  
Que ainda sobrevivem, estampadas nessas coisas inertes,  
A mão que os escarneceu e o coração que os alimentou  
E no pedestal aparecem estas palavras:  
“Meu nome é Ozymandias, rei dos reis:  
Contemplai as minhas obras, ó poderosos e desesperai-vos!”  
Nada mais resta: em redor a decadência  
Daquela destroço colossal, sem limite e vazio  
As areias solitárias e planas se espalham para longe.”

*Percy Bysshe Shelley, “Ozymandias”*

## RESUMO

O Cemitério Municipal de São João, um monumento histórico do Estado do Amazonas, enfrenta uma crise de preservação que ameaça sua identidade histórico-cultural. Essa identidade é proporcionada pela existência de diversos elementos do interior desse cemitério, que incluem esculturas, arquiteturas, registros genealógicos e seu próprio potencial turístico, este possibilitado pela reunião de todos os bens culturais tangíveis e intangíveis ali existentes. Cada um desses aspectos contribui para a riqueza cultural e histórica do São João, tornando-o, portanto, um importante patrimônio a ser preservado. Este estudo busca investigar os impactos causados pela negligência e degradação do patrimônio cultural neste cemitério emblemático de Manaus. Por meio de uma pesquisa minuciosa, são analisadas as dimensões filosóficas, sociológicas e históricas da memória cultural, bem como os fatores que contribuem para a deterioração do espaço e dos monumentos. O objetivo é destacar a importância da preservação do patrimônio cultural como meio de fortalecer a identidade, a apreciação estética por parte da sociedade amazonense e a potencialidade turística deste lugar, direcionada a residentes do Amazonas e a não-residentes, além de propor medidas para reverter o declínio gradual deste importante símbolo histórico.

**Palavras-chave:** silenciamento; patrimônio; cultura; turismo; cemitério.

## ABSTRACT

The Municipal Cemetery of São João, a historical monument in the state of Amazonas, is facing a preservation crisis that threatens its historical and cultural identity. This identity is provided by the presence of various elements within the cemetery, including sculptures, architecture, genealogical records, and its tourism potential, which is enabled by the assembly of all the tangible and intangible cultural assets present there. Each of these aspects contributes to the cultural and historical richness of São João, making it, therefore, an important heritage site to be preserved. This study aims to investigate the impacts caused by the neglect and degradation of cultural heritage in this emblematic cemetery of Manaus. Through a thorough research, the philosophical, sociological, and historical dimensions of cultural memory are analyzed, as well as the factors contributing to the deterioration of the space and monuments. The objective is to highlight the importance of preserving cultural heritage as a means to strengthen the identity, the aesthetic appreciation by Amazonian society, and the tourism potential of this place, aimed at both residents of Amazonas and non-residents. Additionally, it proposes measures to reverse the gradual decline of this important historical symbol.

**Keywords:** silencing; heritage; culture; tourism; cemetery.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Descoberta arqueológica revela que o *Homo naledi*, uma espécie de homínido antiga, não apenas enterrava seus mortos, mas também esculpia símbolos fúnebres nas paredes das cavernas 22
- Figura 2:** Antígona perante a morte de seu irmão Polinices ..... 26
- Figura 3:** O Túmulo dos Patriarcas, ou Gruta de Macpela..... 30
- Figura 4:** Um tributo à tragédia do luto, a obra *Grief* de Oskar Zwintscher retrata uma figura esmagada, sobrecarregada pelo desespero ..... 33
- Figura 5:** Torre do Silêncio zoroastriana em Mumbai, foto tirada em 1880..... 70
- Figura 6:** Imagens escultóricas e símbolos de teor apolíneo, isto é, que evocam harmonia, sagrado, santidade e equilíbrio: elevação aos céus, elaboração de preces, esvoaçamento, imperturbabilidade e aceitação do desconhecido ..... 73
- Figura 7:** Imagens escultóricas e símbolos de teor dionisíaco, isto é, que evocam natureza desinibida, agitada, espontânea e instintiva: tristeza, angústia, soturnez, lamento, desconsolo, juventude interrompida e natureza morta..... 75
- Figura 8:** Objetos depredados e deteriorados, árvores mortas, dejetos humanos, resíduos e detritos, buracos, erosões no solo e mato alto: elementos que rendem ao contemplador sentimentos de desordem, de irracionalidade, anarquia e confusão, e que, por isso, podem colaborar para a percepção da morte como um tabu..... 77
- Figura 9:** Representação tradicional da Natividade, com Maria e o menino Jesus na manjedoura, ao lado de José, cuja imagem está parcialmente danificada ..... 81
- Figura 10:** Símbolo de espiritualidade e união entre o sagrado e o terreno, a cruz celta representa as raízes culturais e a eternidade da vida, onde o círculo envolve a cruz em um ciclo infinito ..... 84
- Figura 11:** Guardiões silenciosos, esses seres celestiais simbolizam proteção, paz e a esperança de uma vida que transcende a morte, oferecendo consolo aos que visitam e homenageiam seus entes queridos ..... 85
- Figura 12:** Representações de elementos naturais celebram a conexão com a natureza e simbolizam o ciclo contínuo da vida, refletindo a harmonia e a renovação presentes mesmo em espaços de despedida ..... 87
- Figura 13:** Com suas asas, a ampulheta simboliza a transitoriedade da vida e a libertação da alma, lembrando-nos da passagem do tempo e da continuidade espiritual além da existência terrena 88
- Figura 14:** Em gestos de devoção e reverência, essas figuras simbolizam a esperança, o pedido por paz e a conexão espiritual entre o terreno e o divino, evocando conforto e introspecção..... 89
- Figura 15:** Em expressões de profunda saudade e lamento, essas figuras simbolizam a dor universal da perda, oferecendo um tributo silencioso aos laços eternos entre os vivos e aqueles que partiram 90
- Figura 16:** Jazigo reservado à Irmandade do Santíssimo Sacramento ..... 96
- Figura 17:** Entulhos depositados ao lado do jazigo da Irmandade do Santíssimo Sacramento e no interior de um antigo jazigo ..... 96
- Figura 18:** Registro de depredações recorrentes no Cemitério Municipal de São João ..... 97
- Figura 19:** Registro de tombamento do Cemitério Municipal de São João a partir do Decreto 11.198 de 14 de junho de 1988 ..... 106
- Figura 20:** Portaria nº 421, de 23 de novembro de 2011 ..... 107
- Figura 21:** A Pirâmide de Maslow ..... 118

<b>Figura 22:</b> Faces da Deterioração: agentes de degradação no Cemitério São João.....	125
<b>Figura 23 e 24:</b> Símbolos encontrados no Cemitério Municipal de São João.....	140
<b>Figura 25:</b> Mausoléu da Família Matarazzo.....	144
<b>Figura 26:</b> Registros em Miksang .....	147
<b>Figura 27:</b> Outros registros em Miksang.....	157

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1 – O CEMITÉRIO COMO EDIFICADOR DA CULTURA E DA MEMÓRIA .....	14
Introdução .....	14
1.1 O que é um cemitério? .....	17
1.2 Os vivos no campo dos mortos .....	35
1.3 As legislações referentes à preservação de espaços como o cemitério e suas garantias à preservação dele .....	46
1.4 Contextualizando as recentes alterações feitas, as leis de tombamento e o fenômeno de depredação, roubo e vandalismo .....	51
1.5 Conciliação do turismo cemiterial como atividade coletiva e pública com o fato das lápides, túmulos e jazigos serem bens privados .....	60
1.6 A cultura material do cemitério e a “morte domada” de Philippe Ariès .....	64
1.7 Signos e símbolos cemiteriais e o papel que exercem na apreciação estética e na perspectiva cultural amazonense .....	80
CAPÍTULO 2 – O CEMITÉRIO ENQUANTO DESTITUÍDO DA CULTURA E DA MEMÓRIA..	92
2.1 Introdução .....	93
2.2 Cultura Material em Silenciamento: o Cemitério Municipal de São João em foco .....	94
2.3 Reflexos da perda de elementos da cultura material do Cemitério Municipal de São João na identidade cultural do povo amazonense .....	100
2.4 Preservação e salvaguarda do patrimônio cultural como direito da população amazonense ....	105
2.5 Doutrinas iconoclastas, uma possível questão .....	109
2.6 A deterioração gradual da cultura material e seu papel na perpetuação da “morte interdita” de Philippe Ariès.....	119
CAPÍTULO 3 – O TURISMO CEMITERIAL COMO AGENTE CATALISADOR DA CONSERVAÇÃO, PRESERVAÇÃO E SALVAGUARDA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO.....	132
3.1 Introdução .....	132
3.2 A <i>práxis</i> como peça-chave para promover a educação patrimonial no cemitério e refletir sobre seu próprio <i>habitus</i> .....	132
3.3 O poder do simbólico na educação patrimonial.....	140
3.4 O cemitério como campo de trocas simbólicas e de poder simbólico.....	145
3.5 O cemitério como campo de forças e espaço de poder .....	149
3.6 A Teoria das Janelas Quebradas.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
APÊNDICE .....	164
REFERÊNCIAS .....	165
ANEXOS.....	171

## INTRODUÇÃO

Tendo uma avó e um avô com jazigos familiares no Cemitério Municipal de São João, desde criança, ouvi muitas histórias sobre algumas personalidades ali enterradas, desde aquelas mais ilustres – como artistas e figurões da política – até aqueles mais desconhecidos pela população, mas que por algum motivo – geralmente a forma como morreram – haviam se tornado chamativos à narrativa oral.

Desde a infância, portanto, fui criado neste espaço, de maneira a ter com ele certa familiaridade. Para mim, o cemitério havia se tornado então mais do que mero repositório de despojos mortais, mas um lugar sereno e curiosamente atrativo, para onde nossos parentes iam “morar” quando “viravam estrelinha no céu”. Depois de um tempo, comecei a perceber que não eram apenas nossos parentes que iam parar lá, mas conhecidos da família, pessoas famosas, vizinhos e até amigos de escola.

Em certa ocasião de minha meninice, tendo combinado com minha mãe de encontrar com meu pai no jazigo da “mão grande”, acabei não encontrando-o lá e acabei por me perder dos dois. Lembro até hoje do desespero que senti naquele momento, a angústia de se ver só no mundo, rodeado de estranhos, rostos desconhecidos e máscaras de estranhamento e às vezes de alguma complacência. Mas ali eu tive a primeira sensação consciente de se ver só no mundo, o que poderia ter me rendido um trauma psíquico em relação a estes tipos de lugares – tidos como mórbidos, agourentos e bizarros pelo senso comum –, mas isso não aconteceu.

Cresci com um interesse ambíguo por aquele lugar: ambíguo porque era misto de medo de me perder outra vez e interesse de desbravá-lo, de compreendê-lo, de perscrutá-lo atrás de respostas sobre alguma coisa que eu não abrangia muito bem àquela altura, mas que hoje entendo que se tratava – como ainda se trata – de decifrar o fenômeno da morte. *Para onde vamos?*, esta pergunta existencial emanava em mim desde então.

Formando-me em Turismo, entendi também que era possível ver ambientes de tal natureza como um atrativo turístico, uma categoria do Necroturismo e irmão do Turismo de Desastres. E foi com base neste interesse que desenvolvi minha monografia no ano de 2016 e 2017 com a ajuda da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Selma Paula Maciel Batista, pensando num turismo cemiterial que era também virtual, histórias que poderiam ser acessadas por meio de QR Codes, algo já desenvolvido em outros cemitérios mundo afora.

Contudo, a ideia aparentemente não vingou, talvez por falta de interesse própria, de segundos e terceiros. Mas no ano de 2023, ao concorrer no processo seletivo de mestrado em Ciências Humanas do PPGICH, pensei que poderia dar uma segunda chance a este cemitério,

à minha ligação com ele já de longa data. Já há algum tempo havia refletido sobre como poderia ser possível desenvolver um turismo naquele espaço se a depredação, deterioração e vandalismo de seus elementos materiais me rendiam o sentimento de desolação, e em extensão, a qualquer um que nele desejasse passear.

Coloco aqui *depredação* de modo distinto de *vandalismo* por este ser relacionado a atos intencionais de destruição, desfiguração ou danos à propriedade pública ou privada, quando aquele se refere à destruição ou dano à propriedade, muitas vezes com uma conotação mais agressiva e de maior escala do que o vandalismo. Isto é, a motivação por trás da depredação pode incluir razões similares ao vandalismo, mas também pode envolver objetivos mais amplos, como causar desordem em larga escala, fazer uma declaração política ou social, ou provocar uma reação específica.

Por sua vez, a palavra *deterioração* refere-se ao processo de desgaste, decadência ou declínio gradual de uma estrutura ou material, o que resulta em sua degradação e perda de integridade. No contexto do cemitério histórico aqui tratado, a deterioração dos elementos materiais – que envolve túmulos, lápides, esculturas e monumentos – implica na gradual destruição dessas estruturas devido a fatores como intempéries, poluição, crescimento de vegetação, vandalismo e falta de manutenção adequada. Esse processo compromete a preservação física desses elementos, bem como o valor histórico, cultural e patrimonial do cemitério em que estes estão inseridos, de forma a afetar a memória coletiva e a identidade cultural associada ao local.

Em continuidade, a observação do cemitério destituído de seus elementos materiais e, por consequência, o sentimento causado em mim de desolação me fez perceber que meu trabalho no Cemitério Municipal de São João não havia acabado. Que meu desconforto, minha inconformidade com a situação em que ele se encontrava – como ainda se encontra em certa medida – poderiam se tornar o meu objeto de estudo do mestrado. Portanto, seria oportuno desenvolver a ideia para me ajudar a alcançar o meu título de Mestre ao passo que cooperaria para torná-lo, quem sabe, um bom lugar para se visitar. Formando-me agora em Psicologia – Formação do Psicólogo na Universidade Federal do Amazonas, pondero que a reflexão acerca deste cemitério, para além de vê-lo apenas como atrativo turístico, pode se tornar mais rica e aprofundada devido à compreensão das dinâmicas emocionais, culturais e sociais envolvidas na experiência de visitar esses locais.

Inaugurado em 5 de abril de 1891 e tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas em 14 de junho de 1988, o Cemitério Municipal de São João – ou Cemitério São João Batista como é popularmente conhecido – é o principal campo-santo da cidade de Manaus.

Um verdadeiro museu a céu aberto e uma miscelânea de estilos arquitetônicos que vão do neogótico ao estilo *kitsch*, hoje tem seu patrimônio negligenciado e surrupiado por malfeitores que o invadem com o intuito de trocar o ferro e o bronze de portas, grades, janelas e placas em ferros-velhos que atuam como receptadores das peças furtadas.

Um breve passeio pelas ruelas do cemitério pode comprovar este fato, uma vez que até mesmo as lápides e jazigos mais conhecidos pela população estão tendo seus arranjos gradualmente subtraídos. Desse modo, os aspectos que concedem a este cemitério a aura histórica que caracteriza sua fama aniquilam-se dia após dia, e o desprestígio produto deste processo de apagamento acaba por promover o declínio da memória amazonense. O Cemitério Municipal de São João então enquanto destino final de nossos entes queridos, empobrecido de seus valores patrimoniais, organiza-se ele mesmo para o seu próprio sepultamento. Histórias antes contadas pela velha guarda da cidade hoje não podem ser lembradas com a igual fidelidade que só a cultura material bem preservada é capaz de proporcionar.

Em virtude deste declínio progressivo, é de grande importância realizar uma discussão acerca das consequências do apagamento da memória do Cemitério Municipal de São João para a identidade cultural amazonense. Cientificamente, a pesquisa ajuda a entender como a memória cultural negligenciada e aniquilada impacta no processo de valorização do espaço urbano por parte de seus cidadãos e visitantes. Socialmente, coopera para a promoção deste patrimônio e da percepção e modificação de uma realidade negativa que, ignorada pelos órgãos responsáveis, só tende a se agravar.

Como objetivo geral, buscou-se desenvolver uma pesquisa de campo minuciosa e fundamentada sobre os impactos históricos e culturais causados pelos problemas estruturais do Cemitério Municipal de São João que afetam a sua qualidade e o seu potencial turístico. A palavra “minuciosa”, aqui, se justifica pelo caráter interdisciplinar da análise proposta. Esta pesquisa não se limita a uma única perspectiva, mas integra diferentes áreas do conhecimento para proporcionar uma compreensão abrangente e detalhada dos impactos históricos, culturais e emocionais causados pelos problemas estruturais desse cemitério.

A abordagem minuciosa, portanto, é evidenciada pela análise sob diversos ângulos: sociológico, psicológico, histórico, artístico e turístico. Cada uma dessas perspectivas contribui de maneira singular para a compreensão do cemitério como um lugar de memória e patrimônio cultural. A análise *sociológica* examina as dinâmicas sociais e comunitárias em torno do cemitério, enquanto a *psicológica* foca nas reações emocionais e nos significados atribuídos pelos visitantes. A perspectiva *histórica* contextualiza a evolução e a importância do cemitério ao longo do tempo, ao passo que a *artística* avalia os monumentos e suas deteriorações estéticas.

Finalmente, a abordagem *turística* considera o potencial do cemitério como um local de visitação e sua influência na percepção cultural da região.

Ao investigar os impactos que o processo de deterioração, vandalismo e deprecação exercem sobre o São João, busca-se compreender como este patrimônio é afetado em relação à sua identidade e à própria memória cultural amazonense.

Para atingir esse objetivo, a pesquisa foi orientada por uma série de objetivos específicos. Primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica utilizando clássicos sobre *memória* na perspectiva filosófica e sociológica, problematizando as categorias de *tempo*, *espaço* e *cultura material*, bem como suas relações com o patrimônio cultural. Esta base teórica permitiu uma análise aprofundada das variáveis que contribuem para a deterioração do patrimônio cultural contido no cemitério.

Além disso, foram inventariados os monumentos mais proeminentes do Cemitério Municipal de São João, cuja deterioração já se mostra evidente e em estágio avançado. Esse inventário foi essencial para evidenciar de que forma a decadência gradual da cultura material do cemitério afeta a apreciação estética e a perspectiva cultural dos habitantes da região.

Integrando uma perspectiva psicológica, esta pesquisa também aborda como os processos emocionais e culturais influenciam a experiência dos visitantes do cemitério. O viés psicológico oferece ferramentas valiosas para entender as reações emocionais e os significados atribuídos a esses espaços pelos visitantes, a enriquecer a reflexão sobre o impacto da deterioração do cemitério na memória coletiva.

A dissertação está estruturada em três capítulos que se complementam, abordando o tema de forma interdisciplinar.

No Capítulo I – “O cemitério como edificador da cultura e da memória”, discute-se o papel do cemitério como um elemento significativo na construção cultural e na preservação da memória coletiva. O capítulo explora a definição de cemitério, a presença dos vivos no espaço dos mortos, as legislações de preservação, e as mudanças recentes que afetam esses espaços, como deprecação, roubo e vandalismo. Também se analisa a conciliação entre o turismo cemiterial e a propriedade privada das lápides, além de uma reflexão sobre a cultura material do cemitério, fundamentada nos conceitos de “morte domada” e na simbologia cemiterial, especialmente no contexto cultural amazonense.

O Capítulo II – “O cemitério enquanto destituído da cultura e da memória”, por sua vez, foca na perda e deterioração dos elementos culturais do Cemitério Municipal de São João, destacando o impacto dessa perda na identidade cultural da população amazonense. O capítulo investiga o silenciamento da cultura material e os reflexos disso na comunidade local,

considerando também as implicações das doutrinas iconoclastas. Além disso, examina-se a deterioração contínua e seu papel na perpetuação da “morte interdita”, conforme discutido por Philippe Ariès.

No Capítulo III – “O turismo cemiterial como agente catalisador da conservação, preservação e salvaguarda do Cemitério Municipal de São João”, analisa-se o potencial do turismo cemiterial para promover a preservação deste cemitério como patrimônio cultural. Discute-se a práxis como ferramenta para a educação patrimonial e a reflexão sobre o habitus, o poder simbólico no contexto da educação patrimonial, e o cemitério como campo de trocas simbólicas e de forças. O capítulo também avalia o impacto do turismo na conservação do patrimônio, os desafios éticos envolvidos e o papel do turismo na fortificação da identidade cultural e na memória coletiva.

Assim, esta dissertação não apenas contribuirá para o campo dos estudos culturais e históricos, como também oferecerá *insights* importantes sobre as dinâmicas emocionais e sociais que permeiam a relação da comunidade com o Cemitério Municipal de São João. Este enfoque multidisciplinar permitiu uma compreensão mais holística dos desafios enfrentados na preservação deste patrimônio cultural e suas implicações para a identidade cultural amazonense.

## **CAPÍTULO 1 – O CEMITÉRIO COMO EDIFICADOR DA CULTURA E DA MEMÓRIA**

### **Introdução**

Pelo senso comum, vê-se e vive-se o cemitério como um mero espaço de inumações e visitas a entes queridos – familiares ou não – que já partiram dessa conhecida vida para o chamado “outro lado”, o misterioso desconhecido. Esse fenômeno de nosso organismo de perder a homeostase e, por consequência, a vida foi nomeado por nosso gênero humano de Morte, sendo por vezes representada como um agente invisível ou como um anjo ou espírito que nos guia para o outro lado, algo que muitas culturas caracterizaram como um *psicopompo*.

A palavra “psicopompo” tem origem no grego antigo ψυχοπομπός (*psykhopompos*), que é composta por ψυχή (*psyche*), que significa “alma”, e πομπός (*pompos*), que significa “guia” ou “condutor”. Logo, um psicopompo é, literalmente, um guia de almas. Nas mitologias e crenças de diversas culturas, essas figuras desempenham um papel crucial na transição entre o

mundo dos vivos e o mundo dos mortos, ajudando as almas a cruzarem o limiar que separa os dois domínios.

No contexto do Cemitério de São João, os psicopompos se manifestam de maneiras distintas, refletem as variações sociais, culturais e econômicas da população em seu entorno, como em qualquer outro cemitério histórico. As classes sociais, por exemplo, influenciam diretamente a simbologia dos túmulos e as figuras associadas ao pós-vida. Em túmulos de famílias mais abastadas, frequentemente se encontra representações mais elaboradas de anjos ou outras figuras celestiais, que atuam como psicopompos protetores, destacando a importância da posição social até na vida após a morte.

Por outro lado, em sepulturas mais modestas, de classes sociais menos favorecidas, a presença de símbolos é muitas vezes mais simples, mas não menos significativa. Pode-se observar a utilização de cruzeiros simples, santos católicos, ou mesmo objetos pessoais que servem como psicopompos simbólicos, guiando as almas através de uma representação mais intimista e ligada à vida cotidiana do falecido.

As crenças religiosas também exercem influência vultosa na forma como esses entes são representados. Enquanto o cristianismo predominante no local pode sugerir a presença de anjos como guias, outras crenças e religiões, como o espiritismo e as tradições afro-brasileiras, trazem diferentes caracterizações, como os Exus ou os Pretos Velhos. Essa diversidade de representações é um reflexo da pluralidade cultural existente em Manaus e, em extensão, no estado do Amazonas, onde diferentes influências religiosas coexistem e se misturam. Contudo, sendo importante apreender que enquanto os anjos e santos católicos – figuras centrais do cristianismo – são reservados ao centro do Cemitério São João, perpetuados e celebrados, e, por vezes, presentes nos arredores da própria capela ao lado da administração, psicopompos de outras tradições, como o Candomblé (esta trazida pelos africanos escravizados) ou a Umbanda (um sincretismo entre catolicismo, espiritismo e religiões afro-brasileiras) são relegados às vértices e laterais do cemitério, sendo mais facilmente encontrados do lado de fora de seu espaço, encostados nos muros, quase que em um gesto silencioso de marginalização.

A disposição geográfica desses elementos não é aleatória, é um reflexo das hierarquias sociais e das tensões culturais que marcaram a história da região. Expressa-se, mesmo que pragmaticamente, a hegemonia do cristianismo, religião dominante que se impôs ao longo dos séculos como parte integrante da identidade cultural oficial amazonense.

Por outro lado, a relegação dos psicopompos ligados às religiões afro-brasileiras às periferias do espaço cemiterial espelha o lugar social historicamente ocupado por essas tradições, frequentemente marginalizadas e vistas com desconfiança por parte da sociedade

dominante. A segregação espacial desses símbolos espirituais também pode ser interpretada como um reflexo das práticas de exclusão e preconceito que ainda permeiam as interações entre diferentes grupos religiosos no Brasil, especialmente em um contexto onde as religiões de matriz africana, apesar de sua profunda influência cultural, ainda enfrentam estigmatização e discriminação.

Essa divisão espacial pode ser lida, então, como uma metáfora para a invisibilidade social dessas crenças, que, mesmo no espaço da morte, são relegadas a um segundo plano, longe do olhar centralizado e institucionalizado da fé católica. Há uma tentativa de manter essas tradições à margem, enquanto ao mesmo tempo reconhece-se, ainda que de forma implícita, a resistência e a persistência dessas práticas culturais no nosso tecido social.

Por fim, as profissões dos falecidos também podem influenciar a escolha dos símbolos psicopompos em suas sepulturas. Trabalhadores manuais, por exemplo, podem ter suas ferramentas de trabalho representadas como guias simbólicos para o além, enquanto profissionais da saúde podem ser acompanhados por imagens de santos médicos, símbolos do bastão e da serpente de Asclépio, dentre outras figuras de proteção espiritual associadas ao cuidado e à cura.

Contudo, apesar de todo esse amálgama visual que parece dizer muito mas ao mesmo tempo não nos diz expressamente nada, pelo menos não de pronto, falando de forma analítica, o que vem a ser o cemitério, lugar este inundado dos tais psicopompos? A depender de sua natureza e de seu propósito, pode ser um espaço designado para o sepultamento de corpos humanos após a morte, localizado na cidade ou fora dela, podendo limitar-se a ficar em suas cercanias e periferias, e que muitas vezes reflete a forma como a própria cidade a que pertence se estabelece. Nele, as sepulturas, jazigos, gavetas e mausoléus são organizadas quadriculadamente, com cada área dividida em quadras numeradas que, ao modo da cidade, se estrutura de acordo com as classes sociais.

Os psicopompos, estas figuras simbólicas em que as pessoas projetam aqueles que gostariam ou ponderam que ajudarão seus mortos em sua passagem da vida para a morte, também têm sua vez nessa visão analítica do cemitério. Eles variam significativamente de uma cultura para outra, refletindo as crenças religiosas predominantes da comunidade em relação à vida após a morte e ao papel idealizado deles mesmos dentro desse processo. Por exemplo, em algumas culturas, estas criaturas são vistas como guias benevolentes, enquanto em outras são temidas como juízes ou guardiões do submundo. Oferecem *insights* sobre como uma sociedade entende a morte e o processo de transição para o além-vida, o que pode incluir ideias sobre julgamento após a morte, purificação, reencarnação ou ressurreição. Estão ligados às tradições

específicas de enterro e rituais funerários, como oferendas deixadas para acompanhar o falecido em sua jornada ou práticas de proteção contra influências negativas. E, por fim, são também maneiras de se refletir a identidade e as realizações do falecido, bem como o desejo dos entes queridos de manter viva a memória da pessoa falecida de uma maneira significativa.

De toda forma, o cemitério é mais do que o próprio cemitério. Ele tem uma vida implícita – imagética, simbólica e sentimental, onde cada sepultura conta uma história silenciosa, cada túmulo é um elo com o passado, e os psicopompos e símbolos gravados nas lápides transcendem o simples local de repouso para nos conectar com as crenças, culturas e memórias das pessoas que por ali descansam.

Assim, o cemitério torna-se, para aquele que é audacioso o bastante para contemplá-lo, um verdadeiro edificador da cultura e da memória. O filósofo prussiano Friedrich Nietzsche comentou em seu *Além do Bem e do Mal* que “[...] Se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você” (Nietzsche, 1992, p.79). Do mesmo modo, ao observarmos profundamente o cemitério, não apenas nos confrontamos com a finitude da vida e a inevitabilidade da morte, mas também somos compelidos a refletir sobre nossas próprias crenças, nossos medos e nossas esperanças em relação ao desconhecido.

O cemitério, com sua carga simbólica e sua atmosfera serena e contemplativa, convida-nos a uma verdadeira jornada interior. Somos confrontados por nossas próprias ideias sobre a existência, a espiritualidade e o significado da vida. Como Nietzsche tão eloquentemente nos colocou, tal como olhamos para o abismo, o abismo também olha para dentro de nós. Ao mergulhar na contemplação do cemitério – que não é abismo, mas significativo de um abismo, pois para onde vão aqueles que morrem, de fato? –, somos confrontados pela morte e pelos nossos próprios pensamentos mais profundos e intrincados sobre o que significa ser humano e depois o não-ser. E ainda, no que consiste enfrentar o desconhecido que nos aguarda além desta vida terrena, se há algo mais para ser enfrentado.

### **1.1 O que é um cemitério?**

Um dia, tendo acordado e visto respingos de sangue no quintal de minha casa, assustei-me com a possibilidade de que meus cachorros tivessem se ferido, e, apesar do susto, eles felizmente não estavam. O que havia acontecido é que eles haviam matado uma ratazana, puramente pelo gosto de matar e ter com o que brincar, algo que não podemos julgar a partir da nossa humana perspectiva, porque falamos aí de um fenômeno instintivo, natural, que não requer coisa nenhuma de nossos achismos e ponderações pessoais para existir.

Tendo adotado uma ratazana albina (*Rattus norvegicus*) que utilizei para experiência na aula de Psicologia Experimental do meu curso de Psicologia, por ter temido por seu destino ao ouvir o professor falar que levaria aqueles espécimes para servirem de alimento às cobras do zoológico, senti alguma comisseração por aquela ratazana morta no pátio do quintal. Outrora, teria a atirado num saco de lixo e seguiria com a minha vida, mas agora, aquela ratazana morta não era só uma ratazana morta, era irmã da ratazana albina vivendo no meu quarto.

Em resumo, não consegui atirá-la no lixo como fiz com as que vieram antes dela, eu senti a necessidade pujante de encontrar um lugar para ela, de enterrá-la, de dar-lhe um lugar digno e sereno para que seu corpo descansasse. E foi o que fiz. Enterrei-a na terra do meu quintal, em meio às árvores. Como se fosse um animal de estimação da família – porque muitos deles haviam sido de fato enterrados por ali, – uma planta a ser regada.

O episódio, decerto, rendeu inúmeras reflexões posteriores. Por que havia surgido em mim a necessidade de enterrar aquela ratazana que até um tempo atrás eu não tinha a consciência de que existia? Por que não tê-la facilmente atirado no lixo como fiz com as outras? Por que o vínculo que criei com a ratazana albina em meu quarto foi tão forte que me impediu de dar a sua irmã de espécie um “enterro de indigente”? Definitivamente, há algo sobre os afetos humanos que parecemos incapazes de entender.

Fez-me refletir sobre como os cemitérios funcionam para nós, seres humanos. São certamente mais do que apenas locais de descanso para os mortos; são verdadeiros lugares de memória, de revisita e honra àqueles que já se foram. Pierre Nora, autor de *Les Lieux de Mémoire* (sem tradução para o Brasil), elaborou o conceito histórico de “lugar de memória”, sobre o qual ele diz que

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (Nora, 1993, p. 7)

E define que

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de

antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (Nora, 1993, p. 21-22)

Nestes termos, a dimensão material é a mais imediata e tangível. No caso de um cemitério histórico e tombado, por exemplo, essa dimensão incluiria os túmulos, mausoléus, lápides, estátuas, árvores, caminhos e a própria configuração espacial do lugar. Essas estruturas físicas preservam a memória, representam um testemunho concreto do passado.

Por sua vez, o uso prático desse cemitério, para além de mero local de sepultamento, exerce funções cerimoniais, sendo um espaço onde ocorrem rituais de luto, homenagens e comemorações, como o próprio Dia de Finados. Tais funções práticas ajudam a manter a memória viva através da rememoração/comemoração anual, ajudando ainda a transmitir tradições e práticas culturais de geração em geração.

Finalmente, a dimensão simbólica talvez seja a mais profunda e complexa. Um cemitério e seus elementos materiais podem simbolizar e encarnar a história da comunidade ao refletir eventos importantes, tragédias, momentos de fundação ou transformação. As inscrições nas lápides, os estilos arquitetônicos dos túmulos e os monumentos podem, ainda, representar valores culturais, religiosos e históricos, o que coopera para criar uma conexão simbólica entre o presente e o passado e proporciona um espaço onde a memória pode ser experimentada, transmitida e preservada.

Assim, no sentido de um cemitério de tal natureza, essas três dimensões referenciadas por Nora estão sempre interligadas e coexistem.

- **Material:** as lápides e túmulos são fisicamente presentes e contêm informações históricas;
- **Funcional:** as cerimônias e visitas perpetuam o uso do espaço como lugar de memória ativa;
- **Simbólica:** as histórias e significados associados a cada sepultura e ao cemitério como um todo conectam a comunidade com seu passado.

Nora sugere que os lugares de memória surgem da consciência da ruptura com o passado e da necessidade de encarnar essa memória fragmentada em locais específicos. Um cemitério histórico e tombado exemplifica essa ideia, uma vez que:

- **Cristalização da Memória:** ele serve como um ponto de cristalização da memória coletiva, fixando no espaço físico as lembranças e histórias da comunidade;
- **Ruptura e Continuidade:** mesmo com a ruptura das práticas e memórias tradicionais, o cemitério permanece como um vestígio tangível e visível da continuidade histórica;
- **Aura Simbólica:** apesar de sua função prática, o cemitério é investido de uma aura simbólica, que representa a memória coletiva e individual.

Agora, em retorno à história sobre o enterro da ratazana, destaco aqui ainda a ausência de um desejo de colocar algo sobre a terra do lugar no qual o animal foi enterrado. Parece-me que, por ter tido uma interação nula com ele, bastou-me enterrá-lo em um lugar mais nobre e seguir com a minha vida. O que não aconteceu quando enterrei o meu falecido cachorro, ou a minha falecida gata, irmã de meu gato de estimação. Ao fazê-los, deixei sobre a terra um ramo de planta com flor, ou uma pedra para demarcar o local, ou mesmo um desenho simbólico feito na areia. O tempo que passei com eles, as brincadeiras, o nome que dei, o vínculo que nutri, foram necessários para me fazer sentir um luto, e, por decorrência, erigir em mim o desejo de simbolizá-lo de alguma maneira. Como se o símbolo de alguma forma funcionasse como um dispêndio de uma energia que se mantida em mim – e não bem canalizada – viraria patológica.

Desde os primórdios da humanidade, temos testemunhado a necessidade instintiva de simbolizar o luto que sentimos diante da perda de entes queridos. Essa necessidade transcende culturas, religiões e épocas, revelando-se como uma expressão fundamental da experiência humana.

Os rituais funerários, as cerimônias de luto e os símbolos associados à morte são manifestações tangíveis desse impulso intrínseco. De fato, é como se a criação de símbolos fosse uma resposta natural à incompreensível finalidade da morte. É uma forma de tornar o intangível palpável, de dar forma ao indizível vazio que sentimos quando perdemos alguém próximo.

Os símbolos do luto assumem muitas formas: desde lápides e monumentos nos cemitérios até rituais específicos de luto, como vestir-se de preto ou acender velas. Cada cultura tem suas próprias tradições e símbolos que ajudam a dar sentido ao processo de luto. Mas, independentemente das diferenças culturais, todos esses rituais compartilham uma função comum: oferecer conforto e consolo aos enlutados.

Os símbolos do luto ajudam os enlutados a expressarem sua dor, e também os conectam com uma comunidade de pessoas que compartilham sua experiência. Ao participar de rituais

comuns, os enlutados se sentem parte de algo maior do que eles próprios, o que pode ser reconfortante em momentos de profunda tristeza e solidão.

Além disso, os símbolos do luto servem como lembretes tangíveis da vida e do legado do falecido. A necessidade de simbolizar não é só uma resposta cultural ou social, é uma expressão de nossa humanidade compartilhada. Independentemente de nossas crenças ou tradições individuais, o luto é uma experiência universal que nos une em nossa vulnerabilidade e nossa busca por significado em face da perda. Assim, ao simbolizar o luto, não estamos apenas honrando os que partiram, afirmamos com isso a nossa própria humanidade, e nossa capacidade de encontrar beleza e significado mesmo nas horas mais sombrias.

Nesse sentido, o cemitério, portal por que atravessamos a carregar nossos lutos e desejos de simbolizações, ganha um sentido para além de sua função prática, adquire significado e complexidade, pois à parte de ser um local de conexão, é local de contemplação. Nele, refletimos inevitavelmente sobre a finitude da vida e a fragilidade de nossa existência. E é por essa inevitabilidade de nossa reflexão existencial que o cemitério vira testemunho da história e da cultura de uma sociedade.

Nessas lápides e monumentos, de histórias de vidas vividas, de batalhas travadas e de legados deixados para trás, somos transportados para o passado, lembrados daqueles que vieram antes de nós e que moldaram o mundo em que vivemos hoje. E, mais do que tudo, o cemitério torna-se lugar de paz e serenidade, um refúgio da agitação do mundo exterior, refúgio este que nos permite a meditação, um encontro conosco mesmos, com nosso silêncio meditativo, interrompido pelo barulho das engenharias de nossa civilização.

Penso sinceramente que a civilização não seria possível se não sentíssemos luto por aqueles que perdemos, e penso também que justamente pelo luto que nos tornamos seres possíveis de afeto.

Anos atrás, a antropóloga Margaret Mead foi questionada por uma estudante sobre o que ela considerava ser o primeiro sinal de civilização em uma cultura. O aluno esperava que Mead falasse sobre potes de barro, ferramentas para caça, pedras de amolar ou artefatos religiosos. Mas não. Mead disse que a primeira evidência de civilização foi um fêmur fraturado de 15.000 anos encontrado em um sítio arqueológico. O fêmur é o osso mais longo do corpo, ligando o quadril ao joelho. Em sociedades sem os benefícios da medicina moderna, leva cerca de seis semanas de descanso para a cicatrização de uma fratura de fêmur. Este osso em particular foi quebrado e curado. (Blumenfeld, 2020, tradução nossa).

Esse fêmur fraturado não apenas demonstra a capacidade humana de sobrevivência e adaptação, mas também revela algo mais profundo sobre nossa natureza como seres sociais e empáticos. A cicatrização do osso implica que alguém cuidou do indivíduo ferido, fornecendo-

lhe alimentos, abrigo e proteção durante o período de recuperação. Isso sugere um senso de comunidade e solidariedade, fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade civilizada.

Além disso, o cuidado com o ferido implica em uma compreensão da dor e do sofrimento alheio, um aspecto essencial da empatia humana. É essa capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, de compartilhar suas alegrias e suas dores, que nos torna verdadeiramente humanos. E é essa mesma empatia que nos leva a honrar e a lembrar daqueles que já se foram, como fazemos nos cemitérios, onde prestamos homenagem aos que vieram antes de nós, reconhecendo suas vidas e seus legados.

Portanto, podemos dizer que o verdadeiro sinal de civilização não está apenas nos feitos materiais ou tecnológicos, mas sim na nossa capacidade de nos preocuparmos uns com os outros, de compartilhar nossa humanidade e de cultivar laços de afeto e solidariedade que aparentemente transcendem o tempo e o espaço.

Lembro de ter lido recentemente numa matéria da BBC de 2023 que uma das variações do gênero *Homo* chamado *Homo naledi* – uma espécie de homínido descoberta em 2013 pelo paleoantropólogo Lee Berger na câmara Dinaledi da Caverna Rising Star, no sítio arqueológico de Cradle of Humankind, próximo a Joanesburgo, África do Sul – já enterrava seus mortos e esculpia nas paredes de cavernas muito antes da primeira evidência de enterros por humanos modernos. A publicação sobre a descoberta foi feita na revista científica *eLife*.

### Figura 1

Descoberta arqueológica revela que o *Homo naledi*, uma espécie de homínido antiga, não apenas enterrava seus mortos, mas também esculpia símbolos fúnebres nas paredes das cavernas



Fonte: Ashley Strickland, CNN, 2023.

A descoberta da equipe revela os restos mortais de adultos e crianças *Homo naledi*, que foram encontrados em posição fetal dentro de depressões nas cavernas e cobertos de terra após a morte. Esses enterros datam de épocas muito remotas, precedendo qualquer sepultamento conhecido do *Homo sapiens* em pelo menos 100 mil anos. Entre os achados estão desenhos esculpidos que apresentam formas como cruces, jogos da velha e outras formas geométricas. Esses símbolos, semelhantes aos encontrados em outras cavernas, foram esculpidos pelo *Homo sapiens* há 80 mil anos e pelos neandertais há 60 mil anos. Eles foram interpretados como uma forma primitiva de registro e compartilhamento de informações.

Em certa altura da matéria, uma fala de Lee Berger é citada, a dizer:

“Os achados recentes sugerem enterros intencionais, o uso de símbolos e atividades com produção de significado por *Homo naledi*. Podemos ver aqui uma indicação de que essa espécie de cérebro pequeno, parente dos humanos antigos, tinha práticas complexas relacionadas à morte [...] Isso significaria não só que os seres humanos não são únicos no desenvolvimento de práticas simbólicas, mas podem não ter sequer inventado tais comportamentos.” (CNN, 2023)

A afirmação de que o *Homo naledi* praticava enterros intencionais, utilizava símbolos e participava de atividades com produção de significado sugere uma complexidade cultural e ritualística surpreendente para uma espécie ancestral com um cérebro relativamente pequeno. Desafia diretamente a visão tradicional de que práticas simbólicas e rituais funerários são exclusivos da humanidade moderna. Se o *Homo naledi*, uma espécie que precede o *Homo sapiens* em centenas de milhares de anos, foi capaz de desenvolver tais comportamentos complexos relacionados à morte, isso lança uma nova luz sobre a evolução cultural e social dos homínídeos.

A ideia de que os seres humanos podem não ter sido os pioneiros na invenção desses comportamentos levanta questões fascinantes sobre o que realmente nos torna únicos como espécie. Se outras espécies ancestrais também demonstraram capacidades simbólicas e rituais funerários, isso sugere que a linha que separa os humanos de outros seres vivos pode ser mais tênue do que se pensava anteriormente. Levam-nos a reconsiderar não apenas nossa compreensão da evolução humana, mas também nossa relação com a morte e o significado que atribuímos a ela. Os cemitérios, como locais de memória e rituais funerários, tornam-se pontos de conexão entre nosso passado ancestral e nossa compreensão atual da vida e da morte

A própria existência de locais de enterro de corpos humanos sugere várias possibilidades evolutivas, sociais e culturais significativas. Enterrar, criar locais de enterro e fazer a manutenção deles implica um reconhecimento da morte e, possivelmente, uma compreensão de sua permanência, sugerindo o desenvolvimento de uma consciência da mortalidade, um traço que é frequentemente considerado distintivo da humanidade. Simbolizar esse acontecimento pode indicar uma presença das reações de perda significativas do luto muito anterior à própria organização do homem em uma civilização. Esses rituais podem ter desempenhado um papel importante na coesão social, no nascimento e transmissão de tradições culturais e na expressão de emoções como a reverência àquele que se foi. São marcadores físicos de identidade e pertencimento a uma comunidade ou grupo social e representam já nesse período uma ligação contínua entre os vivos e os mortos, a fornecer um sentido de continuidade e herança.

Mas também pode ter evoluído em parte como uma medida de saúde pública, ajudando a evitar a propagação de doenças contagiosas e a preservar a higiene ambiental ao afastar os corpos dos locais de habitação. Por sinal, existem várias espécies de animais que demonstram comportamentos de isolamento ou remoção de cadáveres de sua própria espécie dos indivíduos do grupo que ainda vivem. Algumas espécies de formigas como a Formiga Líquen (*Lasius niger*) demonstram comportamentos de remoção de cadáveres de suas colônias para evitar a propagação de doenças. Elas transportam os cadáveres para locais específicos distantes da colônia. Outra espécie de formiga conhecida por exibir comportamentos semelhantes é a Formiga Cortadeira, também chamada de saúva (gênero *Atta* e *Acromyrmex*). Embora essas formigas sejam mais conhecidas por sua habilidade de cortar e transportar folhas, também foram observadas removendo cadáveres de sua colônia.

Há relatos de elefantes africanos que demonstram comportamentos de luto em relação aos membros mortos de sua própria espécie. Eles podem passar algum tempo ao redor do corpo, tocando-o com suas trombas, e podem até mesmo cobri-lo com galhos e folhas antes de sair.

As pegadas e rastros de esterco que os pesquisadores encontraram nas cinco sepulturas indicam que elefantes de todas as idades contribuíram para cada sepultamento.

Isso, de acordo com o estudo, é uma prova do “comportamento compassivo e prestativo” manifestado pelos membros da manada.

Todos os corpos foram encontrados na mesma posição, enterrados em canais de drenagem abertos por agricultores e cobertos de terra com as patas para cima.

“É a posição mais acessível para sustentar e colocar o corpo nas valas”, explicou Roy ao portal Live Science.

“Esta posição também permite que mais de um membro da manada participe do processo de sepultamento.”

Após o enterro, os agricultores entrevistados afirmaram ter ouvido os elefantes bramindo.

Roy acredita que esses sons eram para “expressar agonia e dor” — e também para “prestar homenagem aos animais mortos”.

Os elefantes asiáticos não enterram seus filhotes em qualquer lugar. Esses paquidermes escolhem “locais isolados, longe de seres humanos e animais carnívoros, enquanto procuram valas e depressões para enterrar o corpo, afirma o estudo. [...] Os hematomas encontrados nas costas de cada filhote sugerem que eles foram arrastados por adultos por longas distâncias até os locais de sepultamento. “Há relatórios inéditos do Departamento Florestal de Bengala Ocidental sobre uma elefanta que carregou um corpo por até dois dias antes de abandoná-lo em um local isolado no sul de Bengala”, diz o estudo. “Esses seres sensíveis não abandonam o cadáver até que comece o processo de putrefação ou até que os funcionários do Departamento Florestal se encarreguem do corpo”, acrescenta. Diferentemente dos elefantes africanos, os elefantes asiáticos não voltam ao local do sepultamento — eles optam por outras rotas alternativas para seus deslocamentos. [...] Para o biólogo e conservacionista Chase LaDue, o estudo é importante porque oferece “evidências impressionantes das complexidades sociais dos elefantes”. “Outros (estudos) notaram que os elefantes parecem se comportar de maneira única em relação aos seus parentes falecidos, (mas) esta pesquisa é a primeira a descrever o que parece ser um enterro metódico e deliberado de crias de elefantes depois de terem sido levadas para o local de sepultamento”, acrescentou LaDue, que trabalha no Zoológico e Jardim Botânico da cidade de Oklahoma, nos EUA, em entrevista à revista *New Scientist*. (BBC, 2024)

O fato de os elefantes escolherem cuidadosamente locais isolados e seguros para enterrar seus filhotes mortos sugere uma série de considerações e emoções que ecoam muitos dos princípios subjacentes aos cemitérios humanos. Em primeiro lugar, a preferência por locais isolados, longe de seres humanos e animais carnívoros, reflete uma preocupação com a segurança e a privacidade do local de sepultamento. Assim como os humanos escolhem cemitérios como locais protegidos e dedicados à memória de seus entes queridos, os elefantes parecem buscar locais onde seus filhotes possam descansar em paz, longe de ameaças externas.

Em segundo lugar, o comportamento de arrastar os corpos por longas distâncias até os locais de sepultamento demonstra um nível de cuidado por esses mortos que ecoa muitas práticas humanas. É quase como se esse ato de transporte pudesse ser interpretado como uma expressão de luto, e um esforço para garantir que os filhotes recebam um enterro adequado, mesmo que isso exija um grande esforço por parte dos elefantes adultos.

A recusa em abandonar o cadáver até que o processo de putrefação tenha começado ou até que os funcionários do Departamento Florestal intervenham ressalta ainda uma importância dada aos mortos que quase se sobressai à necessidade de autopreservação. Tal como os humanos muitas vezes se recusam a deixar os corpos de seus entes queridos sem um enterro digno, os elefantes asiáticos parecem mostrar um compromisso semelhante em garantir um adeus adequado aos seus filhotes. Reconsideramos, a partir disso, a natureza dos cemitérios como espaços exclusivos dos seres humanos, eles passam a ser, então, expressões universais de destinação aos mortos e de depósito de luto por uma perda.

No mito de Antígona, continuação dramática de Édipo Rei do dramaturgo grego Sófocles, a personagem Antígona enfrenta uma difícil escolha entre obedecer às leis humanas e honrar os princípios divinos e éticos ao enterrar o corpo de seu irmão, Polinices, que foi deixado sem sepultura por ordem do rei Creonte, deixado para que as aves de rapina e os cães o dilacerassem, e que tem com esta ordem o intento de destruí-lo não somente corporalmente, mas também moralmente. Antígona desafia as leis humanas e os decretos do rei, acredita que é seu dever sagrado e moral garantir um enterro adequado para seu irmão, independentemente das consequências pessoais.

## Figura 2

Antígona perante a morte de seu irmão Polinices



*Pintura por Sebastien Norblin, 1825 CE, Paris, Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts. Fonte: World History Encyclopedia, 2018.*

Essa recusa em abandonar o cadáver e em obedecer a autoridades humanas em prol de princípios éticos mais elevados reflete um tema central do mito de Antígona - o conflito entre o direito divino e o direito humano, entre a lei dos deuses e a lei dos homens. Antígona aparentemente encarna a ideia de que há leis mais fundamentais e universais do que as criadas pelos seres humanos, e que é necessário seguir essas leis, mesmo que isso signifique desafiar a autoridade estabelecida. Tanto Antígona quanto os elefantes asiáticos nos lembram desse esforço que por algum motivo nos parece ser fundamental: o de honrar o corpo e a memória de seus atos em vida, mesmo que isso signifique desafiar autoridades ou enfrentar dificuldades. Destacam-nos a universalidade do tema do enterro digno, e a crença de que existem princípios éticos e morais que transcendem as convenções sociais e legais dos seres humanos.

Na tragédia, Antígona opta por enterrar o corpo de seu irmão, Polinices, secretamente em uma tumba improvisada, apesar da proibição do rei Creonte de que Polinices não recebesse um enterro adequado. Antígona desobedece às ordens de Creonte porque acredita que é seu dever moral e religioso garantir um sepultamento digno para o irmão, de acordo com os rituais funerários adequados. Ela não só enterra o corpo de Polinices, como também realiza os rituais de luto e oferece libações em homenagem ao seu falecido irmão. Este ato de desobediência civil e lealdade aos valores familiares e religiosos é o cerne da tragédia de Sófocles.

O historiador medieval franco-belga Michel Lauwers, autor de *O Nascimento do Cemitério*, dá uma denominação a essa terra consagrada aos mortos, ele a chama de *terra cimenterata*. O termo se refere especificamente ao terreno onde os mortos são enterrados. Essa área tornou-se um espaço social, pois abrigava os falecidos, considerados parte integrante da comunidade espiritual formada por todos os fiéis.

Nessa obra, Lauwers investiga a evolução que ocorreu entre os séculos VII e XII, levando à coexistência espacial entre vivos e mortos, tanto nas áreas rurais quanto nas cidades. Ele também explora o agrupamento dos restos mortais em locais públicos de sepultamento, e examina como a Igreja se inscreveu no espaço, especialmente em torno de locais essenciais como o cemitério e a igreja. Esses lugares, por sua vez, desempenharam um papel fundamental na ancoragem local das populações medievais.

Lauwers analisa os mecanismos de produção do sagrado, incluindo atos de consagração que afetavam pessoas, objetos, edifícios e locais. Ele explora ainda a polarização social em torno de locais de culto e zonas funerárias, que culminaram na formação dos cemitérios. Além disso, são abordadas pelo autor as questões relacionadas ao controle dos cemitérios pela Igreja, proibindo atividades profanas e incentivando as orações pelos falecidos.

Por exemplo, em certa altura, ele nos mostra como o terreno cemiterial – por ser considerado como um espaço sacrossanto –, uma vez que foi consagrado, de modo solene, por um bispo, e por isso considerado propriamente como um cemitério, começou a servir de refúgio para toda sorte de malfeitor.

Todas as gentes da região veneram esse lugar com a maior devoção. Eles colocaram cruzes bastante elevadas ao longo do perímetro do cemitério, que ninguém [...] ousaria transgredir para perseguir seu inimigo, se ele viesse a se refugiar na igreja desse lugar. E, de fato, os fugitivos, os homicidas, e todos aqueles [...] que se refugiavam nesse lugar permaneciam livres pelo tanto de tempo que eles permaneciam no interior dos limites do cemitério. (Lauwers, 2015, p.147)

Isto se dava justamente por aquelas terras serem consagradas por uma autoridade eclesiástica, e por isso eram consideradas invioláveis. A presença das cruzes ao longo do perímetro do cemitério simbolizavam a santidade do local, e também funcionavam como uma barreira física e psicológica, dissuadindo os indivíduos de violar o espaço consagrado. Essa prática reflete o poder e a influência da Igreja sobre a sociedade da época, dando-nos a pensar em como as instituições religiosas exerciam controle sobre questões espirituais e até sobre aspectos sociais e jurídicos. A própria ideia de que os fugitivos e criminosos poderiam encontrar segurança dentro de um cemitério consagrado mostra como essas crenças permeavam todos os aspectos da vida cotidiana.

O controle da Igreja sobre os cemitérios e a crença na santidade desses espaços desempenharam um papel significativo na organização social e na manutenção da ordem pública na sociedade medieval. Conceitos e práticas que moldaram as interações sociais, as percepções de justiça, segurança, santidade e sacralidade.

Em certa altura de seu texto, Lauwers nos coloca que há uma diferença entre uma sepultura e um sepulcro, apesar das duas palavras serem constantemente utilizadas como sinônimos.

“O que é a sepultura? Eu respondo: é um lugar côncavo, cavado em um cemitério eclesiástico, onde repousa o corpo de um católico. Ele difere, portanto, do sepulcro, porque o sepulcro é o lugar em que se coloca o corpo de um homem ou sua ossada, mesmo se ele está fora do cemitério”. (Lauwers, 2015, p. 146-147)

E que, na sociedade da Alta Idade Média, para que alguém pudesse ter seus restos mortais enterrados num cemitério eclesiástico, o indivíduo precisaria ter sido batizado, ou não poderia ser aceito “no seio da santa Igreja-mãe”.

O redator da ata parece jogar com a ambiguidade do termo *gremium*, que remete, ao mesmo tempo, à Igreja-mãe de todos os crentes e à igreja-edifício material da qual se narra a consagração. O *gremium* onde estavam reunidos os participantes poderia até, nessa ata, designar o átrio da igreja. No século XII, o monge Guiberto de Gembloux desenvolveu a metáfora do seio ao evocar “[sua] mãe, a Igreja de Gembloux, que [o] gerou para o monaquismo, que acolheu em seu colo a infância de [sua] conversão e [o] aqueceu em seu seio”. (Lauwers, 2015, p. 148)

O termo “seio da Igreja” (*gremium Ecclesie*) está intrinsecamente ligado ao conceito religioso do “seio de Abraão” e à prática de sepultamento nos cemitérios eclesiásticos. No contexto eclesiástico medieval, o *gremium Ecclesie* representava a comunidade dos fiéis, vista como uma extensão da família espiritual da Igreja. Da mesma forma, o seio de Abraão era uma metáfora religiosa que descrevia o lugar de descanso eterno reservado aos justos após a

morte. Portanto, estabelece-se aí visivelmente uma hierarquia espiritual, onde apenas os membros consagrados podem compartilhar do descanso eterno dentro do “seio de Abraão”, expressão encontrada no Novo Testamento da Bíblia, especificamente no Evangelho de Lucas, capítulo 16, versículos 19-31.

Nesse trecho, Jesus conta a parábola do Rico e Lázaro. O rico naturalmente vive imerso em luxo, em contraste ao mendigo Lázaro que está à sua porta, coberto de chagas e desejando alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico. Ambos morrem, e enquanto Lázaro é levado pelos anjos ao “seio de Abraão”, o homem rico é levado ao Hades, onde sofre tormento. Assim, o tormento do rico é nivelado de acordo com a sua incapacidade de não demonstrar compaixão pelos necessitados quando em vida.

O termo “seio” se refere à área do peito ou do colo, simboliza proximidade e intimidade. O seio de Abraão é entendido como um local próximo a Abraão, um importante patriarca do judaísmo. Em Gênesis, no Antigo Testamento da Bíblia, no capítulo 12, versículos 1-3, Deus faz uma promessa a Abraão de que ele será abençoado e se tornará uma grande nação, com descendência numerosa. Logo, quando se fala do “seio de Abraão” como um lugar de descanso para os fiéis, está-se fazendo referência à associação dessas qualidades e promessas atribuídas a Abraão. O uso desse termo então sugere uma ideia de proximidade com o patriarca da fé e, por extensão, com Deus, além de transmitir a ideia de um lugar de paz, conforto e comunhão com o divino após a morte para aqueles que viveram uma vida de fé e justiça.

A própria escolha de Abraão de comprar a gruta de Macpela – posteriormente conhecida como Túmulo dos Patriarcas – para sepultar Sara após sua morte, como descrito em Gênesis 23:3-6, é um exemplo marcante dessa devoção e cuidado com os mortos. Já nessa passagem, é possível conferir uma importância atribuída ao respeito pelos despojos mortais e à continuidade da memória dos antepassados.

3. Depois deixou sua defunta e falou aos filhos de Het:

4. “Sou imigrante que reside entre vocês. Dêem para mim um túmulo como propriedade, para eu enterrar minha defunta”.

5. Os filhos de Het responderam a Abraão:

6. “Meu senhor, ouça-nos! Você é um príncipe de Deus entre nós; enterre sua defunta no melhor dos nossos sepulcros. Ninguém de nós vai lhe negar a própria sepultura para sua defunta!” (Bíblia Sagrada, 1990, p.35)

Essa tradição de sepultamento na gruta de Macpela se estendeu aos descendentes de Abraão e serviu como um modelo para a prática de sepultamento ao longo da história bíblica e além. A Bíblia frequentemente enfatiza a importância de honrar os mortos e oferecer-lhes um

sepultamento adequado, como pode ser visto nas passagens 2 Samuel 2:4-6 e Mateus 27:57-60, a seguir:

4. Os homens de Judá foram para lá e ungiram Davi como rei sobre a casa de Judá. Comunicaram a Davi que os habitantes de Jabes de Galaad tinham enterrado Saul.
5. Então Davi enviou mensageiros aos habitantes de Jabes, dizendo: “Que Javé os abençoe por terem realizado esse ato de misericórdia para com seu senhor Saul e o terem enterrado.
6. Que Javé os trate com misericórdia e fidelidade. Eu também os recompensaria por essa boa ação. (Bíblia Sagrada, 1990, p.336)

57. Ao entardecer, chegou um homem rico de Arimatéia, chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus.
58. Ele foi procurar Pilatos, e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos deu ordem para que o cadáver fosse entregue a José.
59. José, tomando o corpo, o envolveu num lençol limpo,
60. e o colocou num túmulo novo, que ele mesmo havia mandado escavar na rocha. Em seguida, rolou uma grande pedra para fechar a entrada do túmulo, e retirou-se. (Bíblia Sagrada, 1990, p. 1278)

A história de Abraão e a gruta de Macpela são um exemplo proeminente desse princípio. A associação de Abraão com essa sepultura também tem implicações teológicas e espirituais. Como mencionado anteriormente, Abraão é reverenciado como uma figura central na história da fé e na relação entre Deus e seu povo. Macpela é, para além de um local de sepultamento físico, um local sagrado que representa a continuidade da fé. Considerado o centro espiritual da antiga cidade de Hebrom e localizado no sudoeste da Cisjordânia, o túmulo é conhecido como *Me-arat Hamachpelah*, que se traduz do hebraico como “a caverna das sepulturas duplas”. Segundo a tradição judaica, nesta caverna se acredita estarem enterrados quatro pares de casais bíblicos significativos: Adão e Eva, Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, e Jacó e Lia (CHABAD, 2020).

### Figura 3

O Túmulo dos Patriarcas, ou Gruta de Macpela



Fonte: Pt.chabad.org, 2020.

Antígona inumou o corpo morto de Polinices sobretudo porque ele lhe era uma figura proeminente de apego: era um irmão de sangue. E mesmo a tirania de Creonte não foi párea para lhe impedir de organizar àquele um enterro decente, porque se acreditava fidedignamente – abalizado nas crenças míticas da época em que se passa a tragédia grega – que o espírito que supostamente vivia naquele receptáculo de carne precisava de uma cerimônia própria para que enfim pudesse sossegar.

Adão e Eva, como conta a tradição judaico-cristã, eram tidos como o primeiro casal, e o símbolo de união original entre homem e mulher. Abraão e Sara, segundo a mesma tradição, são os pais fundadores do povo hebreu, também um casal, como o são Isaac e Rebeca, pais de Esaú e Jacó, e Lia, uma das esposas de Jacó, o que faz deles também um casal. Ainda que a presença de tais figuras em Macpela seja posta em dúvida quando se fala de cientificidade, ao falarmos destes casais estamos falando de um vínculo, e quando falamos de um vínculo estamos falando de algo muito mais primitivo, o apego – fenômeno instintivo que parece conduzir o projeto de nossas personalidades.

Se elefantes asiáticos e africanos são capazes de sentir apego, é algo ainda não empiricamente verificável. Contudo, por ora pode-se apenas inferir pelos seus rituais, mesmo que se ponha em dúvida se estes de fato o são, uma vez que podem ser, na verdade, disposições ordenadas pela própria natureza com algum intuito muito específico e meramente orgânico. O que nos leva a ponderar sobre as simbolizações dos *Homo naledi*, que ainda não eram o que entendemos por humanos, mas que aparentemente pareciam poder sentir algum apego tanto quanto nós, os ditos humanos completos.

Seria o ato de enterrar um dos seus e simbolizar sobre este, como disse Spinoza, algum tipo de *conatus*? Pois que “cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar no seu ser” (E III P6). Ou ainda, como disse Freud, uma pulsão de vida?

Neste isso operam as pulsões orgânicas, elas mesmas compostas de misturas das duas forças originárias (Eros e destruição), em proporções variadas, e diferenciadas entre si por suas relações com órgãos ou sistemas de órgãos. A única aspiração dessas pulsões é pela satisfação, que é esperada de alterações específicas nos órgãos, com a ajuda de objetos do mundo externo. (Freud, 1938/1940, p. 128)

Talvez, fundamentando-se na teoria deste último, encontremos a razão por que enterramos nossos mortos e simbolizamos nossos afetos de apego direcionados a quem não se pode mais perceber pelos sentidos. Há uma satisfação que deixa de ser direcionada, uma figura que deixa de ser apercebida, como o carretel de madeira do menino Ernst e seu *Fort-da*, outro conceito de Freud, uma simbolização do trauma para neutralizar o sofrimento pela perda. Quando enterramos nossos mortos, tomamos consciência de que deixamos de ver seus corpos animados, e muito em breve, não se poderá mais vê-los mesmo frígidos e enrijecidos como os temos agora depois da morte recente. Os símbolos são direcionamentos da satisfação que não podemos ter, ou melhor dizendo, da frustração de uma satisfação que deveríamos ter, mas que não se pode ter mais, de forma alguma. Como se a própria energia que é investida pelo fato funesto da perda e a ausência que fica cavasse um buraco no chão para se depositar.

Contardo Calligaris, em sua coluna para a Folha de São Paulo, disse certa vez:

Ora, se hoje a morte é horror sem remédio, os cemitérios seriam prisões onde esperamos afastar e prender a morte. E o Dia dos Mortos seria uma espécie de exorcismo coletivo quando forçadamente lembramos – uma vez por ano – o que preferiríamos esquecer. Sabemos que não é assim. A visita às tumbas de família não é só um sedativo da culpa. Podemos gostar de passar em um cemitério desconhecido, lendo nos epitáfios o mistério de vidas que nos precederam [...] Acontece também que procuremos inspiração nas tumbas dos grandes. Os cemitérios, nascidos para afastar de nós a morte, se tornaram lugares de homenagem, lembrança, ou mesmo – um pouco como as igrejas – de meditação. O aparente paradoxo pode se expressar no alternar do dia e da noite. O cemitério da noite, quando é frequentado por outras coisas do que simplesmente os nossos terrores, se torna – como o Père-Lachaise em Paris – um lugar de escuros encontros onde o gozo se dá, à condição de nunca saber direito se atrás do zíper se esconde um sexo, uma faca ou um vírus. Em suma, ele é o parque confinado dos horrores: o horror da morte e o horror de um impossível e último gozo. O cemitério de dia, ao contrário, é parte indispensável de nossas vidas. Pois, exatamente pela mesma razão pela qual afastamos de nós a presença física da morte, também não podemos abrir mão da lembrança dos mortos. Acontece que, por sermos indivíduos (e portanto termos horror da morte), somos também sujeitos com pouca tradição, sempre incertos de quem somos, eternamente necessitados de fazer e refazer, pensar e repensar nossa história. E por isso precisamos dos mortos que nós mesmos afastamos. (Calligaris, 1995).

A teoria do apego, desenvolvida pelo psiquiatra e psicanalista britânico John Bowlby, é uma das bases fundamentais da psicologia do desenvolvimento. Essa teoria oferece uma compreensão profunda sobre como os seres humanos formam vínculos emocionais desde a

infância até a vida adulta e como esses vínculos impactam o desenvolvimento social, emocional e cognitivo ao longo de toda a vida. Os padrões de apego estabelecidos na infância influenciam a qualidade dos relacionamentos interpessoais, a autoestima, a capacidade de regulação emocional e até mesmo a saúde mental na adultez. A teoria ainda destaca a importância de um ambiente de cuidado e apoio emocional para o desenvolvimento saudável do indivíduo, e ressalta a necessidade de intervenções adequadas quando os vínculos emocionais são interrompidos ou perturbados, por exemplo, quando na morte de um ente querido.

#### Figura 4

Um tributo à tragédia do luto, a obra *Grief* de Oskar Zwintscher retrata uma figura esmagada, sobrecarregada pelo desespero



*Pintura por Oskar Zwintscher, 1898.*

Para Bowlby, o apego é um instinto biológico inato que se desenvolve como uma resposta adaptativa à necessidade de proteção e segurança. Desde os primeiros momentos de vida, os bebês buscam proximidade e cuidado de um cuidador principal, geralmente a mãe, como meio de sobrevivência e desenvolvimento saudável. A teoria de Bowlby enfatiza aí a importância das interações precoces entre o bebê e o cuidador primário na formação de um vínculo seguro.

Com base em seus estudos, a psicóloga do desenvolvimento Mary Ainsworth, durante um experimento que chamou de *Uma Situação Estranha* identificou quatro principais estilos de apego entre um cuidador e uma criança, sendo o último acrescentado só posteriormente: *seguro, ansioso-ambivalente, ansioso-evitativo e desorganizado*. Cada um desses estilos reflete

padrões distintos de comportamento e respostas emocionais às figuras de apego e às situações de separação e reencontro (Ainsworth, 2015, p. 314).

Com base nessa teoria, a intensidade e a natureza da reação ao luto podem variar com base no estilo de apego predominante da pessoa. Indivíduos com um apego seguro podem enfrentar a perda com uma mistura de tristeza e apoio social, buscando conforto e suporte em relacionamentos próximos. Por outro lado, aqueles com um apego ansioso ou evitativo podem experimentar dificuldades em lidar com o luto devido a padrões de relacionamento menos saudáveis (Bowlby, 1998).

Durante o luto – processo de aceitação da separação e reorganização emocional –, em busca de apoio emocional e conforto, as pessoas podem sentir uma forte necessidade de buscar proximidade com outros indivíduos significativos em suas vidas, ou mesmo com elementos alegóricos, isto é, que metaforizam a presença do ente perdido através de uma lembrança, uma impressão psíquica que é acessada por um signo.

A teoria do apego reconhece que os vínculos emocionais podem persistir além da morte física de um ente querido. Durante o luto, muitas pessoas mantêm uma sensação de conexão emocional com o falecido, buscando maneiras de preservar e honrar sua memória, como o fazem, por exemplo, ao elaborar uma sepultura, jazigo ou mausoléu e passam a zelar por ele, como que se uma dívida perpétua com aquele que se foi houvesse sido selada no momento de sua morte, e também houvesse um certo reconhecimento implícito de que teremos todos o mesmo destino, e como aquele corpo que se vai, gostaríamos de ser cuidados em igual maneira. Como nos relembra James Joyce em *Finnegans Wake*, “Fim aqui. Nós, após” (Joyce, 1975, p. 628, tradução nossa).

Naturalmente, o papel das religiões exerce boa parte da influência nesse cuidado pós-morte, uma vez que grande parte delas creem que haja uma vida para além da morte, e que a vida não se restringe unicamente ao corpo físico, mas ao próprio espírito que se liberta da materialidade depois do que é interpretado como uma espécie de “passagem” para outro lugar ou dimensão. Portanto, morte não é um fim absoluto, mas uma transição para outro estado de existência. Atua, nesse sentido, como um mecanismo de defesa contra a dor insuportável da perda, fornecendo um senso de propósito e significado. Na ausência de um direcionamento de determinado afeto, a crença espiritual o reconfigura e o redireciona.

O sociólogo e filósofo francês Edgar Morin tem a seguinte perspectiva sobre a morte:

A morte humana comporta uma consciência da morte como um buraco negro onde se aniquila o indivíduo. Comporta ao mesmo tempo, uma recusa desse desaparecimento

que se exprime, desde a pré-história, nos mitos e ritos de sobrevivência do duplo (fantasma) ou nos do renascimento num ser novo. (Morin, 2002, p.46)

Morin aí descreve a morte como um conceito que envolve tanto a consciência do desaparecimento absoluto do indivíduo quanto a recusa desse desaparecimento. O buraco negro, a aniquilação total, onde o indivíduo deixa de existir, é uma noção que naturalmente nos provoca ansiedade e temor diante do desconhecido. A recusa a esta realidade amarga se manifesta nos mitos e rituais encontrados desde tempos antigos, nos quais se expressa a busca pela sobrevivência após a morte, quando os mitos do duplo ou fantasma, assim como os ritos de renascimento em um ser novo, representam, por sua vez, tentativas de transcender a mortalidade e de encontrar uma continuidade para além do fim físico.

Morin conclui-nos que há uma dualidade da percepção humana da morte: o reconhecimento da finitude e a resistência a aceitar esse fim como absoluto. Essa tensão entre a consciência da mortalidade e a busca pela imortalidade simbólica – refletida em nossas práticas culturais e rituais – é uma característica intrínseca da experiência humana diante da morte, que por algum motivo orgânico e psicológico se reivindica, e precisa ser expressado de alguma forma.

Assim, o que podemos deduzir ao final deste texto, é que um cemitério, como o título deste capítulo bem questiona, para além de um recinto com lugares côncavos onde repousam corpos, ou mesmo um campo católico consagrado por um bispo, é um lugar onde se direciona os afetos que não se podem mais ser direcionados a uma figura de apego que outrora vivia, seja por meio de ex-votos, orações, símbolos ou arquiteturas. Um lugar que visitamos não porque buscamos colidir com o sofrimento, mas porque procuramos, pelo menos em parte, aliviar uma dor e saciar um sentimento saudoso, impulsos estes que não podem mais ser amansados por uma presença viva, mas apenas pela impressão psíquica que resta em nós de que ela esteve aqui por um período, mas já se foi.

## **1.2 Os vivos no campo dos mortos**

No cenário silencioso e solene dos cemitérios, onde a vida se desvanece para dar lugar à eternidade, existe um grupo de agentes sociais que mantêm uma presença constante, ainda que estejam cercados pela cidade dos mortos. Zeladores, vigias, coveiros e vendedores constituem uma comunidade genuinamente viva – não somente no sentido orgânico da palavra, mas funcionalmente falando e até mesmo culturalmente falando – e desempenham papéis essenciais que transcendem a fronteira entre a vida e a morte.

Esses agentes sociais, muitas vezes negligenciados, enfrentam uma série de problemáticas únicas que merecem a sua devida reflexão. Em primeiro lugar, a natureza peculiar de seu ambiente de trabalho cria desafios emocionais e psicológicos. A constante exposição à tristeza e à saudade é capaz de impactar profundamente esses profissionais, o que torna o apoio psicológico e medidas que promovam o bem-estar mental atributos verdadeiramente essenciais e imperativos.

Ao mesmo tempo, suas experiências no *locus* cemiterial o tornam verdadeiros testemunhos vivos, ou mesmo livres contadores de histórias, à semelhança dos beduínos, nômades árabes que habitam tradicionalmente os desertos do Oriente Médio e do Norte da África, ou ainda dos griôs, contadores de histórias tradicionais da África Ocidental, ambos portadores de uma tradição oral vibrante.

Por meio de suas atividades cotidianas, esses trabalhadores muitas vezes acumulam um vasto conhecimento sobre os sepultados no cemitério, suas histórias de vida e as circunstâncias de suas mortes. Essas histórias muitas vezes permanecem invisíveis aos olhos do público em geral, mas podem ser reveladas por meio de interações informais com esses funcionários.

Imagine uma conversa com um zelador do cemitério, por exemplo. Ele pode compartilhar histórias sobre os túmulos mais antigos, revelando detalhes sobre as personalidades e realizações de algumas pessoas sepultadas. Um vigia pode contar sobre as noites tranquilas e misteriosas que passou entre as lápides, enquanto um coveiro pode compartilhar suas experiências lidando com os aspectos práticos da morte e do enterro. Até mesmo um vendedor de flores pode ter histórias para contar, tendo conhecido famílias que visitam regularmente os túmulos de seus entes queridos.

Nesse sentido, o cemitério, longe de ser tão-somente um local de tristeza e de luto, pode ser vislumbrado e referenciado como um espaço de ensino vivo, em que as histórias dos que passaram se entrelaçam com o presente em que vivemos, ensinando-nos lições sobre a vida, sobre a morte e sobre a resiliência humana.

Com isso, há um reconhecimento de que o ensino da História não está restrito apenas às salas de aula. As relações sociais e as experiências vividas também desempenham um papel decisivo na construção do conhecimento histórico. Passear pelo cemitério e ouvir as histórias dos que ali operam deve ser mesmo uma forma de explorar essas relações sociais e de refletir até sobre questões políticas, econômicas e morais que moldaram e moldam a sociedade que gira em torno desse cemitério, rendendo-nos uma perspectiva desde a materialidade ao espírito do lugar.

É bem verdade que a própria iconografia das sepulturas dá-nos por si só uma sorte de informações, mas quando informações são dadas sem nenhum contexto, paira um vazio entre o significado e seu intérprete.

No primeiro volume da conhecida obra de Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, descreve-se como o passado muitas vezes permanece inacessível, apesar dos esforços da inteligência para evocá-lo, mas que um pequeno detalhe sensorial – o sabor de um bolo – é capaz de desencadear lembranças profundas e transformadoras.

É assim com nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e do seu alcance, em algum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só de acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não encontremos nunca.

Muitos anos fazia que, de Combray, tudo quanto não fosse o teatro e o drama do meu deitar não mais existia para mim, quando, por um dia inverno, ao voltar para casa, vendo minha mãe que eu tinha frio, ofereceu-me chá, coisa que era contra os meus hábitos. A princípio recusei, mas, não sei por quê, terminei aceitando. Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na vala estriada de uma concha de São Tiago. Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal.

De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligado ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde aprendê-la? Bebo um segundo gole em que não encontro nada demais que no primeiro, um terceiro que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim.

A bebida a despertou, mas não a conhece, e só o que pode fazer é repetir indefinidamente, cada vez com menos força, esse mesmo testemunho que não sei interpretar e que quero tornar a solicitar-lhe daqui a um instante e encontrar intacto à minha disposição, para um esclarecimento decisivo. Deponho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como? Grave incerteza todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? Não apenas explorar: criar. Está em face de qualquer coisa que ainda não existe e a que só ele pode dar realidade e fazer entrar na sua luz... (Proust, 2006, p.71-72)

Esse excerto de Proust, apesar de belo, faz-nos também pensar sobre como as coisas para serem vigorosamente sentidas e bem compreendidas precisam de uma narrativa de fundo, pois a memória involuntária nada mais é do que uma história precedente vivida e que está sendo relembraada pelas vias sensoriais. Quando não se tem ou se sabe de uma história precedente, não

se tem abrangência dos significados que determinado signo resguarda. É alegoria esvaziada. Sem o contexto adequado e uma narrativa de fundo, essas imagens e estruturas correm o risco de permanecerem apenas como admiráveis enigmas, sem despertar a memória involuntária que conecta o presente ao passado. É através da compreensão da história por trás dessas representações que podemos realmente dar vida às figuras de pedra e honrar a complexidade das vidas que elas representam. Esses zeladores, vigias, coveiros e vendedores, quando devidamente instruídos e motivados, têm o potencial de se tornarem poderosos disseminadores de histórias. Ao serem capacitados a compreender e compartilhar essas histórias, esses indivíduos se tornam elos diacrônicos entre o tempo da história e o tempo que a própria história é contada. Ao fazerem isso, contribuem para manter viva a riqueza cultural e humana que permeia aquele espaço, cooperam para transformá-lo em espaço de reflexão e conexão com nossa própria história e identidade.

Em *Memória e Identidade* de Joël Candau, ele discute a identidade como um estado psíquico e social, e a memória como uma faculdade individual e um conjunto de representações coletivas. Como se comenta na contracapa da obra,

Memória e identidade estão indissolivelmente ligadas. A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade, que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (Candau, 2011, contracapa)

Essa relação entre memória e identidade forma os alicerces da percepção individual e coletiva do *self* e da comunidade. A memória não é apenas um arquivo passivo de eventos passados, ela é um processo ativo de construção e reconstrução contínua da narrativa pessoal e social. Através dela é que moldamos nossa compreensão de quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

No contexto coletivo, a memória compartilhada por um grupo é, pois, fundamental na formação da identidade cultural e histórica. As narrativas que são transmitidas de geração em geração, seja oralmente, através de tradições, rituais ou documentos históricos, são essenciais para a coesão e continuidade de uma comunidade. Quando essa transmissão de memória é fraca ou interrompida, seja por depredações, traumas históricos, migrações, assimilação cultural ou outras razões, o tecido da identidade coletiva pode ser comprometido.

Uma memória fracamente transmitida tende a resultar em lacunas na compreensão da história e das experiências compartilhadas, levando a uma perda de conexão com as raízes culturais e a um enfraquecimento do senso de pertencimento e coesão social. Isso pode gerar

sentimentos de alienação, deslocamento e até mesmo conflito dentro da comunidade. Portanto, preservar e fortalecer a transmissão da memória coletiva é efetivo para sustentar e enriquecer a identidade de um povo, e garantir assim uma continuidade de suas tradições, valores e herança cultural, bem como o bem-estar social e, logo, individual.

Como diz Candau: “O patrimônio é menos um conteúdo que uma prática de memória, obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma” (Candau, 2011, p. 163). Nesse texto, ele classifica a memória em dois conceitos – *memória forte* e *memória fraca*. A memória forte é um tipo de “memória massiva, coerente, compacta e profunda” (Candau, 2011, p. 44), capaz de organizar o sentido, quando, por outro lado, a memória fraca é, como o próprio nome anuncia, difusa e superficial, sendo, por isso, dificilmente compartilhada pelos indivíduos. Dessa maneira, se tomamos os elementos simbólicos e representações presentes nos cemitérios por memória forte, por serem portadores de crenças religiosas, valores sociais e culturais específicos, uma vez que, apesar de restritos a um espaço que não é visitado com tanta frequência, eles detêm uma expressão visual e material amplamente reconhecida pela comunidade, podemos compreender melhor o seu papel na afirmação da identidade coletiva. Ao preservar e valorizar esses elementos, a comunidade reafirma sua continuidade histórica e cultural, fortalece os laços que a unem e promove um senso de pertencimento compartilhado. Mesmo para aqueles que não frequentam regularmente esses espaços, a presença da iconografia cemiterial serve como um lembrete tangível das raízes culturais e sociais comuns, alimentando uma conexão emocional com o passado que é inevitavelmente incitada pelo sensorial.

Assim, ao pensar no cemitério e nos agentes que operam nesse campo como elementos transformadores, somos remetidos ao pensamento sociológico de Pierre Bourdieu quando este defende que algumas estruturas se movem do resultado acabado (*opus operatum*) para o modo de operação (*modus operandi*), isto é, das estruturas já organizadas para agir como princípios geradores, transformadores e organizadores das práticas sociais e das representações que definem nossa convivência social (Bourdieu, 1989, p. 11 e 12).

À vista disso, ele define que

Os ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder Simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. (Bourdieu, 1989, p. 9)

E ainda,

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’.  
(Bourdieu, 1989, p. 11)

No contexto dessas citações de Bourdieu, destaca-se como se dá o papel dos sistemas simbólicos na estruturação da sociedade e na reprodução das relações de poder, incluindo a luta de classes. Os símbolos cemitieriais e toda a iconografia em que eles estão contidos são exemplos tangíveis desses sistemas simbólicos, que desempenham um papel fundamental na construção e na legitimação da ordem social.

Os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante por serem estruturados porque não são arbitrários, mas moldados pelas relações de poder e pelas estruturas sociais subjacentes. E não somente refletem as relações sociais existentes, como também as reforçam e as legitimam. É estabelecida uma ordem cognitiva compartilhada, proporcionando um quadro de referência comum que molda a percepção e a compreensão do mundo social pelos indivíduos.

A dominação de que fala Bourdieu não é apenas física, é também simbólica, exercida através do controle dos recursos culturais e da imposição de determinadas formas de pensamento e de representação. Os agentes sociais nos cemitérios, como os zeladores, vigias, coveiros e vendedores, podem ser vistos como intérpretes desses sistemas simbólicos. Eles não apenas lidam com os símbolos materiais presentes neste campo, como ajudam a interpretar seu significado e sua importância para conceber o que é a comunidade em que se vive. Ao fazê-lo, eles contribuem para a compreensão da forma como a sociedade está estruturada e das relações de poder que a permeiam.

Isto posto, ao vivenciar o silêncio das lápides e ao contemplar a verdade de nossa própria mortalidade, deve-se, mais do que nunca – e aqui referencio à pandemia de covid-19 ocorrida de 2020 a 2023 –, reconhecer os vivos que laboram no campo dos mortos. Ao abordar as problemáticas enfrentadas por esses agentes sociais, podemos promover uma compreensão mais profunda e respeitosa de um ambiente que, mesmo permeado pela finitude, continua a pulsar com vida e significado que ressoam infinitos.

O estigma associado ao trabalho nos cemitérios (lugar este de cunho fúnebre, logo, notoriamente repulsivo ao senso comum por lidar com o tema da morte) muitas vezes resulta em um fenômeno de invisibilidade social. Por vezes, a sociedade negligencia o papel vital desempenhado por esses trabalhadores, e esquece que são eles que cuidam do último refúgio

de seus entes queridos, sendo crucial que se reconheça e se valorize esses profissionais e que se destaque a importância de sua contribuição para a comunidade.

Há de se considerar também a falta de condições adequadas de trabalho. Zeladores, vigias e coveiros frequentemente enfrentam condições desafiadoras, como falta de infraestrutura adequada, equipamentos insuficientes e salários muitas vezes aquém do merecido. Melhorar essas condições beneficiaria os trabalhadores e impactaria positivamente na qualidade do serviço prestado aos visitantes do cemitério.

Manter os zeladores nesse espaço é prezar para que a preservação do próprio espaço cemiterial aconteça. Diante destes aspectos, é preciso que nos conscientizemos de que o trabalhador do cemitério também é parte de seu patrimônio e, aliás, é ele um patrimônio por si mesmo, seja pelas narrativas que carrega consigo seja pelas competências que só ele aparenta saber. Por vezes, zelar pelo campo dos mortos e seus inúmeros túmulos e jazigos é um ofício transmitido de gerações para gerações, que ao ser extraído de um indivíduo, constitui nele uma falta de sentido e de orientação.

Jorgina, uma das zeladoras do Cemitério São João, ao ser entrevistada, comenta o seguinte:

**Jorgina:** Pra zelar... eu zelo, né. [...] Todo trabalho que aparece aqui eu faço, né? Eu trabalho aqui desde os meus 17 ano [sic passim]. E o que mais tem que falar?

**Gabriel H:** Pode, pode contar o que a senhora vive...

**Jorgina:** Desde os 17 ano... Já foi um local bom de trabalhar, hoje aqui tá igual que nós *temo* [sic] no... como é que se diz? Num quartel. É cheio de regra, mas as pessoas não cumprem com a regra. Feriado a gente não pode trabalhar. Dia dos Pais, Dia das Mães, às vezes ele [secretário da Semulsp] deixa trabalhar, às vezes não, né... A gente entra 7:00 horas aqui, sai 16:00 da tarde. É 16:00 da tarde... E outra coisa, esse feriado por que que nós não *podemo* [sic passim] trabalhar, né. Dia de sábado nós não *podemo* entrar. Tá certo que o domingo é pra descansar, né. Mas eles deviam deixar a gente trabalhar aqui até 13:00 da tarde, num sábado isso não acontece.

Jorgina aí menciona que o local já foi um bom lugar para trabalhar, mas agora se assemelha a um *quartel*, o que sugere um ambiente de trabalho excessivamente regulamentado e com falta de flexibilidade para situações especiais, como feriados e datas comemorativas, estas que poderiam intensificar a demanda pelos serviços oferecidos nos cemitérios, como limpeza, decoração de túmulos e assistência aos visitantes, potencialmente resultando em um aumento significativo na renda desses zeladores.

A regulamentação, em teoria, deveria atuar para a melhoria e o benefício a todas as partes envolvidas, mas vê-se pela fala da zeladora tanto pelo que se presenciou no trabalho de campo que há um exposto desmerecimento pelo trabalho deles, e dá-se ali um verdadeiro

fenômeno de expulsão – ainda que de forma velada – por parte do órgão da Prefeitura de Manaus responsável pela limpeza pública dos cemitérios.

Jorgina ainda menciona que há muitas regras estabelecidas no espaço do Cemitério São João, mas as pessoas não as cumprem, indicando uma falta de fiscalização ou apoio por parte da administração do cemitério para garantir que as regras sejam devidamente seguidas e mantidas para todos. Ela também menciona que eles não podem trabalhar em feriados ou entrar no cemitério aos sábados, o que limita sua capacidade de realizar seu trabalho de maneira eficaz.

Ela sugere ainda que os zeladores poderiam pelo menos trabalhar até as 13:00 p.m. nos sábados, a fim de garantir a manutenção adequada do local. Essa falta de flexibilidade nos horários e a imposição de regras aparentemente arbitrárias pressupõem uma falta de reconhecimento pelo trabalho árduo desses zeladores, afetando negativamente sua motivação e satisfação no trabalho e este último detalhe nos leva diretamente ao fenômeno de depredação e vandalismo que se dá nesse espaço cemiterial. Como se pode querer prezar por um local de trabalho e pelos bens inseridos nele se não se tem o estímulo e ânimo necessários para tal?

Jorgina prossegue, contando que

**Jorgina:** [...] quando os fregueses vêm pagar a gente a gente não pode entrar. Nem sábado, nem domingo a gente não pode entrar. É isso que tá acontecendo aqui no cemitério. [...] Aqui é como eu tô falando pra você, né, a coisa negativa aqui, por exemplo, que às vezes vem biqueiro fazer um serviço, aí faz coisa errada, aí quem pega a culpa é a gente. [...] Nós, *zelador*... e outra coisa, não tem ninguém pra responder por nós, né. Questão também da barraca que a gente tinha nossas barracas, agora derrubaram todas as nossas *barraca* [sic] e a gente troca a roupa no relento. A gente faz como... *strip-tease*.

**Gabriel H:** Ficava *prali* pra trás as *suas* barracas, né?

**Jorgina:** Sim... agora eles querem que a gente tenha, como é? Alvina, vem cá! Quer que a gente tenha, como é, meu Deus do céu? Como é aquele negócio que eles querem que a gente tenha aqui? Pra fazer a barraca?

**Alvina:** Ah é o... como é, o... projeto.

**Jorgina:** Projeto, aí eles querem que a gente construa o muro. Tá entendendo? A casinha do cachorro. Isso é coisa da prefeitura!

**Gabriel H:** Pois é, é da renda própria de vocês que eles querem...

**Jorgina:** Da renda *própria nossa*. E aqui nós *tamo* [sic] ganhando pouco, pra bendizer, não é mais aquela coisa que a gente ganhava. [...] Hoje em dia nós brigamos um com outro até por causa de trabalho aqui no cemitério. Né? Então é esse aí o *propósito* aqui, porque não dá pra gente...

A fala de Jorgina enfatiza que esse desmerecimento e falta de oportunidade direcionados a estes zeladores cria um ambiente de conflito e insatisfação no próprio meio deles. Ao não receberem o reconhecimento adequado pelos seus trabalhos, seja em termos de remuneração justa, condições de trabalho adequadas ou oportunidades de desenvolvimento profissional, isso inevitavelmente gera nesses agentes sentimentos de frustração e de desmotivação.

Deusilane, uma segunda zeladora abordada na pesquisa realizada para compor a presente dissertação, fez o seguinte comentário:

**Deusilane:** Tá bem arrumadinho? Tá. Mas tem certas coisas aqui que a gente é proibido, por exemplo, hoje. A gente tá sendo proibido, não *podia* pegar vassoura, não *podia* trabalhar. Quer dizer que os clientes da gente chega, a gente não pode nem passar uma vassoura, né, na sepultura dos *cliente* da gente. Aí fora outras *coisa*...  
**Gabriel H:** Mas é, então teve uma ordem, né, pra vocês não...?  
**Deusilane:** Sim.

Esses profissionais desempenham uma função vital na manutenção e na organização dos espaços cemiteriais, garantindo que estejam bem cuidados e que as necessidades das famílias e visitantes sejam atendidas, porque o trabalho de construção e cuidado específicos dirigido a uma determinada sepultura ou jazigo não pode ser executada por agentes da Semulsp, mesmo pelo pouco conhecimento que eles detêm sobre o assunto.

O ambiente propício para conflitos internos, bem como a frustração acumulada por se sentirem subestimados, resulta em tensões interpessoais, falta de colaboração e até mesmo em uma diminuição na qualidade do trabalho realizado. Para além de um sentimento de desvalorização, há verdadeiros sentimentos de invisibilidade e de estagnação.

O diálogo com as irmãs Jorgina e Alvina ressalta essa questão, caso este que, como nos revela, chega a ferir a própria dignidade desses trabalhadores:

**Alvina:** Da minha parte é só isso mesmo, o que tá acontecendo é isso, né. A gente troca roupa no meio das *pata* [sic]...  
**Jorgina:** Aqui ó, é aqui que a gente troca as *roupa* [sic].  
**Alvina:** Isso é uma vergonha porque depois de certa idade, né...  
**Gabriel H:** Porque eu me lembro que tinha, tinha umas casinhas aqui pra trás, né, onde vocês ficavam assim...  
**Alvina:** É, nós trocava a roupa aqui.  
**Jorgina:** Jogaram tudo, né, chamaram nossas barracas de galinheiro. Chamou foi a gente também de galinha.  
**Gabriel H:** É verdade, né..  
**Jorgina:** Chamou pelo menos a gente de galinha. Chamou a gente de galinha... É o galinheiro, né. Onde tem galinheiro tem galinha. [risos]  
**Alvina:** Olha, também o meu problema é só isso também, meu filho... né. Que isso é uma vergonha, com certa idade trocar as roupas no meio das pessoas...

Exibe-se por este diálogo uma realidade muitas vezes invisibilizada: as condições de trabalho precárias e o desrespeito enfrentado por aqueles que exercem trabalhos tidos socialmente como inferiores. A descrição de barracas comparadas a galinheiros e o insulto direcionado às zeladoras pelo próprio secretário da Semulsp que em tese deveria ser aquele a atuar como defensor dos direitos e do bem-estar dos funcionários do cemitério, bem como promover diálogo, mediação e sensibilização, de maneira oposta, trata-as – ainda que

indiretamente – como “galinhas”, ilustra a degradação da imagem e da autoestima desses trabalhadores. A associação pejorativa com animais e a falta de respeito são sintomas de uma sociedade que marginaliza e desvaloriza certas ocupações, relegando os zeladores a uma posição de inferioridade social.

Além disso, a referência ao ato de trocar de roupa em público após certa idade ressalta a vulnerabilidade e a exposição a que eles estão sujeitos, especialmente considerando o contexto sensível e emocional de um cemitério. Essa situação evidencia a urgência de políticas e práticas que reconheçam e valorizem o trabalho dos zeladores de cemitério, proporcionando condições dignas de trabalho, respeito e reconhecimento social. Esses profissionais devem ser tratados com a dignidade e o respeito que merecem, garantindo-lhes um ambiente de trabalho seguro, adequado e livre de discriminação.

O antropólogo e sociólogo canadense Erving Goffman, em seu trabalho *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, comenta que

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (Goffman, 2008, p. 12)

No diálogo, é visível como as irmãs Alvina e Jorgina se sentem desumanizadas e diminuídas devido ao estigma associado à sua condição de trabalho e moradia. A comparação de sua habitação com um “galinheiro” é, sem dúvida, uma forma de estigmatização que as coloca em uma posição inferior e as desqualifica aos olhos dos outros. O estigma, como descrito por Goffman, é uma característica que torna uma pessoa diferente e menos desejável aos olhos da sociedade. Nesse caso, o fato de serem zeladoras de cemitério e de viverem em condições precárias é usado para desacreditá-las e diminuí-las como indivíduos. Essa discrepância entre a identidade social virtual, que seria uma identidade respeitável e valorizada, e a identidade social real, marcada pelo estigma, contribui para a exclusão e marginalização das irmãs. Pela fala de um membro hierárquico muito mais favorecido que, portanto, é prontamente legitimada, elas são levadas à desumanização e à negação de sua plena dignidade e humanidade. Pois que em nossa sociedade, inevitavelmente, quando um indivíduo é mencionado por outros modos que não o seu nome próprio, sobretudo associado a um atributo animalesco, este indivíduo é

desumanizado, despido da idiossincrasia e subjetividade intrínseca a ele, e então visto como aquilo com o que se é referido.

A título de exemplo, no livro *A Letra Escarlate* de Nathaniel Hawthorne, a letra “A” bordada no peito da personagem Hester Prynne é um estigma que distorce sua percepção social, fazendo com que seja vista não como uma pessoa completa, mas como alguém marcado por um único ato. De igual forma, as zeladoras são reduzidas a seres “menos desejáveis” pela comparação animalesca, o que reforça sua marginalização. Nesse sentido, a associação com um galinheiro e o termo “galinha” funcionam de maneira semelhante ao “A” escarlate, pois torna-se uma marca que redefine a identidade social real das zeladoras de maneira negativa. Assim, o estigma é um poderoso mecanismo de controle social, que reforça hierarquias de poder e desvaloriza certos indivíduos, independentemente de suas contribuições ou complexidade como seres humanos. A marca estigmatizante – seja ela uma letra escarlate ou uma comparação depreciativa – tem o efeito de isolar e inferiorizar aqueles que são alvo, pois limita sua agência e dignidade na sociedade.

Em vista disso, faz-se necessário fomentar uma reflexão mais ampla sobre de que forma o trabalho manual e os serviços essenciais ofertados por esses zeladores devem ser valorizados, com o fito de abrir margem ao bom funcionamento generalizado do Cemitério São João, e para a harmonia de sua exposição ao público que o visita, bem como a integridade de sua configuração.

Todos os trabalhadores, independentemente da natureza de seu trabalho, merecem ser tratados com dignidade, respeito e igualdade, e o fato da Secretaria Municipal de Limpeza e Serviços Públicos (Semulsp) ser um órgão público implica uma responsabilidade adicional no que diz respeito a esse tratamento adequado. A luta pelos direitos e pela dignidade dos zeladores de cemitério é parte de um movimento mais amplo em busca de justiça social e equidade. Como um órgão financiado pelos impostos dos cidadãos e encarregado de fornecer serviços essenciais à comunidade, a Semulsp tem o dever ético e moral de garantir que seus funcionários sejam tratados com dignidade e respeito, pois está sujeita às leis trabalhistas e aos princípios de justiça social e igualdade consagrados na legislação nacional e internacional.

Mesmo que esses zeladores sejam autônomos, ainda permanece a responsabilidade moral e ética da Semulsp em promover o tratamento digno, respeitoso e igualitário a qualquer sujeito. Como um órgão público responsável pela gestão e manutenção dos espaços públicos, incluindo os cemitérios municipais, ela tem influência sobre as condições de trabalho e as relações laborais de todos os que atuam nesses espaços, sejam eles contratados diretamente pela Semulsp ou prestadores de serviços autônomos.

Nesse sentido, o referido órgão de limpeza e manutenção pode desempenhar um papel ativo na promoção de padrões adequados de trabalho e na defesa dos direitos desses zeladores de cemitério, mesmo que não sejam formalmente empregados pela Secretaria. Isso pode incluir o estabelecimento de diretrizes e padrões para as condições de trabalho nos cemitérios municipais, a promoção de práticas justas de contratação e remuneração para os prestadores de serviços autônomos e a defesa de políticas que garantam o respeito e a dignidade a tais agentes.

Quando os zeladores se sentem desvalorizados e desrespeitados, eles podem perder o senso de pertencimento e engajamento com o local onde trabalham, levando a uma diminuição da vigilância e cuidado com relação aos elementos cemiteriais, logo tornando-os mais vulneráveis a atos de vandalismo.

Se os zeladores são alvo de insultos e discriminação, gera-se ressentimento e hostilidade em relação ao ambiente de trabalho e à comunidade em geral. Em alguns casos, isso pode se manifestar através de um comportamento de retaliação, que inclui vandalismo. A falta de apoio e reconhecimento por parte das autoridades e da sociedade leva os zeladores a sentirem que estão abandonados e desprotegidos, o que pode resultar em uma sensação de desamparo que também influencia negativamente a vigilância e proteção dos elementos cemiteriais. E, por fim, se esses zeladores não são valorizados, é menos provável que recebam os recursos e apoio necessários para garantir a segurança e proteção adequadas dos cemitérios. Inclui-se aí a falta de investimento em sistemas de segurança, iluminação adequada e patrulhamento regular.

Em função de mitigar esses conflitos e promover um ambiente de trabalho mais harmonioso e produtivo, seria adequado fazer uma sensibilização e esforço para que esses zeladores sejam vistos como agentes tão importantes para a manutenção do cemitério quanto os agentes da Semulsp, devendo ser valorizados e que lhes sejam oferecidas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, sempre que possível. Destaca-se, nesse contexto, programas de treinamento, reconhecimento público pelo seu trabalho e benefícios adicionais que os façam se sentir parte da conjuntura atuante no Cemitério São João, como também a promoção de uma cultura organizacional que valorize e respeite todas as contribuições dos funcionários, independentemente de sua posição na hierarquia organizacional.

### **1.3 As legislações referentes à preservação de espaços como o cemitério e suas garantias à preservação dele**

O patrimônio cultural brasileiro, do qual o cemitério faz parte, é reconhecido e protegido pela Constituição Federal de 1988, que atribui ao poder público, com a colaboração da

comunidade, o dever de preservá-lo e promovê-lo. A Constituição, em mesmo texto, também declara os sítios arqueológicos como bens da União, e estabelece a competência comum da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios para protegê-los e impedir sua evasão, destruição e mutilação.

Um sítio arqueológico é um local onde se pode encontrar evidências de atividade humana em períodos passados ou pré-históricos, como artefatos, construções, pinturas e túmulos. Para ser considerado um sítio arqueológico, é preciso que essas evidências sejam de grande importância científica para a compreensão da história da humanidade.

Segundo o site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan),

São considerados sítios arqueológicos os locais onde se encontram vestígios positivos de ocupação humana, os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, “estações” e “cerâmicos”, as grutas, lapas e abrigos sob rocha (Iphan, 2014).

Considerando essa definição, o Cemitério Municipal de São João Batista poderia ser considerado um sítio arqueológico, uma vez que possui túmulos que remontam ao século XIX e que revelam aspectos da cultura, da religião, da arte e da política da sociedade manauara no decurso do tempo. Além disso, o cemitério foi tombado como patrimônio histórico do estado do Amazonas, o que reconhece sua relevância para a memória e a identidade da região.

No entanto, para que o cemitério seja oficialmente reconhecido como sítio arqueológico, seria necessário que houvesse um estudo prévio e uma autorização do Iphan, que é o órgão responsável pela proteção dos bens culturais no Brasil, e também o responsável por emitir as licenças para a realização de pesquisas arqueológicas nos sítios cadastrados e fiscalizar as atividades que possam afetar o patrimônio arqueológico.

No plano legal, existem diversas normas que regulam a preservação e a utilização do patrimônio cultural, entre elas:

- O Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que dispõe sobre o tombamento de bens de interesse histórico, artístico ou paisagístico, e define os procedimentos e as responsabilidades dos órgãos competentes, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan);
- A Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos e proíbe o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação das jazidas arqueológicas ou pré-históricas, antes de serem devidamente pesquisadas. A lei também determina a necessidade de solicitar autorização do Iphan para a realização de

pesquisas arqueológicas e orienta sobre os procedimentos a serem adotados pelos cidadãos em caso de achados arqueológicos.

- A Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, que prevê os crimes contra o patrimônio cultural, como destruir, inutilizar ou deteriorar bem especialmente protegido por lei, ato administrativo ou decisão judicial, e estabelece as penas correspondentes, que podem variar de multa a reclusão.
- A Lei nº 13.653, de 18 de abril de 2018, que regulamenta a profissão de arqueólogo e estabelece os requisitos para o exercício da atividade, como formação acadêmica, registro profissional e experiência comprovada.

As legislações que regulam a preservação e a utilização do patrimônio cultural apresentam algumas garantias e desafios para a proteção do Cemitério Municipal de São João Batista de Manaus/AM, tais como:

- **Garantias:** o tombamento do cemitério como patrimônio histórico do estado do Amazonas confere ao bem uma proteção legal contra intervenções que possam comprometer sua integridade, valor ou significado. Além disso, o tombamento possibilita a alocação de recursos públicos para a conservação e a restauração do cemitério, bem como a promoção de ações educativas, culturais e turísticas que valorizem sua importância para a memória e a identidade da comunidade.
- **Desafios:** o cemitério está situado em uma área urbana densamente povoada e próxima a fontes de poluição, como o igarapé do Mocó, o que pode afetar a qualidade ambiental e a preservação dos túmulos e das edificações históricas. Além disso, o cemitério enfrenta problemas de superlotação, vandalismo, furtos, depredação e ocupação irregular, que demandam uma fiscalização constante e uma gestão integrada entre os órgãos públicos e a sociedade civil.

Susana Gastal, em sua obra *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio – tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade*, pensa a cidade como um referencial para se pensar a pós-modernidade, e opta por analisar três objetos da paisagem: o primeiro, a saber, a praça pública, a qual faz diversas menções à ágora da pólis grega; a segunda, o monumento e; a terceira, como sendo o palco. Para Gastal, a praça serve de alusão ao próprio espaço, o monumento permite uma análise das mudanças operadas pelo tempo, e o palco, por sua vez, dá acesso a um debate a partir de sua visualidade.

No sentido desse raciocínio, o monumento, progressivamente, torna-se um testemunho das transformações operadas na cidade e no comportamento de seus habitantes. Sua presença, imponente e duradoura, para além de refletir a evolução arquitetônica, reflete, sobretudo, as mudanças sociais e culturais que moldaram a identidade daquela comunidade. Considerando o cemitério como um tipo peculiar de monumento, percebemos uma oportunidade única de ler a própria passagem do tempo. Nas lápides e mausoléus, encontram-se vestígios das histórias individuais entrelaçadas com a história coletiva.

O cemitério, como monumento, portanto, oferece uma perspectiva única sobre as mudanças na sociedade. As diferentes épocas e estilos arquitetônicos presentes no local, juntamente com as inscrições nas lápides, formam um atlas silencioso de períodos passados. Ao explorar esse “museu ao ar livre”, somos levados a refletir sobre a efemeridade da vida e as transformações que deixam sua marca indelével no ambiente urbano.

A partir disso, pode-se também pensar na própria interpretação desse patrimônio cultural preservado a partir de um roteiro turístico que preze pela continuidade de sua preservação, ação esta importante e que ajuda a reconhecer a magnitude desse elemento paisagístico. Assim sendo, valorizar e preservar a memória do local torna-se essencial ao gerar sentimento de pertencimento e identidade espacial por meio da paisagem. Pois que é nessas localidades que se encontram “as marcas do lugar construídas ao longo do tempo” (Gastal, 2006, p. 101).

José Reginaldo Santos Gonçalves, em sua *A Retórica da Perda*, comenta que

A História aparece como “um processo inexorável de destruição, em que valores, instituições e objetos associados a uma “cultura”, “tradição”, “identidade” ou “memória” nacional tendem a se perder. (...) O efeito dessa visão é desenhar um enquadramento mítico para o processo histórico, que é equacionado, de modo absoluto, à destruição e homogeneização do passado e das culturas. (Gonçalves, 1996, p. 22)

E prossegue, dizendo que

No entanto, este discurso, que se opõe vigorosamente àquele processo de destruição, é o mesmo que, paradoxalmente, o produz. (...) No mesmo movimento produzem-se, transformados em colações e patrimônio culturais, os objetos que estão sendo destruídos e dispersados. Esses objetos são concebidos nos termos de uma imaginária e originária unidade, onde estariam presentes atributos tais como coerência, continuidade, totalidade e autenticidade. (...) Embora haja um lamento constante em relação a esse processo de fragmentação e perda, ele, na verdade não é apenas um fato exterior ao discurso, mas algo que coexiste com o esforço de preservação tal como aparece nos discursos sobre patrimônio cultural. (Gonçalves, 1996, p. 25)

Juntas, essas duas citações de Gonçalves nos sugerem que o discurso que busca preservar a cultura muitas vezes contribui para a mesma destruição que lamenta. A aparente contradição entre o desejo de preservar e a realidade da perda e fragmentação destaca as complexidades inerentes ao entendimento e à preservação da cultura. O cemitério, portanto, está no meio desse referido processo: ao passo que merece ser preservado, ele mesmo enquanto se desintegra pelas ações do tempo e dos agentes inseridos nas estações dentro do tempo continua se constituindo como monumento. Conclui-se, com isso, que a ausência tanto quanto a presença são passíveis de serem lidas a partir de diferentes perspectivas analíticas e contemplativas.

Não é que o monumento deva ser deixado à própria sorte porque as fragmentações e perdas que o atingem erigem algum tipo de discurso, é que, em verdade, tais acontecimentos nos suscitam diversas questões, tanto do ponto de vista histórico quanto cultural: o que isso nos diz sobre o tempo que estamos vivendo? O que isso nos diz sobre nós mesmos e nossa relação com a cultura? Como assegurar a preservação da história e das informações contidas em monumentos fragmentados ou danificados? A quem, de fato, interessa a preservação e quem é responsável pela proteção desses monumentos? E, por fim, como integrar esses locais no desenvolvimento urbano de maneira respeitosa e sustentável?

A forma como tratamos e preservamos nossos monumentos históricos reflete nossa consciência e valorização da história, cultura e das gerações passadas. Por isso, negligenciar sugere desconexão ou desinteresse em relação ao passado. Num cenário ideal, preservar interessa não apenas aos historiadores, pesquisadores, educadores e aqueles que reconhecem a importância de manter uma conexão com as raízes culturais e que se envolvem no processo, mas principalmente à comunidade local, detentora desse monumento histórico.

Nesse sentido, a responsabilidade pela proteção é algo colaborativo, compartilhado entre a comunidade local, o governo, organizações de preservação histórica e a sociedade como um todo. Algo a ser promovido substancialmente através de uma educação e conscientização sobre a importância do patrimônio histórico que, por sua parte, deve gerar um senso de responsabilidade coletiva, incluindo programas educativos, campanhas de sensibilização e engajamento da comunidade com o seu próprio elemento. Parcerias entre o setor público e o privado representam uma maneira eficaz de garantir recursos financeiros e expertise para a consumação deste intento, a partir da inclusão de incentivos fiscais para a restauração e conservação.

Tão logo se manifeste um interesse e esforço de esferas maiores, isso reverbera na esfera comunitário, que passa a atuar e facilitar a integração desses locais históricos no

desenvolvimento urbano, este que requer planejamento cuidadoso e sustentável para se expandir e se adaptar de formas mais apropriadas. Isso pode envolver a criação de regulamentações que protejam esses locais, incentivem a reabilitação em detrimento da destruição e promovam o uso consciente do espaço.

#### **1.4 Contextualizando as recentes alterações feitas, as leis de tombamento e o fenômeno de depredação, roubo e vandalismo**

O cemitério foi tombado como patrimônio histórico do estado do Amazonas em 1988, por meio do Decreto Nº 11.198, de 14 de junho de 1988. O tombamento é um instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural, previsto na Constituição Federal de 1988 e regulamentado pelo Decreto-Lei nº 25, de 1937. Ele confere ao bem uma proteção legal contra intervenções que possam comprometer sua integridade, valor ou significado, além de possibilitar a alocação de recursos públicos para a conservação e a restauração do bem, bem como a promoção de ações educativas, culturais e turísticas que valorizem sua importância.

Contudo, num breve passeio por esse cemitério em questão se observa um enfrentamento a diversos problemas e desafios que ameaçam sua preservação e sua função social. Um deles é o fenômeno de depredação, roubo e vandalismo, sobretudo por parte de indivíduos que, no intuito do uso de drogas ilícitas, adentram o local para furtar peças de metal, bronze e alumínio adornadores de elementos de diversos túmulos do arcabouço do São João. Esse tipo de ação causa danos materiais e simbólicos ao patrimônio cultural, além de configurar um crime previsto no Art. 63 da Lei nº 9.605, de 1998, que estabelece penas de multa e reclusão para quem destruir, inutilizar ou deteriorar bem especialmente protegido por lei, ato administrativo ou decisão judicial.

Outro problema é a superlotação do cemitério, que já não comporta mais novos sepultamentos, e que pode gerar impactos ambientais e sanitários, como a contaminação do solo, da água e do ar pelo necrochorume, que é o líquido resultante da decomposição dos cadáveres. O cemitério está situado em uma área urbana densamente povoada e próxima a fontes de poluição, como o igarapé do Mocó, o que pode afetar a qualidade ambiental e a preservação dos túmulos e das edificações históricas. Além disso, o cemitério está localizado na área de entorno do Reservatório do Mocó, que é responsável pelo abastecimento de água da cidade, e que pode ser infectado pelo necrochorume supracitado se houver vazamentos ou infiltrações.

Diante desses problemas e desafios, uma gestão integrada e participativa entre os órgãos públicos e a sociedade civil poderia ser pensada a fim de garantir a preservação e a utilização sustentável desse cemitério histórico, bem que ele é de interesse público e um patrimônio cultural. Algumas medidas que podem ser adotadas são:

- A fiscalização constante e a segurança do cemitério, a fim de evitar a entrada de pessoas não autorizadas e coibir as ações de depredação, roubo e vandalismo;
- A manutenção periódica e a restauração dos túmulos e das edificações históricas, respeitando as características originais e os valores culturais do bem;
- A implantação de sistemas de drenagem e impermeabilização do solo, no intuito de evitar a contaminação do solo, da água e do ar pelo necrochorume;
- A fomentação à realização de estudos e pesquisas sobre o patrimônio histórico, artístico e cultural do cemitério, a fim de ampliar o conhecimento e a valorização do bem;
- A promoção de atividades educativas, culturais e turísticas no cemitério, para sensibilizar a população sobre a importância e a responsabilidade de preservar o patrimônio cultural.

A preservação ou a degradação do cemitério tem impactos sociais, culturais e econômicos para a cidade de Manaus e para o estado do Amazonas. Sua preservação contribui para a manutenção da memória e da identidade da sociedade manauara, para a conservação da biodiversidade e da qualidade ambiental, para a geração de renda e de emprego por meio do turismo cultural, e para a educação e a cidadania da população. A degradação deste espaço, por outro lado, compromete o valor histórico, artístico e cultural do bem, afeta a saúde pública e o equilíbrio dos ecossistemas, reduz as oportunidades de desenvolvimento econômico e social, e desrespeita os direitos humanos e a dignidade tanto de mortos quanto de vivos.

Há de se pensar também que pelo fato de a cultura material ser um testemunho palpável da evolução e expressão de uma sociedade ao longo do tempo, cada artefato, cada vestígio, conta uma história única que contribui para a riqueza do patrimônio cultural, e não menos por isso a ausência deles na paisagem deixa de contar essas histórias. Paradoxalmente, a depredação desses elementos culturais pode oferecer uma peculiar forma de metalinguagem, uma narrativa que, ao mesmo tempo, alerta sobre a impermanência e clama pela preservação.

O historiador François Hartog comenta que

Às vezes, criando definições muito extensivas do patrimônio, que não se ajustam necessariamente às categorias oficiais da administração interessada pelo “grande patrimônio”, elas tendem a desestabilizar a máquina administrativa de classificação.

Com efeito, para elas, o valor dos objetos que elegem reside, em parte, no fato que elas mesmas estão na origem de seu reconhecimento. Trata-se, na verdade, mais de patrimônio local, que associa memória e território, e de operações, que visam produzir território e continuidade para aqueles que moram nesse lugar hoje: “As associações do patrimônio mostram a construção de uma memória que não é dada, portanto não é perdida. Elas trabalham para a constituição de um universo simbólico. Desse modo, o patrimônio não deve ser observado do passado, mas preferencialmente do presente, como categoria de ação do presente e sobre o presente”. Enfim, o patrimônio, que se tornou um ramo-chave da indústria do lazer, é objeto de questões econômicas importantes. O “vale a pena o desvio” dos guias, retomado pelas agências de viagem, inscreve-o na globalização. Sua “valorização” insere-se então diretamente nos ritmos e nas temporalidades rápidas da economia de mercado atual, choca-se com ela ou, em todo caso, aproxima-se dela. (Hartog, 2013, p. 237-238)

Aí, ele nos destaca a tendência de algumas organizações ou grupos em ampliar as definições tradicionais de patrimônio. Eles não se limitam às categorias oficiais estabelecidas pela administração pública, mas expandem-nas para incluir elementos que podem não ser considerados como tal pelas autoridades. Isso pode gerar uma desestabilização na máquina administrativa de classificação, pois as definições oficiais podem não refletir totalmente a diversidade e complexidade do patrimônio cultural.

Também, é ressaltado nesse excerto a importância do patrimônio local, que se liga intimamente à memória e ao território de uma comunidade. As associações locais desempenham um papel fundamental na identificação e preservação desses elementos, que muitas vezes não são reconhecidos pelas autoridades centrais. A construção da memória mais do que apenas uma questão de preservação do passado, envolve ações no presente para garantir a continuidade e a relevância desses elementos para as gerações futuras. Reconhece-se aí o papel ativo das comunidades na identificação, preservação e promoção de um patrimônio cultural. Pois que este não é estático, mas dinâmico, e sua valorização está intrinsecamente ligada às necessidades e aspirações das comunidades que o mantêm vivo.

A depredação, seja ela causada por ação humana, intencional ou por fenômenos naturais, deixa cicatrizes visíveis e tangíveis na superfície desses elementos. Essas marcas, ao invés de destruir completamente o significado da cultura material, podem ser vislumbradas a partir de uma perspectiva em que enriquecem a narrativa, conferindo-lhe camadas de complexidade e profundidade.

O art. 1º do Decreto-lei 25/37 que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional nos diz o seguinte:

Art. 1º - Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis ou imóveis, existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

§ 1º (...)

§ 2º - Equiparam-se os bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.

Castro nos chama a atenção para o fato de que esse decreto-lei diz respeito

[...] precipuamente, à proteção federal. Consequentemente, alguns dispositivos aí contidos aplicam-se basicamente à ação federal, como, aliás, se pode inferir de diversos dos seus dispositivos, sobretudo quando se referem à processualística de atuação do órgão competente para preservar. (art. 4º e segs., art. 14 e segs.). (Castro, 2009, p. 76)

Ela prossegue, apontando que

Alguns artigos do Decreto-lei 25/37, no entanto, referem-se aos estados e municípios (art. 11 e art. 22). O primeiro estabelece a inalienabilidade especial dos bens tombados pela União e pertencentes ao seu patrimônio, ao patrimônio dos Estados e ao dos Municípios; o segundo, também se referindo aos bens tombados pela União, estabelece direitos de preferência à União, aos Estados e Municípios, caso o particular queira alienar bem tombado de sua propriedade. Não há nesses artigos nenhuma menção a bens tombados pelos Estados e Municípios. Nesses casos, não está a União, evidentemente, regulando ou referindo-se a tombamentos feitos por estes outros entes políticos, mas estabelecendo efeitos jurídicos para os bens públicos ou privados que tenham sido por ela tombados. Apenas o art. 23 refere-se à complementariedade de legislação estadual. Este artigo, que em face das Constituições anteriores surgiu inconstitucional, hoje, pela Constituição de 1988, porque com ela compatível, readquire legitimidade ante o ordenamento da Carta Maior.

O art. 1º do Decreto-lei 25/37, ao referir-se ao objeto de sua proteção, se ajusta ao entendimento de que, embora seja a coisa que detém o valor a ser preservado, este valor dela se destaca, constituindo-se um bem que, por ser imaterial e não econômico, é insusceptível de apropriação individual. O valor contido nas coisas de interesse cultural formam, no seu todo, o “patrimônio histórico e artístico nacional”, que é uma universalidade que, como bem jurídico, interessa a toda a coletividade, à sociedade nacional.

Ora, se o patrimônio cultural nacional, uma vez reconhecido através da preservação, é bem de interesse da coletividade, pode-se inferir que esta comunidade de cidadãos passa a ter o direito público subjetivo de tê-lo protegido. O reconhecimento pelo Estado do valor de determinado bem não se resume em, unicamente, estabelecer o poder do Estado de agir na tutela desse bem. Instituída pelo processo legal a tutela, esta cria para o cidadão, automaticamente, um direito público subjetivo de ver protegido o bem que constituiu o patrimônio histórico e artístico nacional. Ao indivíduo, embora não titular de domínio do patrimônio, é deferido o interesse e sua defesa (Castro, 2009, p. 76-77).

O tombamento do cemitério assegura que suas características únicas, seja pela arquitetura dos túmulos, pelos personagens ilustres ali sepultados ou por sua importância cultural, sejam preservadas para as gerações futuras. Isso está alinhado com a finalidade do artigo citado, que busca conservar bens que possuem vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil ou apresentam excepcional valor em diversas dimensões.

O Cemitério Municipal de São João por ser considerado um monumento cultural, garante para si não apenas a proteção dos túmulos em si, mas também do ambiente como um todo, incluindo possíveis elementos paisagísticos e arquitetônicos que o tornam notável. A legislação menciona explicitamente a proteção de sítios e paisagens que possuam características notáveis pela natureza ou pela intervenção humana.

Além disso, o tombamento também implica em restrições e diretrizes para qualquer intervenção no local, assegurando que qualquer atividade realizada no cemitério seja feita de maneira a preservar sua autenticidade e valor histórico. Essas medidas contribuem para a conscientização da importância do patrimônio histórico e cultural, incentivando a sociedade a valorizar e respeitar esses espaços.

O texto do Decreto-lei 25/37 apresenta importantes considerações sobre o tombamento de bens culturais e sua relação com a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. De acordo com os artigos mencionados, a inalienabilidade especial dos bens tombados pela União, Estados e Municípios é estabelecida, destacando a importância da preservação desses bens para a coletividade. Contudo, o texto ressalta a ausência de menção específica a bens tombados pelos Estados e Municípios nos artigos 11 e 22, indicando que a União regula os efeitos jurídicos para bens tombados por ela, mas não aborda diretamente aqueles tombados pelos demais entes federativos.

Ao considerar a situação do Cemitério Municipal de São João, tombado pelo Estado do Amazonas, é possível inferir que a legislação estadual teria relevância na regulação e preservação desse patrimônio. Embora o Decreto-lei 25/37 não detalhe diretamente os procedimentos para tombamento realizados por Estados e Municípios, o reconhecimento do valor cultural e histórico do cemitério pelo Estado pressupõe uma obrigação de proteção.

O artigo 23, ao mencionar a complementaridade de legislação estadual, ganha destaque nesse contexto. Ele permite que os Estados estabeleçam normas específicas para a proteção de bens culturais em conformidade com a legislação federal. Portanto, no caso de um cemitério tombado pelo Estado do Amazonas, seria fundamental analisar a legislação estadual pertinente, que pode conter diretrizes específicas para a preservação desse patrimônio.

O texto também destaca a perspectiva de que o reconhecimento pelo Estado do valor de um bem cultural não se limita ao estabelecimento do poder estatal para tutelar esse bem, ele cria um direito público subjetivo para a coletividade. Isso implica que os cidadãos têm o direito de ver protegido o patrimônio histórico e artístico nacional, incluindo cemitérios tombados. Assim, a tutela legal não é apenas uma prerrogativa do Estado, mas em verdade, uma garantia

para a comunidade de que seus bens culturais serão preservados em prol das gerações presentes e futuras.

Sobre isso, em *Teoria da Restauração*, Cesare Brandi defende que

A restauração, para representar uma operação legítima, não deverá presumir nem o tempo como reversível, nem a abolição da história. A ação de restauros, ademais, e pela mesma exigência que impõe o respeito da complexa historicidade que compete à obra de arte, não se deverá colocar como secreta e quase fora do tempo, mas deverá ser pontuada como evento histórico tal como o é, pelo fato de ser ato humano e de se inserir no processo de transmissão da obra de arte para o futuro. (Brandi, 2008, p. 61)

Assim, ao contemplar os artefatos danificados, somos confrontados com a realidade da transitoriedade da vida e da impermanência das criações humanas. A depredação serve como um espelho que reflete não apenas o que foi, mas também o que pode ser perdido se não houver esforços de preservação. Surge, assim, uma metalinguagem que dialoga com a necessidade intrínseca de proteger e valorizar aquilo que, de outra forma, poderia ser esquecido pelo curso inexorável do tempo.

François Hartog nos expõe que

O patrimônio é uma maneira de viver as cesuras, de reconhecê-las e de reduzi-las, localizando, elegendo, produzindo semióforos. Inscrita na longa duração da história ocidental, a compreensão da noção teve vários estados, sempre correlacionados com tempos fortes de questionamento da ordem do tempo. O patrimônio é um recurso para tempos de crise. Se há, desse modo, momentos do patrimônio, seria ilusório se fixar em uma única acepção da palavra. Ao longo dos séculos, práticas de tipo patrimonial desenham tempos do patrimônio, que correspondem a maneiras de articular primeiro o presente e passado, mas também, com os questionamentos da Revolução, o futuro: presente, passado e futuro. (Hartog, 2013, p. 243)

Reconhece-se aí, portanto, não apenas o objeto em si, mas o vazio deixado pela sua ausência. Essa tal ausência torna-se uma voz silenciosa que clama por atenção, uma lacuna que clama por ser preenchida com histórias e conhecimentos que correm o risco de desaparecer junto com o objeto depredado, e que podem, na verdade, contribuir para solucionar nossas questões contemporâneas.

Inserindo-se agora no conceito de “regimes de historicidade” de Hartog, ele nos diz que

Quer ela se manifeste como demanda, se afirme como dever ou se reivindique como direito, a memória vale, no mesmo movimento, como uma resposta ao presentismo e como um dos seus sintomas. O mesmo se dá com o patrimônio. No entanto, com algo a mais do ponto de vista da experiência e, finalmente, da ordem do tempo. A patrimonialização do meio ambiente, que designa a extensão provavelmente mais concreta e mais nova da noção, abre incontestavelmente para o futuro ou para novas

interações entre presente e futuro. Será que não saímos então apenas do círculo do presente, já que a preocupação do futuro se apresenta, de fato, como a razão de ser deste fenômeno? Salvo que esse futuro não é mais promessa ou “princípio de esperança”, mas ameaça. Tal é a reviravolta. Uma ameaça que lançamos e da qual devemos nos reconhecer, hoje na falta do ontem já, como os responsáveis. Assim, interrogar o patrimônio e seus regimes de temporalidade nos conduziu, de maneira inesperada, do passado ao futuro, mas um futuro que não está mais disponível para ser conquistado ou trazido à tona, sem hesitar em brutalizar o presente, se for preciso. Esse futuro não é mais um horizonte luminoso rumo ao qual caminhamos, mas uma linha de sombra que colocamos em movimento em nossa direção, enquanto parecemos patinar no campo do presente e ruminar um passado que não passa. (Hartog, 2013, p. 245)

Com estas palavras, Hartog nos evoca uma reflexão sobre a relação entre direito, memória, patrimônio e temporalidade, argumentando que a preocupação com o patrimônio não é apenas uma questão de preservação do passado, é também uma resposta ao “presentismo” – uma mentalidade que tende a focar exclusivamente no presente, e que ignora passado e futuro.

Ao patrimonializar, projetamos nossa preocupação para o futuro, reconhecendo que nossas ações presentes têm consequências que se estendem além de nossas vidas. No entanto, essa projeção para o futuro não é mais vista como uma promessa ou esperança, mas como uma ameaça. Uma reviravolta significativa, pois implica que somos responsáveis não só pelo que herdamos do passado, como também pelo que deixaremos para as gerações futuras.

O futuro deixa, então, de ser um horizonte luminoso, torna-se uma linha de sombra que nós mesmos criamos. Enquanto nos preocupamos com o passado e o futuro, corremos o risco de negligenciar o presente e de permitir que o presente seja brutalizado em nome de um futuro incerto.

Além disso, a depredação no presente pode ser vista como uma metáfora da própria condição humana, sujeita a falhas, imperfeições e vulnerabilidades. Ao abraçar essa imperfeição, a sociedade pode encontrar motivação para cuidar de sua herança cultural, ao reconhecer a beleza intrínseca na preservação e na restauração.

Michael Pollak, em seu artigo *Memória, esquecimento, silêncio* para a Revista Estudos Históricos, comenta que

[...] Há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação [...] (Pollak, 1989, p. 9)

Aí, ele nos ressalta a complexidade da construção da memória, que é moldada por influências diversas e se estende além do âmbito individual, isto é, há uma constante interação entre o que é vivenciado (experiências pessoais) e o que é aprendido (memória social, cultural e histórica). Essa interação sugere que a formação da memória é, pois, um processo dinâmico, influenciado tanto pelas experiências pessoais quanto pelas narrativas e valores transmitidos pelo meio circundante.

Ele também nos destaca a importância de preservar essas memórias para que, eventualmente, elas possam ser trazidas para o espaço público. A transmissão bem-sucedida é vista como uma condição necessária para que essas memórias possam evoluir de “não-ditas” para formas de contestação e reivindicação. Quando as condições são propícias, as memórias que estavam anteriormente no domínio do “não-dito” têm a capacidade de transcender esse silêncio e se transformar em vozes contestatórias e reivindicatórias. Isso implica que há uma dinâmica fluida entre a memória individual e coletiva, entre o que é privado e o que é público.

Edgar Morin, numa reflexão sobre o conceito contemporâneo de morte, nos afirma que

A morte, que corrói o seu próprio conceito, corrói então os outros conceitos, mina os pontos de apoio do intelecto, derruba as verdades, niiliza a consciência. Corrói a própria vida, liberta e exaspera angústias privadas de súbito de muro de resguardo. Nesse desastre do pensamento, nessa impotência da razão perante a morte, a individualidade jogará os seus últimos recursos: procurará conhecer a morte, não já pela via intelectual, mas sim farejando-a como um animal, a fim de penetrar no seu covil; procurará fazê-la recuar recorrendo às mais brutais forças da vida. Esse afrontamento-pânico, num clima de angústia, de nevrose, de niilismo, adquirirá aspecto de autêntica crise da individualidade perante a morte. Mas essa crise da individualidade não pode ser abstraída da crise geral do mundo contemporâneo. Se ultrapassa essa crise, dadas as suas implicações antropológicas, ela própria só pode ser ultrapassada (no caso de haver <<ultrapassagem>> possível do problema) através da ultrapassagem da crise. (Morin, 2002, p. 261)

Neste sentido, Morin estabelece uma conexão entre a crise da individualidade diante da morte e a crise geral do mundo contemporâneo. A superação da crise individual parece estar vinculada à superação da crise global. Essa interconexão, logo, nos sugere que a compreensão e enfrentamento da morte estão intrinsecamente ligados aos desafios e dilemas mais amplos que a humanidade enfrenta na contemporaneidade.

A confrontação da individualidade com a morte se transforma em uma crise profunda. A busca por compreender a morte não se dá mais pela via intelectual, e sim de forma visceral, quase instintiva. Surge um confronto pânico, permeado por angústia, nevrose e niilismo. Nesse contexto, a individualidade se vê forçada a utilizar os recursos mais brutais da vida para enfrentar a inevitabilidade da morte.

A morte, então, é apresentada como um desastre do pensamento, evidenciando a impotência da razão perante esse fenômeno inevitável. Não por acaso é normalmente representada e invocada nas artes por mãos empunhando punhais.

Sobre isso, o escritor e jornalista italiano Italo Calvino diz que

[...] as cenas de violência e de crime são sempre representadas por braços erguidos que brandem punhais e facas. O acontecimento que transtorna a ordem natural das coisas se situa num momento que parece estar fora do tempo, um movimento fulminante que se fixa para sempre. (Calvino, 2010, p. 48)

Essa impotência, por sua vez, desencadeia uma série de reações na individualidade, levando-a a buscar compreender a morte de maneiras mais irrefletidas. Morin menciona a possibilidade de ultrapassar a crise, mas ainda destaca a necessidade de uma ultrapassagem mais ampla, que não pode ser separada da crise geral do mundo, o que indica que a superação da crise da morte e da individualidade está atrelada a transformações profundas na sociedade e na própria compreensão humana de sua própria humanidade.

Parte da angústia dessa crise também é fomentada pelo que Cláudia Rodrigues, autora de *Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos* nos conta no seu seguinte parágrafo:

Um dos elementos enfocados pela política normalizadora dos espaços e comportamentos urbanos foi a crítica à prática dos sepultamentos no interior das cidades. Passou-se a acreditar que estes eram prejudiciais à saúde dos indivíduos, em função dos miasmas produzidos pelas emanações cadavéricas. As sepulturas deveriam, em função disto, ser eliminadas do interior e das proximidades das igrejas. O desenvolvimento desta concepção em muito contribuiu para a formação e difusão do medo da contaminação dos vivos pelos mortos, que culminou na transferência dos sepultamentos para longe dos vivos, com a criação, em 1850, de cemitérios extramuros. Medo este cada vez mais reiterado, na década de 1850, pelo aparecimento das três grandes epidemias do século XIX – febre amarela (1850), cólera (1855) e febre amarela (1860) – cujos altos índices de mortalidade foram imputados aos miasmas, produzidos pelo grande número de cadáveres que superlotavam a cidade. (Rodrigues, 1997, p. 255)

Quando consideramos a recente pandemia de Covid-19, notamos um fenômeno semelhante, mas agora em uma escala global. A disseminação do vírus e a necessidade de medidas de distanciamento social impactaram a relação das pessoas com espaços ligados à morte, como os cemitérios. Restrições a funerais e a preocupação com a segurança sanitária levaram muitos a evitar esses locais, fazendo-os buscar alternativas para expressar luto e homenagear entes queridos.

Assim, a Covid-19 tornou-se um agente contemporâneo que, de maneira inesperada, reacendeu questões relacionadas à saúde pública e aos espaços mortuários. As medidas de

distanciamento social e o medo da contaminação durante a pandemia refletem, de certa forma, uma reinterpretação dos receios históricos sobre a proximidade entre os vivos e os mortos, traz-nos de volta aquela *morte interdita* apontada por Philippe Ariès.

A utilização de aplicativos ou plataformas online que compartilhem informações sobre os cemitérios, histórias de entes queridos e eventos virtuais de homenagem em consonância à campanhas de educação pública para esclarecer usuais equívocos pode mitigar essa nova crise de repulsão pelos espaços cemiteriais, bem como a promoção de uma compreensão da importância dos rituais de luto para a saúde mental e emocional do indivíduo que, em tese, incentivariam a participação e aproximação dos indivíduos ao espaço do cemitério.

### **1.5 Conciliação do turismo cemiterial como atividade coletiva e pública com o fato das lápides, túmulos e jazigos serem bens privados**

Em contemplando os monumentos, manifestações e patrimônios, observa-se que a memória coletiva, para além de ser uma construção social complexa, é também capaz de refletir as relações de poder e as narrativas dominantes em uma dada sociedade. Michael Pollak, autor conhecido por versar sobre os conceitos de *memória e identidade social*, argumenta em seus escritos que a memória é seletiva, influenciada por fatores como classe social, gênero e outras dinâmicas de poder. Em vista disso, alguns patrimônios são esquecidos e silenciados em detrimento de outros que possuem muito mais facilidade em emergirem devido a uma negociação constante entre diferentes grupos sociais. Em *Memória e Identidade Social*, que se debruça sobre o âmbito das histórias de vida e da história oral, ele assevera que

[...] Além desses acontecimentos, a memória é constituída por *pessoas, personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. Por exemplo, no caso da França, não é preciso ter vivido na época do general De Gaulle para senti-lo como um contemporâneo. Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. Para a minha geração na Europa este é o caso da Segunda Guerra Mundial (Pollak, 1992, p. 204).

Ante o exposto, podemos presumir que o esquecimento de certos patrimônios pode ser resultado de processos deliberados de exclusão, nos quais grupos dominantes tentam apagar aspectos incômodos de sua história ou suprimir a voz de comunidades marginalizadas. Essa seleção de memória é muitas vezes perpetuada por instituições que detêm o controle sobre a narrativa histórica, influenciando o que é lembrado e o que é negligenciado.

De mais a mais, a identidade social desempenha um papel crucial na preservação ou silenciamento desses patrimônios, pois grupos marginalizados podem encontrar suas histórias apagadas devido à falta de poder para influenciar a narrativa dominante. A construção da identidade social, então, encontra-se intrinsecamente ligada à forma como as histórias são contadas e preservadas ao longo do tempo.

Seguindo o pensamento de Pollak sobre as pessoas e os personagens e os lugares de apoio da memória, nos cemitérios assentam-se os restos mortais de personalidades famosas e anônimas, cada qual com sua história, e que despertam interesse e curiosidade nos visitantes. O turismo cemiterial, uma forma de turismo cultural, em teoria, deve envolver o conhecimento, a valorização e a preservação das histórias componentes desse patrimônio cultural.

Todavia, o turismo cemiterial também envolve questões jurídicas, éticas e morais, pois os cemitérios são espaços que possuem uma natureza jurídica complexa e que abrigam bens privados – lápides, túmulos e jazigos familiares. Esses bens são objetos de direitos reais de uso e gozo, que podem ser adquiridos por meio de concessão pública ou de compra e venda. Os proprietários desses bens têm o direito de sepultar quem quiserem, de transmitir o direito aos seus herdeiros, de alienar ou de penhorar o bem, desde que respeitem as normas legais e administrativas que regulam a matéria.

Assim, surge o desafio de conciliar o turismo cemiterial como atividade coletiva e pública com o fato das lápides, túmulos e jazigos serem bens privados. A interseção entre o valor pessoal atribuído à memória individual e a importância pública dada à preservação cultural nos destaca a complexidade e a delicadeza envolvidas na gestão de cemitérios históricos.

Para o indivíduo, a conexão pessoal com o passado muitas vezes se manifesta na preservação de túmulos e sepulturas de entes queridos, o que torna o cemitério um local de reflexão e memória afetiva. Em contrapartida, para o público, a relevância reside na preservação do patrimônio cultural e histórico que o cemitério representa. A cultura material presente nos monumentos e estruturas funerárias, dessa forma, são dispositivos capazes de oferecer *insights* valiosos sobre a história local, costumes e identidade da comunidade em que se encontram inseridos. A legislação de tombamento aí desempenha um papel crucial: é ela quem irá

estabelecer as diretrizes para a proteção desses locais, cumprindo a tarefa de equilibrar a necessidade de preservação com considerações práticas e culturais.

Para tanto, é necessário que haja uma gestão integrada e participativa entre os órgãos públicos, os proprietários dos bens, os operadores turísticos e os visitantes, algo que busque harmonizar os interesses e os direitos de cada parte. Em vista disso, algumas medidas podem ser adotadas. São elas:

- A regulamentação e a orientação das visitas turísticas, estabelecendo horários, roteiros, ingressos, guias e normas de conduta, que garantam o respeito e a preservação dos bens privados e do ambiente cemiterial;
- A promoção e a divulgação do turismo cemiterial, destacando a importância e a beleza dos cemitérios como atrativos turísticos, e sensibilizando os proprietários dos bens privados para a valorização e a conservação deles;
- A educação e a conscientização dos visitantes, informando sobre a história, a arte, a cultura e a religião que os cemitérios expressam, e incentivando uma atitude de cuidado, de admiração e de reverência pelos bens privados e pelo patrimônio cultural.

Françoise Choay, em seu trabalho *A Alegoria do Patrimônio*, nos diz que o monumento e patrimônio históricos adquirem, hoje, um sentido de *dupla função*, isto é,

[...] obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos. A metamorfose de seu valor de uso em valor econômico ocorre graças à “engenharia cultural”, vasto empreendimento público e privado, a serviço do qual trabalham grande número de animadores culturais, profissionais da comunicação, agentes de desenvolvimento, engenheiros, mediadores culturais. Sua tarefa consiste em explorar os monumentos por todos os meios, a fim de multiplicar indefinidamente o número de visitantes. (Choay, 2001, p. 211)

Essa citação de Choay nos revela uma nova condição para os monumentos, que transcende a mera contemplação histórica ou estética, adentrando o âmbito do consumo cultural. A autora introduz o conceito de “engenharia cultural”, um empreendimento complexo que envolve tanto setores públicos quanto privados, com a colaboração de diversos profissionais, como animadores culturais, comunicadores, agentes de desenvolvimento e mediadores culturais. Essa abordagem destaca a transformação do valor de uso dos monumentos em valor econômico, indicando uma mudança significativa na forma como a sociedade percebe e interage com o patrimônio.

A tarefa desses profissionais, conforme descrita por Choay, consiste em explorar os monumentos de maneiras diversas, buscando multiplicar incessantemente o número de visitantes. Esse enfoque revela uma abordagem mais pragmática e orientada para o público em relação ao patrimônio cultural. Em vez de serem apenas objetos estáticos de contemplação, os monumentos são ativamente promovidos e utilizados como recursos para atrair visitantes, o que, por sua vez, contribui para a dinamização econômica e cultural da região em que estão inseridos.

Nessa nova condição de monumento, a relação entre a sociedade e o patrimônio cultural assume uma natureza mais interativa e participativa. A valorização econômica dos monumentos não é necessariamente vista como uma mercantilização prejudicial, e sim como uma estratégia para a garantia da sustentabilidade e preservação a longo prazo desses bens. Ao atrair visitantes, os monumentos se tornam não apenas testemunhos do passado, eles também se tornam centros dinâmicos de atividades culturais e econômicas.

Apesar disso, tal abordagem levanta questões importantes sobre como equilibrar a preservação autêntica do patrimônio com as demandas comerciais e as transformações nas práticas culturais. O desafio está em garantir que essa “engenharia cultural” não descaracterize a essência dos monumentos, mas, ao contrário, contribua para sua revitalização e compreensão contínua, preservando seu valor cultural e histórico enquanto se adapta às necessidades da sociedade contemporânea.

Pois que, mesmo diante de uma legislação de tombamento destinada a preservar cemitérios históricos, a natureza intrínseca desses locais como espaços de repouso final desafia qualquer tentativa de congelar o tempo. O cemitério continua sendo um espaço em constante evolução, já que novos enterros coexistem com túmulos mais antigos, criando um mosaico pontilhista de histórias individuais com o correr do tempo.

A dinâmica do luto, as mudanças culturais e a passagem das gerações deixam suas marcas, transformam o cemitério em um testemunho vivo da vida e da morte. A legislação de tombamento, apesar de valiosa para preservar elementos arquitetônicos e históricos, inevitavelmente encontra limitações quando se trata de controlar a natureza fluida e contínua do cemitério como espaço funerário. Desse modo, o desafio reside em equilibrar a necessidade de preservação com a aceitação da natureza dinâmica e simbólica do local como um reflexo da jornada humana.

E quanto à questão de pensar como preservar e conservar um cemitério histórico tombado que enfrenta vandalismo, depredação e uma revitalização inadequada, para tanto e sem sombra de qualquer dúvida, demanda-se uma abordagem extremamente abrangente e

colaborativa. Faz-se crucial executar um fortalecimento da segurança local, implementando medidas como iluminação adequada, câmeras de vigilância e a presença de pessoal de segurança. Ainda, a sensibilização da comunidade sobre a importância histórica e cultural do cemitério poderia ser útil em criar um senso de responsabilidade compartilhada.

Uma avaliação cuidadosa das condições atuais do cemitério é necessária para identificar áreas específicas que exigem intervenção imediata. Isso pode incluir o reparo de monumentos danificados, a restauração de estruturas arquitetônicas e a implementação de práticas de paisagismo que respeitem a integridade histórica desse cemitério. Por sua vez, a colaboração com especialistas em conservação e arqueologia poderia fornecer orientações valiosas para garantir a autenticidade dessas intervenções.

Também, a mobilização de recursos financeiros parece essencial no que se trata de financiar projetos de restauração e segurança, podendo haver envolvimento de parcerias público-privadas, captação de recursos com a comunidade local e busca por subsídios de organizações de preservação histórica. Além disso, a criação de programas educacionais e eventos culturais dentro do próprio cemitério possivelmente atrairiam a atenção positiva da comunidade ao promover uma conexão mais profunda e respeitosa com o local.

O envolvimento de autoridades competentes e agências governamentais responsáveis pela aplicação da legislação de tombamento e o fortalecimento da fiscalização e aplicação das leis de proteção ao patrimônio histórico contribuiriam substancialmente para dissuadir atividades ilegais e garantir a preservação a longo prazo desse cemitério histórico.

## 1.6 A cultura material do cemitério e a “morte domada” de Philippe Ariès

O filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso, famoso por suas ponderações sobre o devir da vida, desenvolveu um conceito chamado *enantiodromia*, que nada mais é do que um outro nome para a dinâmica dialética da realidade. Enantiodromia é, pois, definida pelo dicionário virtual *Infopédia* como

[...] a ideia de coincidência dos opostos, que consiste no movimento universal dos elementos e no regresso contínuo ao seu estado inicial; embora opostos (amor/ódio, guerra/paz, voz/silêncio), os elementos movimentam-se num mesmo plano ideológico, o que lhes confere unidade dentro da própria oposição (Infopédia, 2024).

Em refletindo sobre esse conceito, peguei-me outro dia lendo o seguinte texto de um *blog*:

É hora do rush, o sinal abre. Os faróis dos carros iluminam seu rosto rapidamente, ferindo seus olhos em meio à fumaça dos escapamentos e o barulho dos motores; diversos motores frenéticos carregando pessoas apressadas de volta para suas casas, ou para longe delas, quem sabe.

Sopra uma brisa suave, quase fria, e então você pensa em dar um passo à frente, apenas um e se deixar cair no meio da confusão de luzes e escapamentos. Basta apenas um passo, um mísero movimento e então a dor, o alívio, a escuridão.

“meu deus, meu deus, que frágeis nos fizestes e que fácil é morrer”<sup>1</sup>

Basta ouvir este impulso tão antigo quanto a própria humanidade, este anjo mal que nos seduz para uma escuridão que não deriva da maldade, mas da ausência. E não há anjo bom que nos valha nesta hora, nenhum santo de plantão ou deus onisciente que nos acuda e nos faça vencer a nós mesmos. Há apenas o impulso e o pensamento que nos embala

“quão frágil nós somos”

Esta carne e osso que nos protege não é nenhuma armadura, ao contrário: arrancam-se e se partem como um nada, basta apenas a força certa, precisa, e nós escorregamos irremediavelmente e de nada nos vale a medicina, se não como uma vã tentativa de dizer a morte “*venha mais tarde, tenha paciência*”. Que importa se há entes queridos a nossa espera ou um jantar quente? Este impulso a tudo ignora e arrebatada, é como o canto da sereia e, quão fácil seria fechar os olhos e ceder, dar este passo? Há garantias de que será rápido, horrível e misericordiosamente indolor, sem tempo para arrependimentos, uma palavra, uma carta de despedida. Restará apenas o epitáfio.

“*Venha*” e parece que a sereia canta por horas a fio e nós nos debatemos dentro de nós mesmos, sem dar o fatídico passo à frente, sem dar o redentor passo para trás, sem esboçar qualquer expressão que revele este dilema interno de vida e morte.

E o som dos motores diminuem, os faróis param e é dado o sinal aos pedestres de que é seguro atravessar, nenhum mal irá suceder agora, nenhum. A voz da sereia some como se nunca houvesse existido e o corpo então se move, dando o desejado passo adiante, mas desta vez não há perigo, não há carros, ônibus ou caminhão para partir-lhe o crânio e levá-lo ao vazio: há apenas a luz que diz para prosseguir como um animal amestrado... e a sereia, aah, a sereia, o impulso, jaz tão silente como se nunca tivesse existido. (Gadelha, 2021)

Há um nome para esse sentimento estranho e tânatico que se tem de chegar à beira de um abismo e desejar pular no vazio dele em queda livre até o chão, e ele ironicamente é francês. Chama-se *L'appel du vide*, e traduzido para o português, é algo como “o chamado do vazio”. A leitura me rendeu um *insight*, e passei a avaliar naquele instante sobre como a realidade em que vivemos é formada por opostos, que parecem ser os motores do que entendemos por real. Assim, para a existência da própria vida, inevitavelmente a morte deveria também existir. Como se por algum episódio fantástico alguma delas deixasse de haver, toda a estrutura do real se arruinasse, e, como cortinas de um palco de teatro, caísse sobre os pés do ser que o idealizou e o criou – se alguém de fato o criou –, rendendo a este ser, talvez, o seu próprio esgotamento. Ao passo que tudo isso também me levou a pensar que se a vida é um período de consciência dentro da realidade, a morte diretamente seria a falta de consciência para sempre, e que como

<sup>1</sup> José Saramago em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

podemos prolongar de algumas formas a nossa frágil vida, para pagar esses esforços, haverá o dia em que não poderemos mais fugir de nosso certo fim.

Não me admira que os antigos tivessem tanta proximidade com a morte, apesar de suas limitações com os mortos, pois como escreveu Ariès,

Apesar de sua familiaridade com a morte, os antigos temiam a proximidade dos mortos e os mantinham à distância. Honravam as sepulturas – nossos conhecimentos das antigas civilizações pré-cristãs provêm em grande parte da arqueologia funerária, dos objetos encontrados nas tumbas. Mas um dos objetivos dos cultos funerários era impedir que os defuntos *voltassem* para perturbar os vivos. (Ariès, 2012, p. 41)

Por algum motivo, parece-me que éramos mais sábios naqueles tempos, e algo se perdeu no meio do caminho. Capitalismo talvez? Descobertas biológicas que nos fazem perceber que tudo é químico e que acaba por nos colocar à beira do niilismo? Pode ser que sim. Por falar nisso, há momentos em que saio na rua e não consigo mais ignorar a miséria como em outros tempos, e depois deste *insight*, compreendo que para continuar a vida, é necessário que eu também esqueça que essa miséria existe, para que se preserve a minha integridade física e psicológica.

Caminhando um pouco por campos freudianos, choramos em catarse ao falar de nossos traumas justamente porque não podemos falar deles e racionalizá-los o tempo todo. E quando na “melhora da morte”, para um organismo débil, a morte celular libera massivamente endorfinas e prostaglandinas que o inundam e tiram a sensação de dor e mal-estar que se fez presente durante todo o período de enfermidade.

Jung disse certa vez que “A única pessoa que escapa da lei implacável da enantiodromia é o homem que sabe separar-se do inconsciente, não reprimindo-o, pois assim ele simplesmente o ataca por trás, mas colocando-se claramente diante dele como aquilo que ele é” (Jungian Center, sem ano de publicação, tradução nossa). Penso que a nossa posição diante do fenômeno da morte também deva se dar desta maneira. Não devemos reprimir o fato de que ela estará por aqui, ao mesmo tempo em que devemos nos separar da inevitabilidade de sua existência, ou não poderemos viver uma vida sadia, pois ao pensarmos nela o tempo todo, fazemos com que esteja presente, mesmo quando não é chegada a hora. Para todo o sonho, há também um pesadelo.

Esse jogo de opostos pode ser vislumbrado no próprio entendimento de morte que de domesticada, conforme entramos numa era de “luz”, passou a ser temida e “exorcizada” do convívio humano. Para Philippe Ariès, a morte foi domada (*apprivoisée*) até o século XI. Tínhamo-la “na palma de nossas mãos”. Essa perspectiva sobre a morte implicava que o

moribundo estava mais consciente de sua própria morte, reconhecendo que estava prestes a falecer e aceitando essa realidade.

A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome. Por isso chamarei aqui esta morte familiar de *morte domada*. Não quero dizer com isso que anteriormente a morte tenha sido selvagem, e que tenha deixado de sê-lo. Pelo contrário, quero dizer que hoje ela se tornou selvagem. (Ariès, 2012, p. 40)

Depois disso, ela se tornou interdita (*inversée*), vista com um fenômeno mais selvagem, que sai de controle e que por isso deve ser temida e seus rituais, ocultos.

Friedrich Nietzsche, em seu *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, explora a dicotomia antitética entre as pulsões artísticas dionisíacas e apolíneas como fundamentais para a compreensão da natureza da tragédia grega antiga. Ele descreve as pulsões dionisíacas como aquelas que celebram o caos, a intuição, o instinto e a emoção desenfreada, personificadas pelo deus Dionísio. Por outro lado, as pulsões apolíneas são representadas pela razão, ordem, forma e beleza idealizada, personificadas pelo deus Apolo. Nietzsche argumenta que é a fusão e tensão entre essas duas forças opostas que dá origem à verdadeira arte trágica, onde a harmonia apolínea é subvertida pelo frenesi dionisíaco, criando uma forma de arte que transcende as limitações individuais e expressa a natureza trágica da existência humana.

Segundo a lenda antiga, o rei Midas perseguiu na floresta o velho “Sileno”, companheiro de Dionisos, e durante muito tempo sem poder alcançá-lo. Quando conseguiu, por fim, apoderar-se dele, o rei perguntou-lhe qual era a coisa a qual o homem deveria preferir a tudo e considerar sem par. Imóvel e obstinado, o demônio não respondia. Até que, por fim, coagido pelo vencedor, desatou a rir e proferiu as seguintes palavras: “Raça efêmera, e miserável, filha do acaso e da dor! E tu, por que me obrigas a revelar-te o que mais te valeria ignorar? O que tu deverias preferir não o podes escolher: é não teres nascido, não “seres”, seres “nada”. Já que isso te é impossível, o melhor que podes desejar é morrer, morrer depressa”. (Nietzsche, 1999, p. 3)

O pequeno trecho da obra supracitada nos aponta essa condição humana de não ter escolha de nascer para este mundo ou não. Não é possível retornar para o “nada” da onde supostamente viemos. Essa inconformidade com o fato de não termos escolhido nascer é paradoxal à inconformidade de não desejarmos posteriormente em nossas vidas morrer. Isto é, desejamos primeiramente não termos nascido, mas para além de todos os episódios por que passamos, desejamos apenas um pouco mais de tempo, algo que – por ora – não está em nossa alçada. Outra vez, a vida se revela através dos opostos.

A tragédia grega parece, nessa perspectiva, uma releitura da linha do tempo humana: figuram-se nesta peça personagens ilustres e atos heroicos, e em dado momento, rumando para o final, a ação, elevada, nobre e própria para suscitar o terror e a piedade, termina por um acontecimento funesto, quando a comédia consiste na aventura da vida, a vida que pulsa.

Como o doutor em Letras Adilson dos Santos coloca em seu artigo *A tragédia grega na visão de Friedrich Nietzsche*

Para ele [Nietzsche], a tragédia grega é a manifestação do dionisismo, ou seja, da aceitação plena e entusiasta da vida tal qual ela se apresenta; da quebra de todas as barreiras que envolvem os homens; de sua reintegração com a natureza e seu retorno a uma espécie de Idade de Ouro, em muito parecida com aquela ilustrada na peça *As bacantes*, de Eurípedes. (Santos, 2006, p. 66-67)

Quando olhamos para o cemitério, tendo em mente esse esquema de pensamento, percebemos que a construção de sua simetria e organização em quadras, com túmulos alinhados, capelas ornamentadas e monumentos bem planejados e delineados, reflete essa pulsão apolínea de ordem e beleza idealizada que até hoje nos alcança. Esta forma de organização busca dar um sentido de tranquilidade e paz, mitiga o caos e a desordem associados à morte. E, em verdade, é uma organização que está presente mesmo em formas de ritualizações fúnebres que nos parecem, à primeira vista, mais dionisíacas, como as Torres do Silêncio zoroastrianas.

Na tradição zoroastriana, assim que um corpo deixa de viver, ele pode ser imediatamente invadido por demônios e tornado impuro. Para prevenir essa possessão póstuma, os seguidores de Zoroastro purificavam os corpos de seus mortos expondo-os aos elementos no topo das *dakhmas*, torres construídas sobre os platôs do deserto. Segundo a tradição — que remonta a mais de 3000 anos — os corpos dos falecidos, devidamente despídos, eram abandonados no topo das torres formando três círculos concêntricos. Os homens ficavam na circunferência mais externa; as mulheres no círculo intermediário e as crianças formavam o anel interno. Os cadáveres eram abandonados até serem desintegrados naturalmente ou despedaçados pelas aves de rapina do deserto.

Após esse processo de purificação, os ossos eram retirados e guardados em ossuários localizados no interior das torres ou dentro delas. Monumentos fúnebres dos zoroastrianos, essas torres-ossuários existiam em grande parte do sul da Ásia — foram descobertas *dakhmas* dos séculos IV e V antes da era comum nas proximidades de Mumbai, na Índia.

Mas as mais famosas dessas torres eram conhecidas como Torres do Silêncio. Situadas em Yazd, no Irã, elas continuaram a ser usadas até o começo dos anos 1970. Mas a crescente urbanização deixou as *dakhmas* incomodamente próximas dos limites urbanos de muitas cidades, obrigando o governo iraniano a proibir o milenar ritual fúnebre.

Aos poucos mazdeístas que ainda restam no mundo (cerca de 120 mil), sobrou apenas a opção de cremar seus mortos. Embora não sejam mais usadas cerimonialmente, as Torres do Silêncio continuam a ser uma grande atração do deserto iraniano. (Hypercubic, 2011)

As lápides e mausoléus frequentemente exibem símbolos religiosos, inscrições poéticas (epitáfios) e esculturas que representam uma visão idealizada da vida após a morte. Isso corresponde a esse desejo apolíneo humano de impor uma ordem estética e racional sobre o fenômeno caótico e muitas vezes irracional da morte. É a mente humana procurando erigir da sua condição trágica de fragilidade e mortalidade uma estrutura de sentido. Viktor Frankl, neuropsiquiatra austríaco e fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, a Logoterapia e Análise Existencial, disse certa vez que:

A auto-realização não constitui a busca última do ser humano. Não é sequer sua intenção primária. A auto-realização, se transformada num fim em si mesmo, contradiz o caráter autotranscendente da existência humana. Assim como a felicidade, a auto-realização aparece como efeito, isto é, o efeito da realização de um sentido. Apenas na medida em que o homem preenche um sentido lá fora, no mundo, é que ele realizará a si mesmo. Se ele decide realizar a si mesmo, ao invés de preencher um sentido, a auto-realização perde imediatamente sua razão de ser (Frankl, 1988, p. 38, tradução nossa).

Em sua teoria, ele elaborou o conceito de *Homo patiens*, que sublinha a capacidade humana de encontrar significado e dignidade no sofrimento. Com este conceito, ele enfatiza que, mesmo nas piores circunstâncias, a busca por sentido é uma força poderosa que pode sustentar e transformar a experiência humana.

Quanto às pulsões dionisíacas, estas se fazem presentes nas expressões de luto. Nos rituais funerários mais emocionais e espontâneos, como os cortejos fúnebres ou os ritos de lamentação intensa, vemos a pulsão dionisíaca em ação. Estas práticas refletem a necessidade humana de expressar o sofrimento, a perda e o caos emocional que a morte provoca. A própria presença de elementos naturais, como flores, guirlandas, árvores e outros símbolos da natureza nos cemitérios, bem como elementos materiais, como velas acesas que queimam até encerrarem-se, símbolos de estrelas, de flores perenes, de Ouroboros e de ampulhetas, pode ser vista como uma manifestação dessa pulsão dionisíaca, celebrando a intuição, a vida instintiva e o ciclo eterno de vida e morte.

Enquanto o espírito apolíneo visa a uma arte figurativa, escultural e tem por função, através de uma dimensão ilusória, onírica e povoada de belas imagens, esconder o aspecto sombrio e horroroso da existência humana, o dionisíaco é dimensionado pela arte dos instintos, pela potência emocional, ou melhor, pela arte não-figurada ou musical. Este último, provindo de Dioniso – o deus do informe, do desmesurado, da rebeldia dos sentidos e da exuberância – em oposição ao primeiro, não se manifesta por meio do sonho, mas de outro estado fisiológico, a embriaguez. Através dela, o *principium individuationis* é abolido, ocorrendo a união do homem com o homem e com a natureza, que se manifesta em sua força mais elevada. Tal como afirma Nietzsche, “sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a

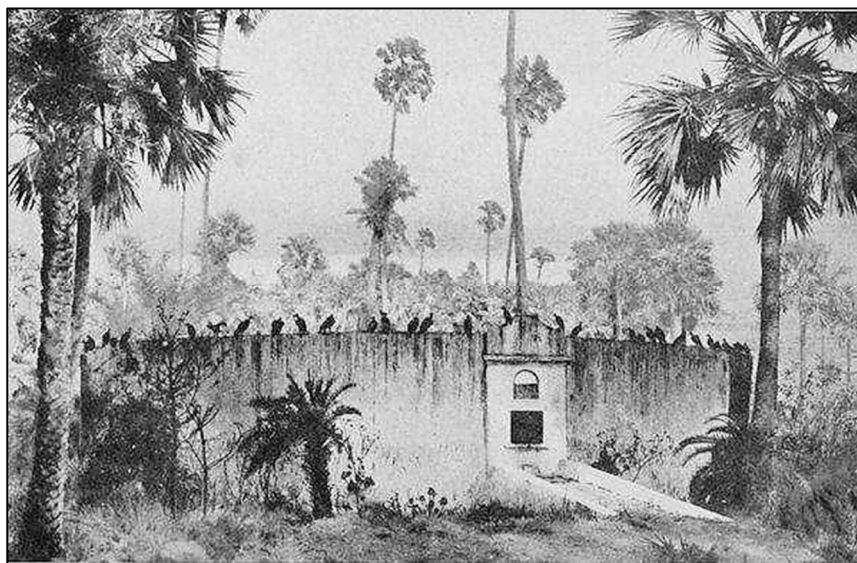
festa de reconciliação com o seu filho perdido, o homem”. O espírito dionisíaco traduz-se, pois, como instinto de aniquilação do mundo da aparência e leva à ruptura da individualização para desvelar a essência do mundo. Pela embriaguez, dissolvido o mundo das formas e das aparências, “cada indivíduo suprime-se enquanto indivíduo, identificando-se por momentos com a vida em toda a sua exuberância”. É neste estado que o indivíduo sente o prazer de existir. Embora efetivados de formas distintas, “ambos estes impulsos estéticos constituíam modos de os gregos contornarem aquilo a que Nietzsche, na seqüência de Schopenhauer, chama ‘as angústias e os horrores da existência’”. (Santos, 2006, p. 50-51)

Essa domesticação da morte (apolíneo) se manifestava no passado através de rituais e práticas que buscavam controlar e integrar a morte à vida cotidiana de forma serena e ritualizada. Através de rituais funerários bem estabelecidos, a sociedade impunha uma ordem apolínea sobre a morte, tornando-a mais previsível e menos aterrorizante. Nesse período em que a morte era mais familiar e menos temida, as práticas e rituais funerários eram parte integrante da vida social. A morte estava na praça pública e dentro e ao redor das igrejas. As pessoas eram preparadas para a morte de maneira mais apolínea, com cerimônias e símbolos que ajudavam a manter a ordem e a compreensão racional sobre a finitude da vida.

No que tange a ameaça da morte selvagem (dionisíaco), quando a morte passa a ser vista como um fenômeno selvagem e incontrolável, ela incita o medo e o caos – elementos dionisíacos. O medo da morte que não pode ser domesticada ou ritualizada leva a uma ocultação e repressão da morte na cultura moderna, refletindo a tensão entre o desejo apolíneo de ordem e a realidade dionisíaca do caos.

### Figura 5

Torre do Silêncio zoroastriana em Mumbai, foto tirada em 1880



Fonte: Site “As Torres do Silêncio – Emma Alvarado”

A repressão moderna da morte, que Ariès descreve, pode resultar em uma explosão emocional quando a morte inevitavelmente se impõe. Essa repressão e subsequente explosão refletem a dinâmica entre a tentativa apolínea de controlar a morte e a pulsão dionisiaca que desafia esse controle.

A cultura material dos cemitérios e os rituais associados à morte refletem essa contínua tensão entre as pulsões dionisiacas e apolíneas. Assim como a arte trágica, segundo Nietzsche, emerge da fusão e tensão dessas duas forças, a maneira como as sociedades lidam com a morte também resulta dessa interação. A “morte domada” de Ariès representa, então, um período em que a pulsão apolínea predominava, domesticando a morte através de rituais e simbolismos. Em contrapartida, a modernidade trouxe uma re-selvagização da morte, onde o caos e a desordem dionisiaca ressurgem, desafiando as tentativas apolíneas de controle e organização.

Assim, ao estudar a cultura material dos cemitérios e a evolução das atitudes em relação à morte, vemos um reflexo dessa complexa interação entre a ordem apolínea e o caos dionisiaco, que oferece – ou pelo menos nos dá a chance – uma compreensão mais profunda da natureza humana diante da mortalidade.

As práticas funerárias, os monumentos e os objetos enterrados com os mortos refletem para além do respeito pela memória desses falecidos, sobretudo, a maneira como as sociedades lidam ou lidaram com a inevitabilidade da morte, e talvez, como essa percepção varia de cultura para cultura e, coletivamente, pode estar em mutação ou não.

Nos tempos antigos, como Ariès mesmo observou, a familiaridade com a morte era evidente nas elaboradas práticas funerárias que buscavam tanto honrar os mortos quanto assegurar que eles não perturbassem os vivos. Contudo, com o passar dos séculos, especialmente a partir do século XI, o fenômeno da morte começou a ser visto como um evento mais privado e silencioso. Houve, portanto, uma mudança na maneira como as pessoas se relacionavam com a questão da sua própria mortalidade.

A transição de uma “morte domada” para uma “morte interdita” está presente nessa evolução dos cemitérios e nas práticas funerárias. Nos cemitérios medievais, por exemplo, os túmulos eram muitas vezes marcados por simples cruces e inscrições, refletindo a aceitação da morte como parte natural da vida. Com o advento da modernidade e das revoluções históricas, esses espaços de culto funerário começaram a se transformar em locais mais afastados e

organizados. A própria era higienista<sup>2</sup> impulsionou uma maior tentativa de controlar e esconder a morte da vida cotidiana.

Ariès aponta em seu livro *A História da Morte no Ocidente* essas alterações na concepção sobre a morte de maneira sincrônica e diacrônica.

As novas ciências do homem, bem como a Linguística, introduziram no uso corrente as noções de diacronia e sincronia, que talvez venham a nos ajudar. Como muitos outros fatos de mentalidade que se situam em um longo período, a atitude diante da morte pode parecer quase imóvel através de períodos muito longos de tempo. Aparece como uma crônica. Entretanto, em certos momentos intervêm mudanças, frequentemente lentas, por vezes despercebidas, hoje mais rápidas e mais conscientes. A dificuldade para o historiador está em ser sensível às mudanças e, ao mesmo tempo, em não se deixar obcecar por elas, nem esquecer as grandes inércias que reduzem as dimensões reais das inovações. Esse preâmbulo serve para explicar o espírito com o qual escolhi os assuntos destes quatro primeiros capítulos. O primeiro situar-se-á sobretudo na sincronia. Cobre uma longa série de séculos, da ordem do milênio. Chamá-lo-emos morte domada. Com a segunda dissertação, entraremos na diacronia: que mudanças, na Idade Média, a partir aproximadamente do século XII, começaram a modificar a atitude crônica diante da morte, e que sentido podemos dar a estas mudanças. Finalmente, as duas últimas dissertações serão consagradas às atitudes contemporâneas, ao culto dos cemitérios e dos túmulos e ao interdito lançado sobre a morte nas sociedades industriais. (Ariès, 2012, p. 31)

Essa evolução também pode ser vista nos objetos enterrados com os mortos. Nas civilizações antigas, era comum enterrar os mortos com pertences pessoais, alimentos e outros itens que poderiam ser necessários na vida após a morte. O próprio conto do Anel de Gíges mencionado pelo filósofo Platão no segundo livro de *A República* nos revela isso:

Era ele [Gíges] um pastor que servia em casa do que era então soberano da Lídia. Devido a uma grande tempestade e tremor de terra, rasgou-se o solo e abriu-se uma fenda no local onde ele apascentava o rebanho. Admirado ao ver tal coisa, desceu por lá e contemplou, entre outras maravilhas que para aí fantasiam, um cavalo de bronze, oco, com umas aberturas, espreitando através das quais viu lá dentro um *cadáver*, aparentemente maior do que um homem, e que não tinha mais nada senão um *anel de ouro na mão*. Arrancou-lho e saiu. (Platão, 2001, p. 56).

Esses objetos fornecem uma visão sobre a vida e as crenças dessas pessoas. Na era moderna, no entanto, os funerais tornaram-se mais simplificados, e os objetos pessoais enterrados com os mortos são frequentemente minimizados, refletem uma visão mais racional e distanciada da morte.

---

<sup>2</sup> Também conhecida como movimento higienista, refere-se a um período histórico, principalmente no século XIX e início do século XX, caracterizado pela promoção de políticas e práticas voltadas para a melhoria das condições sanitárias e de saúde pública nas cidades. Esse movimento surgiu em resposta às precárias condições de vida urbana decorrentes da rápida industrialização e urbanização, que contribuíram para a proliferação de doenças infecciosas e uma elevada mortalidade.

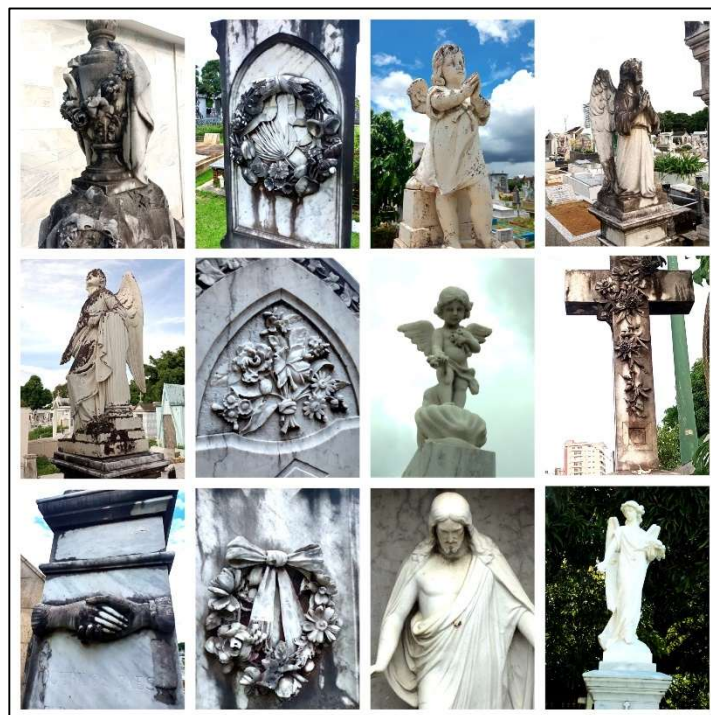
A análise dessa cultura material presente nos cemitérios nos ajuda a entender um pouco mais a história da morte, pois a cultura material detém a importância que determinados objetos possuem para determinado povo e sua cultura e, como que repositórios, estes lugares de luto e de despedida, com seus despojos mortais e as representações materiais e simbólicas de desejos dos que ficaram em relação àqueles, guardam narrativas, biografias e sentimentos privados que juntos estruturam uma espécie de mosaico pontilhista, que se visto à distância dá-se a ler ou ver alguma coisa.

É também através dessa cultura material que se cria uma identidade comum. Esses objetos [da cultura material] fazem parte de um legado de cada sociedade, e, no contexto cemiterial, são instrumentos potenciais de ressignificação sobre nossas próprias atitudes em relação ao fim de nosso gênero humano, em uma era onde a morte é frequentemente escondida e temida, ao invés de ser aceita como uma parte natural da existência humana.

Contudo, a presença além da medida de uma perspectiva dionisíaca (isto é, ligada ao caos, à emoção e à transcendência) não planejada para contemplação, mas vinculada ao puro desmazelo, observado em aspectos mais orgânicos e menos estruturados dos cemitérios, como a vegetação selvagem que cresce descontrolada, as estátuas desgastadas pelo tempo e mausoléus abandonados, acaba por arremeter ao visitante e potencial contemplador daquelas figuras o conhecido arquétipo de cemitério como lugar obscuro e nefasto, como aquele visto, por exemplo, no videoclipe “Thriller” de Michael Jackson e em inúmeros filmes de terror, e que está profundamente enraizado na cultura popular e nos mitos modernos que cercam a morte e o desconhecido. Esses elementos, que evocam a natureza incontrolável e inevitável da morte, acabam lembrando-nos de nossa mortalidade e da força bruta da vida e da morte como algo que foge do controle, como sombra agourenta que se debruça sobre nós e que é maior do que podemos medir ou abranger.

### **Figura 6**

Imagens escultóricas e símbolos de teor apolíneo, isto é, que evocam harmonia, sagrado, santidade e equilíbrio: elevação aos céus, elaboração de preces, esvoaçamento, imperturbabilidade e aceitação do desconhecido



*Fonte: Arquivo pessoal, 2023.*

Este tal arquétipo cemiterial compõe-se de vários elementos que exprimem medo, mistério e uma sensação de perigo iminente. Um cemitério ordenado, por outro lado, promoveria uma visão da morte como algo ordenado, compreensível e até belo, contribuindo, assim, para uma sensação antagônica àquela: imagem mental de paz e aceitação.

O ideal, em verdade, seria que esses elementos se encontrassem e se complementassem, de forma mais equilibrada. De forma a criar um espaço onde o fenômeno da morte pareça ser abordado ao contemplador de uma maneira mais convidativa, menos ameaçadora do que tem sido apresentada. A presença dos elementos apolíneos, na medida certa, ajuda a mitigar o medo e a repulsa instintiva que a morte pode gerar. As linhas limpas, a simetria e a arte perdidas na vandalização e deterioração tiram do espaço cemiterial a sua imagem mental de local de reflexão e de contemplação, e a morte, ao invés de ser vista como parte natural e ordenada da existência, é imaginada e visualizada como insalubre, deletéria, processo a ser ostracizado e exilado de todo o convívio social.

Esses elementos dionisíacos reintroduzem a dimensão emocional e visceral da morte, mas devem ser trazidos à baila na medida certa, pois ao invés de assombrarem, devem render aos visitantes a concepção inevitável de que, por mais que tentemos, nunca poderemos completamente domesticar ou racionalizar o mistério da morte, mas que, ainda assim, não devemos temê-la, mas tê-la em mente como objeto que está presente nos mínimos detalhes da

vida, a fim de lembrar-nos do tempo que passa e que merece ser melhor aproveitado, como quando na antiguidade clássica os filósofos estoicos elaboraram a expressão latina *Memento mori*, “lembra-te de que é mortal” ou “de que morrerá” ou, *ipsis litteris*, “lembre-se da morte”.

A desordem e a natureza selvagem controladas servindo de contraponto à ordem apolínea, como presente em cemitérios como o Père Lachaise, cemitério de Paris, e o Highgate, de Londres, que ao serem promovidos, celebrados, conservados e bastante referenciados, nos evidencia que, a despeito das crenças modernas, os vivos e os mortos podem sim coexistir, sugerindo, por isso, que a morte é, da sua forma, também um retorno ao caos e à natureza que não necessariamente são ruins. Ao ser confrontado tanto com a ordem apolínea quanto com o caos dionisíaco em justa medida, portanto, o indivíduo é levado a uma compreensão mais profunda e equilibrada do caráter da morte. Logo, ela deixa de ser vista tão-somente como repulsiva e selvagem, um “interdito”, e começa a ser aceita como parte natural e integral da vida.

Nestes termos, cemitérios que incorporam e contrabalançam elementos apolíneos e dionisíacos oferecem mais espaço para a reconciliação com a morte. Ela deixa de ser meramente um fim temível – ou pelo menos se ameniza esta intelecção –, torna-se transformação que, embora misteriosa e incontrolável, pode ser enfrentada e por isso é mais facilmente aceita com uma certa serenidade e compreensão que dão ao moribundo e àquele que o cuida um pouco mais de dignidade.

Contudo, a presença de objetos depredados e deteriorados, árvores mortas, dejetos humanos, resíduos, detritos e entulhos, buracos, mato alto e terras remexidas em um cemitério contribui para uma impressão mental de desordem e caos, evocando sentimentos de irracionalidade, anarquia e confusão. Esses elementos contrastam fortemente com a imagem ideal de um cemitério, que em teoria é esse lugar de descanso e serenidade. Desafiam nossas percepções sobre a morte e maculam os espaços dedicados à memória. Lápides quebradas, mausoléus em ruínas e bancos vandalizados, sugerem abandono. Para indivíduos tocados pelo luto e pelo sofrimento, esse cenário pode ser perturbador, desolador. A degradação desses objetos remete a uma perda de ordem e controle, onde as forças do tempo e do descaso humano se impõem sobre os esforços de preservação e homenagem.

### **Figura 7**

Imagens escultóricas e símbolos de teor dionisíaco, isto é, que evocam natureza desinibida, agitada, espontânea e instintiva: tristeza, angústia, soturnez, lamento, desconsolo, juventude interrompida e natureza morta



*Fonte: Arquivo pessoal, 2023.*

Árvores mortas e de raízes profundas (no lugar de um espécime que não prejudica o solo cemiterial), em conjunto com a vegetação não controlada, reforçam essa sensação de abandono e negligência. A natureza, quando não controlada, pode parecer selvagem e ameaçadora ao observador, simbolizando o retorno ao caos primordial. As árvores mortas, em particular, podem ser vistas como símbolos da própria morte, mas de uma maneira que sugere desolação e desespero em vez de paz e continuidade.

Dejetos humanos, resíduos e detritos espalhados pelo cemitério acrescentam uma camada de profanação e desrespeito. De um espaço de contemplação, o cemitério vira ambiente de repulsa e desconforto. Aspectos físicos do espaço – como buracos e erosões no terreno – reforçam a ideia de que não há ordem nem manutenção adequada, criam uma sensação de instabilidade. O terreno irregular e perigoso amalgamado ao luto e à dor podem simbolizar a incerteza e a imprevisibilidade da própria morte, afastando-se da imagem de descanso final tranquilo. A anarquia e a confusão aí presentes desafiam nossas tentativas de racionalizar e domar a morte. Força-nos a confrontar a realidade de que, por mais que tentemos, nunca poderemos completamente controlar ou entender a morte em toda a sua complexidade e mistério. Por isso, deixam-nos mais perto de uma atração pelo abismo, pelo desconhecido, e pelo caos.

### Figura 8

Objetos depredados e deteriorados, árvores mortas, dejetos humanos, resíduos e detritos, buracos, erosões no solo e mato alto: elementos que rendem ao contemplador sentimentos de desordem, de irracionalidade, anarquia e confusão, e que, por isso, podem colaborar para a percepção da morte como um tabu



*Fonte: Arquivo pessoal, 2023.*

O observador é confrontado com a realidade crua e não filtrada da mortalidade e da passagem do tempo. Esse encontro com o caos desperta uma curiosidade mórbida e um impulso de explorar o que está além da ordem e da racionalidade cotidiana. Essa desestabilização da realidade cotidiana – rendida pela quebra dessas expectativas e a exposição ao caos – pode levar o observador a questionar as normas e estruturas que sustentam sua compreensão do mundo. É um tipo de consciência da morte que desperta um impulso irracional de se conectar com o abismo existencial.

Ainda, a desordem e o abandono em um cemitério podem fazer o observador se sentir pequeno e insignificante diante da vastidão do tempo e da natureza. A sensação de que tudo está destinado à decadência e ao esquecimento acaba por induzi-lo a um estado de melancolia e uma atração pelo vazio, pela ideia de se lançar no desconhecido como uma forma de escape ou rendição à inevitabilidade do caos. E o caos externo pode espelhar o caos interno, isto é, o

ambiente desordenado pode ressoar com estados emocionais internos do observador, especialmente se ele estiver passando por momentos de confusão, depressão ou desespero. A atração pelo vazio, então, será potencialmente vista como uma forma de aliviar ou expressar essa turbulência emocional.

A “morte domada” de Ariès sugere uma percepção da morte que é integrada e aceita dentro do tecido da vida cotidiana. Tradicionalmente, essa ideia pode parecer alcançável principalmente através de uma abordagem apolínea, que enfatiza essa ordem, racionalidade e serenidade. No entanto, para que a morte seja verdadeiramente domada na percepção coletiva, é essencial buscar um equilíbrio entre os elementos apolíneos e dionisíacos. O apolíneo, com sua ênfase na harmonia, na clareza e na forma, certamente desempenha uma função categórica ao proporcionar um senso de estrutura e tranquilidade diante da morte. Monumentos bem cuidados, rituais ordenados e paisagens serenas dos cemitérios contribuem para uma sensação de tranquilidade e aceitação. Eles oferecem um cenário onde a morte é vista como uma passagem natural, compreensível e digna.

Contudo, a integração completa da morte na nossa percepção coletiva exige também a presença do dionisíaco, mas não apenas em sua manifestação caótica, como também e sobretudo em suas expressões vibrantes, entusiásticas e criativas. O dionisíaco representa a vitalidade, a fecundidade e a energia criativa que permeiam a vida e, por extensão, a morte. O dionisíaco, quando associado à fecundidade, celebra a continuidade da vida através da morte, um retorno ao ciclo eterno da natureza. Celebrações e rituais que incorporam música, dança e outras formas de arte – decerto, de maneira mais clássica, contida, discreta e despretensiosa –, por exemplo, podem recontextualizar a morte. Essas atividades trazem uma dimensão de entusiasmo e inspiração que contrasta e complementa a serenidade apolínea.

A presença do dionisíaco também incentiva uma aceitação mais profunda e emotiva da morte. Ele nos convida a abraçar nossas emoções, a vivenciar plenamente o luto, a alegria, a lembrança e a transformação. Essa aceitação emocional e criativa da morte ajuda a integrar a experiência da perda de forma mais completa, permitindo que a dor e a saudade sejam expressas e transformadas em inspiração e renovação. Necessidade esta que com o crescimento do cristianismo – reafirmador da castidade, do sacrifício e da autonegação e repressor do prazer e do desejo – foi degradada e deixada de lado, como referenciado na controversa Bíblia Satânica de Anton LaVey:

As religiões do passado sempre representaram a natureza espiritual do homem, com pouca ou nenhuma preocupação com suas necessidades carnis ou mundanas. Elas consideravam esta vida apenas transitória e a carne meramente uma casca; o prazer

físico como trivial e a dor como uma preparação valiosa para o Reino de Deus. (LaVey, 2005, p. 48, tradução nossa).

A necessidade de reavaliar e resgatar a dimensão dionisíaca da morte torna-se evidente quando consideramos as práticas e perspectivas espirituais e religiosas que influenciaram a sociedade contemporânea. O cristianismo, com sua ênfase na castidade, no sacrifício e na autonegação, desempenhou até aqui um papel significativo na maneira como a morte e o corpo foram entendidos e experienciados. A visão cristã tradicional frequentemente desvalorizava os aspectos carnis e prazerosos da existência, relegando-os a uma posição secundária em relação à salvação da alma e à preparação para a vida após a morte.

No entanto, apesar de antagônico à visão cristã, o excerto de LaVey nos evidencia que há uma parte de nós que não se pode ignorar no entendimento dessa dialética entre vida e morte. Ao propor uma contraposição provocativa a essa visão, ele sublinha a importância das necessidades carnis e mundanas do ser humano, e argumenta que as religiões tradicionais negligenciaram esses aspectos fundamentais da vida, ao promoverem uma visão de existência que aliena o indivíduo de sua própria natureza física e emocional. Esta crítica nos leva a reconsiderar como podemos integrar de forma mais holística as dimensões apolíneas e dionisíacas na nossa compreensão da morte.

Ao trazer para o primeiro plano a vitalidade e a criatividade dionisíacas, para além de desafiar as normas estabelecidas, reconhecemos a complexidade da experiência humana. Celebrações que incluem música, dança e outras formas de expressão artística oferecem maneiras tangíveis de reconectar com a alegria de viver, mesmo na presença da morte. Essas práticas permitem uma vivência mais completa e equilibrada da perda, onde a dor é sentida profundamente, mas também transformada em uma força criativa que celebra a continuidade da vida.

A serenidade e a clareza proporcionadas pelo apolíneo devem ser complementadas pela vitalidade e fecundidade do dionisíaco. Esse equilíbrio deve não só honrar a complexidade da experiência humana, mas permitir uma aceitação mais profunda e completa da morte como parte integral da vida. Assim, ao incorporar tanto serenidade quanto vitalidade, racionalidade quanto emoção, clareza quanto criatividade, pode-se integrar a morte em um cemitério de maneira mais holística e enriquecedora na percepção coletiva, criando o ensejo da mudança de um tabu em uma dimensão que é profundamente humana e inspiradora.

### **1.7 Signos e símbolos cemiteriais e o papel que exercem na apreciação estética e na perspectiva cultural amazonense**

A simbologia cemiterial é uma linguagem silenciosa, tácita, que se expressa nas esculturas, epitáfios, formas e ornamentos dos túmulos. Cada símbolo, seja ele um anjo, uma cruz, uma pomba ou uma urna, carrega consigo significados profundos, que vão além do mero aspecto decorativo. No Amazonas, a presença de elementos iconográficos que remetem ao sincretismo religioso, à relação do homem com a natureza, e às influências abraâmicas e cristãs, são visíveis em muitos cemitérios, e isto se dá sobretudo no Cemitério Municipal de São João, sendo ele, talvez, o maior representante na região de um aspecto plurirreligioso e multiconfessional.

O termo *plurirreligioso* descreve adequadamente o cemitério pela sua capacidade de integrar manifestações de diversas religiões em um mesmo espaço físico. Cruzando seus caminhos e túmulos, é possível encontrar símbolos que evocam tradições cristãs – como a cruz e imagens de santos – e signos que remetem às religiões abraâmicas, como o islamismo e o judaísmo. Esse pluralismo religioso é uma característica marcante da cultura local, que abarca uma diversidade de crenças e, ainda que não se ponha em debate, valoriza a liberdade espiritual de seus cidadãos, permitindo que todos encontrem, em seus rituais fúnebres, uma maneira de honrar seus mortos conforme suas tradições.

Ademais, o caráter *multiconfessional* do São João se revela na convivência harmoniosa entre diferentes confissões religiosas dentro de seus muros. Os ritos de sepultamento variam conforme a confissão religiosa dos falecidos, respeitando as particularidades de cada grupo. Um exemplo disso é a coexistência de túmulos católicos, com suas estátuas de anjos e imagens de santos, ao lado de tumbas que seguem tradições evangélicas, onde a ornamentação costuma ser mais sóbria, e de sepulturas de religiões afro-brasileiras, onde as oferendas e ex-votos ligados aos orixás expressam devoção e conexão com o espiritual.

A apreciação estética desses símbolos liga-se intimamente à maneira como o visitante ou pesquisador se conecta com o passado, com as narrativas históricas locais e com as expressões de luto e de espiritualidade. Culturalmente, esses símbolos cemiteriais refletem a complexidade existente nas relações sociais e espirituais da região. A coexistência de diferentes culturas – indígenas, caboclas, africanas e europeias – pode ser observada na diversidade de elementos artísticos que estão presentes em lápides e jazigos. Tal pluralidade contribui para uma compreensão mais ampla do que é a identidade amazônica, pois valoriza-se aí tanto o culto aos antepassados quanto as crenças sobre o pós-vida.

Ainda, apesar de o Cemitério Municipal de São João se configurar como um espaço plurireligioso e multiconfessional, as representações de religiões de matriz africana são notavelmente ausentes nos símbolos e signos presentes em jazigos e sepulturas. Essas tradições religiosas encontram lugar apenas nas expressões temporárias de fé, como ex-votos e oferendas deixadas em rituais específicos. Essa ausência se explica, em parte, pela aceitação mais recente dessas religiões na sociedade, refletindo um movimento de valorização simbólica que ganhou força apenas no século passado. Como resultado, a presença simbólica dessas crenças permanece rara, sendo quase inexistente nos elementos duradouros do cemitério.

Ao reconhecer esses signos e símbolos cimiteriais como parte integrante do patrimônio cultural amazonense, torna-se possível compreender o próprio Cemitério São João, para além de apenas um espaço de morte, como um local de vivência histórica e estética. Esse espaço é marcado por uma diversidade de estilos artísticos e arquitetônicos que refletem as influências culturais e religiosas ocorridas na região. Entre esses estilos, destacam-se o neogótico, com suas formas imponentes e dramáticas; o *kitsch*, presente nas ornamentações excessivas e exuberantes de alguns túmulos; e a arquitetura oriental, que evoca tradições do extremo Oriente. Além disso, há a presença de elementos islâmicos e judaicos, que conferem ao cemitério uma pluralidade estética e simbólica única, reforçando seu caráter multiconfessional e sincrético.

Essa mistura de estilos arquitetônicos e simbólicos contribui ainda mais para uma experiência de imersão do visitante. Mausoléus ornamentados com esculturas de figuras religiosas (cristãs, islâmicas ou judaicas) ou alegóricas, como santos, anjos e figuras da Virgem Maria, convivem com símbolos menos tradicionais, como árvores, pássaros e flores. Esse diálogo entre o espiritual e o natural reforça o vínculo da população amazonense com sua terra e suas crenças. Cria uma identidade visual e cultural única que merece ser explorada.

Assim, no São João, o passado é continuamente ressignificado pelas gerações presentes e futuras. Essa ressignificação se dá de múltiplas formas, desde a manutenção e preservação dos túmulos, até a visitação, que em muitos casos assume um caráter turístico ou de reflexão espiritual. Nos cemitérios amazonenses, especialmente em cidades maiores como Manaus, percebe-se um interesse crescente pelo seu valor patrimonial. Esse interesse se reflete tanto nas iniciativas de preservação de túmulos históricos e de figuras importantes da história local, quanto na curiosidade por símbolos que narram, de forma implícita, a vida, as crenças e os valores de gerações passadas.

### **Figura 9**

Representação tradicional da Natividade, com Maria e o menino Jesus na manjedoura, ao lado de José, cuja imagem está parcialmente danificada.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Nesses termos, dá-se a pensar se, em sendo plurirreligioso e multiconfessional, o São João também não se faz *ecumênico-sincrético*, palavra composta esta que une duas ideias complementares que ajudam a descrever espaços ou fenômenos onde múltiplas tradições religiosas coexistem ou se misturam:

1. **Ecumênico**: este termo originalmente se refere à busca de unidade e cooperação entre diferentes denominações cristãs, mas, em contextos mais amplos, pode ser usado para descrever um ambiente de diálogo e convivência entre diversas religiões, não apenas entre as variantes cristãs. Um cemitério ou espaço que acolhe várias tradições religiosas pode ser chamado de ecumênico no sentido de promover essa convivência pacífica e inclusiva.
2. **Sincrético**: o sincretismo descreve a fusão de elementos de diferentes tradições religiosas em um só conjunto. No contexto de um cemitério, essa ideia se refere à mistura e sobreposição de símbolos e práticas de diversas religiões, resultando numa integração de crenças e valores de diferentes culturas.

Assim, além de acolher várias tradições, o São João também reflete uma mistura dessas influências, o que resulta em uma paisagem religiosa rica e diversa.

Destaca-se ainda que cemitérios amazônicos como o São João, em sua simbologia, narram as desigualdades sociais e econômicas presentes na região. Mausoléus luxuosos e

ornamentos requintados, muitas vezes localizados nas áreas mais centrais dos cemitérios, contrastam com os túmulos mais simples, que são encontrados em áreas periféricas. Esses espaços de sepultamento menos privilegiados costumam apresentar símbolos mais modestos, como cruzeiros de madeira ou adornos simples, que, embora menos elaborados, não deixam de carregar significados profundos para as famílias que ali prestam suas homenagens.

Portanto, o estudo dos signos e símbolos cemiteriais no Amazonas proporciona uma compreensão ampliada do contexto cultural e histórico da região. Eles funcionam como mediadores de memória e revelam aspectos intrínsecos da identidade amazonense, marcada por suas tradições híbridas, pela reverência à natureza e pelas complexas interações sociais e espirituais. Mais do que elementos estéticos, esses símbolos são fragmentos da história, que, preservados em pedra e mármore, permitem que futuras gerações revisitem e reinterpretam o passado de suas comunidades.

Além disso, a estética cemiterial amazonense, quando apreciada de forma reflexiva, traz à tona questionamentos sobre a própria relação da sociedade com a morte, o luto e a espiritualidade. Para além do culto aos mortos, os cemitérios são espaços de contemplação, de encontro com a memória e, em muitos casos, de valorização do patrimônio cultural. Assim, ao investigar os signos e símbolos presentes nos cemitérios, não estamos apenas desvendando códigos visuais, mas nos conectando com a profunda teia de significados que compõe o imaginário cultural da Amazônia.

Italo Calvino, por exemplo, propõe que os elementos do mundo, sejam eles concretos ou abstratos, não existem isoladamente, mas em relação constante. Essa contiguidade – que ele chama de *contiguidade universal* – sugere que as experiências humanas, os objetos e os fenômenos compartilham ligações e se influenciam mutuamente, formando uma teia de interdependência. Por exemplo, um simples detalhe de uma cidade pode evocar memórias, histórias ou ideias que transcendem aquele lugar específico, conectando-o a um universo maior.

Esse pensamento também se relaciona à ideia de que o mundo é compreendido não só pelo que está visível e próximo, mas pelas relações entre o que se percebe e o que se intui, o que é dito e o que é omitido.

Calvino diz

A contiguidade entre deuses e seres humanos – parentes dos deuses e objeto de seus amores compulsivos – é um dos temas dominantes das *Metamorfoses*, mas não passa de um caso particular da contiguidade entre todas as figuras ou formas de tudo o que existe, antropomórfas ou não. Fauna, flora, reino mineral, firmamento englobam em sua substância comum aquilo que costumamos considerar humano enquanto conjunto de qualidades corpóreas, psicológicas e morais. (Calvino, 2007, p. 31-32)

Nos cemitérios amazonenses, encontramos uma diversidade de símbolos que, ao longo dos anos, passaram a constituir uma linguagem própria e essencial para o entendimento da relação dessa sociedade com a morte, a memória e a espiritualidade. Abaixo, examinou-se alguns dos símbolos mais comuns e seus significados para o imaginário e a herança cultural local.

Primeiramente, destacam-se as *cruzes*, que são símbolos universais da fé cristã e estão presentes em certamente todos os cemitérios da região. Representante da interseção do plano material com o transcendental em seus eixos perpendiculares, a cruz, este símbolo cristão é, ao mesmo tempo, um marcador de respeito pela ancestralidade e pela natureza – elementos fundamentais para a espiritualidade local. Ainda, um elemento em especial que costuma aparecer comumente na paisagem do Cemitério São João é a cruz celta ou cruz irlandesa. É uma cruz com uma espécie de anel que divide o objeto em quatro partes. A divisão isonômica dessas partes, unificadas pelo círculo, simboliza a eternidade e o equilíbrio da existência, sugerindo que a vida persiste além da morte e apesar da morte. As quatro seções remetem, ainda, aos elementos fundamentais para a vida: água, terra, fogo e ar.

### Figura 10

Símbolo de espiritualidade e união entre o sagrado e o terreno, a cruz celta representa as raízes culturais e a eternidade da vida, onde o círculo envolve a cruz em um ciclo infinito.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Outro símbolo recorrente é o dos *anjos* e *querubins*. Esses seres celestiais são representados em estátuas que protegem os túmulos, a fim de trazer uma sensação de conforto e proteção espiritual aos familiares. Na cultura amazonense, esses anjos costumam ser esculpidos em posturas de oração ou vigília, reforçando a ideia de que a morte é uma passagem protegida por figuras sagradas, ou mesmo, conduzidas por tais, aqueles a quem chamamos, no início desta dissertação, de psicopompos.

Na maioria das tradições religiosas e esotéricas, psicopompos são aqueles que acompanham e conduzem a alma do falecido ao seu destino final, garantindo que essa transição seja feita de maneira segura. Na angelologia, os anjos cumprem essa função, especialmente os arcanjos, que são considerados mensageiros divinos e guias das almas. Em várias escrituras e mitologias, como na Bíblia e no Talmude, anjos específicos, como o Arcanjo Miguel, são atribuídos com a função de conduzir as almas, e a de oferecer também conforto durante o processo de transição.

Os querubins, por outro lado, embora frequentemente retratados como guardiões do sagrado, também desempenham um papel de proteção espiritual. No contexto de psicopompos, eles são vistos como aqueles que guardam e guiam não apenas o caminho da alma, mas também o lugar para onde ela é conduzida, protegendo o acesso ao sagrado e ao divino. No misticismo judaico, por exemplo, eles aparecem no Jardim do Éden como guardiões, um simbolismo que sugere o cuidado em zelar por almas em trânsito entre o profano e o divino.

Além disso, o papel dos querubins é também figurativo: eles representam a pureza e a inocência, atributos que simbolicamente confortam a alma e a libertam de suas angústias terrenas. Em algumas tradições esotéricas, eles não apenas guiam, mas transformam a própria alma, purificando-a para que alcance um estado elevado. Esse conceito é encontrado em tradições cristãs, mas também no gnosticismo e no esoterismo ocidental, onde os anjos e querubins são vistos como emanações de luz e pureza.

Em suma, a atuação dos anjos e querubins como psicopompos reflete a ideia de que a passagem entre a vida e a morte é protegida e sagrada. Eles guiam as almas, assegurando que o destino delas seja alcançado em paz, e simbolizam a reconciliação com o divino. É interessante notar que, por vezes, esses anjos podem vir acompanhados de adereços que remetem a elementos da fauna e flora, como folhas e pequenos pássaros esculpidos, que intentam unir o espiritual e o natural de maneira muito característica.

### Figura 11

Guardiões silenciosos, esses seres celestiais simbolizam proteção, paz e a esperança de uma vida que transcende a morte, oferecendo consolo aos que visitam e homenageiam seus entes queridos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Já as *representações de elementos naturais*, como árvores, flores e frutos, são outro aspecto particular dos cemitérios amazonenses. Apesar de toda sorte de espécies endêmicas que temos nesta região, o Cemitério São João se vê repleto de coisas que não estão à vista. Onde está o uirapuru? Onde está a arara? Onde está o guaraná, o açaí e a vitória-régia? Vê-se corujas, pombas-brancas, rouxinóis e andorinhas, e dentre as flores, ciprestes, cravos, crisântemos, margaridas, oliveiras, rosas e heras, e até mesmo guirlandas, uma iconografia que apesar de magnânima, não nos mostra aquilo que vemos por aqui. São todos símbolos de origem europeia, que refletem uma visão muito específica do que era valorizado e idealizado durante o período de sua construção. Em um contexto cultural e social marcado por influências do Velho Mundo, a escolha dessas representações revela uma tendência de exaltação e reprodução da estética europeia, em detrimento da riqueza simbólica e natural das espécies endêmicas da Amazônia.

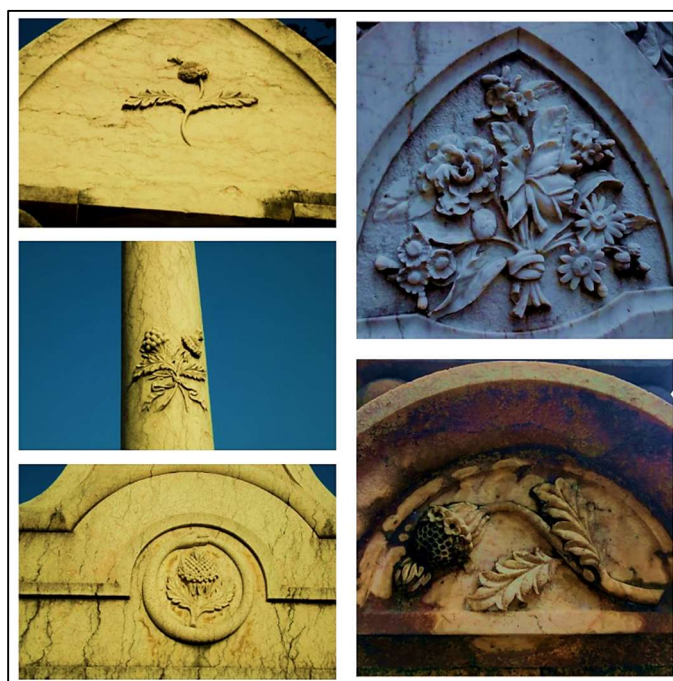
Na floresta amazônica, encontramos uma vasta diversidade de flora e fauna que vão muito além do que a iconografia europeia retratada no cemitério poderia sugerir. São espécies que carregam significados profundos e uma relação intrínseca com o ecossistema e as tradições locais. No entanto, ao invés de exaltar a flora regional, que poderia ter se tornado parte da simbologia desses túmulos, optou-se por *reproduzir* uma iconografia importada que espelhava um imaginário distante e elitista, negligenciando o valor do que era genuinamente amazônico.

Este fenômeno não se limitava apenas à estética: ele era também reflexo de uma ideologia que muitas vezes via o caboclo e o regional como “inferiores” ou “menos dignos” de se serem celebrados e imortalizados. A cultura local, com suas crenças, tradições e relação única com a natureza, era frequentemente tratada como algo a ser “purificado” ou “civilizado”, enquanto os padrões do Velho Mundo eram idealizados e considerados superiores. Esse preconceito cultural se traduziu, no caso do cemitério, em uma visão que rejeitava a iconografia regional e preferia “embelezar” os túmulos com as flores exóticas e os arranjos simbólicos de outros continentes.

Esses símbolos refletem a relação íntima entre a população e a biodiversidade regional. A seringueira, árvore símbolo da região, é, por vezes, esculpida ou pintada em lápides como sinal de resistência e adaptação – características valorizadas pela população. As flores, principalmente as palmeiras e orquídeas, são usadas para expressar beleza e fragilidade da vida, enquanto alguns frutos refletem prosperidade, nobreza, beleza e precocidade.

### Figura 12

Representações de elementos naturais celebram a conexão com a natureza e simbolizam o ciclo contínuo da vida, refletindo a harmonia e a renovação presentes mesmo em espaços de despedida.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Muito comumente também são encontradas *ampulhetas aladas*, ela carrega uma poderosa mensagem sobre o caráter efêmero da vida e a inevitabilidade do tempo. A ampulheta

em si representa o ciclo da vida, com a areia que inevitavelmente cai, sugerindo que todos estamos sujeitos ao fluxo contínuo do tempo, e que este é finito para todos. As asas adicionam outra camada de simbolismo: representam o voo, a liberdade e a elevação espiritual. Em cemitérios, as asas da ampulheta sugerem que o espírito se liberta do corpo ao fim do ciclo terreno, partindo para outra dimensão. Isso reflete uma visão de continuidade ou transcendência da vida, onde a morte não é o fim absoluto, mas uma passagem para algo além.

### Figura 13

Com suas asas, a ampulheta simboliza a transitoriedade da vida e a libertação da alma, lembrando-nos da passagem do tempo e da continuidade espiritual além da existência terrena.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Na iconografia cemiterial, a ampulheta alada serve também como um lembrete de um importante mote latino que ressalta a importância de valorizar o presente, pois o tempo é um recurso que se esgota. Ele se chama *Memento mori*, ou *Lembra-se de que és mortal*, e reforça a ideia de que a existência é frágil e que devemos viver em harmonia com o ciclo natural da vida, aceitando a passagem do tempo com serenidade. Assim, a ampulheta alada adquire um valor tanto estético quanto meditativo, transmite uma mensagem de reflexão e aceitação do destino humano.

Ainda, os *suplicantes* são encontrados em muitos cemitérios e possuem uma simbologia rica e profundamente associada aos sentimentos humanos de devoção, esperança e saudade. Comumente representadas em posições de oração, lamento ou com as mãos estendidas ao céu, essas figuras evocam uma postura de humildade e reverência diante da eternidade e do

desconhecido. Em um contexto cemiterial, elas personificam a conexão espiritual dos vivos com aqueles que partiram, funcionando como intermediárias entre o terreno e o sagrado.

### Figura 14

Em gestos de devoção e reverência, essas figuras simbolizam a esperança, o pedido por paz e a conexão espiritual entre o terreno e o divino, evocando conforto e introspecção.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Essas figuras simbolizam a súplica pela paz da alma e o desejo de proteção para os entes queridos, tanto para aqueles que se foram quanto para os que ficaram. Em muitas culturas, o gesto suplicante também representa o pedido por misericórdia divina e a esperança de que a jornada após a morte seja serena e protegida. Em regiões onde a tradição cristã é forte, as figuras suplicantes frequentemente remetem aos santos e mártires, reforçando a ideia de sacrifício e elevação espiritual.

Por sua natureza evocativa, as figuras suplicantes no cemitério acabam exercendo também um papel estético que transmite introspecção e empatia. Ao expressarem sentimentos tão universais, elas ajudam a criar uma atmosfera de reflexão e conforto, que conectam os visitantes ao senso de continuidade e espiritualidade que permeia o espaço cemiterial.

Por fim, as figuras dos *lamuriadores*, representadas como personagens que lamentam a perda de entes queridos, carregam uma simbologia tocante e complexa nos cemitérios. Comumente esculpidas em posturas de profunda tristeza, com cabeças baixas ou rostos cobertos pelas mãos, os lamuriadores expressam o sofrimento e a saudade deixados pela partida de alguém querido. Esse simbolismo nos cemitérios reflete o impacto universal do luto e dá forma a um sentimento que atravessa o tempo e as culturas.

Os lamuriadores são lembranças da fragilidade e da intensidade das relações humanas, reforçando que a dor da perda é um sentimento legítimo e compartilhado. Em algumas tradições, essas figuras também assumem um papel de mediadoras entre os vivos e os mortos, como se fossem vozes que expressam as emoções daqueles que, em silêncio, guardam a memória dos que se foram.

### Figura 15

Em expressões de profunda saudade e lamento, essas figuras simbolizam a dor universal da perda, oferecendo um tributo silencioso aos laços eternos entre os vivos e aqueles que partiram.



*Fonte: Arquivo pessoal, 2023.*

Além de sua carga emocional, as representações dos lamuriadores possuem também um valor estético, que intensifica o clima de introspecção de quem os contempla. Com rostos expressivos e posturas de lamento, eles atuam como guias emocionais para os visitantes, permitindo que estes encontrem, através da arte cimiterial, um espaço de acolhimento e reconhecimento da sua própria dor, como um reflexo de si mesmo ou do seu próprio estado de espírito.

Esses signos, portanto, carregam consigo muito mais que uma mera função estética: eles são expressões visíveis de um patrimônio simbólico, de uma maneira de ser enquanto em luto. Ressaltam tanto a espiritualidade do indivíduo quanto a interconexão dos estados emocionais com a natureza. A análise desses símbolos, aliás, nos permite compreender como os cemitérios

se tornam locais de memória e reflexão, expressando por meio de sua iconografia a relação única que uma sociedade tem com a morte e a possibilidade de continuidade da vida.

Nestes termos, a presença de signos e símbolos em cemitérios vai muito além de sua função decorativa; ela transforma todo o espaço em um santuário de reflexão e contemplação. Esses elementos simbólicos – anjos, cruzes, ampulhetas aladas, figuras suplicantes e lamuriadores – criam uma estética única e significativa, enriquecedora da experiência dos visitantes, além de despertar a sensibilidade dos estudiosos. Criam um arcabouço simbólico, que atinge o emocional e o espiritual dos contempladores. Esse arcabouço funciona como uma rede de significados que dialoga silenciosamente com quem transita pelo local. Ele proporciona uma atmosfera de reverência e contemplação, ao evocar memórias e sentimentos universais como saudade, luto e esperança.

Essa rede simbólica toca a maioria das pessoas de forma muito profunda, uma vez que elas relacionam aquilo que veem com aquilo que sentem em relação aos seus entes queridos. A experiência estética dos signos e símbolos também é reflexiva, capaz de alterar o estado emocional desses visitantes. Ao guiar o olhar e os pensamentos, cria-se estados de acolhimento e introspecção, que levam cada pessoa a confrontar sua própria percepção sobre vida, morte e continuidade da existência.

Cada detalhe visual carrega mensagens diferentes para pessoas diferentes. Podem ter a mesma essência, visualizar-se como o mesmo signo, mas o significado e o significante tocam diferentes aspectos da existência humana e da espiritualidade.

A presença desses símbolos cemiteriais, então, oferece uma camada rica de análise reveladora de traços da identidade cultural, religiosa e histórica de uma sociedade. Neste caso, a sociedade amazonense, suas lutas, suas crenças, suas transições e épocas de carestia e prosperidade. Apesar de não se ver aspectos propriamente ditos desta cultura, pode-se lê-la através dos traços, dos ornamentos, da opulência com que se estendem ou da simplicidade que se mantém em cada símbolo. As lápides e esculturas funerárias revelam, de forma sutil, as marcas de períodos de abundância e escassez, refletindo os valores sociais e econômicos que moldaram a história local. Em tempos de crise, por exemplo, é comum observar ornamentos mais modestos, enquanto em épocas prósperas, a opulência nos detalhes e materiais nobres predominam, destacando o desejo de honrar os mortos com beleza e dignidade.

Dessa maneira, o cemitério se torna um registro tangível, onde cada elemento arquitetônico e simbólico conta histórias da evolução de uma sociedade e das mudanças em suas crenças e práticas ao longo das gerações. Ele é, portanto, um espaço onde o passado e o

presente se sobrepõem, eternizando a memória coletiva e contribuindo para uma compreensão mais abrangente da cultura e identidade da região.

Os traços vistos, também, permitem que se compreenda melhor como diferentes grupos entendem o fenômeno da morte, o luto e a própria continuidade da vida pós-luto, especialmente quando esses elementos atrelam-se à práticas e tradições locais. A estética simbólica, portanto, para além de embelezar o espaço, também transforma o cemitério em um patrimônio cultural vivo. Compõe-se através de signos e símbolos uma narrativa visual que preserva memórias e comunica valores de maneira sensível e duradoura, e que permitem que visitantes e estudiosos vejam o cemitério como um local onde a memória é preservada com dignidade e reflexão.

Assim, o cemitério torna-se local de pertencimento, onde as pessoas se conectam com suas raízes e com as histórias daqueles que vieram antes. Os signos cemiteriais, que remetem à memória e à passagem do tempo, atuam como elos simbólicos entre gerações, uma vez que preservam valores, crenças e memórias que atravessam o tempo. Cada detalhe, cada símbolo, oferece uma janela para a história, em refletindo períodos de transformação, resistência e identidade cultural. Esse espaço torna-se, de tal modo, um patrimônio compartilhado, onde encontra-se consolo, herança e uma ligação com o ideal de continuidade em suas múltiplas expressões.

Em suma, esses espaços, para além de guardarem histórias individuais, são testemunhos materiais de épocas, crenças e valores que moldaram a sociedade. A conservação desses elementos, desde esculturas e lápides até os símbolos e inscrições, protege esse patrimônio da erosão do tempo e do esquecimento. Além disso, cemitérios históricos como atrações turísticas promovem um tipo de turismo que não apenas respeita, mas educa. Aquele que visita têm a oportunidade de aprender sobre herança local, explorar as narrativas esculpidas em cada monumento e compreender a evolução dos costumes e tradições. Dessa forma, o turismo praticado ali valoriza o espaço, bem como oferece ao público uma conexão sensível e autêntica com um passado que, de certa forma, contempla a morte, mas que não está morto, pois moldou e ainda molda todo aquele que se debruça sobre o seu sistema simbólico. Uma linguagem visual que apesar de ter significados privativos a cada um, é, mesmo assim, acessível a todos, e que, além de embelezar, também comunica.

## **CAPÍTULO 2 – O CEMITÉRIO ENQUANTO DESTITUÍDO DA CULTURA E DA MEMÓRIA**

## 2.1 Introdução

Talvez não haja uma fonte mais rica de história acerca de uma determinada comunidade que o espaço cemiterial. De fato, uma boa porção de monumentos históricos que ajudam a entender o comportamento de um povo são, na verdade, construções funerárias. A título de exemplo, temos as Pirâmides de Gizé no Egito e o mausoléu Taj Mahal na Índia, verdadeiras obras de arte. Essa importância também se aplica ao Cemitério Municipal de São João situado na então praça Chile, esquina com avenida Álvaro Botelho Maia, s/n, bairro Nossa Senhora das Graças, na cidade de Manaus, ainda que em menor escala. Através de datas, arquiteturas e epitáfios, ele reconta a história amazonense, bem como a dinâmica populacional e o gosto estético de nossa região no passado.

Contudo, quando arranjos que compõem esses monumentos são massivamente subtraídos, como contar a história? A memória é um dos principais instrumentos de revelação do passado. A poesia de Homero bem representa este fato – é através dela que ele expôs a sua cultura, o modo de agir e de pensar da sociedade de sua época. A formação, identidade e cronologia de um povo é construída através de heranças simbólicas, materializadas em ritos, textos, celebrações e monumentos, suportes mnemônicos a que se pode recorrer para o acesso dos costumes e pensamentos de outrora. Sem essas heranças, não há uma narrativa, e sem a narrativa, simplesmente não há história.

O silenciamento que um cemitério sofre quando sua cultura material é degradada é uma experiência impactante que afeta o modo como o espaço é percebido. Quando as lápides, sepulturas e outros elementos que compõem essa área são vandalizados ou deixados em estado de abandono, a história que cada um desses objetos carrega é perdida. A falta de uma manutenção completa e consciente e as mudanças que a infraestrutura do cemitério pode sofrer ao longo do tempo contribuem para uma sensação de desrespeito aos entes queridos que ali estão enterrados, como se suas memórias se desprovessem de significado, portanto, colaborando para serem esquecidas. Esse silenciamento também pode criar uma realidade de invisibilidade dos mortos, tornando a conexão entre vivos e mortos menos tangível, e afetando a compreensão do papel que o cemitério representa na comunidade e na sociedade como um todo.

Ainda que tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas por meio do Decreto 11.198 de 14 de junho de 1988, percebe-se que não há um esforço neste espaço que remeta a isto. O tombamento histórico de um imóvel denota que ao poder público se reserva o dever de preservar, por meio da aplicação de legislação específica, um determinado bem de

valor histórico, cultural e arquitetônico, e que também tenha algum valor afetivo à determinada população. Um tombamento também impede este bem de ser destruído ou descaracterizado por mínimo que seja, mas o que se vê em realidade não condiz com estas observações acima mencionadas.

É notável que o cemitério não é visto como um espaço cultural pelo poder público de Manaus, visto que em sua mais recente revitalização que se deu em outubro de 2021, muitos dos elementos ali contidos foram repintados de maneira grosseira e sugestiva à identidade visual da Prefeitura de Manaus, o que nos concede a impressão de este espaço, que é histórico e cultural, ter sido levemente usado como meio de propaganda, e ocasionando uma descaracterização que em nada lembra o cemitério que ele outrora foi. Túmulos de personalidades famosas no imaginário popular como o do santo urbano Delmo Pereira – estudante conhecido por ter ido de algos à vítima no ano de 1952 – passou por incontáveis repinturas, todas com cores berrantes que evidenciam uma falta de interesse e zelo em preservar a sobriedade de suas características no passado.

Ao exemplo de um sítio arqueológico que não se pode arranjar ao próprio gosto, assim é o cemitério de cunho histórico e cultural. Quando tal acontece, torna-se absolutamente compreensível que as visitas a este espaço se limitem à datas comemorativas específicas, como se observa acontecer no aumento de visitas no Dia das Mães, no Dia dos Pais e no Dia dos Finados. Ao descaracterizar o cemitério que é uma fonte histórica, ora pelas revitalizações grosseiras ora pela negligência com os recorrentes furtos e depredações na região, ele deixa de ser visto pela população dessa maneira, pois em nada é capaz de lembrar o que a cidade foi.

## **2.2 Cultura Material em Silenciamento: o Cemitério Municipal de São João em foco**

A cultura material se define como todo patrimônio que é palpável e concreto e que identifica e caracteriza o povoado e história de uma região. Exemplos de cultura material vão desde igrejas históricas até obras de arte, ou mesmo roupas que compõem festividades populares. A história cultural, por sua vez, é pensada por Chartier como “estudo dos processos com os quais se constrói o sentido” (Chartier, 1990, p. 27).

No limiar entre a antropologia e a história, ela também foi definida como “análise do trabalho de representação” (Chartier, 1990, p. 27). Chartier entende as representações como formas do homem construir o mundo, sua atribuição de significados a ele através dos símbolos

e que se dividem em três aspectos. São eles: a *dimensão coletiva*, a *particularidade* e o *empenho*.

Para ele, a representação é específica e funcional ao povo que atende, ainda que coletiva. Contudo, não é desprovida de significados. Ele também ressalta em seus escritos sobre a necessidade de se fazer uma “leitura”, isto é, uma apropriação dos discursos feita por quem lê essas representações. Para Chartier, um mesmo material é capaz de render diferentes análises para quem se apodera dele.

Sobre cultura, Chartier se usa de Clifford Geertz ao alegar que

O conceito de cultura ao qual adiro [...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida. (Geertz apud Chartier, 1990, p. 66-67)

Nesse sentido, nota-se que o cemitério, mesmo sendo um espaço reservado à morte, exerce uma função semântica à população a que pertence. Ele é não só espaço carregado de culturais materiais, mas também imateriais que são dadas a pensar por meio das representações que ali se encontram.

O cemitério é uma intersecção não somente de pessoas diferentes, mas também de etnias diferentes, culturas diferentes. E para cada uma delas e para os entes queridos por quem elas foram enterradas, aquele ambiente tem um significado privativo.

É preenchido de elementos materiais ao chegar de novas inumações. Contudo, esvazia-se de significação, ao ser desprovido desses elementos – tanto dos novos quanto dos velhos –, e o seu valor semântico no diálogo popular é gradativamente perdido. A sua ausência no panorama da cidade é um pouco menos de cultura.

O Cemitério Municipal de São João vem sofrendo, já há algum tempo, de massivas subtrações em sua paisagem, estas se dão pelos seguintes motivos:

- 1 - por meio das depredações do mármore e outros maciços por parte de vândalos;
- 2 - por meio dos furtos de materiais de cobre e ferro dos jazigos familiares para supostamente serem vendidos em ferros-velhos e;
- 3 - por meio também da própria negligência do órgão responsável por sua manutenção que no esforço de renová-lo muitas vezes acaba o descaracterizando.

Ainda, o órgão, ao revitalizá-lo, parece se preocupar somente com a porção central desse campo-santo, esquecendo áreas de grande valor contemplativo, como é o caso do espaço

reservado à Irmandade do Santíssimo Sacramento, localizado à sudoeste no cemitério, nas proximidades do Reservatório do Mocó.

**Figura 16**

Jazigo reservado à Irmandade do Santíssimo Sacramento



*Fonte: arquivo pessoal, 2023.*

A entulhagem também é observada nesse espaço. Aparentemente, no esforço de dar a impressão ao cemitério de um ambiente límpido e bem disposto, alguns resíduos são despejados em suas margens ou mesmo atirados no interior de velhos jazigos, como é possível se observar na imagem a seguir.

**Figura 17**

Entulhos depositados ao lado do jazigo da Irmandade do Santíssimo Sacramento e no interior de um antigo jazigo.



*Fonte: arquivo pessoal, 2023.*

As depredações de túmulos e estatuárias são observações frequentes enquanto caminhando pelo espaço do Cemitério Municipal de São João. Tanto os de natureza antiga quanto os mais recentes, o que nos ajuda a perceber que a depredação que se realiza ali não segue um critério ou mesmo os padrões de um rito, mas é o reles depredar pelo depredar, atitudes estas que poderiam ser evitadas se houvesse uma equipe de fiscalização mais preparada, aparelhada e comprometida com a preservação e salvaguarda desse cemitério.

### **Figura 18**

Registro de depredações recorrentes no Cemitério Municipal de São João



*Fonte: arquivo pessoal, 2023.*

Essas depredações não esvaziam apenas o conteúdo material, mas tiram o ensejo de um possível uso da iconografia desse cemitério para estudo e reflexão, e até mesmo num viés educativo. Os elementos que são depredados deixam de ser suportes de memória para serem simplesmente objetos incompletos que, uma vez destituído de sua inteireza, não podem mais remeter às velhas formas que lhe imbuíam de significado.

A musealização do Cemitério Municipal de São João torna-se, portanto, cada vez mais comprometida, e a cultura material que lhe serviria como cartão de visita, ao ser destruída, não pode ser restaurada de forma a manter sua integridade inicial, pois o que se perde é justamente o que lhe sustentava como algo provido de beleza, de mistério, de história, de cultura e principalmente como elemento identitário de um povo. O que ora se faz possível ser contado e repassado de um para outro e por isso é vívido, vira então inaudito. Assim, o cemitério mais uma vez deixa de ser um lugar possível de construção de memória, para novamente ser remetido à ideia de descontinuidade, de perda e de fim.

Sobre esse apontamento, Philippe Ariès nos conta sobre o conceito da *morte interdita*, no qual o fenômeno da morte é visto em total negação por parte da sociedade.

[...] bem cedo esse sentimento, cuja origem conhecemos (a intolerância com a morte do outro e a nova confiança do moribundo nos que o cercam), foi superado por um sentimento diferente, característico da modernidade: evitar não mais ao moribundo, mas à sociedade, mesmo aos que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis causadas pela fealdade da agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois, a partir de então, admite-se que a vida é sempre feliz, ou deve sempre aparentá-lo (Ariès, 2017, p. 83).

Desse modo, a cultura material do Cemitério São João ao ser subtraída afasta-o ainda mais da possibilidade dele se tornar um ambiente de contemplação. E não podendo ser visto como tal, ele está mais perto de ser visto como algo também interdito, visto que é portador de signos e símbolos que portam a concepção da morte e a reflexão humana sobre ela. O cemitério, em tendo sua visitação facilitada pela implementação de roteiros turísticos e preservação de seus itens, volta – ou pelo menos está mais próximo – a ser o centro da vida social como outrora foi. Philippe Ariès se refere a essa proximidade com a morte através do *leitmotiv* da *morte domada*, como ele aponta ter se dado nos tempos da Idade Média.

O indivíduo diante da morte num processo que se pretende intercambiar. Uma lida que implica providências para morrer, com descrições extensas, um conceito sintetiza, “despoja-se de suas armas”. O descanso do guerreiro. (Ariès, 2012, p. 12)

Bergson, no que concerne à memória, afirma que “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (1999, p. 179). Desta forma, a memória só pode sobreviver pela sua evocação no presente a partir das substâncias conservadas. Ainda para Bergson (1999, p. 31), a percepção, ou seja, a leitura que fazemos do objeto presente está sempre “impregnada de lembranças”, mesmo as lembranças que estão no inconsciente (memória pura).

Régis Debray (1993 p. 27), em seu *Vida e morte da imagem*, nos diz que as civilizações tratam a morte cada uma à sua maneira, e isso é o que as faz diferentes, tendo cada uma as suas formas tumulares. “Mas já não seria uma civilização se deixasse de tratar da morte (e o desaparecimento da arquitetura funerária torna nossa modernidade bastante próxima da barbárie)” (Debray, 1993 p. 27).

O cemitério também se realiza através de narrações que abordam a vida dos mortos ali enterrados, bem como o motivo por que chegaram a se extinguir. Personalidades políticas, artísticas e mártires têm suas histórias conhecidas pela oralidade do povo, em especial a partir dos anciões – seja pela experiência vivida ou mitificada. Esse conjunto de narrativas participam da construção identitária. Para Halbwachs (2013, p. 133), “esta memória coletiva é comum, gerando uma adesão afetiva e uma identificação com a construção dos fatos e personagens que compõem a sociedade, originando um sentimento de pertencimento”.

Sobre a importância da conservação da espacialidade para a compreensão da temporalidade histórica amazonense, Stuart Hall nos fala que

Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Assim, a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal “começo-meio-fim”; os sistemas visuais de representação traduzem objetos tridimensionais em duas dimensões. Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo (Hall, 2006, p. 70).

Portanto, a partir desses autores e da reflexão de seus trabalhos, nota-se a extrema necessidade de se lutar contra a adulteração paisagística que vem consumindo este espaço cemiterial. Neutralizar-se diante deste fato enquanto acadêmico seria ser conivente. E uma vez desvanecida as alegorias de nosso passado, não há nostalgia e saudosismo que a recupere da forma exata que costumava ser. O tempo tende a ser impiedoso frente ao desmazelo do homem. Diante disso, Ricoeur (2007, p. 435) assevera que “[...] o esquecimento definitivo, atribuível a um apagamento dos rastros, [...] é vivido como uma ameaça: é contra esse tipo de esquecimento

que fazemos trabalhar a memória, a fim de retardar seu curso, e até mesmo imobilizá-lo”. Ele também articula que “para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (Ricoeur, 2007, p. 40).

Para finalizar, Ariès (2017, p. 75) nos lembra que há pessoas que não vão às igrejas, mas vão aos cemitérios fazer suas preces e pedidos, de modo que o cemitério é, em si, constituído histórica e socialmente por uma forte carga de sacralidade. De toda forma, e seja que tipo de interpretação se atribua a este recinto, é inegável que ao nos pôr diante de nossa própria história ele dê sentido às nossas relações sociais e, em razão disso, sua depredação e decadência mereçam ser fortemente combatidas.

### **2.3 Reflexos da perda de elementos da cultura material do Cemitério Municipal de São João na identidade cultural do povo amazonense**

Como asseverou Gaston Bachelard, “o tempo é o que se sabe dele” (1994, p.37). Sem a memória cultural e os objetos que a compõe, não é possível realizar um estudo cultural e tampouco ter uma noção de tempo. É por meio da memória que a cultura é conduzida através dos tempos, e se ela é apagada, por intempéries, furtos ou negligências, o presente dificilmente poderá ser interpretado com clareza. Isto é, um homem sem memória cultural tem seu presente esvaziado, ele não pode compreender como o passado de sua comunidade influencia no seu costume e no de seus iguais, tampouco é capaz de ter uma melhor conscientização sobre seus atos que irão, de alguma forma, influenciar os eventos futuros.

Walter Benjamin, em suas *Teses sobre o conceito de história*, afirma que “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (Benjamin, 1985, p. 224). Como reconhecê-lo, capturá-lo e articulá-lo no momento presente se os seus sinais foram suprimidos? A memória sem evidências não passa de fabulação, e ao perdermos nossos símbolos cimiteriais estamos, na verdade, nos perdendo de nós mesmos.

Oliveira nos dá a seguinte reflexão: “como elaborar o seu futuro, ou mesmo chegar a compreender o seu presente, se perder a lembrança de suas raízes?” (Oliveira, 1967, p. 35). Sua pergunta condiz com a situação exata de descaso administrativo do Cemitério Municipal de São João. Sem os ícones que o adornam, há um vazio não somente patrimonial, mas cultural, social, histórico e até mesmo abstrativo – sem a cultura material não há pelo que se refletir. A própria perda material de túmulos contemporâneos é questionável, pois além de render má-fama ao

cemitério, fere a dignidade da pessoa humana e o merecimento a uma morte digna que, acima de tudo, é uma garantia constitucional.

Pesavento descreve que a proposta da história cultural seria “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo” (Pesavento, 2005, p. 42). A recorrente depredação e subtração de objetos de túmulos, sepulturas e jazigos no Cemitério Municipal de São João nos toma a oportunidade de conhecer as manifestações de nosso passado, e se não o conhecemos devidamente, não o contamos devidamente para a posteridade.

Castro nos ressalta em seu trabalho *Aqui também jaz um patrimônio* a necessidade de se ver o espaço cemiterial como um conservatório da memória. Ele diz que

O cemitério é por si, o lugar da luta pelo não esquecimento, pode ser comparado a um grande monumento ou a um conjunto de monumentos erguidos em memória dos entes que se foram, sendo, portanto, um lugar da rememoração. É o local de sepultamentos, mas também pode ser fonte de informações ou referências para o estudo da história e da cultura (Castro, 2008, p.82).

O cemitério também se realiza através de narrações que abordam a vida dos mortos ali enterrados, bem como o motivo por que chegaram a se extinguir. Personalidades políticas, artísticas e mártires têm suas histórias conhecidas pela oralidade do povo, em especial a partir dos anciões – seja pela experiência vivida ou mitificada. Esse conjunto de narrativas participam da construção identitária.

A memória coletiva se usa dos fatos do passado para atender as necessidades do presente. Ela é afetada diretamente pela adulteração material do cemitério, pois o que se conta deixa de apresentar uma tangibilidade que lhe é valiosa. O cemitério sem conteúdo se perde e se dissipa na interação social da comunidade. O interesse popular reside nos monumentos, e uma vez depredado, a aura histórica e cultural deixa de existir, então não há sentido em organizar uma visita que visa a contemplação de objetos que não estão mais onde deveriam. Os valores implícitos nos túmulos ao serem anulados impossibilitam ainda uma análise semiótica, além da possibilidade de se estabelecer qualquer tipo de discurso. Isto porque ao se perder um recurso mnemônico como uma cruz de ferro, por exemplo, perde-se não só o discurso religioso, mas também arquitetônico, histórico e educacional.

O ser humano, pode-se dizer, é um amálgama de experiências passadas e presentes. Representações simbólicas formam sua cultura e religiosidade, elas dão forma à identidade pessoal e social. A perda de símbolos leva à própria perda do sentimento de pertencimento, e o

espaço cemiterial em si preserva a memória particular do indivíduo. A memória coletiva, assim, se constitui de um acoplamento de memórias individualizadas, ela dá vida à constituição identitária de uma comunidade. Le Goff (2003, p. 424) afirmava que os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, não são mais do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”. Candau assinala que

São justamente nos campos de disputa pelas memórias que as identidades se fortalecem e se impõem sobre as demais. Além disso, como ferramentas do poder instituído, as memórias e as construções identitárias são referências presentes no embasamento e na aplicação de políticas públicas em diversos níveis (Candal, 2011).

No passado, buscamos as memórias que sustentam a forma como lidamos e vivemos no tempo presente. São estas memórias que nos designam culturalmente. Assim, ao preservarmos um bem, estamos reafirmando que o consideramos significativo para a nossa expressão como povo. O homem tem feito isso há muito, coletando e guardando coisas que encontra em sua trajetória, seja pelo puro simbolismo seja pela função que elas podem vir a exercer. O cemitério é então o símbolo de nossos hábitos, é um suporte das memórias do que fomos e de como essas informações cooperaram para nos tornar a comunidade do hoje. Não há outro meio de se preservar essas memórias sem uma valorização que reafirme laços identitários e reivindique nossos patrimônios, guiando à subsequente manutenção.

Borges (2016) define que os cemitérios possuem os mesmos atributos dos museus ao resguardar fontes materiais que possibilitam acesso ao conhecimento e a preservação da memória num movimento dialético entre passado e presente. Ela acrescenta que os cemitérios brasileiros necessitam de políticas que representem estes espaços museologicamente diante de instituições específicas como o ICOM – Conselho Internacional dos Museus. Para Borges, uma vez que o cemitério tenha a alcunha de “museu a céu aberto”, ele precisa atender a alguns parâmetros. São eles:

uma equipe especializada em restaurar e preservar os monumentos funerários, composta por museólogos, historiadores, arte educadores, arquivistas e assessores de apoio, tais como engenheiros e arquitetos, que forneçam parâmetros para a conservação do acervo ali existente (Borges, 2016, p. 4).

Não podendo ser diferente, uma vez que se encaixa justamente nesse contexto, o Cemitério Municipal de São João, enquanto espaço cultural, é extremamente rico em elementos que ajudam a contar um pouco da história amazonense. Esses elementos se dão por meio de

diferentes formatos materiais, desde estatuárias até jazigos, mausoléus, capelas e mesmo seções à parte do campo santo que são reservadas à religiões diferentes, como é o caso do Cemitério Israelita, localizado na margem ocidental do cemitério em questão. E não somente materiais, pois a própria representação que esses elementos nos trazem abre espaço para o diálogo popular acontecer, evocando a memória de tempos idos que é passada de geração para geração.

Quando se perde cultura material, perde-se uma oportunidade dialógica, e o diálogo que evoca o passado em sua ausência desconfigura a própria memória coletiva. Abre-se uma lacuna que se esgarça e se desmancha até que não tenha mais o que se lembrar para se discutir. Halbwachs assevera que

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p. 26).

A partir disso, aclara-se não só a importância da cultura material para a formação da memória coletiva, mas a importância também e principalmente de preservá-la, pois se esses elementos se perdem, perde-se a história cultural de um povo, cujo propósito é traduzido como “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1990, p. 17).

A realidade cultural pretérita da cidade de Manaus promove a formação do próprio presente e colabora para o sentimento de pertencimento do cidadão amazonense e seu entendimento como parte de um povo. Esses elementos materiais que estão sendo perdidos não são meros elementos isolados, são componentes identitários que formam um todo. Esse todo é justamente a identidade do povo amazonense. Como um quebra-cabeça, desfazer-se de seus componentes é descaracterizá-lo, isto é, nota-se a falta de algo: representações que instigam práticas, ou práticas que instigam representações, sendo estas indispensáveis para a sensação de encaixe do indivíduo no coletivo.

Tendo como base a supracitada concepção de Chartier sobre a história cultural, como se ler aquilo que não está lá? A materialidade exerce uma função de presença espacial. Os seres recorrem a ela para interpretar a realidade que os envolve, e ao manipulá-las de acordo com a sua compreensão de mundo e as propriedades mentais que trouxeram do nascimento, eles edificam a sua própria cultura que, no fim, é uma manifestação identitária. Esvaziar o espaço

de vivência de um povo é desprovê-lo dessa materialidade que configura a sua identidade e a sua compreensão de mundo.

Laraia comenta que

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (Laraia, 2008, p. 45).

Com base nesse entendimento, a gradual anulação que vem ocorrendo no Cemitério Municipal de São João interrompe esse processo acumulativo, tornando impraticável ao cidadão amazonense refletir sobre aquilo que viveu e aprendeu em suas experiências de vida. Dá-se nesse espaço exatamente o oposto do apontado por Laraia, pois o que se vê não é uma “manipulação adequada e criativa”, mas um simples e imprudente fazer por fazer, ou mesmo, fazer para promover uma repartição que por ser pública deveria estar prezando pela materialidade desse espaço com mais cuidado e premeditação.

A exemplo de um homem padecendo de declínio cognitivo, a memória que outrora lhe dava um aspecto vivo e lhe tornava funcionalmente social e interativo, ao se encontrar em decadência, torna este homem menos da pessoa que um dia ele foi. Assim é o cemitério como espaço cultural-histórico que faz parte de um conjunto formador da identidade cultural de um povo. Ao ser negligenciado e subtraído, ele é menos do cemitério que foi um dia, como o cidadão que o visita se sente menos cidadão.

A memória não é um brinquedo a que se recorre quando se busca lazer, ela é antes de tudo uma narrativa, e a narrativa exerce poder sobre toda uma população. Isto porque a narrativa se define como todo relato de uma série de eventos que podem condizer ou não com a realidade. A cognição humana apreende melhor um conteúdo que é disposto em ordem e que segue uma lógica espaço-temporal. A narrativa, enquanto ordem de eventos, atua melhor na compreensão do indivíduo, e ela é significativa no seu processo de autoconscientização. O cemitério, desprovido de seus elementos de contemplação, tem sua narrativa mnemônica interrompida, o que aflige a construção narrativa da identidade de uma comunidade e até mesmo o que já se construiu até aquele ponto.

Destarte, a antítese da narrativa nos parece o silenciamento. Uma vez que o cemitério como espaço cultural e histórico deixa de emitir uma voz – porque já não dispõe dos artefatos

com que podia exercer algum interesse sobre as pessoas –, ele se torna não-mencionado, e a não menção pressupõe interdição.

Em reflexão sobre a insciência de Averróis que, preso à esfera do islamismo, confundia os termos *comédia* e *tragédia*, Bauman nos expõe as considerações de Jorge Luis Borges sobre o caso:

[...] enquanto eu prosseguia, senti o que aquele deus mencionado por Burton deve ter sentido quando tentou criar um touro, e em vez disso criou um búfalo. Senti que o trabalho estava zombando de mim. Senti que Averróis, tentando imaginar o que era um drama sem jamais ter suspeitado o que era um teatro, não foi mais absurdo do que eu, tentando imaginar Averróis sem qualquer outra fonte senão alguns poucos fragmentos de Renan, Lane e Asín Palacios. Senti, na última página, que minha narrativa era um símbolo do homem que eu era quando a escrevi, e que, para compor essa narrativa, eu tinha de ser aquele homem, e para ser aquele homem eu tinha de compor a narrativa, e assim por diante, *ad infinitum*. (No momento em que eu deixar de acreditar nele, “Averróis” desaparecerá.) (Borges apud Bauman, 2012, p. 41).

Talvez por este trecho possa se aferir a forma como a narrativa é intrínseca à identidade do homem. A partir dele, parece-nos óbvio que a interrupção da narrativa mnemônica atravança análises, lerdia debates e impossibilita a promoção de uma cultura dentro e fora da comunidade a que ela genuinamente pertence.

É o interrompimento de uma vida que só se dá através do fluxo, quando em não-fluxo ela não dá margem nem para o falar da morte, tampouco para a autoanálise e a análise da alteridade através da contemplação desse fenômeno e dos objetos que ele nos gera. É o vazio em sua forma mais pura, são histórias e diálogos possíveis que simplesmente deixam de existir.

## **2.4 Preservação e salvaguarda do patrimônio cultural como direito da população amazonense**

O patrimônio cultural é entendido como o conjunto dos monumentos, construções e sítios arqueológicos que são de grande importância para a compreensão do povo de sua própria história, identidade, riqueza e criatividade. O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios define o tombamento como um

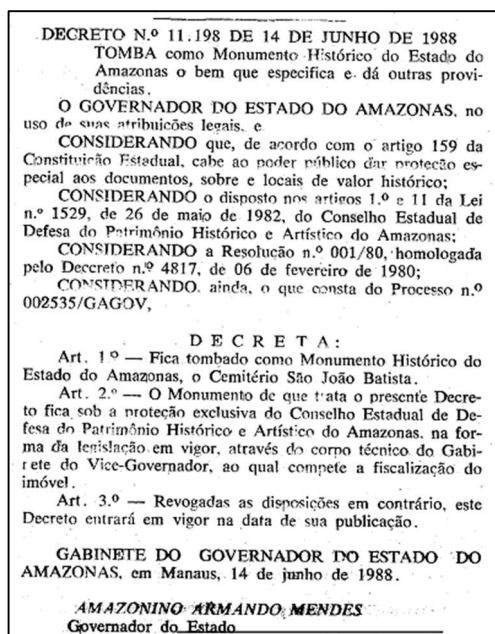
ato de registro do bem de interesse público, em um livro Tombo, que tem como efeito, transformá-lo, oficialmente, em patrimônio público, que passa a ser regido por um regime especial de propriedade, com restrições que tem a finalidade de protegê-lo como memórias para as futuras gerações. (TJDFT, 2017).

Um patrimônio cultural se caracteriza principalmente pelo seu valor singular e sua durabilidade representativa simbólica e material e o Cemitério São João, sendo tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas – como o foi no dia 14 de junho de 1988 por meio do Decreto 11.198 –, precisa ser conservado como tal, dada sua importância para o estudo das modificações e transições urbanas, bem como seu valor artístico, histórico e ainda ambiental.

Um tombamento, em teoria, é uma garantia dada pelo poder público de que determinado bem passará a figurar a relação de bens culturais a ser protegida pela importância que tem enquanto espaço cultural. O tombamento é mais do que uma mera formalidade ou regulação. É, na verdade, o reconhecimento de que aquele objeto na paisagem urbana é de suma importância para sua compreensão, e intrínseco à identidade do povo que ali vive. Sua destruição implica também em uma perda imaterial, um vazio que mesmo se reparado não o traz de volta em sua essência.

### Figura 19

Registro de tombamento do Cemitério Municipal de São João a partir do Decreto 11.198 de 14 de junho de 1988



Fonte: Diário Oficial, 16/06/1988.

É visível o quanto o poder público tem negligenciado o espaço em estudo. Não se percebe, ao visitá-lo, um espaço em conservação, mas justamente o oposto: um espaço que é dotado de valiosos itens e que se encontra subjugado pela depredação. Suas potencialidades são

desvalorizadas, aparentemente vistas como algo banal que não merecem uma atenção mais cuidadosa sobre elas. Coloca-se no bojo da revitalização apenas o que se encontra na porção central do cemitério, isto é, aquilo que se vê de prontidão.

O artigo 20 do Capítulo III que se refere aos efeitos do tombamento contido no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, determina que

As coisas tombadas ficam sujeitas à vigilância permanente do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que poderá inspecioná-los sempre que fôr julgado conveniente, não podendo os respectivos proprietários ou responsáveis criar obstáculos à inspeção, sob pena de multa de cem mil réis, elevada ao dôbro em caso de reincidência (TJDFT, 2017).

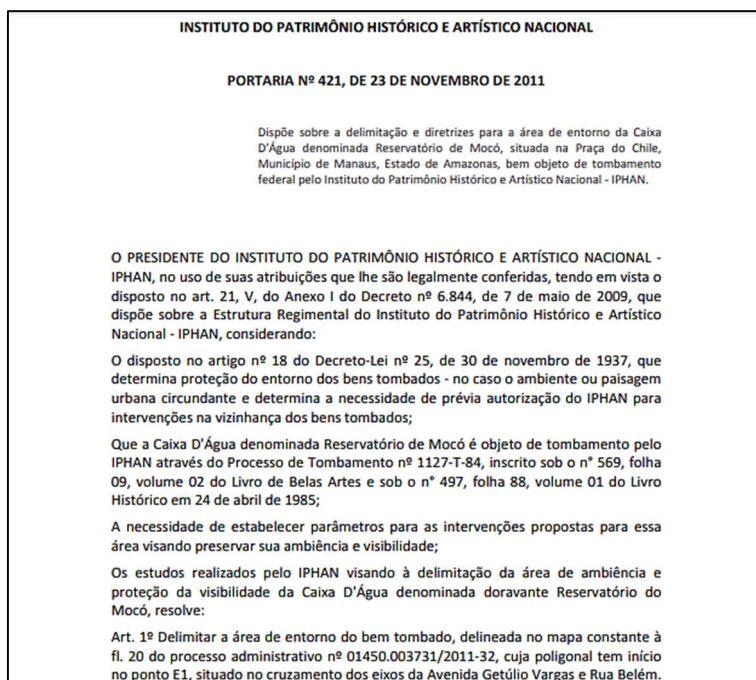
O artigo 21 do mesmo capítulo afirma que “os atentados cometidos contra os bens de que trata o art. 1º desta lei são equiparados aos cometidos contra o patrimônio nacional” (TJDFT, 2017). Nesse contexto, o artigo 1º assevera que, de acordo com o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas a serem protegidas são pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular.

Nesse contexto, o Cemitério Municipal de São João é um claro componente dessa definição, dando-se esta justificção pela sua materialidade, pela sua representação cultural ou ainda, simplesmente pela sua função primária como repositório dos despojos mortais de entes queridos.

Além disso, na portaria nº 421, datada de 23 de novembro de 2011, o Cemitério São João (SE. 02) é citado como um dos 4 (quatro) setores contidos na relação com o bem tombado, sendo os outros três a Ambiência do Monumento (SE. 01), o Entorno Imediato (SE. 03) e o Entorno próximo (SE. 04). Essa portaria garante que a extensão reservada ao Cemitério Municipal de São João – referida nesta como Cemitério São João Batista – deve ser protegida, precisamente por estar localizada na área de entorno da Caixa d’Água do Reservatório do Mocó, sobre o qual estabelece uma delimitação e diretrizes e, na ocasião, também o toma como objeto de tombamento federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

## **Figura 20**

Portaria nº 421, de 23 de novembro de 2011



*Fonte: Portal Iphan, 2023.*

Posto isto, entende-se que o Cemitério São João não está só resguardado por um tombamento sob responsabilidade do Estado do Amazonas, mas há também um tombamento federal que legitima a necessidade cada vez mais urgente de sua proteção, visto que está no entorno de outro patrimônio. O tombamento federal declaradamente não se refere a ele, mas ao espaço do Reservatório do Mocó. Mas uma vez que no ato de tombamento deste tenha sido estabelecido que seu entorno também deva ser preservado, entende-se que subtrair elementos da paisagem cemiterial é, para além de descaracterizá-lo, instigar a alteração do entorno do Reservatório do Mocó, para quem ele é contíguo.

Não se tratando somente da depredação do que é antigo, mas a perda material de túmulos contemporâneos é por si questionável, pois além de render má-fama ao cemitério, fere a dignidade da pessoa humana e o merecimento a uma morte digna que, acima de tudo, é uma garantia constitucional.

Em última análise, observa-se que a preservação e salvaguarda desse patrimônio cultural é um direito legítimo da população amazonense, atestado pela existência do próprio ato de tombamento estadual e, em extensão, do tombamento federal que o destaca como entorno do Mocó a ser conservado. Esse fato precisa ser evidenciado, debatido e lembrado, a fim de que a integridade do Cemitério Municipal de São João possa ser defendido com afinco por quem lhe é de direito.

## 2.5 Doutrinas iconoclastas, uma possível questão

O narcopentecostalismo é um termo usado por jornalistas e pesquisadores para descrever a ligação entre facções do narcotráfico e religião de base neopentecostal, principalmente no contexto do Rio de Janeiro onde um dos complexos de favelas de nome autoexplicativo, o Complexo de Israel, é dominado por uma facção que se autodenomina Tropa de Arão. Segundo matéria do El País publicada no ano de 2021, esse fenômeno surgiu a partir da segunda década do século XXI, quando parte da cúpula da facção Terceiro Comando Puro – o TCP – se converteu a igrejas evangélicas neopentecostais dentro do sistema prisional. Outros se aproximaram de grupos milicianos, que também têm influência de líderes religiosos neopentecostais, algo nomeado de narcomilícia, como aponta outra matéria, esta pertencente ao site OpenDemocracy. De acordo com este texto, o narcopentecostalismo ainda envolve a cooptação direta de igrejas como forma de lavagem de dinheiro, fenômeno já verificado em outros estados do Brasil.

O neopentecostalismo, por sua vez, é um movimento religioso surgido a partir da década de 1970 como uma terceira onda do pentecostalismo, e se baseia no pentecostalismo tradicional, porém com algumas características distintas. Uma das principais características desse movimento é a ênfase na prosperidade material e financeira como uma bênção de Deus aos fiéis, o que é conhecido como teologia da prosperidade, esta que afirma que a fé pode levar à riqueza e ao sucesso financeiro. Outra importante característica é a valorização da experiência pessoal e emocional na relação com Deus. Os cultos neopentecostais costumam ser marcados por manifestações espirituais intensas, que envolvem desde línguas estranhas até curas milagrosas e exorcismos.

Nesse contexto, segundo a mesma matéria jornalística de 2021, alguns traficantes adotaram uma simbologia que remete à Israel e ao Velho Testamento, como a estrela de Davi e a bandeira israelense em seus territórios controlados. Essa simbologia expressa uma identificação com o “povo de Deus” e uma visão de mundo marcada pela luta entre o bem e o mal, entre os fiéis e os infiéis – algo semelhante ao que se dá com a jihad islâmica, conceito dividido em maior e menor. A *jihad maior* é a luta interior de cada muçulmano para se aperfeiçoar espiritualmente e seguir as leis de Deus, enquanto a *jihad menor* se refere à luta externa contra os inimigos do Islã, o que pode envolver meios pacíficos ou violentos.

Uma das características expressivas do narcopentecostalismo é a intolerância religiosa contra outras manifestações de fé, especialmente as de matriz africana como a umbanda e o candomblé. Matérias jornalísticas, como relata a do Globo datada do ano de 2023, descreve

como traficantes evangélicos invadem e vandalizam os locais de culto dessas religiões, proíbem o uso de guias e roupas brancas e expulsam os líderes religiosos de suas comunidades. Essas ações são justificadas pela ideia de que essas religiões são de cunho demoníaco, e devem ser veementemente combatidas em nome de Deus.

Nesses termos, penso se o narcopentecostalismo não pode estar – ao menos em algum nível – também relacionado às depredações e vandalismos observadas em espaços cemiteriais como o histórico São João. Esses espaços são sagrados para muitas religiões, inclusive as de matriz africana, alvo principal deste fenômeno. Neles, são realizadas muito frequentemente rituais e oferendas aos ancestrais e entidades, tidos como presentes e fixos nestas regiões emblemáticas. Há uma lógica de violência, intolerância e disputa territorial baseada em uma interpretação radical da religião neopentecostal, e apesar do Cemitério São João estar localizado numa área da cidade considerada como nobre, ele pode ser tão alvo dessas empreitadas de ódio quanto um terreiro de umbanda dentro de uma comunidade periférica.

Sabe-se que a intolerância religiosa cria um clima de hostilidade entre os fiéis, marcado por preconceito, estereótipos e discriminação. Essa atmosfera desfavorável pode motivar indivíduos intolerantes a atentar contra símbolos religiosos, com o único intento de expressar seu ódio ou desrespeito pela fé alheia, que lhe são ensinadas como sendo altamente perniciosas e perturbadoras. Além disso, grupos extremistas ou fanáticos podem se aproveitar desse sentimento estabelecido de intolerância para promover ações de vandalismo, pois a ideia de prejudicar ou atacar o que é sagrado para o outro é atraente a indivíduos obstinados à tarefa de espalhar medo e divisão.

O perigo da doutrinação iconoclasta é que ela não só se faz capaz de mudar a cognição de um indivíduo sobre determinado tópico, como é também capaz de rearranjar toda a sua configuração cognitiva a ponto de fazê-lo perder sua autonomia e torná-lo um mero fantoche, uma persona alheia à sua própria personalidade, pela qual pode “soar” os seus desígnios. Viu-se isso acontecer com a infame Família Manson, liderada remotamente – e não por isso menos avassaladoramente – por Charles Manson, e o que se passou em Jonestown com Jim Jones à frente do Templo do Povo que resultou num trágico suicídio coletivo.

A cognição humana é a capacidade de processar, armazenar e usar informações para resolver problemas, tomar decisões e aprender – a palavra cognição vem do latim *cognoscere*, conhecer. Ela é influenciada por vários fatores, dentre os principais a cultura, a educação, a motivação, a personalidade e a emoção. Este último fator é uma peça-chave para o que é chamado de *brainwashing*, a “lavagem cerebral” (termo polêmico que, inclusive, é

veementemente recusado por muitos estudiosos da psicologia e demais especialistas<sup>3</sup>). Usado pela primeira vez em 1950 pelo agente da inteligência americano anticomunista Edward Hunter, o termo *brainwashing* descrevia o estranho fenômeno manejado pelo governo chinês para fazer as pessoas cooperarem com eles durante a Guerra da Coreia.

A emoção das pessoas tinha um papel fundamental no processo de *brainwashing*, uma vez que afetava a forma como elas percebiam e interpretavam as informações e as situações. Por exemplo, o medo, a culpa, a vergonha e a raiva podiam ser usados para quebrar a resistência dos prisioneiros e fazê-los aceitar as versões impostas pelos chineses. Por outro lado, a esperança, a simpatia, a gratidão e o amor podiam ser usados para criar laços de lealdade e identificação com os chineses.

A doutrina iconoclasta do narcopentecostalismo se usa das mesmas ferramentas em suas “campanhas”. Ela rejeita e/ou destrói as imagens, os símbolos e as representações sagradas de outras religiões, considerando-as como falsas, idólatras ou hereges, tendo com isso o fito de enfraquecer ou eliminar a influência de outras religiões que possam debandar seus fiéis, ou ainda converter os seguidores de outras religiões para a sua própria.

Ela pode mudar e controlar a cognição humana de diversas formas, tais como:

- Alterando as crenças, os valores e as atitudes dos indivíduos em relação às outras religiões, fazendo-os ver as outras crenças como inimigas, subversivas, inferiores ou perigosas;
- Manipulando as emoções, os sentimentos e as paixões dos indivíduos, despertando neles o medo, o ódio, o desprezo ou o fanatismo;
- Influenciando as percepções, as memórias e as associações dos indivíduos, fazendo-os ignorar, esquecer ou distorcer as evidências, os argumentos e os testemunhos favoráveis às outras religiões;
- Condicionando os comportamentos, as ações e as reações dos indivíduos, fazendo-os obedecer, seguir ou imitar as normas, as regras e os exemplos da doutrina iconoclasta e;
- Limitando as opções, as alternativas e as possibilidades dos indivíduos, fazendo-os depender, confiar ou se submeter à autoridade, à orientação e à proteção da doutrina iconoclasta.

---

<sup>3</sup> No livro “Cultos” de Amanda Montell, é dito que “a maioria de nós pensa no termo ‘lavagem cerebral’ de forma literal, imaginando que reconexões neurológicas ocorrem durante doutrinações cultistas. Mas a lavagem cerebral é apenas metafórica. Não há nada de objetivo nesse conceito”. (Montell, 2023, p. 41)

Essas estratégias podem criar uma identidade coletiva baseada na fé e na lealdade ao grupo criminoso, isso é mesmo autoconfirmativo pelo fato destes se considerarem “povo de Deus” em uma “terra prometida”. Também podem induzir um sentimento de culpa e arrependimento pelos pecados cometidos, que só podem ser perdoados pela obediência ao líder religioso e criminoso, bem como manipula as emoções e as crenças dos fiéis-membros, usando versículos bíblicos, músicas, testemunhos e rituais para justificar a violência, o tráfico e outros demais crimes. Os fiéis, vivendo num contexto autoritário e coercitivo, são isolados de outras fontes de informação e influência, criando para si mesmos uma visão de mundo maniqueísta e polarizada.

Isso nos remete à iconoclastia bizantina que foi igualmente motivada por questões políticas e religiosas, como a tentativa de evitar a aproximação com outros povos que possuíam outras religiões, especialmente os muçulmanos, e o temor do poder e influência da Igreja, que possuía muitos bens materiais e simbólicos representados pelos ícones. Os iconoclastas consideravam as imagens como ídolos e a sua veneração como idolatria, contrariando o mandamento bíblico do Êxodo 20:4-5 de não fazer imagens de escultura, tampouco adorá-las. Por esse motivo, eles promoveram a destruição de milhares de ícones, mosaicos, afrescos, estátuas e pinturas nos templos, igrejas e mosteiros, além de perseguir e torturar os iconófilos, isto é, aqueles que eram defensores do uso e culto das imagens.

O capítulo “O Sorriso Irônico dos Budas: demolição e patrimônio no Vale Sagrado de Bamiyam” de Alberto Goyena, publicado no livro “A Alma das Coisas: patrimônio, materialidade e ressonância”, aborda a polêmica demolição de duas estátuas gigantes de Buda no Vale do Bamiyam, no Afeganistão, no ano de 2001, por ordem do regime Talibã. Nesse texto, o autor analisa o ato como uma forma de iconoclastia, que tem origem nos primórdios do cristianismo e se intensificou no Império Bizantino nos séculos VIII e IX.

A iconoclastia talibã teve semelhanças com a bizantina, sendo também influenciada pela doutrina islâmica que proíbe a representação figurativa de Deus e dos profetas, e pela doutrina judaica, que condena a idolatria. A iconoclastia talibã, contudo, compara-se ainda mais com o narcopentecostalismo no que se refere ao seu caráter radical e violento, pois visava não apenas eliminar as imagens budistas do território afegão, mas principalmente transmitir uma mensagem de poder e intolerância ao mundo inteiro que em contrapartida serviria de símbolo para a legitimação de seu poder. No texto referido, o autor mostra como o ato iconoclasta foi planejado e executado com recursos tecnológicos modernos, como explosivos e câmeras de televisão, contrastando com a antiguidade das estátuas milenares.

Essas formas de iconoclastia, sádicas e extremamente violentas, não estão distantes de uma iconoclastia contra elementos simbólicos cemiteriais. Elas, tais como as profanações de túmulos judaicos na França e cristãos no Brasil, por exemplo, revelam o mesmo tipo de ódio e desprezo pelos mortos e pelos vivos que os reverenciam. São atos que expressam uma violência simbólica que impõe uma perspectiva única e hegemônica do sagrado. No texto de Goyena, ele cita o antropólogo Jean-François Clément em

As teologias muçulmanas muito raramente mostraram interesse nas imagens como tais durante o seu desenvolvimento. Em contrapartida, comentaram extensivamente sobre a situação daqueles que são enfrentados a imagens. Ao longo de sua história, eles questionaram o observador e não o objeto em si (Clément, 2002).

O mesmo se pode dizer da iconoclastia do narcopentecostalismo ou mesmo do neopentecostalismo. Essa prática não tem fundamento ou ordenamento bíblico, pois não se trata de combater a idolatria, mas de desrespeitar a alteridade e a diversidade cultural. A Bíblia não proíbe o uso de imagens como símbolos ou referências, mas apenas a adoração de imagens como se fossem deuses (Êxodo 20:4-5). Além disso, a Bíblia reconhece o valor dos cemitérios como lugares sagrados, onde se enterram os justos e se espera pela ressurreição, o que pode ser conferido em capítulos como Gênesis 23:1-20; Samuel 31:11-13; João 11:38-44 e Tessalonicenses 4:13-18.

Na obra de George Orwell “1984”, há um conceito chamado *duplipensar* que descreve a capacidade de uma pessoa de manter duas crenças contraditórias ao mesmo tempo e acreditar sinceramente em ambas. Embora inicialmente tenha sido concebido como uma crítica a regimes totalitários, o duplipensar pode ser aplicado no contexto abordado neste texto. Doutrinas religiosas têm o poder de moldar a mente e o comportamento dos indivíduos, e muitas vezes isso é uma força positiva. No entanto, em alguns casos, a interpretação descontextualizada ou manipulada de textos sagrados pode levar a uma doutrina que justifica a violência em nome da religião.

É nesse ponto que o conceito de duplipensar entra em jogo. Aqueles que seguem essas doutrinas podem simultaneamente acreditar que seus atos de violência estão de acordo com os ensinamentos de sua religião, enquanto ignoram ou reinterpretam princípios centrais, como amor, bondade, caridade e perdão, que deveriam estar no cerne de suas crenças. Essa dualidade de pensamento permite que estes indivíduos se envolvam em atos hostis e, por vezes, brutais, mas, ao mesmo tempo, considerem-se justos e virtuosos.

A Bíblia, como fonte sagrada para muitas religiões, tem sido usada ao longo da história para justificar guerras, perseguições religiosas e outros contextos de violência. O duplipensar aí ocorre quando a interpretação seletiva de passagens bíblicas permite que essas ações violentas sejam justificadas e consideradas como manifestações da vontade divina, apesar das mensagens de amor e paz também presentes nas escrituras.

Um exemplo se dava nas Cruzadas medievais, quando muitos cristãos acreditavam que matar em nome de Deus era uma forma aceitável de servir à sua fé. Eles conseguiram de forma muito conveniente reconciliar sua crença em Jesus Cristo, referenciado como príncipe da paz, com a participação em violência brutal e massacres em nome da religião. Essas pessoas eram capazes de manter uma visão seletiva da Bíblia, focando em passagens que se alinhavam com suas intenções, ao mesmo tempo em que ignoravam ou distorciam categoricamente os ensinamentos sobre o ágape (um amor incondicional, sacrificial, altruísta e compassivo) e a não-violência.

O duplipensar pode ser usado para promover atos de iconoclastia, e o é, como pode ser observado a partir de uma rápida busca na internet sobre quebras de imagens religiosas em igrejas ou terreiros destruídos em comunidades por obra de traficantes autodeclarados evangélicos. Uma doutrina pode afirmar que Deus é amor e que devemos amar o próximo, mas apenas o próximo contido no contexto social daquela religião, os externos são pecadores, blasfemadores e atentadores da fé. E ao passo que profere sobre um tipo de amor muito restrito, ordena que seus seguidores demonstrem seu amor à Deus através de atentados à alteridade. Assim os fiéis duplipensam ao crer que estão fazendo a vontade de Deus e ao mesmo tempo violando o mandamento do amor.

Uma possível explicação para a rápida e inquestionada subordinação e aceitação dessas práticas pode ser a ambiguidade da natureza de Deus nos textos bíblicos. Doutrinas iconoclastas fazem a hermenêutica ao seu grosso modo, interpretando a Bíblia de forma literal e seletiva e ignorando o contexto histórico, cultural e teológico desses textos. Versículos do Velho Testamento como Deuteronômio 7:1-6, Josué 6:17-21 e 1 Samuel 15:1-3, por exemplo, retratam Deus como um juiz severo, que castiga os ímpios e os idólatras, e que ordena a destruição de povos e nações inimigas de Israel, quando no Novo Testamento, ao modo do deus romano Jano, nos é mostrado uma outra face de Deus, uma que é justa, fiel, amorosa e misericordiosa, como no versículo 1 João 4:7-8. Ainda que no Êxodo 34:6 (1993) seja dito que Ele é “misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade”, é inegável que sua natureza nestas duas seções destoem-se uma da outra tão claramente quanto água e óleo, o que pode ter

um efeito sobre a manifestação de fé dos fiéis e que pode lhes servir de “passe-livre” para toda prática de atos iconoclastas.

Quanto à Goyena e as considerações que faz em seu texto, as imagens religiosas e simbólicas não são apenas objetos materiais ou suportes identitários, mas mediadores e constituidores da vida social, reveladores de crenças, de valores e de emoções dos seus criadores e admiradores. Para ele, cada imagem tem uma alma, uma ressonância, que pode ser percebida por aqueles que se dispõem a dialogar com elas. Assim, propõe-se uma ética da imagem, que respeite a sua singularidade e a sua pluralidade, reconhecendo nelas um “sorriso irônico” que desafia as certezas absolutas e convida à reflexão.

Sobre a ressonância, diz o historiador Stephen Greenblatt:

Por *ressonância* eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante. (Greenblatt apud Gonçalves, 2005, p. 15-36)

Ressonância é então essa capacidade de um bem cultural evocar sentimentos, memórias e identidades em seus interlocutores. Quando esse bem é vandalizado, seja por furto, depredação ou destruição, esse efeito ressonante é interrompido ou diminuído. Essa forma de violação causa danos materiais e morais aos seus proprietários e usuários, que se sentem desrespeitados, ofendidos e angustiados. A violação também afeta o sentimento de pertencimento, de continuidade e de reverência que o cemitério suscita em seus visitantes. Essa vandalização é mesmo uma forma de violência simbólica contra os valores culturais e religiosos que eles representam. Ao mesmo tempo, pode ser interpretada como uma forma de contestação ou resistência a esses valores, por parte de grupos ou indivíduos que não se identificam ou que se opõem a eles. Nesse sentido, a vandalização do cemitério revela as tensões e os conflitos que atravessam a sociedade, bem como as disputas pelo reconhecimento e pela legitimidade dos diferentes modos de expressão da cultura e da fé.

Sobre essa questão, Milton Santos comenta que

[...] O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais. Quando Sartre (1960) refere-se à contrafinalidade da matéria inerte é disso mesmo que ele fala, quer dizer, da supremacia da práxis coletiva (que é de fato uma práxis roubada à coletividade pelos grupos que a exploram) sobre as práticas individuais, cujo exercício é dependente. Erigir alternativas limitadas à altura de uma escolha absoluta é ofuscar a verdade dos fatos. O espaço evolui pelo movimento da sociedade total (Santos, 1986, p. 71).

Ele ainda prossegue mais adiante ao dizer que

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (Santos, 1986, p. 122).

Assim, Milton Santos concebe o espaço como um local onde diferentes forças sociais, políticas e culturais interagem e se confrontam, conformando assim o tecido social. Essa perspectiva nos permite compreender como o cemitério – um espaço que simboliza a morte e a memória de entes queridos – pode ser alvo de vandalismo. Algumas pessoas podem encarar o cemitério como um símbolo de opressão ou exclusão, negando-se a aceitar determinados princípios inerentes à sociedade. Dentro da perspectiva de Santos, a ação de vandalizar pode ser compreendida como um confronto, uma rebeldia. Havendo aqueles que defendem a importância e a preservação desse espaço como um local de memória e respeito, há quem se oponha a essas representações simbólicas, talvez por puro descontentamento com as normas sociais, religiosas ou culturais impostas por esse espaço, o ato então seria uma forma de protesto ou provocação. Isso nos leva a pensar na possibilidade destes indivíduos pertencerem a grupos radicais, extremistas ou fanáticos, conhecidos pela oposição à diversidade e à liberdade de expressão. O próprio ato de 8 de janeiro de 2023 em Brasília, no qual apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram e depredaram prédios públicos, nos escancara essa disposição destes grupos à razia.

Indivíduos com algum tipo de transtorno mental ou emocional podem usar essa prática como forma de extravasar sua raiva, frustração ou sofrimento. Eles podem agir impulsivamente, sem medir as consequências de seus atos, ou podem ser ainda influenciados por outros indivíduos que os manipulam ou incentivam.

Anthony Burgess, autor de “Laranja Mecânica”, cunhou o conceito de *ultraviolência* que traduz atos de violência gratuita e extrema como uma forma de expressão e resistência por parte de jovens desajustados. Embora seja uma obra ficcional, esse conceito traz reflexões sobre a natureza das depredações ocorridas no espaço cemiterial e a relação que pode ter com grupos extremistas ou desfavorecidos.

Na história criada por Burgess, o personagem principal, Alex, lidera um grupo de jovens delinquentes que se envolvem em atos de ultraviolência pela cidade. Essas ações violentas são justificadas como uma forma de protesto contra uma sociedade opressora, onde eles buscam desafiar as normas e valores estabelecidos.

Quando relacionamos esse conceito com o que se dá nos cemitérios, podemos perceber uma conexão onde o ato de vandalizar esses espaços simbólicos se torna uma maneira de exteriorizar a insatisfação e a raiva contra uma realidade que é sentida como injusta. Grupos extremistas, como aqueles que adotam ideologias radicais ou políticas, podem ver o cemitério como um símbolo das tradições e da cultura que rejeitam. Para eles, o destruir e, por consequência, o apagar do simbólico demonstra sua discordância e a vontade de romper com a ordem estabelecida. A violência nesse contexto se torna um meio de manifestar sua visão de mundo e atrair atenção para suas aspirações.

Além disso, grupos desfavorecidos, como aqueles que vivem em condições precárias ou são marginalizados pela sociedade, para além de encarar o cemitério como um meio de lucrar com a venda de materiais furtados dos túmulos – como esquadrias de alumínio, cobre, portas-velas e até azulejos –, podem ver nessa forma de depredação uma maneira de extravasar seus descontentamentos com a realidade social a que foram impostos, fazendo-o ao atentar contra um símbolo que, nesse contexto, torna-se de privilégio e desigualdade.

Recentemente, li em uma matéria da BBC o seguinte trecho:

*“A finitude da vida está sedimentada na história social. Mesmo para aqueles que creem em vida após a morte, é algo sempre mais inacessível e distinto do que vemos agora, para o que não estamos prontos como sociedade”* (BBC, 2023).

A finitude da vida é um fenômeno universal que marca a condição humana. No entanto, ela não é vivida da mesma forma por todas as pessoas e culturas. A morte tem um significado social e histórico que varia conforme o tempo, o espaço e as crenças. A nossa sociedade enfrenta muitos desafios para lidar com a alteridade de forma digna e respeitosa, seja essa alteridade relacionada aos vivos ou aos mortos.

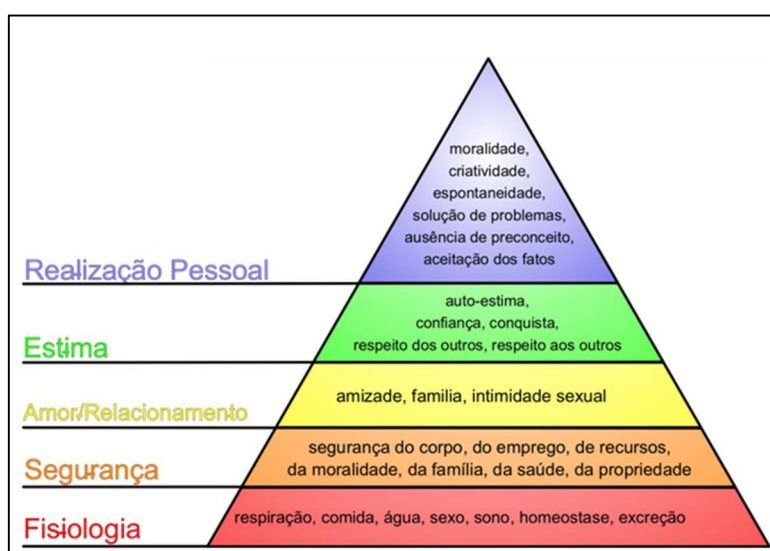
Vandalizar um espaço simbólico onde os mortos são sepultados e homenageados é uma forma de violar essa finitude da vida e a história social que ela representa, de externar um ímpeto destrutivo que age e se alivia pelo apagamento da história e da cultura, da profanação do sagrado e do simbólico que, em extensão, são representações do sublime. As motivações para tal podem estar relacionadas a sentimentos de ódio, vingança, inveja, rebeldia ou simplesmente diversão. Aquilo que aniquila também é uma criação, uma expressão, neste caso, visivelmente de um

sentimento de inconformidade a situações que podem ser de pobreza, exclusão, discriminação, violência, revolta ou todos esses anseios reunidos em um amplexo angustioso.

Em qualquer que seja o caso, há uma falta de sentido para a vida e para a morte, uma perda de valores éticos e morais, uma ausência de liberdade e de participação social, ou mesmo, uma impossibilidade de sequer chegar a possibilidade de contemplação desses aspectos porque não se tem à disposição o básico para a própria vida. Essa realidade revela de maneira clara a urgência de se pensar em políticas públicas que promovam educação, saúde, assistência social, porque somente assim é possível voltar-se para a cultura e sua devida manutenção.

**Figura 21**

A Pirâmide de Maslow



*Fonte: Coworking K.SA, 2021.*

A pirâmide de Maslow, uma teoria psicológica desenvolvida pelo psicólogo Abraham Maslow, descreve uma hierarquia das necessidades humanas, dividindo-as em cinco níveis: necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de estima e necessidades de autorrealização. Essa teoria sugere que, à medida que cada necessidade é satisfeita, a pessoa avança para a próxima, buscando satisfazer suas necessidades mais elevadas.

Quando relacionamos a pirâmide de Maslow com a motivação para a vandalização de espaços cemiteriais, podemos presumir intuitivamente que essa ação pode ser uma expressão de descontentamento com uma realidade social desigual. Como esse indivíduo depredador pode prezar pela cultura da região em que ele está inserido se ele sequer tem atendidas as suas necessidades fisiológicas mais básicas? Ao não ter suas necessidades fisiológicas atendidas,

suas necessidades de segurança encontram-se abertas e vulneráveis, e ele é incapaz de proteger-se contra os perigos físicos e emocionais que o rondam neste mundo. E, adiante, também incapaz de interagir socialmente, fazer a leitura cultural das múltiplas realidades e afiliar-se com outras pessoas e tê-las como entes queridos. Sua estima é afetada de maneira substancial e autorrealização torna-se, portanto, uma palavra de ressonância longínqua e, soando, não lhe faz qualquer sentido. A ação do deprestar pode representar, inclusive, uma forma de protesto por essa falta de conexão social, de reconhecimento e de realização pessoal, tudo isso influenciado pela falta de equidade no contexto em que esse indivíduo vive, somada à influência de uma doutrinação fomentadora de práticas iconoclastas.

Esses atos, portanto, podem ser pensados como uma antigenealogia crítica da modernidade, que questiona as origens e as continuidades e rompe com discursos e práticas que moldam a nossa sociedade.

Por outro lado, a doutrinação iconoclasta se usa desses sentimentos de ausência e de revolta pela ausência para instigar a cognição do indivíduo à apartar-se do que se mostra diferente da crença que foi associada à sua consciência, e quando em contato, motiva-o a fragmentá-lo. Esses atos, logo, para além de serem simples externalizações, podem ser resultado de uma intolerância que foi antes internalizada e incubada feito ovo de serpente. Assim, as vandalizações no cemitério podem mesmo se dar em razão de angústias e insatisfações, mas são, sobretudo, outorgadas e legitimadas pelo desprezo lecionado por um fundamentalismo deletério.

## **2.6 A deterioração gradual da cultura material e seu papel na perpetuação da “morte interdita” de Philippe Ariès**

Philippe Ariès chama o período de concepção da morte a partir da metade do século XIX de “morte interdita” (*la mort inversée*), no qual ele diz que “A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS, 2012, p. 84).

[...] Aqueles que cercam o moribundo tendem a poupá-lo e a ocultar-lhe a gravidade de seu estado. Admite-se, contudo, que a dissimulação não pode durar muito (exceto em casos extraordinários como no que Mark Twain descreveu, em 1902, em *Wast it heaven or hell?*), o moribundo deve um dia saber, mas nesse momento os parentes não têm mais a coragem cruel de dizer eles próprios a verdade. [...] As manifestações aparentes de luto são condenadas e desaparecem. Não se usam mais roupas escuras, não se adota mais uma aparência diferente daquela de todos os outros dias. Uma dor demasiado visível não inspira pena, mas repugnância; é um sinal de perturbação mental ou de má educação. É *mórbida*. Dentro do círculo familiar ainda se hesita em

desabafar, com medo de impressionar as crianças. Só se tem o direito de chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso, como uma espécie de masturbação – a comparação é de Gorer. (Ariès, 2012, p. 84-87)

No contexto da “morte interdita”, conforme descrita por Philippe Ariès, a cultura material relacionada à morte – como monumentos funerários, lápides e memoriais – começou a sofrer um processo de abandono e deterioração no Cemitério Municipal de São João. Essa transformação física dos objetos funerários pode ser vista como um reflexo da postura social de distanciamento e desvalorização da morte.

O antropólogo e escritor inglês Geoffrey Gorer, em seu trabalho *La pornografia della morte* de 1955, observa que

Não há dúvida de que a pornografia é o outro lado, a sombra, do pudor; enquanto a obscenidade é um aspecto da decência. Não existe sociedade conhecida que não tenha suas próprias normas de decência, associadas a palavras ou comportamentos que provocam desconforto e embaraço em alguns contextos, ainda que sejam essenciais em outros. [...] As normas de decência parecem ser universais; e o não cumprimento dessas normas, ou a narração de anedotas sobre a violação dessas normas, provoca aquele tipo específico de riso que é idêntico em todo o mundo. Mesmo que saibamos muito pouco sobre uma sociedade que nos pareça estranha, mesmo que quase nada conheçamos sobre as funções do riso nessa sociedade (e essas podem ser muito variadas), somos imediatamente capazes de identificar um membro dela que ri de uma história obscena. [...] A obscenidade, portanto, é um universal, um elemento da vida social de homens e mulheres; em todos os tempos e lugares, palavras e comportamentos fora de lugar provocaram desconforto, embaraço social e risadas. Por outro lado, a pornografia, a descrição de atividades proibidas com o objetivo de provocar experiências alucinatórias ou fantásticas, parece um fenômeno muito mais raro. Ela provavelmente só aparece em sociedades letradas, pois não há registros de sua existência em sociedades sem escrita; enquanto o prazer da obscenidade é predominantemente social, o prazer da pornografia é predominantemente privado. [...] Enquanto a morte natural é cada vez mais sufocada pelo sentimento de vergonha, a morte violenta desempenha um papel cada vez mais importante entre as fantasias oferecidas pelos meios de comunicação de massa: histórias de detetive, histórias de detetive, filmes de faroeste, romances de guerra, histórias de espionagem, ficção científica e, por último, quadrinhos de terror.

Parece-me que existem vários paralelos entre as fantasias que estimulam a nossa curiosidade sobre o mistério de sexo, e aqueles que estimulam nossa curiosidade sobre isso do mistério da morte. Em ambos os casos, as emoções geralmente relacionado às ações – amor e dor – que recebem pouca ou nenhuma atenção, enquanto as sensações adquirem intensidade na medida em que o tradicional permite insuficiência de linguagem. [...] Durante a maior parte deste período, a morte não era um mistério, exceto no sentido de que a morte é sempre um mistério. As crianças eram encorajadas a pensar sobre a morte, sobre suas próprias mortes e sobre as camas de morte edificantes ou de advertência de outras pessoas. Pode ter sido raro um indivíduo, no século 19 com sua alta mortalidade, que não tenha testemunhado pelo menos uma morte real, além de prestar respeito aos ‘belos cadáveres’; os funerais eram a ocasião de maior exibição para a classe trabalhadora, a classe média e os aristocratas. O cemitério era o centro de cada vila antiga e eles eram proeminentes na maioria das cidades. Foi relativamente tarde no século 19 que a execução de criminosos deixou de ser um feriado público, bem como um aviso público. [...] Tradicionalmente, e no significado lexicográfico do termo, a pornografia tem sido relacionada à sexualidade. Durante a maior parte dos últimos duzentos anos, a cópula e (pelo menos nas décadas

do meio da era vitoriana) o nascimento eram os ‘inomináveis’ da tríade de experiências humanas básicas que ‘são todos os fatos quando se chega ao ponto crucial,’ em torno dos quais tantas fantasias privadas e pornografia semiclandestina foram erguidas. [...] Os processos naturais de corrupção e decadência tornaram-se repugnantes, tão repugnantes quanto os processos naturais de nascimento e cópula eram há um século; a preocupação com tais processos é (ou era) mórbida e insalubre, a ser desencorajada em todos e punida nos jovens. Nossos bisavós foram informados de que os bebês eram encontrados debaixo de arbustos de groselha ou repolhos; é provável que nossos filhos sejam informados de que aqueles que partiram (fie! na grosseira monossílabo anglo-saxônica) são transformados em flores ou descansam em belos jardins. Os fatos feios são implacavelmente escondidos; a arte dos embalsamadores é uma arte de negação completa. (Gorer, 1955, p. 49-51, tradução nossa)

Tanto Gorer quanto Ariès tratam da forma como as sociedades lidam com certos tabus – no caso de Gorer, a obscenidade e a pornografia, e no caso de Ariès, a morte. Ambos falam sobre o deslocamento de aspectos antes públicos para o privado, a repressão social de certos comportamentos e a maneira como essas repressões impactam as representações e práticas culturais.

A sociedade moderna, segundo Philippe Ariès, transformou a morte em um fenômeno privado e quase oculto, afastando-o das experiências coletivas e comunitárias que antes eram comuns. A morte, que anteriormente era vivenciada e compartilhada no espaço público e nas cerimônias de luto, passou a ser tratada como um tema tabu, que provoca desconforto e vergonha, quando abordado. Essa “morte interdita” marginaliza o corpo e o falecimento e cria uma lacuna emocional e simbólica na vivência social. O luto e os rituais relacionados à morte, antes percebidos como essenciais para a coesão social, agora se distanciaram da esfera pública, tornaram-se uma experiência privada e muitas vezes ignorada. A presença do corpo e os rituais de despedida passaram a ser minimizados, um reflexo de uma cultura que evita lidar com a finitude humana.

Ao explorar essas ideias de Gorer e Ariès, podemos perceber que, apesar das diferenças contextuais, ambos os textos tratam de um processo cultural similar: a transgressão e o tabu como uma forma de controle social. A morte, antes central na vida pública e nos rituais, tornou-se um tabu privado, exatamente como a obscenidade, que desafia os limites da decência pública. Ambos os fenômenos são regulados pelas normas culturais que, ao mesmo tempo que buscam controlar a experiência, revelam um desejo profundo de lidar com o impossível – seja a finitude da vida ou os aspectos mais primitivos da natureza humana.

A morte violenta, por exemplo, tornou-se um tema central em fantasias de entretenimento (como os filmes de terror e romances policiais), um reflexo de uma busca por vivenciar o que é evitado socialmente – de uma forma controlada e “segura”. De modo similar,

a obscenidade se manifesta nas piadas e comportamentos públicos, onde o que é considerado tabu é reconfigurado e reapropriado de maneira a permitir uma experiência socializada dessas transgressões.

Nesse sentido, à medida que a sociedade oculta as manifestações públicas de luto e de respeito pelos mortos, há uma diminuição da importância e do cuidado com os lugares de repouso eterno, que, aos poucos, passam a se degradar.

No contexto da “pornografia da morte”, Gorer sugere que a sociedade contemporânea evita a morte natural, tratada com vergonha, enquanto explora a violência como uma fantasia. A morte violenta aparece em histórias de detetive, filmes de ação, quadrinhos de terror e outros meios de entretenimento, onde a experiência da morte é distorcida em uma forma de estímulo sensorial, desconectada de suas emoções genuínas, como o luto e o respeito. Gorer compara essa abordagem ao tratamento que a sociedade dá ao sexo na pornografia: ambos são transformados em produtos que intensificam sensações, sem considerar o contexto ou as emoções envolvidas.

Esse fenômeno de “pornografia da morte” se entrelaça com o conceito de “morte interdita” de Philippe Ariès. Essa “morte interdita” influenciou diretamente a cultura material associada ao luto: cemitérios e monumentos funerários, antes mantidos pela comunidade, começaram a ser negligenciados e, muitas vezes, deixados em ruínas.

No Cemitério São João, a deterioração dos monumentos funerários e lápides ilustra essa mudança de postura da sociedade em relação à morte. A negligência e o abandono dos espaços de memória refletem a tentativa moderna de evitar a morte, relegando-a à margem da vida social. A cultura material do cemitério, antes vista como uma extensão do luto coletivo, é agora tratada com indiferença, espelhando o tabu que envolve a morte. Esse esquecimento simbólico e material reforça a “morte em exílio” – um afastamento que reflete a negação da finitude e contribui para uma “desmaterialização” da memória dos mortos.

Dessa forma, a deterioração física do Cemitério São João representa uma perda estética ou patrimonial, e simboliza também um rompimento cultural com a tradição de reverência à morte. A negligência material desses espaços, portanto, ecoa uma sociedade que, ao transformar a morte em tabu e fantasia, enfraquece a memória coletiva e evita confrontar sua própria finitude.

Em sociedades anteriores ao século XIX, a presença constante de monumentos funerários em bom estado, frequentemente mantidos pela família ou pela comunidade, reforçava o vínculo com os ancestrais e a continuidade da memória. Com a “morte interdita”,

porém, o afastamento físico da morte e a recusa de manifestações públicas de luto contribuem para que essa memória se desvaneça junto com os elementos materiais que a sustentavam.

Um ponto importante a ser discutido é como essa degradação não se limita apenas à perda de elementos tangíveis, ela reflete também um apagamento simbólico. Quando as lápides, esculturas e artefatos funerários entram em decadência, os mortos são, de certa forma, “deletados” da paisagem urbana, o que fortalece a visão de Ariès de uma morte que precisa ser escondida, afastada dos olhares. Esse fenômeno se agrava na contemporaneidade, onde, em muitos casos, vemos cemitérios negligenciados e abandonados, intensificando a percepção da morte como tabu.

Esse abandono dos elementos materiais relacionados à morte pode ser entendido como uma extensão da “morte interdita” para o espaço urbano e arquitetônico, em que a cidade moderna frequentemente relega os cemitérios a locais periféricos, afastando-os do convívio social.

Dessa forma, a deterioração gradual desses artefatos culturais e históricos assume um papel relevante na perpetuação da “morte interdita”, uma vez que o esquecimento e o distanciamento – tanto físico quanto simbólico – tornam-se a norma. O cemitério em ruínas, as lápides desgastadas e os monumentos deteriorados representam a morte “em exílio”, distante do cotidiano e tratada com desprezo ou indiferença. Esse cenário não só espelha as mudanças na visão social da morte, destaca ainda o impacto que a cultura material degradada tem sobre o luto e a memória coletiva.

A transformação dos cemitérios em locais abandonados ou deteriorados impacta a função simbólica que esses espaços outrora desempenhavam. Nos períodos anteriores à “morte interdita” descrita por Ariès, os cemitérios não eram apenas locais de sepultamento, eram verdadeiros espaços de convívio, onde o luto e a lembrança dos entes queridos se integravam ao cotidiano das pessoas. Assim, esses locais eram visitados com muita frequência e, em alguns contextos, até mesmo incluídos em passeios ou rituais sociais, reforçando o sentido comunitário de respeito e conexão com o passado.

Com o advento da “morte interdita”, essa função social dos cemitérios foi perdendo força, refletindo-se na própria degradação física dos monumentos e lápides. À medida que a morte se torna um tema incômodo, um tabu a ser evitado, os cemitérios deixam de ser locais de encontro e passam a ser relegados ao esquecimento, refletindo uma desvalorização do espaço físico e da própria memória dos mortos. Essa degradação gradual indica uma mudança no relacionamento entre vivos e mortos e, ainda, uma reconfiguração na maneira como a sociedade lida com a finitude e com o passado.

Esse distanciamento da morte e a conseqüente decadência dos espaços mortuários podem ser interpretados como uma forma de alienação cultural. Ao perder o vínculo com o patrimônio material que simboliza a morte, a sociedade moderna parece também se afastar de uma consciência mais profunda sobre a mortalidade e sobre as lições e memórias que poderiam ser aprendidas ao manter uma relação ativa com esses locais. A ideia da morte como um aspecto natural e integrado à vida é substituída por um incômodo e por uma busca pela permanência, que muitas vezes ignora a efemeridade humana.

Esse processo, por fim, contribui para uma “desmaterialização” da memória e da cultura funerária. Na medida em que as manifestações físicas e visuais do luto são menosprezadas e abandonadas, o próprio conceito de luto se desliga de uma dimensão coletiva e concreta, sendo transferido para o âmbito privado e íntimo, como bem apontou Ariès. A ausência de um espaço público de expressão da dor e da recordação colabora para que o luto se torne uma experiência solitária e, muitas vezes, silenciosa. Sem as marcas materiais da memória, o luto fica mais vulnerável ao esquecimento e ao isolamento, privando o enlutado do apoio simbólico que a comunidade e a cultura mortuária antes ofereciam.

O frade franciscano e sacerdote Jacir de Freitas Faria pondera em seu livro *O medo do Inferno e a arte de bem morrer* sobre a seguinte questão:

Por que e para que sofrer? Essas duas perguntas acompanham o ser humano em sua trajetória de vida em direção à morte. A única certeza que a condição humana tem, apesar de toda sua capacidade tecnológica, científica, é que vamos morrer, e da morte nenhum vivente escapará: rico, pobre, justo e injusto, todos caminham para um mesmo fim. Diz o salmista que o homem não pode comprar o resgate de sua morte, nem pagar a Deus seu preço. O resgate de sua vida é tão caro que seria sempre insuficiente para o homem sobreviver, sem nunca ver a cova (Sl 49, 8-10). Viver, então, é a sua sina. Viver sofrendo, buscando sempre a felicidade e explicando o inexplicável. O sofrimento preenche a metade de nossas vidas. A outra metade reside na explicação do Sagrado ou no mistério que nos envolve. A felicidade consiste em momentos, segundos, que chegam e vão logo. Ninguém é feliz eternamente, nem plenamente. Perguntar pelo sentido das coisas. Por quê? Para quê? Duas perguntas que acompanham nossas vidas. A primeira nos remete ao passado, a segunda, ao futuro. Com perguntas infundáveis, o “porquê” busca razões diante da morte. E vêm as respostas dos vivos diante da morte: Eu podia ter evitado o acidente. Eu podia ter socorrido o moribundo. Eu podia ter perdoado e recebido o perdão. Eu podia, mas não posso mais! (Faria, 2019, 108-109)

A fluidez contemporânea, marcada por prazeres instantâneos e por uma busca compulsiva por satisfação, se distancia das reflexões sobre o sentido da vida e da finitude, como apontado por Faria. Nessa era de gratificações rápidas, onde a busca pela felicidade se dissolve em momentos efêmeros e sucessivos, o sofrimento e a morte são afastados da consciência coletiva. Esse processo de evasão da dor e da reflexão sobre a mortalidade reflete-se nessa

deterioração do Cemitério São João, espaço que, ao sofrer com o abandono, se torna um símbolo de uma cultura que evita encarar o fim da vida.

No entanto, como lembra Faria, o sofrimento e a morte são inevitáveis, independentemente das inovações tecnológicas e da busca moderna por prazeres instantâneos. Em vez de encarar essa realidade, a sociedade opta por relegar a morte ao esquecimento e ao desprezo, sem rituais de despedida ou reflexão. A deterioração do cemitério é um reflexo físico dessa negação: o abandono de suas lápides e monumentos traduz um esquecimento da morte que parece alinhar-se com uma busca incessante e insaciável por felicidade. Assim, o São João, com suas marcas de degradação, é uma metáfora da cultura que evita qualquer reflexão sobre o sofrimento e a finitude.

Faria aponta para um dilema existencial: “Por que e para que sofrer?”, questões que perpassam a vida humana e que, em sua profundidade, nos confrontam com a fragilidade de nossa existência. Embora o sofrimento faça parte da condição humana, oferecendo oportunidades de crescimento e compreensão, a cultura atual tenta minimizá-lo, ao mesmo tempo em que reduz a experiência da morte a algo indesejável e distante. Como ressalta o salmista citado por Faria, “o homem não pode comprar o resgate de sua morte”, lembrando que, por mais que busquemos meios de perpetuar a felicidade e evitar a dor, todos caminhamos para o mesmo fim, fim este que virá mais dia menos dia.

O cemitério em ruínas, então, reflete essa negação coletiva e esse adiamento da reflexão profunda sobre o significado da vida e da morte. Há uma ruptura mais ampla no ato de relegar a morte a um plano invisível – a de uma sociedade que, ao buscar compulsivamente a felicidade instantânea, desvia-se de uma consciência mais plena sobre a vida e seu significado, deixando para trás o que, como o cemitério, nos lembra de quem somos e para onde caminhamos.

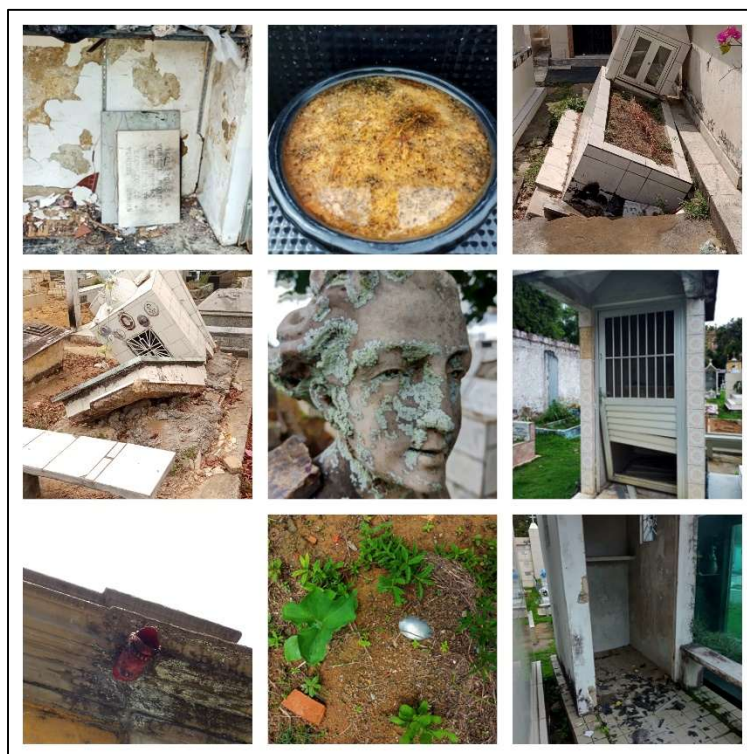
A deterioração do patrimônio material no São João, portanto, ilustra de forma concreta os efeitos da “morte interdita”. A negligência em preservar esses locais reflete o afastamento da sociedade contemporânea da morte e do luto como experiências públicas e coletivas. Com as variáveis observadas – desde intempéries e ação de microrganismos até atos de vandalismo e falta de manutenção – podemos perceber que o estado de abandono do cemitério não é apenas uma consequência natural, mas um símbolo desse processo cultural de negação da morte. Em suma, seu estado físico é como um reflexo da modernidade. Nos revela sobre como a cultura atual, ao evitar a morte, acaba também por negar parte significativa de sua própria identidade histórica e cultural.

Nesse sentido, algumas das variáveis constatadas na visita de campo ao Cemitério São João foram as seguintes:

- **Condições climáticas**, como intempéries (calor tórrido, temporal, etc) e chuva ácida;
- **Ação de microrganismos**, como fungos e líquens, que podem crescer nas lápides;
- **Poluição do ar e deposição de substâncias químicas**;
- **Invasão de vegetação**, como raízes de árvores que danificam as estruturas;
- **Ação de animais**, como roedores que podem escavar túmulos;
- **Vandalismo e atos de roubo**;
- **Má conservação e falta de manutenção**;
- **Erosão do solo** devido à água ou vento;
- **Desgaste natural** ao longo do tempo;
- **Má gestão e falta de política de conservação**;
- **Intervenções não planejadas**, como construções próximas;
- **Falta de conscientização e educação patrimonial** (isto é, práticas que evidenciem a importância do patrimônio cultural).

**Figura 22**

Faces da Deterioração: agentes de degradação no Cemitério São João



*Fonte: arquivo pessoal, 2023.*

Estas variáveis podem ser divididas em duas seções: *fatores intencionais e humanos* e *fatores não humanos*.

### **Fatores Intencionais e Humanos**

#### **1. Vandalismo e Atos de Roubo:**

- Ações humanas deliberadas como vandalismo, grafites e roubo de peças metálicas ou ornamentais são causas diretas de deterioração que danificam e desfiguram os monumentos e túmulos.

#### **2. Má Conservação e Falta de Manutenção:**

- A ausência de práticas regulares de manutenção, como a limpeza adequada das lápides e reparos estruturais, permite que os danos menores se acumulem e se tornem problemas maiores e mais difíceis de solucionar.

#### **3. Má Gestão e Falta de Política de Conservação:**

- A falta de um plano de gestão e conservação bem definido e executado impede a proteção e a preservação eficazes do patrimônio do cemitério.

#### **4. Intervenções Não Planejadas:**

- Construções próximas e outras atividades de desenvolvimento urbano, sem o devido planejamento, podem impactar negativamente as estruturas funerárias, causando vibrações e alterações no solo que afetam a estabilidade dos túmulos.

#### **5. Falta de Conscientização e Educação Patrimonial:**

- A ausência de programas educacionais e de conscientização sobre a importância do patrimônio cultural leva à negligência e ao descaso, o que contribui para a deterioração. Práticas que promovem a valorização e o respeito pelo patrimônio são essenciais para sua preservação.

### **Fatores Não Humanos**

#### **1. Condições Climáticas:**

- **Intempéries:** O calor tórrido e os temporais são responsáveis pela expansão e contração dos materiais das lápides, causando rachaduras e outros danos estruturais. A chuva ácida, resultante da poluição atmosférica, após a precipitação, corrói as superfícies de mármore e outras pedras, deposita ácidos no solo, corpos d'água, plantas e estruturas construídas pelo homem, acelerando o processo de desgaste.

#### **2. Ação de Microrganismos:**

- Fungos e líquens encontram nas lápides um substrato ideal para crescer. Esses organismos podem penetrar nas pequenas fissuras das pedras, expandindo-se e causando maiores danos à medida que crescem.

### **3. Poluição do Ar e Deposição de Substâncias Químicas:**

- Substâncias poluentes no ar, como dióxido de enxofre ( $\text{SO}_2$ ) e óxidos de nitrogênio ( $\text{NO}_x$ ), reagindo com a água ( $\text{H}_2\text{O}$ ), oxigênio ( $\text{O}_2$ ) e outros químicos presentes, se depositam nas superfícies das lápides e reagem com a umidade, resultando em ácidos (ácido sulfúrico –  $\text{H}_2\text{SO}_4$  – e ácido nítrico –  $\text{HNO}_3$ ) que corroem os materiais.

### **4. Invasão de Vegetação:**

- Raízes de árvores e outras plantas invasoras podem penetrar e deslocar estruturas funerárias, causando danos significativos e irreversíveis.

### **5. Ação de Animais:**

- Animais como roedores podem escavar túmulos e danificar as estruturas enterradas, contribuindo para a deterioração.

### **6. Erosão do Solo:**

- A água da chuva e o vento causam a erosão do solo, que pode desestabilizar as fundações das sepulturas e monumentos, levando a rachaduras e desmoronamentos.

### **7. Desgaste Natural ao Longo do Tempo:**

- Mesmo sem a intervenção de fatores externos, o material das lápides e estruturas funerárias se degrada naturalmente com o passar dos anos, perdendo sua integridade e legibilidade.

As variáveis observadas no Cemitério São João, classificadas em fatores humanos e não humanos, apresentam-se como forças interligadas que aceleram a deterioração desse espaço patrimonial. Enquanto os fatores humanos, como vandalismo e falta de manutenção, são resultados diretos de escolhas e ações (ou omissões) da sociedade, os fatores não humanos, como o desgaste natural e a ação de microrganismos, refletem a inevitável passagem do tempo. Porém, ambos os tipos de fatores contribuem para uma decadência que vai além do desgaste físico, afetam também dimensões culturais e históricas de maneira profunda. Para além das estruturas visíveis, essa deterioração compromete também as camadas simbólicas e emocionais desse cemitério.

A seguir, são abordadas as principais questões afetadas por essa degradação, revelando como o descaso e a falta de políticas de preservação impactam desde a identidade histórica até o potencial turístico e educativo desse patrimônio.

- 1. Perda de Identidade Histórica e Desconexão Cultural:** a falta de manutenção e o vandalismo afetam a identidade histórica do Cemitério São João, destruindo monumentos e lápides que representam não só pessoas, mas toda uma herança cultural de gerações. O conceito de “morte interdita” se reforça aqui, pois, ao degradar essas estruturas, a sociedade se distancia da memória coletiva e do reconhecimento de sua própria finitude, um movimento que Ariès argumenta ser característico da modernidade. Esta perda de identidade cultural e histórica evidencia o afastamento entre o passado e o presente, intensificando uma desconexão entre as gerações e as tradições funerárias e culturais locais.
  
- 2. Estética Afetada e Potencial Turístico:** a degradação física dos monumentos funerários também prejudica a estética do cemitério, comprometendo sua função de espaço de beleza e contemplação, que é uma forma de honrar e manter viva a memória dos falecidos. Como locais de relevância histórica e cultural, os cemitérios têm potencial para serem atrações turísticas, proporcionando não apenas um impacto econômico, mas também uma revalorização social da memória e do luto. No entanto, sem políticas de preservação, esses lugares perdem o atrativo estético e cultural, confirmando o distanciamento que Ariès observa em relação à morte como uma experiência coletiva e significativa.
  
- 3. Consciência da Memória e Impacto na Educação:** o Cemitério São João, ao se degradar, perde parte de sua capacidade de servir como um recurso educativo e de conscientização histórica. Para estudantes, pesquisadores e a população em geral, esses locais são fontes diretas de conhecimento sobre o passado e a cultura. No entanto, a negligência da preservação física do cemitério dificulta essa função educacional e restringe o acesso ao estudo das tradições locais. Ao tornar a memória algo secundário, a sociedade moderna reafirma o luto como uma prática individual, em detrimento da memória coletiva e da educação pública – uma das consequências observadas por Ariès na sociedade contemporânea.

**4. Cenário Arquitetônico e Cultura Funerária e Religiosa:** os elementos arquitetônicos funerários são testemunhos artísticos de grande valor cultural, representando as práticas religiosas e artísticas de uma época. A invasão de vegetação, a ação de microrganismos e a poluição comprometem esses elementos, que se perdem à medida que a sociedade negligencia a preservação do cemitério. A decadência desses espaços funerários também significa uma perda de compreensão sobre as práticas e valores culturais que eles representavam, afastando ainda mais a sociedade da experiência do luto como uma manifestação coletiva, ligada aos valores e às crenças religiosas que outrora moldaram esses espaços.

Dado o contexto de degradação e as variáveis observadas no Cemitério Municipal de São João, é fundamental realizar uma análise estratégica que revele as forças e as fraquezas intrínsecas ao local, além das oportunidades e ameaças externas que influenciam tanto sua conservação quanto seu potencial turístico. Para isso, utilizamos a Análise SWOT, uma ferramenta que possibilita o entendimento das condições internas e externas que impactam diretamente o futuro do cemitério enquanto patrimônio histórico e cultural, bem como seu papel no turismo cemiterial.

A seguir, a análise SWOT detalha as variáveis internas e externas que contribuem ou dificultam a preservação e valorização do cemitério. Com isto, proporciona uma visão abrangente dos fatores envolvidos.

**Análise SWOT** (sigla em inglês dos termos *Strengths* (pontos fortes), *Weaknesses* (pontos fracos), *Opportunities* (oportunidades) e *Threats* (ameaças)

	<b>Contribui para o Turismo Cemiterial</b>	<b>Dificulta o Turismo Cemiterial</b>
--	--	---------------------------------------

Aspectos internos	<p><b>S:</b> Quais são os pontos fortes?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Patrimônio Histórico e Cultural:</b> O cemitério é tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas e está situado em um entorno de proteção federal devido à proximidade com o Reservatório do Mocó;</li> <li>▪ <b>Memória Coletiva:</b> Personalidades políticas, artísticas e mártires têm suas histórias preservadas pela oralidade popular, especialmente pelos anciões;</li> <li>▪ <b>Valor Educativo:</b> O cemitério pode ser utilizado como um recurso pedagógico para a educação patrimonial, permitindo aos visitantes conhecerem e apreciarem o patrimônio cultural material e imaterial;</li> <li>▪ <b>Diversidade Simbólica:</b> Os símbolos e esculturas nas lápides representam a diversidade cultural e social, oferecendo oportunidades para discutir essas relações;</li> <li>▪ <b>Registro Histórico:</b> As lápides e monumentos funcionam como registros temporais e geográficos, marcando a evolução da cidade, dos costumes e das práticas funerárias.</li> </ul> <p style="text-align: center; font-size: 48px; color: #00AEEF;">S</p>	<p><b>W:</b> Quais são os pontos fracos?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Depredação e Vandalismo:</b> O cemitério sofre com a depredação de mármore e outros materiais, além de furtos de cobre e ferro;</li> <li>▪ <b>Negligência na Manutenção:</b> O órgão responsável pela manutenção muitas vezes descaracteriza o cemitério em seus esforços de renovação, concentrando-se apenas na porção central;</li> <li>▪ <b>Descaracterização e Entulhagem:</b> Resíduos são despejados nas margens ou no interior de velhos jazigos, comprometendo a integridade do espaço;</li> <li>▪ <b>Perda de Tangibilidade:</b> A adulteração material do cemitério afeta a memória coletiva, dificultando a preservação das narrativas históricas e culturais;</li> <li>▪ <b>Negligência do Poder Público:</b> A conservação do cemitério é negligenciada, desvalorizando suas potencialidades e tratando o espaço de forma superficial.</li> </ul> <p style="text-align: center; font-size: 48px; color: #FF9900;">W</p>
	Aspectos externos	<p><b>O:</b> Quais são as oportunidades?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Turismo Cultural:</b> Promover visitas guiadas e eventos educativos que contemplem a história e os símbolos presentes no cemitério;</li> <li>▪ <b>Educação Patrimonial:</b> Utilizar o cemitério como um recurso pedagógico para ensinar sobre história, cultura, e a importância da preservação do patrimônio;</li> <li>▪ <b>Engajamento Comunitário:</b> Incentivar a comunidade local a participar da conservação e valorização do cemitério, promovendo um sentimento de responsabilidade coletiva;</li> <li>▪ <b>Restauro e Conservação:</b> Implementar projetos de restauração e conservação que respeitem e preservem a integridade histórica e cultural do cemitério;</li> <li>▪ <b>Reflexão sobre a Morte e o Luto:</b> Criar espaços de reflexão sobre a finitude humana e a importância de celebrar e preservar a memória dos que já se foram.</li> </ul> <p style="text-align: center; font-size: 48px; color: #00AEEF;">O</p>

## **CAPÍTULO 3 – O TURISMO CEMITERIAL COMO AGENTE CATALISADOR DA CONSERVAÇÃO, PRESERVAÇÃO E SALVAGUARDA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SÃO JOÃO**

### **3.1 Introdução**

A preservação e a valorização do patrimônio cultural são temas de grande importância para qualquer sociedade minimamente civilizada e democrática. Entre os diversos locais carregados de significados históricos, os cemitérios se destacam como verdadeiros tesouros culturais, que guardam memórias de gerações passadas e nos geram um senso de reflexão que nos permite meditar também sobre o futuro.

No entanto, a abordagem da educação patrimonial nesses espaços vai muito além da simples contemplação dos monumentos funerários e das histórias individuais. Portanto, com o intuito de promover uma reflexão mais profunda, este artigo se propõe a explorar a práxis, o simbólico e o poder simbólico como dispositivos fundamentais para a conscientização e compreensão da importância dos cemitérios como patrimônios culturais, cooperando para a percepção de que este espaço só pode ser visto de tal maneira quando se é feito nele um cuidadoso trabalho de reeducação da forma como ele é visto, especialmente no que se refere ao próprio entendimento de morte – este agente elementar – procurando distanciar-se do senso comum para possibilitar reflexões mais holistas e socializadoras.

Desvelando as complexas relações entre os elementos físicos e imateriais presentes nesses espaços, convida-se o leitor a adentrar nesse universo singular, repleto de experiências multissensoriais e significados enraizados na identidade coletiva. Através dessa reflexão, busca-se aqui destacar a relevância da educação patrimonial em cemitérios como o do São João, localizado em Manaus, Amazonas, vendo esta ação como uma ferramenta essencial para o fazer durar desse rico legado histórico e cultural.

### **3.2 A *práxis* como peça-chave para promover a educação patrimonial no cemitério e refletir sobre seu próprio *habitus***

O cemitério é um lugar que guarda muitas histórias, memórias e valores de uma comunidade, ele é uma importante ferramenta para a preservação e valorização do patrimônio cultural de um determinado lugar. Ao ser um patrimônio cultural, ele pode ser usado como um recurso educativo para promover o conhecimento, a reflexão e a valorização da diversidade e da identidade cultural, uma vez que por possuir elementos fortes de semiótica, o cemitério

torna-se merecedor de contemplação e exploração com viés instrutivo e investigativo, visto que é lugar transmissor de representações de sentidos e significados. Portanto, ao falar de educação patrimonial nesse espaço, visa-se sensibilizar os estudantes e o público em geral para a importância de preservar e respeitar esse patrimônio, bem como reconhecer as diferentes formas de expressão e manifestação da cultura dos mortos e dos vivos.

O cemitério, um local que vai além de um simples lugar para sepultar os mortos, representa uma fonte de informação sobre a história local, as crenças e os costumes de uma sociedade e de uma época. Nessa lógica, sepulturas, mausoléus e monumentos fúnebres são testemunhos do passado que precisam ser protegidos e preservados para as gerações futuras.

A educação patrimonial na atmosfera simbólica do cemitério deve ser implementada de forma estratégica, a fim de despertar interesse e curiosidade no público. As atividades, que por ali encontram a possibilidade de serem iniciadas e estabelecidas, podem incluir visitas guiadas, palestras ou oficinas que abordem a história do cemitério e destaquem sua importância cultural, a arte funerária, a simbologia dos monumentos e as histórias dos personagens históricos da região que foram ali sepultados.

Outra forma interessante de educar sobre patrimônio cultural no cemitério é por meio da conservação e restauração desse patrimônio, pois alguns monumentos e sepulturas podem estar danificados e precisam de manutenção para garantir sua preservação e contemplação por mais longo prazo. Ao realizarem-se oficinas de restauração, a título de exemplo, estas podem se tornar uma atividade pedagógica e prática, em que os participantes possam aprender técnicas de recuperação e conservação de peças históricas, num esforço arqueológico para o resgate e o entendimento da própria cultura que ajudou a construir o seu *habitus*.

Habitus é definido como

[...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação combinadas de um maestro. (Bourdieu, 2007, p. 41)

O *habitus* de Pierre Bourdieu é um conceito que busca explicar como os indivíduos são socializados e condicionados por sua posição na estrutura social, mas também como eles são capazes de agir e transformar essa realidade a partir de suas disposições e competências. O

habitus é, portanto, uma forma de práxis, ou seja, uma ação reflexiva e criativa que articula teoria e prática.

À vista disso, a educação patrimonial do cemitério pode ser entendida como uma forma de práxis que visa sensibilizar os indivíduos para o valor histórico, cultural e simbólico desse espaço, bem como para a diversidade e a desigualdade social que ele expressa. A educação patrimonial do cemitério pode contribuir para que os indivíduos reconheçam seu próprio habitus, ou seja, sua origem social, seus valores e suas práticas, mas também para que eles possam questionar e transformar seu habitus, ampliando sua visão de mundo e sua capacidade crítica.

François Hartog, historiador francês, que desenvolveu o conceito de “regimes de historicidade”, definiu que essa categoria de análise histórica classifica diferentes formas de experiência do tempo, nas quais uma das instâncias temporais – passado, presente ou futuro – domina sobre as outras.

1. **Regime de Historicidade Passadista:** nesse contexto, o passado é preponderante. A visão histórica está centrada no que já aconteceu, e a compreensão do presente e do futuro é moldada por essa perspectiva;
2. **Regime de Historicidade Presentista:** aqui, o foco está no presente. A experiência do tempo é vivida intensamente no momento atual, e o passado e o futuro são interpretados em relação a ele;
3. **Regime de Historicidade Futurista:** nesse regime, o futuro é o ponto central. As ações e decisões são orientadas pelas expectativas do que está por vir, e o passado e o presente são avaliados com base nessa projeção futura.

Hartog idealiza o tempo como

[...] uma formulação erudita da experiência do tempo que, em troca, modela nossa forma de dizer e viver nosso próprio tempo. Um regime de historicidade abre e circunscreve um espaço de trabalho e de pensamento. Ele dá ritmo à escrita do tempo, representa uma “ordem” à qual podemos aderir ou, ao contrário (e mais freqüentemente) da qual queremos escapar, procurando elaborar outra. (Hartog, 1996, p. 129)

Ao classificar esses regimes em relação às instâncias temporais dominantes, Hartog reflete sobre como nossa compreensão do tempo influencia nossa narrativa histórica e também nossa forma de viver e agir no mundo. Ao considerarmos essa perspectiva no contexto do

cemitério, um espaço intrinsecamente ligado à noção de tempo e memória, percebe-se como os regimes de historicidade de Hartog podem ser usados para moldar a práxis cemiterial. Ela poderia ser adaptada e enriquecida, com vista a se criar um senso de reconhecimento e percepção da importância de conectar o passado, o presente e o futuro em uma abordagem holística e reflexiva.

### **1. Práxis no Regime Passadista de Historicidade:**

- A ênfase recairia na preservação e na valorização do patrimônio histórico, cultural e religioso do cemitério, com foco na capela gótica, nos pórticos e nas sepulturas antigas;
- A educação cemiterial nesse regime poderia incluir atividades que destacam a história do cemitério desde sua fundação em 1890, enfatizando eventos significativos como a inauguração e o primeiro sepultamento;
- Visitas guiadas poderiam explorar a simbologia presente nas sepulturas e na arquitetura, bem como histórias individuais dos enterrados, conectando o presente ao passado e transmitindo um sentido de continuidade histórica.

### **2. Práxis no Regime Presentista de Historicidade:**

- A ênfase recairia na experiência contemporânea do cemitério como um espaço ativo e vivo, onde os visitantes poderiam refletir sobre sua própria mortalidade e a natureza efêmera da vida;
- A educação cemiterial poderia enfatizar a importância do cemitério como um lugar de memória e respeito pelos falecidos, incentivando uma abordagem respeitosa e empática em relação ao passado e ao presente;
- Atividades educacionais poderiam incluir discussões sobre o significado da morte e do luto na sociedade contemporânea, explorando diferentes tradições culturais e religiosas em relação aos rituais funerários.

### **3. Práxis no Regime Futurista de Historicidade:**

- A ênfase recairia na sustentabilidade e na preservação a longo prazo do cemitério como patrimônio histórico para as gerações futuras;
- A educação cemiterial poderia incluir atividades que incentivassem os participantes a refletirem sobre o legado que desejam deixar para as futuras gerações, promovendo a conservação e o cuidado com o espaço;

- Discussões poderiam girar em torno de estratégias de preservação, gestão ambiental e uso responsável dos recursos, garantindo que o cemitério continue a ser um local significativo e respeitoso no futuro.

Neste sentido, ao educar o público sobre o patrimônio cemiterial em diferentes regimes de historicidade, abre-se espaço para fomentar a conscientização sobre a importância de preservar a história e a memória das comunidades locais. Esta é uma atividade que envolve a sociedade em um propósito comum, seja através do resgate e da manutenção das tradições passadas, da reflexão sobre o significado do presente ou da preparação para o futuro.

A práxis, portanto, pode ser a chave para a mudança de mentalidade de uma comunidade em relação aos bens que lhe pertencem. Ela permite a mudança de perspectiva sobre determinado local ou fenômeno ao admitir que os indivíduos se insiram em atividades que envolvam não somente a própria conservação do espaço patrimonial, mas o reconhecimento de que aqueles bens contidos nele são também e principalmente seus, e que por isso eles merecem ser resguardados para as gerações presentes e futuras, quer no contexto do passado rico em história, quer no presente repleto de significado ou no futuro a ser construído.

Freire assinala que a “*práxis* [...], sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (2013, p. 127). A práxis não se trata apenas de um conceito teórico, mas sim de uma prática constante que envolve a reflexão crítica sobre a realidade existente e a busca por mudanças significativas e transformadoras. Ainda que seja um termo que tenha surgido na filosofia marxista, ela é fundamental em qualquer contexto, seja ele político, social ou cultural.

A importância da práxis reside na sua capacidade de gerar transformações efetivas na sociedade, mesmo que isso envolva rupturas com o *status quo*. É por meio da práxis, por exemplo, que se torna possível superar as contradições existentes em uma determinada realidade, e buscar soluções para os problemas que afetam os indivíduos. A práxis é a união entre pensamento e ação, e por isso é tão relevante para a mudança social, isto é, sem ação, a transformação não pode ocorrer, sem pensamento crítico, a mudança corre o risco de ser tão simplesmente algo superficial e fugaz.

Nesse sentido, a práxis é fundamental para a manutenção do cemitério, uma vez que ela envolve o conhecimento e a aplicação de técnicas de conservação do patrimônio cultural. Por meio dela, pode-se identificar, analisar e preservar os bens tombados, além de gerenciar da melhor forma a área histórica do Cemitério Municipal de São João. Ela também é uma forma de fazer o indivíduo refletir sobre sua própria posição no espaço social, e entender que mesmo

quando se fala de morte, é possível conceber este fenômeno dentro da realidade social como algo simbolicamente construído e influenciado tanto por fatores objetivos como subjetivos.

Menezes vê a morte como um fato social, ela diz que “o morrer não é então apenas um fato biológico, mas um processo construído socialmente, que não se distingue das outras dimensões do universo das relações sociais” (Menezes, 2004, p. 24). Ao passo que Ariès com seu conceito de *morte domada* nos relembra que no passado, na Alta Idade Média, a morte não era vista como algo individual, mas coletivo.

[...] a morte, tal como a vida, não eram atos individuais, mas um ato coletivo. Por essa razão, à semelhança de cada grande passagem de vida, ela era celebrada por uma cerimônia sempre mais ou menos solene, que tinha por finalidade marcar a solidariedade do indivíduo com a sua linhagem e sua comunidade (Ariès, 1982, p. 658).

Com base nisso, há de se refletir sobre a possibilidade de a educação patrimonial abrir espaço para uma nova perspectiva de morte dentro de uma determinada comunidade, num processo de quebra com um tabu promovido pelo medo do desconhecido e pela pura incompreensão e que atravanca debates possíveis.

Ao educar as pessoas sobre a importância desse cemitério em particular e do patrimônio cultural que ele representa, estamos contribuindo para o respeito e a valorização dos espaços históricos, de muitos cemitérios além do histórico São João. Por isso, faz-se de extrema necessidade serem realizados projetos e ações educativas para a comunidade sobre a história deste cemitério, seus personagens, suas histórias e sua arte funerária, buscando com isso despertar o interesse e a sensibilidade das pessoas para a preservação.

Contribui-se a partir deste investimento com a ciência da comunidade de que a preservação do cemitério não é uma responsabilidade somente dos órgãos governamentais ou responsáveis técnicos, mas sim de toda a sociedade. Através da cooperação e da participação, a sociedade civil deve se mobilizar e atuar na conservação cemiterial, contribuindo para o seu futuro e cuidado aos bens imateriais legados no local.

Essa noção de responsabilidade compartilhada nos leva a questionamentos sobre que tipos de contextos o patrimônio está inserido. Patrimônio é em si uma palavra carregada de significados que transcende sua definição literal. Para muitos, o patrimônio é desejo. Representa uma conexão com a identidade pessoal e coletiva, uma âncora no tempo que nos conecta às nossas raízes, tradições e histórias. O desejo de preservar e proteger o patrimônio muitas vezes emerge dessa ligação emocional profunda. O patrimônio também pode ser demanda, pois à medida que a sociedade avança e evolui, surgem novas necessidades e prioridades em seu

entorno. A demanda pelo uso eficaz dos recursos em geral entra em conflito com a preservação do patrimônio. Situação que reivindica um equilíbrio delicado entre conservação e progresso para sua compreensão e gestão. Por isso, o patrimônio também implica em sacrifício. Preservá-lo requer investimento de recursos, tempo e esforço. Exige-se concessões e compromissos, especialmente quando se trata de tomar decisões difíceis sobre o desenvolvimento urbano, a conservação ambiental e a proteção de locais históricos. O sacrifício, então, se torna uma parte inevitável do processo de preservação.

Contudo, uma vez preservado, o patrimônio se torna dispositivo de leitura das complexidades e interconexões entre diferentes esferas da sociedade. No contexto cultural, ele representa a herança compartilhada de uma sociedade, ao permitir a reflexão sobre sua história, valores e identidade. Possibilita, ao ser conservado, no contexto econômico, uma impulsão do turismo e a atividade econômica, ao mesmo tempo em que possibilita a criação de empregos e oportunidades para a comunidade local. No contexto político, ele pode ser efetivo na construção de uma identidade nacional e na promoção do orgulho cívico. Símbolos e monumentos históricos são frequentemente utilizados pelos governos para reforçar narrativas políticas e culturais que unem a população em torno de valores comuns. Serve, por isso, como uma ferramenta de diplomacia cultural, fortalecendo as relações internacionais através de intercâmbios culturais e colaborações em projetos de conservação. E no contexto ambiental, liga-se intimamente à conscientização sobre questões ambientais, ao inspirar um senso de conexão com a natureza e motivar ações individuais e coletivas para proteger o meio ambiente.

Além disso, a práxis no âmbito cemiterial pode nos permitir a análise e intervenções de construções antigas, a manutenção dos túmulos e mausoléus, além de outros elementos arquitetônicos e artísticos presentes no cemitério, sendo, por isso, importante a realização de um trabalho de conservação constante para evitar danos e perdas ao acervo histórico. Também, através de roteiros guiados, exposições e atividades desenvolvidas com a comunidade, é possível se resgatar a história e o legado de pessoas importantes para a cidade ou região, além de identificar a arte tumular e simbologia funerária. Com essas ações, pode-se tornar possível mobilizar as pessoas para participarem das atividades de conservação, órgãos de gestão integrada, bem como gerir conflitos e demandas que surgem dos frequentadores e das pessoas solidárias dos que ali repousam.

Portanto, é perceptível que práxis e educação patrimonial neste processo devem andar juntos, a fim de garantir a valorização do patrimônio cultural. Por essa vinculação, contribui-se para que as próximas gerações conheçam e se identifiquem com as histórias e memórias de

nossos antepassados e de nossa cultura, ligando o passado ao presente e construindo um futuro mais consciente e conectado ao patrimônio cultural e histórico.

Em suma, a práxis aproxima o indivíduo da percepção de seu próprio habitus, e ensina a unir ação e pensamento para criar mudanças significativas e duradouras na nossa sociedade. Para isso, é necessário que a valorizemos em todas as suas formas e a coloquemos em prática sempre que possível. Neste caso, na promoção e valorização do espaço cultural do Cemitério São João através das diferentes formas de viabilizar a educação patrimonial.

Em uma análise sobre que atividades a serem desenvolvidas no espaço do cemitério podem promover uma verdadeira educação patrimonial, tem-se tais como:

- Visitas guiadas ao cemitério, com explicações sobre a origem, a evolução, a arquitetura, a simbologia, os personagens e os fatos históricos relacionados ao local;
- Pesquisas sobre as biografias, as genealogias, as profissões, as crenças e os costumes das pessoas sepultadas no cemitério, utilizando fontes primárias e secundárias, como documentos, registros, fotografias, entrevistas, etc;
- Produção de textos, desenhos, mapas, maquetes, vídeos ou outros materiais que expressem as impressões, as emoções, as curiosidades e as aprendizagens dos estudantes sobre o cemitério e o seu patrimônio;
- Realização de oficinas, palestras, debates ou exposições sobre temas relacionados ao cemitério e ao seu patrimônio, envolvendo a participação de especialistas, familiares, funcionários ou outros membros da comunidade, e;
- Criação de roteiros turísticos ou culturais que incluam o cemitério como um dos pontos de interesse ou de visita da cidade ou da região.

Nesse sentido, a educação patrimonial no cemitério pode trazer diversos benefícios para os estudantes e para a sociedade em geral, que podem ser:

- Ampliar o repertório cultural e histórico dos estudantes, estimulando o seu senso crítico e a sua capacidade de análise e interpretação da realidade;
- Desenvolver o respeito e a tolerância pelas diferentes formas de expressão e manifestação da cultura dos mortos e dos vivos, valorizando a diversidade e a identidade cultural;
- Promover a conscientização e a responsabilidade pela preservação e conservação do patrimônio cultural do cemitério, reconhecendo o seu valor histórico, artístico, social e afetivo, e;

- Estimular o diálogo e a interação entre os estudantes e os diferentes atores sociais envolvidos com o cemitério e o seu patrimônio, fortalecendo os laços de pertencimento e de cidadania.

Assim, a educação patrimonial no espaço do cemitério é uma forma de valorizar esse lugar como um espaço de memória, de cultura e de educação. É uma forma de aproximar os estudantes e o público em geral desse patrimônio que faz parte da nossa história coletiva e individual, e igualmente, uma forma de aprender com o passado para compreender o presente e construir o futuro.

### **3.3 O poder do simbólico na educação patrimonial**

A educação patrimonial é um processo de sensibilização e valorização dos bens culturais que constituem a memória e a identidade de uma comunidade. Ela visa promover o reconhecimento, a preservação e a difusão do patrimônio como um recurso educativo e social. Nesse sentido, o Cemitério Municipal de São João, em Manaus, pode ser considerado um espaço privilegiado para a educação patrimonial, pois nele se encontram diversas manifestações simbólicas que revelam aspectos históricos, artísticos, religiosos e afetivos da sociedade manauara e, em extensão, a amazonense.

O Cemitério Municipal de São João foi inaugurado em 1891, no contexto da prosperidade econômica decorrente da exploração da borracha na Amazônia. Ele é o primeiro cemitério secular de Manaus e reflete as transformações urbanas e culturais que ocorreram na cidade no final do século XIX e início do XX. O cemitério abriga cerca de 20 mil sepulturas, entre elas as de personalidades ilustres como Eduardo Ribeiro, governador do Amazonas responsável pelas obras de modernização da capital, e J.G. Araújo, fundador do jornal A Crítica.

Além do valor histórico, o cemitério também possui um rico acervo artístico, composto por esculturas, mausoléus, vitrais e ornamentos que expressam diferentes estilos e tendências estéticas. Muitas dessas obras foram importadas da Europa ou produzidas por artistas locais inspirados nos modelos europeus. As esculturas tumulares representam temas variados, desde anjos, santos, crianças, animais até alegorias da morte. Elas transmitem sentimentos de dor e saudade, mas também transmitem sentimentos de esperança e fé dos familiares e amigos dos falecidos.

Durkheim descreve que “as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são uma maneira de agir que só se produz quando os

homens estão reunidos e que nasce da própria reunião” (Durkheim, 2008, p. 13). Ele também aponta que “ao remeter à totalidade, esse símbolo coletivo do grupo é sacralizado por encarnar a maior das forças da natureza: a da associação dos homens. Assim, o fenômeno social apenas se completa quando é incorporado num símbolo” (Durkheim, 2009, p. 37).

Na educação patrimonial, a incorporação simbólica do passado em objetos e espaços patrimoniais permite que a sociedade reconheça sua história como elemento estruturante de sua identidade. A sacralização do patrimônio é um processo que confere aos bens culturais um valor que transcende sua materialidade, tornando-os referenciais de memória coletiva e elementos fundamentais na formação cidadã.

Dessa maneira, a educação patrimonial se configura como um processo de transmissão simbólica, onde o passado é mobilizado para informação histórica e também para a construção de sentidos compartilhados. O símbolo, ao incorporar a experiência social e cultural de um grupo, torna-se, portanto, essencial na preservação da identidade e no fortalecimento do pertencimento coletivo.

Diante desses apontamentos, observa-se que o cemitério é também um espaço de diversidade cultural e religiosa, pois nele convivem diferentes credos e tradições. Há sepulturas de católicos, protestantes, judeus, espíritas, umbandistas e maçons. Cada grupo possui seus próprios símbolos e rituais funerários, que revelam suas crenças e valores sobre a vida e a morte. O cemitério ainda é palco de manifestações populares, como o Dia dos Finados (no dia 2 de novembro), quando milhares de pessoas visitam os túmulos de seus entes queridos e levam flores, velas, orações e ex-votos.

#### **Figura 23 e 24**

Símbolos encontrados no Cemitério Municipal de São João



*Fonte: arquivo pessoal, 2023.*

Nesse sentido, o cemitério pode ser utilizado como um recurso pedagógico para a educação patrimonial, pois permite aos visitantes conhecerem e apreciarem o patrimônio cultural material e imaterial que ele representa. Ele pode ser lido como um livro aberto que conta a história da cidade e de seus habitantes. Através dos elementos simbólicos presentes nesse espaço, é possível estabelecer relações entre o passado e o presente, entre o local e o global, entre o individual e o coletivo.

Para que o cemitério seja um facilitador da educação patrimonial, é preciso que haja uma mediação adequada entre os educadores e os educandos. Os educadores devem planejar atividades que estimulem a observação crítica, a interpretação criativa e a reflexão ética sobre o patrimônio. Os educandos devem ser incentivados a participar ativamente das atividades propostas, expressando suas opiniões, sentimentos e questionamentos. E o cemitério deve ser, a partir disso, visto como um espaço de aprendizagem, de diálogo e de respeito à diversidade.

Esta aprendizagem, diálogo e diversidade pode ser destacada e evidenciada por meio do simbólico, esta ferramenta poderosa que pode facilitar a compreensão dos visitantes sobre a história e a cultura do lugar, além de tornar a visita mais interessante e significativa. Ao adentrar o cemitério, o visitante é recebido pelos grandes jazigos e túmulos escultóricos imponentes, que demonstram o poder e a importância das antigas famílias que ali foram enterradas. Estas obras apresentam, para além dos temas religiosos, homenagens e agradecimentos, que podem ser utilizados como ponto de partida para uma discussão sobre os valores culturais da época e também sobre o funerário como obra de arte.

No caminhar pelos corredores dispostos entre os túmulos, os visitantes podem também observar os símbolos e esculturas presentes nas lápides. Tais símbolos representam o pertencimento a grupos sociais, profissionais, religiosos e são uma ótima oportunidade para se discutir a diversidade cultural e as relações que moldam uma sociedade.

Outro fator relevante é que o cemitério é um espaço que guarda e mantém muitas histórias e memórias não só dos enterrados, mas da própria cidade e de seus habitantes. As lápides e os monumentos funcionam como um registro temporal e geográfico, assinalando a evolução da cidade, dos costumes e das práticas funerárias. Portanto, por meio dessas histórias, pode-se compreender a transformação urbana e social da cidade.

Essa problemática pode ser aprofundada com o conceito de “tradição inventada” de Eric Hobsbawm, que define tais tradições como

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento a partir da repetição, o que implica, automaticamente, uma

relação com o passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (Hobsbawn, 2012, p. 8).

A partir dessa perspectiva, pode-se interpretar que a educação patrimonial não se limita à preservação passiva de bens culturais, ela também recorre à construção ativa de uma narrativa histórica que fortalece identidades coletivas. As tradições inventadas, nesse sentido, desempenham um papel essencial nesse processo, pois estabelecem um vínculo entre o presente e um passado selecionado e reinterpretado de maneira funcional para o contexto social vigente. Dessa forma, os símbolos e rituais patrimoniais tornam-se mecanismos de reforço identitário e de controle social, garantindo que determinadas memórias e valores sejam perpetuados ao longo das gerações.

Assim, a educação patrimonial, ao incorporar elementos das tradições inventadas, destaca-se como um campo de produção simbólica no qual o passado não é apenas resgatado, mas reconstruído de acordo com as necessidades contemporâneas. O símbolo, incorporando a experiência social e cultural de um grupo, torna-se essencial na preservação da identidade e no fortalecimento do pertencimento coletivo, confirmando o papel central do simbólico na educação patrimonial.

A Modernidade trouxe consigo profundas transformações nos modos pelos quais os indivíduos se reconhecem, se identificam e se apresentam no mundo social. Diferente de períodos anteriores, onde a identidade estava fortemente vinculada a pertencimentos tradicionais – como linhagem, religião e comunidade local –, o mundo moderno impôs novas formas de reconhecimento baseadas na formalização e na ritualização das relações sociais. Esses processos não são meramente espontâneos ou individuais; pelo contrário, estão intrinsecamente conectados a interesses coletivos, especialmente aqueles relacionados à coesão social, à legitimação das instituições e aos processos de socialização.

Nesse contexto, o Estado emerge como um agente central na conformação das identidades. A burocratização da vida cotidiana, exemplificada por documentos de identificação, registros civis e normas jurídicas, demonstra como os processos individuais e coletivos de identificação passaram a ser mediados por instâncias formais. O indivíduo, ao ser inscrito em um sistema de normas e categorias, é reconhecido socialmente não apenas pelo que é em sua experiência subjetiva, mas também pelo modo como é classificado pelas instituições. Dessa forma, a identidade se torna, em parte, um constructo político e administrativo.

Além disso, a ritualização das interações sociais na Modernidade estabelece padrões e expectativas que moldam a maneira como os indivíduos se apresentam e se reconhecem no

tecido social. Cerimônias de cidadania, protocolos institucionais e até mesmo padrões culturais de comportamento reforçam que a identidade não é apenas um atributo pessoal, ela é um fenômeno coletivo e regulado. Essa regulação, por um lado, pode ser vista como uma forma de garantia da ordem e da previsibilidade social; por outro, também pode representar uma imposição que limita a fluidez e a multiplicidade das identidades individuais.

Portanto, na Modernidade, a construção da identidade não se dá apenas no nível da experiência subjetiva, mas é atravessada por processos de formalização e ritualização que são indispensáveis para a manutenção da estrutura social. O Estado, ao intervir nos processos de identificação, torna-se tanto um facilitador da integração coletiva quanto um regulador dos modos de existência. Resta-nos, então, refletir sobre até que ponto essa mediação estatal permite a livre expressão das identidades ou se, de alguma forma, as aprisiona dentro de categorias rígidas, limitando as possibilidades de construção do eu em sociedade.

O papel do simbólico na possível resolução dessa problemática é fundamental, pois permite conciliar a necessidade de formalização e ritualização dos processos de identificação com a liberdade de expressão das subjetividades individuais. Na Modernidade, onde a identidade é cada vez mais mediada por instituições e normas estatais, o simbólico surge como um campo de negociação entre a estrutura e a agência, entre o coletivo e o individual.

O simbólico tem a capacidade de conferir sentido às formas institucionais, tornando-as mais do que simples mecanismos burocráticos. Cerimônias de reconhecimento social, ritos de passagem e manifestações culturais coletivas, por exemplo, atribuem um valor subjetivo e emocional aos processos de identificação, permitindo que os indivíduos se apropriem deles de maneira significativa. A cidadania, por exemplo, não se reduz a um número em um documento; ela se fortalece por meio de símbolos nacionais, narrativas históricas e rituais de pertencimento que conferem à identidade coletiva um caráter afetivo e compartilhado.

Além disso, o simbólico também atua como um espaço de resistência e ressignificação. Frente à rigidez das categorias impostas pelo Estado, indivíduos e grupos encontram nos símbolos maneiras de expandir ou contestar as formas tradicionais de identificação. Expressões artísticas, mitologias, manifestações religiosas e movimentos sociais são exemplos de como o simbólico permite que a identidade seja constantemente reinterpretada, abrindo espaço para a diversidade e para formas mais fluidas de reconhecimento social.

Assim, ao invés de ser apenas um instrumento de reforço das estruturas de poder, o simbólico pode funcionar como um mediador entre a necessidade de ordem social e a liberdade individual. Ele possibilita que as identificações impostas pelo Estado sejam reinterpretadas e dotadas de significados mais amplos e dinâmicos, promovendo uma identidade que, ao mesmo

tempo que se inscreve no coletivo, respeita a singularidade de cada sujeito. Dessa forma, a resolução da problemática da formalização e ritualização excessivas passa pelo reconhecimento do simbólico como um espaço de mediação entre o instituído e o vivido, permitindo que as identidades sejam construídas de maneira mais autêntica e plural.

Nesse sentido, o cemitério exemplifica de maneira profunda essa dinâmica entre estrutura social e experiência subjetiva. Como espaço propício à reflexão sobre a morte e o luto – temas que ainda são tabus na sociedade –, ele se apresenta como um território simbólico no qual os indivíduos encontram formas de lidar com a finitude e a preservação da memória. Os monumentos e jazigos, com seus símbolos e inscrições, para além de abalizarem a passagem dos que se foram, também permitem que os vivos ressignifiquem suas emoções e construam narrativas sobre o ciclo da vida.

Por fim, o cemitério não se erige apenas como um mero local de despedida, ele também se erige como um local de memória afetiva e continuidade simbólica. A exploração desses significados pode ser uma ferramenta essencial para a educação patrimonial, uma vez que possibilita uma maior aproximação entre o visitante e a história do lugar. Ao reconhecer o potencial do simbólico para articular identidade, memória e pertencimento, torna-se possível transformar a experiência da visita ao cemitério em um processo pessoal e expressivo, que não apenas resgata o passado, mas também dialoga com o presente e projeta novas formas de compreensão do patrimônio cultural e das relações humanas.

### **3.4 O cemitério como campo de trocas simbólicas e de poder simbólico**

Pierre Bourdieu, renomado sociólogo francês, oferece uma lente perspicaz para analisar as complexas trocas simbólicas e o poder intrínseco que permeia certas regiões. O espaço cemiterial não poderia estar de fora dessa análise, visto que apesar de ser portador dos restos mortais humanos, nele ainda habita tanta vida quanto do seu lado externo, e ao falar-se de vida, não se refere aqui somente aos elementos orgânicos, mas ao inorgânico que vive através da simbologia, que vive ao emitir uma mensagem.

Assim, sob a ótica bourdieuriana, os cemitérios se transformam em arenas onde a luta pelo capital simbólico é travada de maneira sutil, porém profunda. Em sua natureza aparentemente serena e imutável, os cemitérios servem como palco para a construção e consolidação de hierarquias sociais. Os túmulos monumentais, frequentemente reservados para figuras influentes e abastadas, representam a pura acumulação de capital cultural e econômico ao longo das gerações. Portanto, esses monumentos não são apenas memoriais dos falecidos,

mas também manifestações visíveis do poder e status que suas famílias ostentavam quando em vida.

A disposição espacial dentro do cemitério também reflete as dinâmicas de poder. As áreas nobres e bem cuidadas são reservadas para os estratos mais privilegiados da sociedade, enquanto os túmulos menos ornamentados são relegados às margens. Essa divisão simbólica do espaço reforça as desigualdades presentes na sociedade, perpetuando-as mesmo após a morte.

Além disso, os rituais e cerimônias funerárias também desempenham um papel crucial na reprodução do poder simbólico, uma vez que a forma como os enlutados prestam homenagem aos falecidos, os símbolos e objetos escolhidos para adornar os túmulos, bem como as histórias e narrativas compartilhadas durante essas ocasiões, tudo isso contribui para a preservação das identidades sociais e das relações de poder estabelecidas.

No entanto, é preciso alertar para a possibilidade de resistência e subversão dentro desse contexto aparentemente rígido. Indivíduos e grupos marginalizados podem encontrar maneiras de desafiar as normas estabelecidas, redefinindo o significado do espaço cemiterial e reivindicando sua própria agência. A escolha de símbolos não convencionais, a subversão das convenções estéticas e a reinterpretação dos rituais funerários podem se tornar formas de contestação e reafirmação da identidade.

Nesses termos, o espaço cemiterial emerge como um terreno fértil para a exploração das trocas simbólicas e do poder simbólico, justamente por ser um local onde as hierarquias sociais são codificadas em pedra e mármore, onde as histórias individuais se entrelaçam com narrativas coletivas, e onde as complexas dinâmicas de poder encontram expressão tanto nas estruturas visíveis quanto nas ações invisíveis dos atores sociais.

A forma como os túmulos são concebidos e dispostos reflete a construção de hierarquias simbólicas, reforçando as diferenças sociais que perduram além da vida terrena. Os elementos escolhidos para ornamentar esses túmulos – desde a escolha das inscrições até a seleção de materiais e desenhos – carregam significados que transmitem não apenas a individualidade do falecido, mas também o status e a identidade de sua família.

Assim, a visita aos cemitérios torna-se um ritual que transcende o luto pessoal. É uma oportunidade para a expressão da pertença a determinados grupos sociais e para a reafirmação de conexões familiares e comunitárias. As pessoas participam desse ato simbólico como uma maneira de preservar tradições e reforçar a coesão social, consolidando as interações entre os vivos e os mortos de modo a manter esses mortos ritualisticamente vivos.

Os argumentos bourdieurianos refletem que os códigos culturais e sociais estão enraizados nas práticas cotidianas e nas instituições, moldando as trocas simbólicas que

ocorrem no espaço cemiterial. Os rituais de sepultamento, as cerimônias de homenagem e as normas que regem a manutenção dos túmulos são mediados por sistemas de significados que perpetuam distinções sociais e econômicas. Aqueles que podem investir em monumentos imponentes reforçam sua posição privilegiada, enquanto outros podem enfrentar limitações financeiras que influenciam a forma como honram seus entes queridos.

O mausoléu da família Matarazzo, imponentemente situado no cemitério histórico da Consolação em São Paulo, emerge como um exemplo marcante que ilustra a complexa questão da hierarquia social, conforme abordada pela teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Este monumento fúnebre, concebido com grandiosidade arquitetônica e ornamentos elaborados, reflete a busca da família por uma posição destacada e distintiva na estrutura social. Através da escolha meticulosa de materiais nobres e dimensões majestosas, o mausoléu não apenas honra os entes queridos falecidos como também projeta a imagem de prestígio, riqueza e poder acumulado durante suas vidas.

Essas trocas simbólicas refletem as complexas dinâmicas sociais que perpetuam, inclusive, o próprio poder simbólico, delineado na teoria bourdieuriana. Esses locais fúnebres são verdadeiros palcos onde as estruturas de poder, distinção e representação se manifestam através de escolhas, rituais e normas, perpetuando uma tapeçaria de significados que conecta o passado ao presente e onde as identidades individuais e coletivas são esculpidas – e profundamente enraizadas – tanto em mármore quanto na trama da sociedade.

**Figura 25**

Mausoléu da Família Matarazzo



*Fonte: Vander Dissenha, 2013.*

Os códigos de conduta e etiqueta do cemitério delineiam comportamentos aceitáveis e adequados, conservando assim os valores e padrões culturais que moldam a percepção pública e a legitimidade das diferentes famílias e indivíduos. A manutenção regular de túmulos e a realização de homenagens regulares podem ser visualizadas como estratégias de exercício de poder simbólico, que permitem aos vivos continuarem a exercer controle sobre a memória e a representação dos falecidos, reforçando, dessa maneira, sua própria posição social.

As inscrições tumulares fornecem insights adicionais sobre como esse poder simbólico se manifesta. As palavras escolhidas, as citações selecionadas e as mensagens gravadas transmitem ideologias e valores que ecoam essas distinções sociais, e a presença dos símbolos religiosos, heráldicos ou culturais específicos, como os da Maçonaria e do Rosacruzianismo, também servem como uma forma de afirmação de identidade e pertencimento, que enfatiza a herança e as conexões sociais de determinados grupos.

Recorrendo outra vez à François Hartog, este comenta em certa altura de seu livro *Regimes de Historicidade* que

Retomando-se a classificação proposta por Krzysztof Pomian, os objetos do patrimônio são “semióforos”: “objetos visíveis investidos de significações”. O fato de que patrimônio e temporalidades estejam indissoluvelmente ligados é uma evidência, já que o patrimônio é a reunião dos semióforos criada por uma sociedade, em um dado momento (e por um momento). Eles traduzem então o tipo de relação que uma sociedade decide estabelecer com o tempo. O patrimônio torna visível, expressa uma certa ordem do tempo, na qual a dimensão do passado conta. Trata-se, porém, de um passado do qual o presente não pode ou não quer se desligar completamente. Quer se trate de celebrá-lo, imitá-lo, conjurá-lo, de extrair prestígio dele ou apenas de poder visitá-lo. Olhando o passado, a preocupação patrimonial seria só ou até mesmo principalmente passadista? Não, já que se trata do passado- de um certo passado – cuja forma de visibilidade importa no presente. (Hartog, 2013, p. 197)

A filósofa brasileira Marilena Chauí, em sua obra *Brasil – mito fundador e sociedade autoritária*, explica que

Um semeion é um sinal distintivo que diferencia uma coisa de outra, mas é também um rastro ou vestígio deixado por algum animal ou por alguém. Signos indicativos de acontecimentos naturais – como as constelações, indicadores das estações do ano -, sinais gravados para o reconhecimento de alguém – como os desenhos num escudo, as pinturas num navio, os estandartes -, presságios e agouros são também semeion. E pertence à família dessa palavra todo sistema de sinais convencionados, como os que se fazem em assembléias, para abri-las ou fechá-las ou para anunciar uma deliberação. Inicialmente, um semeiophoros era a tabuleta na estrada indicando o caminho; quando colocada à frente de um edifício, indicava uma função. Era também o estandarte carregado pelos exércitos, para indicar sua proveniência e orientar seus soldados durante a batalha. Como semáforo, era um sistema de sinais para comunicação entre navios e deles com a terra. Como algo precursor, fecundo ou carregado de presságios, o semióforo era a comunicação com o invisível, um signo vindo do passado ou dos céus, carregando uma significação com conseqüências presentes e futuras para os

homens. Com esse sentido, um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como um pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação.” (Chauí, 2000, p. 11-12)

Essa explanação de Chauí nos ressalta a profundidade e a complexidade dos símbolos e sinais que permeiam não só os cemitérios, como toda a nossa cultura e história. Os semióforos, esses elementos portadores de significado, transcendem sua materialidade para se tornarem veículos de conexão com o passado, com o sagrado e com as identidades coletivas. Em cemitérios, os túmulos e monumentos não se restringem apenas ao que são no mundo sensível, isto é, às estruturas físicas, mas são carregados de simbolismos, de memória, devoção e afirmação de valores. Cada inscrição, cada símbolo gravado, é, portanto, um semióforo que comunica fatos históricos ou genealógicos, além de legado emocional e espiritual.

Assim, o espaço físico de um cemitério é visto como um campo social, no qual diferentes atores, como famílias, comunidades religiosas e até mesmo o governo, competem pelo acesso e controle desses espaços de sepultamento. Competições estas que não envolvem apenas questões práticas – localização e tamanho dos túmulos –, mas questões simbólicas – prestígio e reconhecimento social. Nesse contexto, a hierarquia dos túmulos, as áreas designadas a pessoas notáveis e monumentos funerários extravagantes são todos exemplos claros de como as trocas simbólicas ocorrem nesse ambiente. Há uma segregação que se dá para além da morte, o que nos faz refletir sobre como as estruturas do sistema social-econômico em que estamos inseridos arraigam-se mesmo no desconhecido.

Os rituais de luto e as práticas de homenagem aos mortos, as escolhas das flores, velas, a linguagem dos túmulos – inscrições, imagens e símbolos – e até mesmo a frequência das visitas aos túmulos de um ente querido são manifestações simbólicas e práticas influenciadas por valores culturais, religiosos e sociais e que podem transmitir informações sobre identidades, status social, crenças e realizações do falecido. Os túmulos elaborados são investimentos simbólicos feitos pelas famílias para garantir que a memória de seus entes queridos e de seu próprio brasão e notoriedade seja perpetuada e valorizada na sociedade.

### **3.5 O cemitério como campo de forças e espaço de poder**

Se o cemitério é um espaço de educação patrimonial, ele também pode ser um espaço de poder, pois o poder não é tão-somente algo que se possui ou que se exerce sobre os outros,

mas algo que se exerce nas relações entre os sujeitos e os objetos, entre o vivo e o morto e entre o sagrado e o profano. O poder é uma rede de forças que atravessa o cemitério e que produz efeitos de verdade, de saber e de subjetividade.

O cemitério não é apenas um lugar de sepultamento dos mortos, ele pode ser visto ainda como um lugar de exercício de um tipo de poder específico, o biopoder. O biopoder é uma forma de poder que se ocupa da vida em seus aspectos biológicos e populacionais. Ele visa regular, controlar e otimizar a vida, tanto individual quanto coletiva.

Foucault assinala que o biopoder é “(...) o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (Foucault, 2008, p. 3). O cemitério pode ser um dos dispositivos desse biopoder e que vai atuar sobre a morte, seu limite e seu contraponto. No sentido de que este lugar pode ser um lugar onde se inscrevem as normas, as leis e as políticas que definem quem pode viver e quem deve morrer, quem merece ser lembrado e quem deve ser esquecido, quem tem direito a um túmulo digno e quem não tem.

### **Figura 26**

Parentes improvisam homenagens fora do Cemitério São João na época da pandemia de covid-19



*Fonte: Eliana Nascimento/G1-AM.*

A pandemia de covid-19 em Manaus revelou de forma dramática as formas de exercício do biopoder no cemitério. Diante do colapso do sistema de saúde em janeiro de 2021, e do aumento exponencial dos óbitos por covid-19 em Manaus, o cemitério se tornou um espaço de violação dos direitos humanos, de desrespeito aos ritos funerários, de ocultação das causas das mortes e principalmente de exposição das desigualdades sociais.

As imagens de valas comuns, caixões empilhados e retroescavadeiras abrindo espaço para mais corpos humanos chocaram o mundo, e evidenciaram o abandono e a negligência das autoridades públicas diante da tragédia sanitária. Nesse contexto, o cemitério pode ser um lugar onde se manifestam as resistências, as contestações e as transgressões ao biopoder, que afirmam outras formas de lidar com a morte e com a vida, visto que ele se tornou um espaço de denúncia dos familiares e amigos dos mortos, que exigiram dignidade e justiça para seus entes queridos.

Diante deste cenário, percebe-se como este lugar tem sido um espaço onde se inscrevem as verdades sobre a morte e sobre a vida, onde verdades são construídas historicamente e variam conforme as épocas, as culturas e as classes sociais, e que são disputadas e negociadas entre os diferentes grupos que frequentam o cemitério: os familiares dos mortos, os funcionários, os visitantes, os religiosos, os pesquisadores e outros mais. Verdades que são materializadas nos símbolos, nos ritos, nas normas e nas leis que regulam o cemitério.

O Cemitério Municipal de São João, a título de exemplo, é um lugar onde se produzem saberes sobre a morte e sobre a vida, e que são elaborados a partir das experiências, das memórias, das crenças e das práticas dos sujeitos que se relacionam com o cemitério. Esses saberes, que são transmitidos, ensinados, aprendidos e transformados ao longo do tempo, são também legitimados ou contestados pelas instituições, pelos discursos e pelas autoridades que intervêm no cemitério.

As subjetividades do cemitério em relação à morte e à vida são moldadas pelas verdades e pelos saberes que circulam nesse espaço. Essas subjetividades podem ser expressas nas emoções, nas atitudes, nas escolhas e nas identificações dos sujeitos que se confrontam com o cemitério. Subjetividades que são afetadas pelo poder e que também podem resistir ao poder.

Deste modo, o cemitério pode ser visto como um campo de forças onde se articulam verdades, saberes e subjetividades sobre a vida e a morte. Um campo de forças onde se manifestam as relações de poder entre os diferentes agentes sociais envolvidos no cemitério e um campo de forças onde se revelam as estratégias de dominação e de resistência que operam no cemitério.

A educação patrimonial deve levar em conta essa dimensão do poder no cemitério. Ela deve problematizar essas verdades, esses saberes e essas subjetividades que são produzidos ali, como também deve questionar as relações de poder que ali se estabelecem, estimulando a crítica, a criatividade e a autonomia dos sujeitos que se educam por meio deste espaço.

O estudo de como o biopoder se relaciona ao cemitério, portanto, pode contribuir para a educação patrimonial, pois permite uma leitura crítica e problematizadora do patrimônio cultural que ali se encontra. De acordo com o Guia Básico da Educação Patrimonial, lançado

pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, “a educação patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que ele está inserido” (Horta et al, 1999).

Ao analisar o cemitério como um dispositivo do biopoder, o indivíduo pode questionar as verdades que são ali produzidas e reproduzidas, assim como as relações de poder que se estabelecem entre os diferentes agentes sociais envolvidos. Com isso, ele pode reconhecer, valorizar e preservar o seu patrimônio cultural, mas abre margem para também transformá-lo e recriá-lo de acordo com as suas necessidades e aspirações.

### **3.6 A Teoria das Janelas Quebradas**

Como último adendo a esta dissertação, há de se falar da Teoria das Janelas Quebradas, proposta pelo cientista político norte-americano James Wilson e o professor americano criminologista George Kelling, e que sugere que ambientes negligenciados ou com sinais de desordem, como janelas quebradas, podem levar a um aumento da criminalidade e do comportamento antissocial. A ideia central é que a presença de pequenos sinais de desorganização, como sujeira, vandalismo ou falta de manutenção, cria um ambiente propício para que crimes mais graves ocorram.

Como foi exaustivamente mostrado ao longo desta dissertação, o Cemitério São João enfrenta essa crise de degradação e deterioração contínua que vemos tomar conta de muitos espaços urbanos históricos da cidade de Manaus. A deterioração estrutural, somada ao vandalismo e à falta de conservação, parece refletir um ciclo vicioso que pode ser compreendido através dessa teoria, pois que, para ela, esses pequenos sinais de desordem, como uma janela quebrada em um prédio, podem sinalizar a ausência de controle e, conseqüentemente, fomentar comportamentos mais destrutivos: o aumento do vandalismo e do crime.

No contexto desse cemitério, a negligência na manutenção de suas estruturas e o crescente ato de vandalismo que se pode observar no local transmitem uma mensagem bastante clara: há uma falta de cuidado da sociedade em relação a sua própria memória e patrimônio. Há algo que a impede de fixar sua atenção quando deita seus olhos no cemitério para contemplá-lo. Uma manifestação clara de desrespeito e negligência que se faz cada vez mais presente, e que está intimamente ligada a essa teoria.

Em vista disso, o vandalismo e o abandono não são meramente atos isolados, eles fazem parte de um ciclo contínuo: quanto mais sinais de degradação o cemitério apresenta, mais ele

se torna um alvo para ações destrutivas. A teoria sugere que a manutenção do ambiente e a reparação rápida de danos são, portanto, essenciais para quebrar esse ciclo e evitar a escalada de comportamentos indesejáveis.

Ademais, a deterioração do Cemitério São João tem um impacto psicológico e social na comunidade que o frequenta. O espaço, que deixa de ser um local de reflexão e preservação da memória, transforma-se naturalmente em um lugar de medo e desvalorização, e perpetua com isso o sentimento de abandono e desmoralização, além de provocar o próprio sentimento de autoabandono e autodesmoralização, o que nos distancia de nossa natureza humana, e de tudo o que nos atem a ela. Esse contexto, como sugerido pela teoria de Wilson e Kelling, pode alimentar um ciclo de apatia social e falta de engajamento com a preservação do patrimônio, o que contribui para o agravamento da situação de degradação.

Aí, percebe-se o quão imprescindível é adotar medidas de revitalização do Cemitério São João que não se limitem apenas à restauração física, mas que também promovam um senso de pertencimento e cuidado comunitário. Investir na conservação e na segurança do local, como percebe-se que já se tem investido – ainda que parcamente –, além de envolver a população local no processo de preservação, pode ser uma forma eficaz de interromper o ciclo de deterioração e vandalismo, de forma a assegurar que o cemitério retome seu papel de memória histórica e respeito pelos que nele descansam.

Há mesmo uma deterioração simbólica que reverbera no próprio processo de luto de seus visitantes. A Teoria das Janelas Quebradas sugere que pequenos sinais de desordem, como a quebra de uma janela ou a falta de cuidado com o ambiente, geram um impacto psicológico que aumenta significativamente o desencadeamento de comportamentos destrutivos, além de aumentar a sensação de desvalorização do espaço. Quando essa degradação ocorre em um espaço como um cemitério, por exemplo, o impacto não se limita à sua preservação física, ela se estende ao processo emocional e psicológico dos indivíduos envolvidos por ele.

O luto, enquanto processo psicológico necessário à elaboração da perda, envolve o enfrentamento da morte e a busca por significado nesse evento. Um cemitério em ruínas, com túmulos vandalizados e monumentos deteriorados, torna-se um local de desconforto. Isso pode dificultar de maneira substancial a experiência do luto, já que a visita ao cemitério, que deveria ser enredada pelo sentimento de conexão com os mortos, reflexão e despedida, acaba por transmitir uma mensagem totalmente antagônica.

Internaliza-se a ideia de que o local não é valorizado nem pela comunidade, nem pelas autoridades responsáveis, o que gera sentimentos de impotência e frustração, que apenas acenam o processo do luto e o tornam mais doloroso e complicado. Não há aceitação da morte então,

ou dificilmente acontece de forma satisfatória. É difícil aceitar que seus entes queridos descansam em um espaço que, à semelhança da vida, está em processo de deterioração e esquecimento.

Há também insegurança emocional. Quando os visitantes se deparam com uma área abandonada, suja e vandalizada, sentem que o próprio processo de luto não está sendo bem desenvolvido, que há algo no caminho, tortuoso e reservado ao lapso, à omissão e à irreflexão. Algo que está sendo interrompido, pois o espaço é a mais pura representação do caos. Os sentimentos de tristeza e saudade, então, não são acompanhados de um espaço que possa permitir a memória e a honra, reforça-se aí apenas distanciamento e a frieza perante a morte.

Contudo, a degradação não se limita a um problema estrutural ou estético. A falta de manutenção, o abandono e o vandalismo, que muitas vezes são associados tão somente à deterioração do local, têm raízes complexas que envolvem aspectos sociais, econômicos e psicológicos. Um fenômeno recorrente observado nesse tipo de espaço é a presença de indivíduos em situação de rua, que utilizam o cemitério como um local propício para a prática de furtos e vandalismo. Para entender esse comportamento, é fundamental que reflitamos sobre as condições em que essas pessoas se encontram e como suas necessidades – muitas vezes urgentes e ligadas à sobrevivência – as levam a recorrer a atividades ilícitas, como o furto de materiais, que podem ser trocados por dinheiro para a compra de drogas, bebidas ou alimentação.

No entanto, a simples caracterização desses indivíduos como criminosos ou marginais desconsidera as causas mais profundas que os conduzem a essas ações. Sobre isso, o próprio Kelling nos diz:

Há uma maneira mais útil de abordar a população de rua, que os defensores chamam de moradores de rua, ao pensar sobre os problemas da desordem? Talvez uma das observações mais agudas sobre a relação entre as diferentes populações nas ruas e a desordem tenha sido feita por Kent Scheidegger, da Criminal Justice Legal Foundation. Baseando-se no trabalho de Baum, Burnes e outros, Scheidegger divide os moradores de rua em três subgrupos: os que não têm (have-nots), os que não podem (can-nots) e os que não querem (will-nots). Os “que não têm” são os genuinamente pobres, que estão nas ruas devido a alguma emergência, precisam de abrigo temporário e voltarão à vida normal – um percentual relativamente pequeno daqueles comumente considerados moradores de rua. Os “que não podem” são os mentalmente doentes e viciados, talvez o maior dos três grupos. Os “que não querem” são aqueles para quem viver nas ruas e se envolver em atividades ilícitas, incluindo criminalidade, se tornou um estilo de vida. No debate sobre a desordem, os “que não têm” geralmente não são o problema; o comportamento antissocial repetido e contínuo dos “que não podem” e dos “que não querem” é.

Seja realmente sem-teto ou não, os “que não podem” e os “que não querem” são de fato responsabilidade da nossa sociedade. Estamos longe de termos esgotado as tentativas de desenvolver meios mais satisfatórios e produtivos de prover e tratar suas necessidades específicas. No entanto, nem os doentes mentais e viciados, nem aqueles

que vivem nas ruas através de atividades ilícitas e enganação, devem ser autorizados a ameaçar a viabilidade da vida social e comercial em nossas cidades ao cruzarem repetidamente os limites do comportamento civil e legal. Nossa responsabilidade para com eles não é cumprida permitindo que nossas cidades se deteriorem em busca da equivocada noção de que estamos protegendo suas – e as nossas – liberdades. Tampouco nossa responsabilidade é cumprida por um movimento que busca proteger os “direitos” deles de permanecer nas ruas ou nos túneis do metrô e se envolver em comportamentos desordenados.

Entender como chegamos ao nosso estado atual e aos níveis de desordem é um passo importante para resolver os problemas do crime e do declínio nos bairros. No entanto, as mudanças sociais e a evolução da doutrina legal e da legislação aqui relatadas foram acompanhadas por uma tendência igualmente significativa de redução do papel tradicional de manutenção da ordem pela polícia. Se mudanças na doutrina legal, na legislação e no pensamento social contribuíram para o aumento da desordem urbana, a ineficácia das estratégias policiais também o fez. Não usamos a polícia de forma eficaz para ajudar a manter a ordem ou, como se revelou, para reduzir e controlar o crime em geral. Em vez disso, durante grande parte deste século, definimos um papel restrito para a polícia como profissionais combatentes do crime, afastados da vida local dos bairros, respondendo a crimes mais “sérios” e capturando criminosos. E à medida que a polícia se afastou de muitas atividades de manutenção da ordem nos bairros, a desordem se instaurou. (Kelling, 1997, p. 68-69, tradução nossa)

A divisão proposta por Kent Scheidegger, da Criminal Justice Legal Foundation, entre os “que não têm”, os “que não podem” e os “que não querem”, oferece uma lente importante para refletirmos sobre os diferentes tipos de população em situação de rua e a forma como cada grupo interage com o espaço urbano. Scheidegger argumenta que os “que não têm” são os genuinamente pobres, muitas vezes temporariamente em situação de rua e com um desejo de retornar à vida normal. Já os “que não podem”, que incluem indivíduos com doenças mentais ou vícios, formam o maior grupo entre os sem-teto, e são os que mais se envolvem em comportamentos antissociais repetidos. Por fim, os “que não querem” são aqueles que escolheram a vida nas ruas e nas atividades ilícitas como um estilo de vida.

Quando observamos o vandalismo no Cemitério São João, é possível identificar esses diferentes subgrupos presentes entre os perpetradores dos danos ao patrimônio, principalmente entre os “que não podem” e os “que não querem”. O vandalismo, nesse sentido, não é apenas uma questão de desrespeito à memória dos mortos, mas um reflexo de uma desordem social mais ampla, onde as necessidades físicas e psicológicas de indivíduos em situação de rua entram em conflito com a preservação do patrimônio histórico e cultural. A falta de recursos e a marginalização dessas pessoas, muitas vezes ignoradas pela sociedade, transformam espaços como o cemitério em locais vulneráveis a comportamentos destrutivos.

De acordo com Kelling (1997), a desordem urbana não é um fenômeno isolado, mas sim resultado de uma falha na manutenção da ordem social, especialmente quando a polícia e outras autoridades se afastam da vida cotidiana dos bairros. A ineficácia das políticas públicas e a falta de uma abordagem eficaz para lidar com a população em situação de rua na cidade de Manaus

contribuem para a perpetuação da desordem. No caso do São João, a falta de segurança e a presença de sinais de negligência, a partir da Teoria das Janelas Quebradas, engendram um ambiente propício para que comportamentos destrutivos, como o vandalismo, se tornem mais comuns.

Portanto, tal ciclo de deterioração e vandalismo no cemitério reforça um sentimento de abandono tanto por parte da sociedade em relação àqueles que vivem nas ruas quanto em relação ao patrimônio cultural da cidade. Com vista a quebrar esse ciclo, um olhar mais atento para as necessidades dos indivíduos em situação de rua é também necessário, e não apenas como casos de criminalidade, e sim como pessoas que enfrentam dificuldades sistêmicas de sobrevivência.

A revitalização do cemitério, assim, deve ser acompanhada por políticas públicas que protejam o patrimônio e também que ofereçam alternativas viáveis de reabilitação e reintegração para essas populações marginalizadas. O problema do cemitério não é um problema isolado, ele é produto de outras questões que estão no seu entorno. Para que a questão do cemitério seja realmente resolvida, é necessário pensar numa abordagem integrada, que considere essas diversas camadas da realidade urbana, que viabiliza a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade, de forma a caminhar lado a lado com o cuidado e a dignidade das pessoas que mais precisam.

A questão do cemitério, portanto, é multifacetada. Ignorar essas dimensões interligadas significa perpetuar um ciclo de degradação que afeta tanto o espaço físico quanto a dignidade humana. Nesse sentido, deve-se reconhecer que a destruição, em qualquer nível, nunca deixa de representar uma perda – seja no âmbito cultural, social ou humano.

Henry Hazlitt, em seu livro best-seller de 1946, *Economics in One Lesson*, utilizou essa teoria e afirmou que:

Complicações não devem nos desviar do reconhecimento da verdade básica de que a destruição gratuita de qualquer coisa de valor real é sempre uma perda líquida, um infortúnio ou um desastre e, quaisquer que sejam as considerações compensatórias em um caso particular, nunca pode ser, no saldo final, uma vantagem ou uma bênção. (Hazlitt, 1946, apud *A Primer on the Sovereign Debt Crisis*, 2011, p. 10, tradução nossa)

Essa reflexão dele nos reforça a importância de compreender que os prejuízos provocados pelo descaso e pela degradação não se limitam meramente à aparência física de um espaço, afetam profundamente a memória coletiva, o bem-estar social e econômico de um comunidade. Ao evitarmos que a destruição avance – tanto do patrimônio quanto da vida das

peças em situação de vulnerabilidade – caminhamos em direção a uma cidade mais justa, cuidadosa e comprometida com seu passado e com seu futuro.

É nesse contexto que o turismo cemiterial surge como um agente catalisador poderoso para a conservação, preservação e salvaguarda do Cemitério São João. Ao transformar o espaço em um ponto de interesse cultural e histórico, o turismo pode atrair recursos financeiros e fomentar uma valorização simbólica que resgata a importância desse patrimônio para a comunidade. Mais do que uma prática econômica, ele pode estimular a conscientização coletiva sobre o valor histórico e cultural do cemitério, promovendo sua integração à vida urbana e fortalecendo o vínculo entre passado, presente e futuro. Assim, a revitalização desse espaço contribui para um processo de reabilitação social e urbana, beneficiando tanto o patrimônio quanto as pessoas ao seu entorno.

Para Hazlitt, a destruição sem propósito ou sem uma justificativa substancial não resulta em ganho algum, mas sim em um prejuízo contínuo e irreversível. A destruição de um patrimônio cultural como o cemitério apaga vestígios históricos e também enfraquece os laços entre gerações.

Nesse sentido, a perda líquida de Hazlitt se manifesta em múltiplas dimensões: a perda do valor histórico e cultural do cemitério e a perda de um ponto de referência essencial para o bem-estar social da comunidade. É por isso que devemos ir além da mera preservação física dos objetos ao refletirmos sobre o valor desse patrimônio. A destruição não pode ser vista isoladamente como um dano físico. Ela é uma perda para o tecido social, pois enfraquece a base sobre a qual se constrói a coesão social e o respeito mútuo.

Nesse cenário de perdas materiais e simbólicas, a fotografia Miksang pode emergir como uma possibilidade, uma ferramenta poderosa que ajude o visitante a reinterpretar a relação da comunidade com o espaço do Cemitério São João. A prática Miksang, fundada na percepção contemplativa<sup>4</sup>, convida o observador a ver o mundo como ele é, livre de julgamentos ou narrativas pré-concebidas. Em vez de focar na destruição ou na degradação, essa abordagem enxerga a beleza nos detalhes mais sutis, ressignificando os vestígios do patrimônio perdido.

O fotógrafo amador Areef Abraham define que

Miksang é uma palavra tibetana que significa “olho bom”. Representa uma forma de fotografia contemplativa baseada nos ensinamentos de Dharma Art de Chögyam Trungpa, na qual o olho está em sincronização com a mente contemplativa. O objetivo

---

<sup>4</sup> A **percepção contemplativa** é a capacidade de observar o mundo ao redor com atenção plena, livre de julgamentos ou distrações, permitindo uma conexão direta e profunda com o momento presente e com os estímulos visuais, reconhecendo a beleza e o significado intrínsecos em elementos cotidianos.

das imagens Miksang é trazer o espectador de volta ao estado original de contemplação do fotógrafo. (Abraham, 2021, p. 1, tradução nossa)

Em *The practice of contemplative photography : seeing the world with fresh eyes* (sem tradução para o Brasil) do professor e fotógrafo Andy Karr, ele comenta que

A palavra *contemplar* às vezes significa pensar nas coisas, mas quando usamos esse termo, estamos indicando um processo de reflexão que envolve um nível mais profundo de inteligência do que nosso jeito usual de pensar sobre as coisas. O significado original da palavra *contemplar* está relacionado à observação cuidadosa. Significa estar presente com algo em um espaço aberto. Esse espaço é criado ao deixar ir as correntes da atividade mental que obscurecem nossa percepção natural e consciência.

Na fotografia contemplativa, a literalidade da câmera é usada como um espelho para refletir o seu estado de espírito. Ela mostra quando você fotografou o que *viu* – o que realmente apareceu – e quando você fotografou o que *imaginou*. Quando uma fotografia corretamente exposta replica fielmente sua percepção original, você viu claramente. Quando sua percepção original é mascarada na fotografia por sombras, reflexos ou outras coisas externas que você não percebeu, você estava imaginando. Você pode distinguir o que aconteceu pelos resultados. (Karr, 2011, p. 3, tradução nossa)

Deste modo, através da lente Miksang, rachaduras em uma lápide podem revelar texturas que contam histórias de resistência ao tempo. Um canto esquecido, tomado pela vegetação, pode ser interpretado como a coexistência entre natureza e memória. Os detalhes de inscrições antigas, desbotadas, tornam-se uma forma de reconexão visual com os antepassados.

A fotografia Miksang não tem o propósito de apenas documentar, ela, na verdade, recontextualiza o que vê e sente aquilo que captura. Captando fragmentos de beleza em meio ao caos, oferece-se à comunidade uma nova maneira de se relacionar com aquele espaço. Não se trata de ignorar a necessidade de preservação física do patrimônio, mas de criar um vínculo emocional que pode, por sua vez, fortalecer o engajamento em processos de revitalização. Quando as pessoas são capazes de ver o valor simbólico, mesmo em um cenário deteriorado, elas tendem a nutrir um cuidado maior por esses espaços.

Além disso, a prática Miksang pode atuar como uma forma de educação patrimonial. Engajando visitantes, viajantes e moradores locais em oficinas ou exposições que utilizem essa abordagem, torna-se muito mais fácil promover uma conscientização mais profunda sobre o papel do cemitério na formação da memória coletiva. Para fundamentar a ideia, disse Italo Calvino que

Quando tudo tiver encontrado uma ordem e um lugar em minha mente, começarei a não achar nada digno de nota, a não ver mais o que estou vendo. Porque ver quer dizer perceber diferenças, e, tão logo as diferenças se uniformizam no cotidiano previsível, o olhar passa a escorrer numa superfície lisa e sem ranhuras. Viajar não serve muito

para entender (isso eu sei faz tempo; não precisei chegar ao Extremo Oriente para me convencer disso), mas serve para reativar momentaneamente o uso dos olhos, a leitura visual do mundo. (Calvino, 2010, p. 166)

Essa passagem reflete sobre a natureza da percepção e como ela é influenciada e afetada pela familiaridade e pela rotina. Inicialmente, quando estamos diante de algo novo ou inesperado, percebemos com intensidade, pois nossa mente é naturalmente atraída pelas diferenças, pelas nuances e pelos detalhes. “Ver” nesse contexto significa estar atento às distinções e às particularidades que compõem o que enxergamos.

No entanto, à medida que algo se torna habitual ou previsível, ou mesmo desagradável por conta da deterioração, essas diferenças deixam de chamar nossa atenção. A mente começa a ordenar e categorizar o que vivenciamos, tornando-o parte de um todo uniforme e, por isso, menos notável. É como se o olhar, acostumado e entediado pela repetição ou pela desordenação, deslizesse superficialmente sobre o que antes era um campo rico em detalhes e significados.

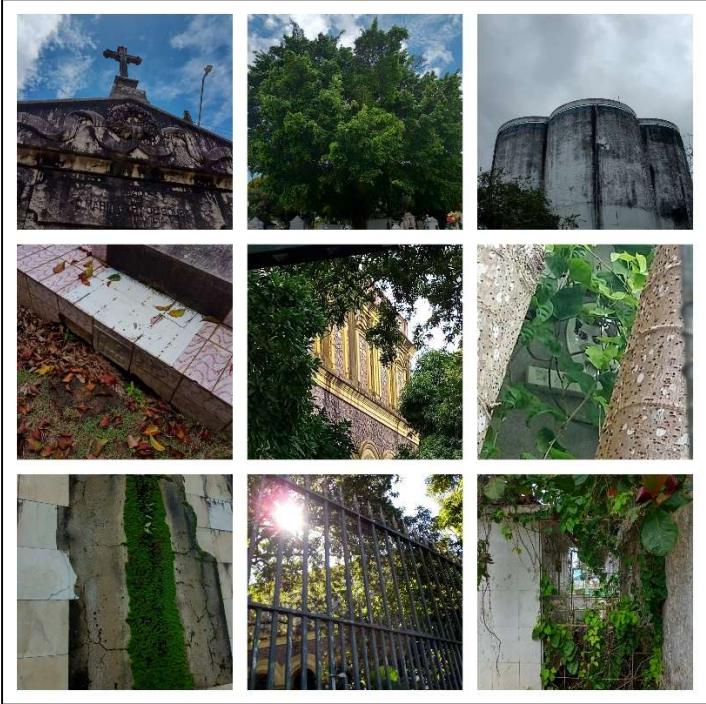
Essa reflexão de Calvino, então, nos sugere que a rotina e a previsibilidade podem embotar nossa percepção, fazendo com que paremos de “ver” verdadeiramente o mundo ao nosso redor, e até mesmo a beleza onde o senso comum costuma ver apenas ruína. É um chamado para valorizar o olhar atento e a capacidade de se surpreender, mesmo com o que é aparentemente ordinário.

A prática da fotografia Miksang, ao recontextualizar o que há em volta, pode oferecer uma experiência de reconexão espiritual e emocional, ao destacar o valor imaterial que o patrimônio cultural detém, mesmo em sua fragilidade.

Nas páginas seguintes, apresento fotografias de minha autoria, organizadas em duas colagens, as quais foram realizadas a partir da proposta da fotografia contemplativa supracitada.

Figura 27

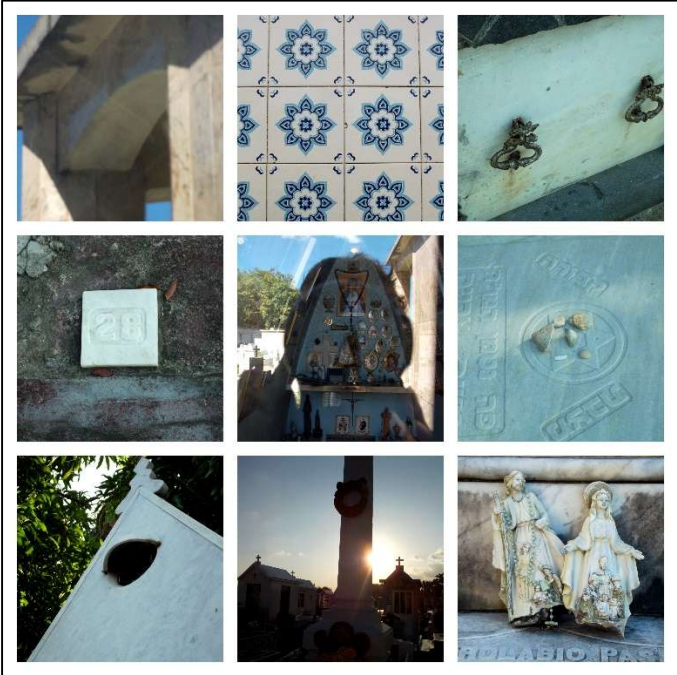
Registros em Miksang



Fonte: arquivo pessoal/2023.

Figura 28

Outros registros em Miksang



Fonte: arquivo pessoal/2023.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É frequentemente atribuída ao pedagogo e filósofo norte-americano John Dewey a seguinte citação: “o passado permanece em silêncio se não for questionado em relação a um problema presente”. Apesar de não ter encontrado evidências concretas de que ele tenha escrito ou dito exatamente essas palavras, essa ideia reflete bem sua filosofia sobre a importância de conectar o passado às necessidades e problemas atuais para que a aprendizagem seja significativa.

É com base nesse pensamento que as considerações finais desta dissertação se debruçam, ao reforçarem a importância de uma abordagem holística na preservação dos cemitérios como patrimônios culturais. A educação patrimonial emerge como uma ferramenta fundamental para sensibilizar a comunidade sobre a valorização de sua história e identidade cultural, promovendo uma transformação social que transcende a simples conservação física dos espaços. Esta prática não apenas enriquece o entendimento sobre a memória coletiva, ela também fortalece o vínculo emocional e cultural entre a sociedade e seu passado.

Através da educação patrimonial, e da práxis inerente à ela, os cemitérios, muito além de simples locais de luto, podem ser percebidos como espaços educativos e reflexivos, onde as histórias dos que vieram antes de nós são lembradas e honradas. Essa transformação de percepção é essencial para garantir que esses locais sejam preservados e respeitados, servindo como pontos de conexão entre as gerações e facilitando um entendimento mais profundo da nossa herança cultural.

Além disso, a preservação do patrimônio cemiterial reflete uma responsabilidade intergeracional. A necessidade de conservar o passado deve ser equilibrada com a construção de um futuro sustentável, garantindo que as futuras gerações possam também acessar e aprender com esses espaços ricos em história e significado. Essa abordagem integrada é categórica para o fortalecimento da identidade cultural e para a promoção do turismo cultural de maneira responsável e respeitosa.

É importante ainda reconhecer os desafios inerentes à gestão dos cemitérios como espaços que pertencem tanto ao domínio público quanto ao privado. A conciliação dessas esferas demanda políticas que respeitem o uso coletivo dos cemitérios, ao mesmo tempo em que protejam e preservem os bens privados que compõem esses locais. Esse equilíbrio é essencial para manter a integridade e a autenticidade dos cemitérios como locais de memória e patrimônio.

E como recurso último para fortalecer a imagem do cemitério e seu arcabouço como elementos a serem preservados e salvaguardados, a prática do Miksang, oriunda da tradição contemplativa, surge como uma poderosa ferramenta. Esta abordagem fotográfica, focada na percepção pura e na apreciação do momento presente, pode revelar a beleza sutil e muitas vezes negligenciada dos detalhes que compõem o ambiente cemiterial. Ao capturar imagens que refletem a essência do lugar, o Miksang convida os visitantes e a comunidade a enxergar o cemitério sob uma nova perspectiva, valorizando sua importância histórica e cultural. Dessa forma, a prática, para além de promover a conservação visual, também estimula uma conexão emocional e espiritual mais profunda com o patrimônio, reforçando a necessidade de sua preservação.

Quanto às entrevistas realizadas com visitantes e trabalhadores do Cemitério Municipal de São João (uma no Dia das Mães, outra no Dia dos Pais, outra no Dia das Crianças e outra no Dia dos Finados), estas permitiram uma análise aprofundada sobre a percepção da comunidade em relação às condições de segurança, conservação e potencial turístico do espaço. Os relatos evidenciam tanto aspectos positivos quanto desafios significativos que afetam a preservação e a funcionalidade do cemitério como patrimônio histórico e cultural.

Um dos principais problemas identificados é a falta de segurança e a frequente depredação dos jazigos e monumentos. Muitos entrevistados relataram furtos recorrentes de elementos materiais, como portas, cruzeiros e objetos de metal, que são possivelmente revendidos em ferros-velhos. A ausência de uma vigilância eficiente, aliada à precariedade da iluminação, facilita essas ocorrências, especialmente durante a noite e aos finais de semana. Como consequência, há um afastamento progressivo dos visitantes, que temem por sua segurança ao frequentar o local.

Outro ponto relevante é a situação dos trabalhadores, especialmente os zeladores, que enfrentam dificuldades significativas no exercício de suas funções. Muitos relataram restrições de horário que comprometem a manutenção dos jazigos, além da perda de espaços destinados ao armazenamento de materiais e à troca de roupas, o que os obriga a improvisar soluções precárias. A falta de apoio por parte da administração municipal também foi um aspecto recorrente nos depoimentos.

No que se refere à conservação do cemitério, houve divergências entre os entrevistados. Alguns consideram que a limpeza tem sido satisfatória, especialmente em datas comemorativas, quando o trabalho de manutenção se intensifica. No entanto, outros apontam que essa limpeza é superficial e não alcança todas as áreas do cemitério, havendo um contraste entre as regiões centrais, mais bem cuidadas, e as áreas periféricas, que apresentam sinais de abandono.

A questão do turismo cemiterial também gerou opiniões divergentes. Enquanto alguns entrevistados acreditam que o Cemitério Municipal de São João possui um acervo histórico e arquitetônico valioso, que poderia ser explorado para fins turísticos, outros consideram que o local ainda não está preparado para receber tal atividade. A falta de infraestrutura, segurança e um plano de gestão adequado foram apontados como entraves para a implementação do turismo no cemitério.

Diante desses relatos, fica evidente a necessidade de medidas concretas para melhorar a gestão do Cemitério Municipal de São João. Investimentos em segurança, como a instalação de câmeras e o aumento do efetivo de vigilantes, poderiam minimizar os furtos e aumentar a sensação de segurança dos visitantes. Também se faz necessário um plano de revitalização mais abrangente, que contemple todas as áreas do cemitério de maneira equitativa. Além disso, a valorização dos trabalhadores, com melhores condições de trabalho e suporte adequado, é essencial para garantir a manutenção adequada do espaço.

Por fim, é importante que qualquer proposta de turismo cemiterial seja planejada de forma cuidadosa, respeitando o caráter sagrado e memorial do espaço. Com uma gestão eficiente e um compromisso real com a preservação do patrimônio, o Cemitério Municipal de São João pode se tornar um local que concilie memória, história e visitação, garantindo sua manutenção para as futuras gerações.

## APÊNDICE

Enquanto escrevia esta dissertação, Gamora, a ratazana albina citada no início desta dissertação, faleceu depois de dois anos bem vividos. A notícia da morte é sempre recebida com o peso de um mau agouro, mas creio eu que é o que a torna assim fenômeno tão importante para a significação de nossa frágil existência. Lembra-nos de viver o que temos para viver. Lembra-nos de, sobretudo, ser o melhor de nós quando temos a chance de ser, mas também, de dizermos o que deve ser dito quando algum ultraje é incapaz de ser suportado. Isto é, seja ela de que espécie for, a ausência súbita de um ser ocasionada pela morte, quando mesclada com muito afeto, é sempre – e terrivelmente – desoladora. E deve ser aceita assim, como desoladora. E o que é mais importante, deve ser sentida e, quando possível, expressada. Creio eu que seja a única maneira de fazermos da morte outra vez nosso lar, um lar para onde podemos retornar quando já muito cansados de existir.

Como últimas palavras – e também uma reflexão –, deixo aqui estes versos de Ovídio:

Tudo muda, nada morre! O espírito circula, vem de lá para cá e vai de cá para lá, toma posse de qualquer corpo, passa das bestas aos corpos dos homens e do nosso às bestas, e nunca perece. Tal como a moldável cera se modela em formas novas, mas é sempre a mesma, mas emigra para figuras diversas. [...] E já que sou levado no mar sem fim e abri ao vento o meu pano todo, no mundo inteiro nada há de estável. Tudo flui, as formas todas se organizam para ir e vir. (Ovídio, 2017, p. 799-801)

**Figura 29**

Túmulo de Gamora, a ratazana albina



*Fonte: arquivo pessoal/2024.*

## REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Areef. **Seeing with fresh eyes**. Disponível em: <<https://hcpclub.ca/wp-content/uploads/2022/05/Seeing-with-fresh-eyes-Ladysmith-Reduced-Size.pdf>> Acesso em 29 de Novembro de 2024.

AINSWORTH, Mary; BLEHAR, Mary; WATERS, Everett; WALL, Sally. **Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation**. New York: Psychology Press, 2015 (Originamente publicado em 1978).

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Saraiva de Bolso), 2012.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. Tradução Marcelo Coelho. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

BENJAMIN, Walter. **As teses sobre o conceito de história**. In: Obras Escolhidas, Vol. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. (Tradução Paulo Neves) São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BÍBLIA Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BORGES, M. E. O cemitério como museu a céu aberto. In: **VII Congresso Internacional Imagens da Morte: tempos e espaços da morte na sociedade**, Brasil, São Paulo, 2016. Recurso digital. Disponível em: <<https://www.artefunerariabrasil.com.br/wp-content/uploads/2018/02/texto-final-cem.-museu-imagens-da-morte-2016.pdf>>. Acesso em 08 de janeiro de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BOWLBY, John. **Apego e perda – Perda: Tristeza e depressão** (V. Dutra, Trad., 2a ed., Vol. 3). São Paulo: Martins Fontes, 1998 (Originalmente publicado em 1973).

BLUMENFELD, Remy. 2020. How a 15,000-Year-Old Human Bone Could Help You Through the Coronavirus. **Forbes**, 21 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/remyblumenfeld/2020/03/21/how-a-15000-year-old-human-bone-could-help-you-through-the--coronavirus/?sh=5f5b2a737e9b>>. Acesso em 08 de abril de 2024.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2008. (Artes & Ofícios, 5).

CALLIGARIS, Contardo. Lápides contam o passado dos seres admiráveis. **Folha de São Paulo**, 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/11/02/turismo/5.html>>. Acesso em 24 de abril de 2024.

CALVINO, Italo. **Coleção de areia**. 1. ed. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALVINO, Italo. **Ovídio e a contiguidade universal**. In: Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, E. T. **Aqui também jaz um patrimônio**: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC. 1962-2008). 2008, 210 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade), PGAU-CIDADE, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CASTRO, Sônia Rabello de. **O Estado na preservação dos bens culturais: o tombamento/Sônia Rabello**. – Rio de Janeiro: IPHAN, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil – mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, Estação Liberdade, 2001.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993, 21-43 p.

FARIA, Jacir de Freitas. **O medo do Inferno e a arte de bem morrer**: da devoção apócrifa à Dormição de Maria às irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FRANKL, Viktor Emil. **The will to meaning**. New York: Meridian Books, 1988.

FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII.

GADELHA, Rebeca. L'appel du vide ou o chamado do vazio. **Mirada**, 2021. Disponível em: <<https://www.miradajanela.com/2021/06/lappel-du-vide-ou-o-chamado-do-vazio.html>>. Acesso em 13 de maio de 2024.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio – tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade**. Campinas (SP): Papirus, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDING, Nechama. Gruta dos Patriarcas – Mearat Hamachpelá. **Chabad.org**, 2020. Disponível em: <[https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/4302211/jewish/Gruta-dos-Patriarcas-Mearat-Hamachpel.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/4302211/jewish/Gruta-dos-Patriarcas-Mearat-Hamachpel.htm)>. Acesso em 23 de abril de 2024.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, MinC/IPHAN, 1996.

GORER, Geoffrey. **La pornografia della morte**. 1955. Disponível em: <<https://www.romolocapitano.com/wp-content/uploads/2013/08/Gorer.pdf>>. Acesso em 13 de Novembro de 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARTOG, François. Tempo e história: como escrever a história da França hoje?. **História Social**, nº 3, 1996, pp. 217-154. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/89/84>>. Acesso em 30 de Abril de 2024.

HAZLITT, Henry. Economics in One Lesson. New York: Harper & Brothers, 1946. Capítulo 3, p. 29-30. Apud: **A Primer on the Sovereign Debt Crisis**. Disponível em <[https://s3.amazonaws.com/lmrreport/september\\_11\\_color.pdf](https://s3.amazonaws.com/lmrreport/september_11_color.pdf)>. Acesso em 23 de Novembro de 2024.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In:; HOBSBAWN, E. RANGER, T. (Orgs). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Fototeca: **Sítios arqueológicos**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/17/fototeca-sitios-arqueologicos#:~:text=S%C3%A3o%20considerados%20s%C3%ADtios%20arqueol%C3%B3gicos%20os,lapas%20e%20abrigos%20sob%20rocha.>>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio arqueológico: legislação**. [s.l.], 21 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico/legislacao>>. Acesso em: 30 de novembro de 2023.

JOYCE, James. **Finnegans Wake**. London: Faber and Faber, 1975a [Originalmente publicado em 1939].

JUNGIAN Center for the Spiritual Sciences. **Jung on the Enantiodromia: Part 1– Definitions and Examples**. Disponível em: <<https://jungiancenter.org/jung-on-the-enantiodromia-part-1-definitions-and-examples/>>. Acesso em 13 de maio de 2024.

KARR, Andy. **The practice of contemplative photography: seeing the world with fresh eyes**. Boston: Shambhala, 2011. Disponível em: <<https://archive.org/details/practiceofcontem0000karr>>. Acesso em 29 de Novembro de 2024.

KELLING, George Lee; COLES, Catherine. **Fixing Broken Windows: restoring order and reducing crime in our communities**. [Foreword by James Q. Wilson]. New York: Free Press, 1997. Disponível em: <<https://archive.org/details/fixingbrokenwind0000kell>>. Acesso em 22 de Novembro de 2024.

LAVEY, Anton Szandor. **The Satanic Bible**. New York: Avon Books, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MONTELL, Amanda. **Cultos: a linguagem secreta do fanatismo**. Tradução de Verena Cavalcante. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2023.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa-América, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Friedrich Nietzsche; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, F. de. **Morte da memória nacional**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.

OS surpreendentes rituais de enterros de crias mortas por elefantes observado pela 1ª vez por cientistas. **BBC**, 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgr9z831140o#:~:text=Longe%20dos%20seres%20humanos,terra%2C%20informa%20a%20Live%20Science.>>. Acesso em 18 de abril de 2024.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. São Paulo: Editora 34, 2017.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 132p.

PINCELLI, Renato. As torres do silêncio. **Hypercubic, um hiperespaço de ideias** – blog dos Blogs de Ciência da Unicamp, Campinas, 21 out. 2011. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/hypercubic/2011/10/as-torres-do-silencio/>>. Acesso em 16 de Maio de 2024.

PLATÃO. **A República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

**PORTO Editora**. *enantiodromia na Infopédia*. Porto: Porto Editora. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/artigos/\\$enantiodromia>](https://www.infopedia.pt/artigos/$enantiodromia>). Acesso em 13 de maio de 2024.

PROUST, Marcel. Em Busca do Tempo Perdido. Volume 1. Tradução de Mário Quintana. **No Caminho de Swann**. São Paulo: Globo, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Adilson. A Tragédia Grega na visão de Friedrich Nietzsche. **Revista Letras**, Curitiba, n. 68, P. 49-68, JAN./ABR. 2006. Editora UFPR.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Thomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STRICKLAND, Ashley. Misteriosa espécie humana de cérebro pequeno enterrava os mortos 100 mil anos antes do homem moderno. **CNN Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/misteriosa-especie-humana-de-cerebro-pequeno-enterrava-os-mortos-100-mil-anos-antes-do-homem-moderno/>>. Acesso em 18 de abril de 2024.

## ANEXOS

### **Roteiro de entrevista qualitativa referente ao projeto “Entre o Arcabouço e o Silenciamento: memória, patrimônio e turismo no Cemitério Municipal de São João”**

#### **Dados de Identificação**

Entrevistado (a):

1. Nome;
2. Data e local de nascimento;
3. Data da entrevista;
4. Ocupação;

#### **Questões da Entrevista**

1. Com que frequência você visita o Cemitério Municipal de São João? E para qual finalidade?
2. Em suas visitas, há pontos negativos que você tenha observado? Se sim, quais?
3. É possível observar que o Cemitério Municipal de São João tem passado por uma série de furtos e depredações de seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?
4. Você já teve alguma experiência desse tipo? Por exemplo, com furto ou depredação de algum jazigo familiar...? Se sim, pode relatar como se deu?
5. Você considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério Municipal de São João? Por quê?
6. A SEMULSP é o órgão da Prefeitura de Manaus responsável pela manutenção e organização dos 10 (dez) cemitérios públicos existentes em Manaus. Você considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do Cemitério Municipal de São João? Se não, por quê?
7. O Cemitério Municipal de São João é tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas desde 14 de junho de 1988, pelo Decreto 11.198. Um tombamento consiste num conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Nesse contexto, você considera que o Cemitério Municipal de São João tem sido bem preservado?
8. O Turismo Cemiterial tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico; seu principal propósito é transformar o cemitério num cemitério-museu aberto para visitas e estudos. Você acha que o Cemitério Municipal de São João está preparado para receber tal atividade? Por quê?
9. Você recomendaria a visita ao espaço do Cemitério Municipal de São João a alguém? Se não, por quê?

*Entrevistas feitas no dia 14 de Maio de 2023 (Dia das Mães)*

### Entrevista – Deusilane Maria

**Gabriel:** Seu nome, mas a senhora responde só se a senhora quiser né?

**Deusilane:** Uhum.

**Gabriel:** Pode me dizer?

**Deusilane:** Deusilane. U e S.

**Gabriel:** Sobrenome?

**Deusilane:** Maria.

**Gabriel:** Deusilane Maria.

**Deusilane:** Isso.

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**Deusilane:** Manaus.

**Gabriel:** Aí, a senhora nasceu quando mesmo?

**Deusilane:** 05/10.

**Gabriel:** 05/10...

**Deusilane:** 1966.

**Gabriel:** Sua ocupação?

**Deusilane:** Zeladora.

**Gabriel:** A primeira pergunta, com que frequência a senhora visita o Cemitério Municipal de São João?

**Deusilane:** Todo dia.

**Gabriel:** Em suas visitas há pontos negativos que a senhora tem observado? E se sim, quais?

**Deusilane:** Mano, observação: é que a gente tem que ver se tá limpo, tá! Tá bem arrumadinho? Tá, mas tem certas coisas aqui que a gente é proibido, por exemplo, hoje. A gente tá sendo proibido, não podia pegar vassoura, não podia trabalhar. Quer dizer que os clientes da gente chega, a gente não pode nem passar uma vassoura, né, na sepultura dos cliente da gente. Aí fora outras coisa...

**Gabriel:** Mas é, então teve uma ordem, né, pra vocês não...?

**Deusilane:** Sim.

**Gabriel:** Muito bem. É possível observar que o Cemitério Municipal de São João ele tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais. Aí eu queria saber o seu pensamento sobre essa questão.

**Deusilane:** Éeeh, sobre a segurança aqui a gente não pode nem se queixar, né, que tem segurança, mas... essa coisa de roubo aqui sempre existiu, não é de hoje, né. É que uma coisa que quem podia responder esse tipo de pergunta são os próprios donos dos jazigo, né?

**Gabriel:** Com certeza.

**Deusilane:** Porque eu... não posso nem responder sobre isso.

**Gabriel:** A quarta pergunta, a senhora já teve algum uma experiência desse tipo... Por exemplo, com furto ou depredação de algum jazigo familiar?

**Deusilane:** Não, não.

**Gabriel:** Mas a senhora já observou algo dessa natureza acontecer aqui?

**Deusilane:** Já, tem muitas capelas que tá sem porta aqui.

**Gabriel:** A senhora considera que esses acontecimentos eles afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Deusilane:** Com certeza.

**Gabriel:** A senhora pode me dizer porquê?

**Deusilane:** Éeeh... as pessoas têm medo de ser roubado aqui.

**Gabriel:** Aqui tem essa pergunta relacionada a Semulsp, né, que é o órgão da Prefeitura de Manaus responsável pela manutenção e organização dos cemitérios. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização?

**Deusilane:** Sim, melhorou muito na limpeza.

**Gabriel:** Aí, o Cemitério São João ele é tombado como um monumento histórico, né, do estado do Amazonas. Desde 14 de junho de 1988. Esse tombamento ele consiste no conjunto de ações realizadas pelo... poder público com o objetivo de preservar os bens de valor histórico, cultural e arquitetônico, né? Todos esses bens assim. Então, nesse contexto a senhora considera que o Cemitério São João tem sido bem preservado?

**Deusilane:** Sim, sim. Com certeza.

**Gabriel:** Mas assim, qual sua opinião em relação a esses furtos assim, será que não... é uma lacuna que existe aí?

**Deusilane:** Não. É pilantra mesmo que entra pra roubar, esses pé inchado de beira da praça aqui que entra pra roubar. Alumínio. Eles vendem depois por besteira, né? Porque uma porta dessa é quinhentos, seiscentos, setecentos reais, eles vão vender o quê? Nem dez reais eles vende porque é massa pra vender, né?

**Gabriel:** Eles vendem aonde assim?

**Deusilane:** Acho que é sucata, né?

**Gabriel:** Aí a penúltima pergunta, o turismo cemiterial, ele tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. Seu propósito é transformar o cemitério num cemitério museu aberto pra visitação e estudos. A senhora acha que o Cemitério São João está preparado pra receber essa atividade?

**Deusilane:** Tá, tá sim.

**Gabriel:** A senhora pode me dizer...?

**Deusilane:** Porque é um cemitério, é, como é que é, eu não sei dizer a palavra... que ele é um, é um... é um cemitério de espelho, né? É esse aqui. É um dos primeiros cemitério que veio da Praça da Saudade pra cá, né? E ele é o espelho de todos os cemitérios.

**Gabriel:** Que é o mais conhecido também, né?

**Deusilane:** Sim.

**Gabriel:** A senhora recomendaria a visitação às partes do Cemitério São João a alguém?

**Deusilane:** Sim, recomendaria sim.

**Gabriel:** Aí, a senhora pode me dizer porquê?

**Deusilane:** Eu continuo dizendo, é o exemplo de todos os cemitério é esse aqui, né? É o espelho de todos. Né?

**Gabriel:** Então a gente chega no final da nossa entrevista aqui, tá bom? Eu agradeço muito pela sua dedicação e atenção.

[Fim da gravação]

### Entrevista – Mariovan Chagas

**Mariovan:** [*Coff coff*] Eu já estou com tosse.

**Gabriel:** Sem problema. Seu nome é?

**Mariovan:** Mariovan.

**Gabriel:** Mariovan de?

**Mariovan:** Mariovan Santos das Chagas.

**Gabriel:** Data e local de nascimento.

**Mariovan:** 11/02/1969, Manaus.

**Gabriel:** Tá, sua ocupação?

**Mariovan:** Auxiliar de Serviços Gerais.

**Gabriel:** OK, a primeira pergunta da entrevista é com que frequência o senhor visita o Cemitério Municipal de São João e pra qual finalidade?

**Mariovan:** Mais pra visitar onde tá a minha... a gente querida que tá enterrada, né? Que é a minha mãe... E às vezes a gente vem pra limpeza, né? Acompanhar a limpeza do cemitério...

**Gabriel:** Aí, nessas visitas que o senhor faz no cemitério, há alguns pontos negativos que o senhor tenha observado? E se sim, quais?

**Mariovan:** Não, mas os pontos negativos que a gente vê é que de vez em quando estão roubando gente aqui dentro, né? Não sei também se já melhorou a segurança daqui de dentro, né, como é que tá a segurança do cemitério... É mais é isso, porque às vezes você tá sozinho na sepultura e não tem ninguém. Às vezes o elemento entra, fica escondido atrás de uma sepultura, né, e aí reage na hora que você tá só... Em termos da segurança do cemitério, né...

**Gabriel:** Aí, a terceira pergunta é: é possível observar que o cemitério tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais, e eu queria saber qual o seu pensamento sobre essa questão.

**Mariovan:** Isso aí é porque... isso aí é porque o que tem que fazer é a segurança do cemitério, isso que eu tô dizendo. Por que ele tá passando por isso? Porque não tem segurança, o cemitério não tem a segurança própria, né. Ele não tem a... a segurança tem que ser em primeiro lugar... no cemitério. Isso aí, negócio de furto, sempre aconteceu, né, mas se puder evitar é melhor.

**Gabriel:** O senhor já teve alguma experiência desse tipo, por exemplo, com furto ou depredação de algum jazigo familiar? Se sim, pode relatar como se deu isso?

**Mariovan:** Hoje mesmo eu cheguei tava virado a, tava arrancado a grade da sepultura aqui da mamãe, essa daqui. Ela tava jogada prali, entendeu? Hoje eu já presenciei isso aí, eu não gostei da atitude, quando eu cheguei que eu vi a, coisa daqui da *catatumba* dela quebrada. Arrancada a grade, entendeu?

**Gabriel:** Aí, o senhor considera que esses acontecimentos eles afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Mariovan:** Afasta porque, isso aqui, o que quer dizer, é que é o próprio pessoal que trabalha no cemitério que vai fazer o serviço, vai fazer, é, vai enterrar outras pessoas, aí, quer dizer, tem aquele monte de gente, mas ninguém presta atenção, né, como é que deixa as coisas... Aí, o pessoal também tem que ver isso, né? Se eu não viesse hoje aqui? Ia ficar jogada a grade aí?

**Gabriel:** Aham. Aí, a Semulsp ela é o órgão da Prefeitura de Manaus responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes aqui, o senhor considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do Cemitério São João?

**Mariovan:** Na limpeza sim, eu considero sim porque tem vezes que o cemitério tá lascado mesmo de mato, e quando a limpeza vem vem total. Isso aí é uma coisa que eu não critico porque a limpeza do cemitério é excelente que eles fazem aqui.

**Gabriel:** Aí, o Cemitério São João é tombado como monumento histórico do Estado do Amazonas. Ele foi tombado em 14 de junho de 1988. O objetivo de um tombamento é preservar os bens materiais, né...

**Mariovan:** Os bens materiais e os bens que o cemitério tem, né...

**Gabriel:** Isso... Aí, nesse contexto, o senhor considera que o Cemitério São João tem sido bem preservado?

**Mariovan:** Tem sido muito bem preservado ele. Porque ele é, assim, é, tem as medidas de administração, né. A administração que administra as outras coisas do cemitério, que administra ele realmente, é, vale a pena, entendeu? Tão elevando bem que já era pra tá, pra tá feio. Mas ele não, ele tá sempre pintado, tá sempre sendo reformado, mas a reforma demora porque vem os cara que bagunça que risca, que quebra, que faz tudo de errado, né... Isso aí é o erro do pessoal, né... O erro da população que faz isso aí, que depreda o próprio patrimônio.

**Gabriel:** Aí, o turismo cemiterial ele tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico, né, e o principal propósito dele é transformar o cemitério-museu, aberto pra visitação e estudos. Aí, o senhor acha que o Cemitério São João tá preparado para receber uma atividade assim? Por quê?

**Mariovan:** Não, não, eu acho que ele deve tá preparado, só que eu acho que isso aí não deveria acontecer, né. Fazer estudo no cemitério, isso aí é uma área estrita às pessoas que estão descansando, né. Então já estão no além, né. E isso aí é uma coisa que “infere” elas, “infere” a lei, né. Porque isso aí eu não acho de acordo.

**Gabriel:** Aí, a última pergunta: o senhor recomendaria a visitação do espaço do Cemitério São João a alguém? Se não, por quê?

**Mariovan:** Recomendo. Recomendo sim, às pessoas que possam vir visitar, que possam vir ver essa gente querida aqui e que possa tá sempre por aqui, né, fazendo a visitação.

**Gabriel:** Então, seu Mariovan, eu agradeço pela sua...

*[Fim da gravação]*

**Entrevista – Fátima Rodrigues**

**Gabriel:** Aí eu ia pedir o seu o seu nome, mas a senhora me dá o seu nome só caso a senhora queira.

**Fátima:** Tá bom.

**Gabriel:** Qual é o seu nome?

**Fátima:** Fátima.

**Gabriel:** Fátima de quê?

**Fátima:** Fátima Raimunda Rodrigues.

**Gabriel:** Tá, data e local de nascimento?

**Fátima:** Dia 06/07.

**Gabriel:** 06/07 de?

**Fátima:** 1961.

**Gabriel:** Foi em Manaus que a senhora nasceu, foi?

**Fátima:** Coari.

**Gabriel:** Ocupação?

**Fátima:** Zeladora.

**Gabriel:** Aí a primeira pergunta. Com que frequência a senhora visita o Cemitério São João e pra qual finalidade?

**Fátima:** Eu trabalho aqui.

**Gabriel:** Pois é, então pra finalidade do trabalho mesmo, né? Aí em suas visitas, há pontos negativos que a senhora têm observado? Se sim, quais os pontos negativos?

**Fátima:** Quase todos que a gente só vê a capela quebrada, as coisa tudo quebrada. Quanto mais eles bota vigia é pior, né? As porta das capela, levam tudo.

**Gabriel:** Aí, é possível observar que o Cemitério São João tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais.

**Fátima:** Certo.

**Gabriel:** Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Fátima:** É porque não tem fiscalização. Se tivesse eles não levava.

**Gabriel:** A senhora consegue assim pensar numa forma que poderia melhorar essa fiscalização?

**Fátima:** Se tivesse bastante guarda pra vigiar.

**Gabriel:** Guarda, talvez...?

**Fátima:** É, aqueles guarda que tinha antigamente, que vigiava pra não ter vandalismo, né, que chama? Pois é...

**Gabriel:** Aí, você já teve alguma experiência desse tipo, por exemplo, com furto ou depredação de algum jazigo familiar, ou algo que a senhora tenha observado? Se sim, a senhora pode relatar como isso aconteceu?

**Fátima:** Capina. Quando eles estão capinando eles deixa as pedra voar, quebra tudo, coisa das capela.

**Gabriel:** Aí, tudo bem. A senhora considera que esses acontecimentos eles afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Fátima:** Sim.

**Gabriel:** Por quê?

**Fátima:** Porque as pessoas têm medo, quem vem no cemitério visitar os túmulos eles tem medo de vir. Aí quando eles vem tem que um vigiar, ficar olhando que eles têm medo. Ainda mais as senhoras, né? Senhorinha.

**Gabriel:** Aí, a Semulsp ela é o órgão da Prefeitura de Manaus que é responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do Cemitério São João?

**Fátima:** Rapaz. É, né? Eles limpam bem. Não tem como reclamar.

**Gabriel:** Aí, o Cemitério São João ele é tombado como monumento histórico do estado do Amazonas, ele foi tombado em quatorze de junho de oitenta e oito. Um tombamento ele consiste no conjunto de ações que ajudam a preservar ele com um bem de valor histórico, artístico e arquitetônico, né? Então, nesse contexto, a senhora considera que o Cemitério São João tem sido bem preservado?

**Fátima:** Tem. É verdade.

**Gabriel:** Mesmo apesar de todo esses furtos e depredações que acontecem aqui?

**Fátima:** Fica sempre... eu creio que sim.

**Gabriel:** O turismo cemiterial ele tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. O principal propósito desse turismo é transformar o cemitério num cemitério-museu.

**Fátima:** Isso, verdade.

**Gabriel:** Aberto para visitas e estudos. A senhora acha que o Cemitério São João tá preparado pra receber uma atividade assim?

**Fátima:** Sim.

**Gabriel:** Por quê?

**Fátima:** Porque já tá bom de ser preparado pra isso, porque não tem mais nem onde enterrar ninguém.

**Gabriel:** Então a senhora acha que ele pode receber o turismo cemiterial?

**Fátima:** Eu creio que...

**Gabriel:** Pra visitação?

**Fátima:** Sim... Ou não?

**Gabriel:** Não, essa é uma pergunta sincera. Aí, a senhora recomendaria a visitação ao espaço do Cemitério São João, se não, porque? Ou se sim...?

**Fátima:** Acho que não, eu não sei o que é.

**Gabriel:** Não, a senhora não recomendaria alguém visitar ele?

**Fátima:** Recomendo que sim, visitar sim.

**Gabriel :** Aí por quê?

**Fátima:** Porque tem muitas coisas bonita pra visitar. Uns túmulos bonitos praí pra frente. Tem cada coisa bonita. Dá pra visitar. Eu creio que seja assim. Se não deu certo...

**Gabriel:** Não. Chegamos ao final...

*[Fim da gravação]*

### Entrevista – Geraldo Nogueira

**Gabriel:** Ah, a primeira questão é o seu nome, eu ia perguntar o seu nome.

**Geraldo:** Geraldo Nogueira.

**Gabriel:** Muito bem, é a data e o seu local de nascimento...

**Geraldo:** 30/01/1957, Manaus.

**Gabriel:** É, a sua ocupação?

**Geraldo:** Sou aposentado e sou empresário, porque eu continuo trabalhando.

**Gabriel:** A primeira pergunta da nossa entrevista seria com que frequência o senhor visita o Cemitério São João e pra qual finalidade?

**Geraldo:** Uma vez por mês.

**Gabriel:** E pra qual finalidade?

**Geraldo:** Visitar o túmulo da minha mãe.

**Gabriel:** Em suas visitas, há pontos negativos que você tem observado e, se sim, quais?

**Geraldo:** Não, porque eu até pago pra zelarem o túmulo, né? Eu pago por mês pra zelarem meu túmulo, que o túmulo é meu. Então eu pago uma pessoa pra zelar meu túmulo, então eu cuido do que é meu, os demais não sei, da minha, da minha, da minha propriedade eu cuido.

**Gabriel:** É possível observar que o Cemitério São João tem passado por uma série de furtos e depredações de seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Geraldo:** Falta de segurança, né? Claro que é falta de segurança porque é um patrimônio... É um cemitério que é renomado, acho que é até tombado esse cemitério e deixaram ao léu, acho que é por isso que foi feito, é por isso que se paga imposto pra se ter uma guarda municipal atuante, porque isso aqui era pra ter sido...

**Geraldo:** Vigiado pela guarda municipal, no qual, é a função da guarda municipal que hoje em dia já está se tornando até polícia. Espero que melhore.

**Gabriel:** O senhor já teve alguma experiência desse tipo, por exemplo, com furto ou depredação de alguns elementos materiais...?

**Geraldo:** Já, depredação, quebra de cruz, quebra de banco... Esse banco aqui eu mandei fazer porque teve um sepultamento aqui por perto e quando eu cheguei o banco tava quebrado, minha cruz estava quebrada, é, minha santinha que tinha ali dentro foi levada, arrombaram, levaram o cadeado, essa coisa toda...

**Gabriel:** O senhor considera que esses acontecimentos eles afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Geraldo:** Eu acho que não porque isso aqui é uma coisa que onde está os resto mortais dos seus familiares, né? E é um patrimônio que pertence a você porque você comprou, você não vai abandonar alguma coisa que é sua, né?

**Gabriel:** A Semulsp, ela é órgão da prefeitura que é responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios existentes aqui em Manaus. O senhor considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do Cemitério São João?

**Geraldo:** É, dentro do, dentro do, dentro do contexto é como você está vendo, né? Precisa ninguém falar. A pessoa que vem aqui olha, né? Aí você... cada pessoa tem uma forma de pensar. Eu acho que poderia melhorar, porque sempre na vida a gente procura a melhora, né? Não sempre se acomodar no que está. É o meu pensamento.

**Gabriel:** Aí, o Cemitério Municipal de São João como o senhor disse ele é tombado como monumento histórico do estado do Amazonas. Ele foi tombado em 14/06/1988 pelo decreto 11.198. Um dos objetivos do tombamento é justamente preservar os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Nesse contexto, o senhor considera que o Cemitério São João ele tem sido bem preservado?

**Geraldo:** Rapaz, eu tenho sessenta e seis anos de idade. Toda vez que eu venho aqui eu vejo ele colocado do mesmo jeito. Claro que eu não venho desde os sessenta e seis anos de idade mas, é, eu sou acostumado a vir aqui, porque é uma tradição de família, quando meus pais, minha mãe era viva, quando eu era criança eu vinha. E São João Batista sempre é isso aqui mesmo.

**Gabriel:** O turismo cemiterial ele tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. Seu principal propósito é transformar o cemitério num cemitério-museu... Para visitas e estudos. O senhor considera que esse Cemitério São João ele está preparado pra receber tal atividade? Se sim, por quê?

**Geraldo:** Espera aí, eu não entendi. Querem transformar o cemitério num museu?

**Gabriel:** É, é um pensamento de usar ele como um ponto turístico. Como se fosse...

**Geraldo:** Ah sim.

**Gabriel:** Como se fosse um museu a céu aberto....

**Geraldo:** Em todo lugar do mundo o cemitério é ponto turístico, né? Tem pessoas que gosta de conhecer porque tem muitas obras bonitas, né?

**Gabriel:** Aí então o senhor considera que ele pode receber essa atividade?

**Geraldo:** Sim, pode, tem muitos monumentos, tem muitas coisas interessantes, tem muitas obras de arte aqui dentro. Que pra pessoas que gosta de arte é um bom lugar pra visitar e aprende... e ter o seu aprendizado.

**Gabriel:** Aí, a última pergunta é se o senhor recomendaria a visitação do Cemitério São João a alguém?

**Geraldo:** Sim, com certeza.

**Gabriel:** Aí o senhor pode só me dar uma justificativa?

**Geraldo:** Porque é um lugar, o cemitério, não só o São João Batista, mas como todo cemitério, toda pessoa que tem religiosa e que tem fé em Deus, ele sempre vem atrás de uma paz de espírito e dentro do cemitério. Pra mim e pra algumas pessoas que eu conheço é que você se sente bem, tranquilo, sossegado, um lugar sossegado, espera-se que continue sossegado, que a gente não esteja aqui e seja abordado com um cara com uma 38., uma pistola na mão pra te roubar... Se essas coisas não existir... o cemitério é um lugar muito calmo, muito bom de se vir ver. Nos momentos de agonia, de aflição que você às vezes tá meio chateado, cê vem aqui você vai encontrar uma paz de espírito com certeza.

**Gabriel:** Muito bem.

[*Fim da gravação*]

**Entrevista – Rafaela Vieira**

**Gabriel:** Aí, eu vou pedir sua permissão para começar a gravar...

**Rafaela:** Só vai, filho.

**Gabriel:** Nome?

**Rafaela:** Rafaela Martins Vieira.

**Gabriel:** Sua data e local de nascimento.

**Rafaela:** 18/11/1989. Óbidos, Pará.

**Gabriel:** Ocupação?

**Rafaela:** Autônoma.

**Gabriel:** Agora a gente vai começar a primeira pergunta. Com que frequência você visita o Cemitério São João e pra qual finalidade?

**Rafaela:** Eu visito nas datas especiais: Dia dos Finados e Dia das Mães.

**Gabriel:** Em suas visitas, há pontos negativos que você tenha observado? Se sim, quais?

**Rafaela:** A mobilidade, né? Que é difícil, eu venho com a minha mãe que ela tem dificuldade com os pés, em andar, e a gente vai passar pelas sepulturas, tem muitos relevos, tem muitos buracos e aí é complicado, né? O terreno não é plano.

**Gabriel:** É possível observar que o Cemitério São João ele tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Rafaela:** Falta de segurança, né? Assim, pelo menos eu vou contar um caso que eu tenho um tio que mora, que mora aqui, que descansa aqui no caso.

**Gabriel:** Sim.

**Rafaela:** E fizeram o jazigo dele de depósito de lixo.

**Gabriel:** Uhum.

**Rafaela:** E a gente só veio descobrir quando a gente veio fazer a limpeza que a gente veio um dia antes, né?

**Gabriel:** Sim.

**Rafaela:** Então tem vezes que é próprio, das próprias pessoas que trabalham aqui dentro, que fazem mal uso e também gente de fora, né? Que quando não tem muito policiamento ao redor aparece e isso acontece geralmente é tanto que todo ano a gente... acho que tem uns três anos atrás a gente repunha a cruz de mármore no da minha da minha avó e a gente não repõe mais porque todo ano sempre, sempre, sempre é roubado.

**Gabriel:** Uhum. Aí eu ia perguntar se você já teve alguma experiência desse tipo, por exemplo, com furto ou depredação de algum jazigo familiar e se sim, se podia relatar como se deu. Você acabou de contar... Aí você considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do cemitério São João, por quê?

**Rafaela:** Afastar afasta, né? Porque tem aquele, todo ano você quer deixar o jazigo da sua família bonito, né? Pelo menos na minha, na minha família a gente tem esse, é, cada um cada, cada filho de cada falecido continua a obra do do pai. Pelo menos é assim de geração em geração e aí quando a gente vem e vê que não está... como é que eu posso dizer? Esqueci a palavra agora, mas dá um desgosto, sabe?

**Gabriel:** Quando não está preservado...

**Rafaela:** Sim, quando está preservado. Principalmente eu que cuido de três. E aí o da minha avó quando chega um não está do jeito que a gente deixou no ano passado. Então isso é triste...

**Gabriel:** Muito bem, a Semulsp é o órgão da prefeitura que é responsável pela manutenção e revitalização dos cemitérios daqui de Manaus, né? Você considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do cemitério São João?

**Rafaela:** É, quando chega perto das datas especiais, né? Eles dão uma limpeza, a famosa garibada, né? Que a gente fala... Mas assim, nas vias principais a gente vê limpeza sim, agora entre os túmulos é que a gente não vê, né.

**Gabriel:** Sim, é, o Cemitério São João ele é tombado como monumento histórico do estado do Amazonas. É o tombamento que impede justamente dele sofrer essas descaracterizações, né, dentro do cemitério. É, nesse contexto, você considera que o Cemitério São João ele tem sido bem preservado?

**Rafaela:** Assim, visualmente, né?

**Gabriel:** Aham.

**Rafaela:** Está bem preservado, mas tem uns casos pontuais, né?

**Gabriel:** Sim.

**Rafaela:** De algumas... algumas lápides que já são antigas, que não tem os devidos cuidados e por aí vai, né?

**Gabriel:** Sim. Estamos terminando já. É, o turismo cemiterial ele tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. O principal propósito dele é transformar o cemitério num cemitério-museu aberto a visitação e a estudos. Você considera que o Cemitério São João ele está preparado para receber tal atividade? Por quê?

**Rafaela:** Olha, eu não conheço muito sobre o turismo de cemitério, né. Mas assim, visualmente parece que sim, né? Eu não, eu não sei muito sobre isso.

**Gabriel:** Sim. É, a última pergunta. Você recomendaria a visitação do espaço do Cemitério São João a alguém?

**Rafaela:** Claro!

**Gabriel:** Por quê?

**Rafaela:** Claro, porque é isso aqui, né? Ele já foi tombado como um lugar, né, pra visitação, então deve ser feito sim. Tem muitas histórias aqui. Se você for *cavucar* realmente tem umas histórias bem legais e por ser já antigo, né.

**Gabriel:** Sim.

**Rafaela:** Tem umas lápides que são bem bonitas e tem uma história de uma menininha lá, né?

**Gabriel:** Teresa Cristina.

**Rafaela:** É, que algumas pessoas a fazem orações, colocam suas, seus pedidos a ela que ela atende, então é bem legal sim.

**Gabriel:** Moça, eu queria agradecer...

[*Fim da gravação*]

*Entrevistas feitas no dia 13 de Agosto de 2023 (Dia dos Pais)*

**Entrevista – Cleide Melo**

**Gabriel:** Tá, então vamos começar a entrevista. Como é o seu nome?

**Cleide:** Cleide Maria Lourenço Melo

**Gabriel:** Lourenço Melo, né? Data e local de nascimento?

**Cleide:** 29/05/1985.

**Gabriel:** Sim. Aí nasceu em Manaus mesmo, né?

**Cleide:** Isso.

**Gabriel:** Ocupação?

**Cleide:** Auxiliar de Produção.

**Gabriel:** Tá, a gente vai começar aqui com a primeira pergunta. Com que frequência a senhora visita o Cemitério São João e pra qual finalidade?

**Cleide:** Eu e ela, né, visitamos em Dia dos Finados, Dia dos Pais e outros dias comuns mesmo.

**Gabriel:** Uhum. É...

**Cleide:** A gente vem pra limpar e outras coisas...

**Gabriel:** Ela é sua irmã, no caso, né? Sua irmã...?

**Cleide:** É.

**Gabriel:** É, nas suas visitas há pontos negativos que a senhora tenha observado? Se sim, quais?

**Cleide:** Negativos... Você se refere a...?

**Gabriel:** O que a senhora observa aqui no cemitério...?

**Cleide:** Pode ser assim também pessoas?

**Gabriel:** Pode ser. Uhum.

**Cleide:** É que teve um dia aí, terça-feira, né, Su? Terça-feira, nós viemos aqui e uma senhora passou mal e pra dar... como é?

*[Irmã diz: “assistência pra ela”.]*

**Cleide:** Assistência pra ela foi horrível.

**Gabriel:** Não tem...?

**Cleide:** A mulher quase faleceu ali perto da gente, aí continuou ruim e nada de resolver.

**Gabriel:** Não tem auxílio médico aqui por perto, né?

**Cleide:** Aham. É.

**Gabriel:** Aí, é possível observar que o Cemitério São João tem passado por uma série de furtos e depredações dos elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Cleide:** Furto, é?

**Gabriel:** É, e depredação.

**Cleide:** Teve aqui? Se teve eu não tô sabendo.

**Gabriel:** É, essas... no caso, essas depredações dessas lápides e tal, que às vezes as pessoas acabam de ajeitar aí e tiram depois, né? Então a gente vai passar pra próxima pergunta.

**Cleide:** Tá.

**Gabriel:** É, a senhora considera que esses acontecimentos eles afastam as pessoas do Cemitério São João? Por quê?

**Cleide:** [silêncio]

**Gabriel:** Aí no caso a senhora não observou, né?

**Cleide:** É...

**Gabriel:** A Semulsp é o órgão da Prefeitura de Manaus responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus. Você considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do Cemitério São João?

**Cleide:** Acho sim.

**Gabriel:** A senhora pode me dizer por quê? Sua justificativa?

**Cleide:** É, assim. Que eu saiba, muitos também pagam, né, os... como é que chama?

**Gabriel:** Os zeladores?

**Cleide:** É, os zeladores, pra conservar a sepultura deles, tipo o nosso, o rapaz se ofereceu, né? Era tanto [valor do serviço], aí ele fica de vez em quando é limpando, fazendo manutenção, entendeu?

**Gabriel:** Uhum.

**Cleide:** Porque toda vez que a gente aqui é difícil ver isso aqui limpo. Se não for a gente... ou quem paga, né, pra ter uma manutenção bacana.

**Gabriel:** Aí o Cemitério São João ele é tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas. Ele foi tombado em 14 de junho de 1988. Um tombamento ele consiste num conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental, também de valor afetivo pra população. Nesse contexto, a senhora considera que o Cemitério São João ele tem sido bem preservado?

**Cleide:** Creio que sim.

**Gabriel:** Sim? Aí o turismo cemiterial ele tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. Seu principal propósito é transformar o cemitério num cemitério-museu aberto para visitas e estudos. A senhora acha que o Cemitério São João está preparado para receber uma atividade desse porte?

**Cleide:** Pra cá não, mas lá no começo sim que é todo arrumadinho, né, todo bonitinho... Ali são pessoas muito importantes que tem, né. Que se foi...

**Gabriel:** A senhora recomendaria a visita do Cemitério São João a alguém?

**Cleide:** Sim.

**Gabriel:** Por quê?

**Cleide:** Porque, deixa eu dizer [*risos*]... tipo, agora, me deu um branco... É sobre o quê mesmo?

**Gabriel:** É sobre...

**Cleide:** Recomendaria, é?

**Gabriel:** É, se a senhora recomendaria a visita do Cemitério São João a alguém?

**Cleide:** Sim. Tipo, familiar... aí, peraí [*risos*] é que eu tô...

**Gabriel:** Não, a gente tem tempo.

**Cleide:** Assim...

*[Irmã: “recomendaria pras pessoas que, é... de todos os cemitérios que têm aqui...”]*

**Cleide:** Porque, tipo, como eu tô falando pra ele tem as pessoas que a gente conhece, né, em televisão, aí também...

**Gabriel:** É atrativo, né?

**Cleide:** Muito atrativo. As pessoas mais importantes que são enterradas aqui.

**Gabriel:** Uhum. Então a gente chega ao final da nossa entrevista. Eu agradeço imensamente pelo apoio e pela ajuda de vocês. Vai me ajudar muito.

**Cleide:** Tá bom, obrigada.

**Gabriel:** Agora eu vou deixar vocês...

*[Fim da gravação]*

### Entrevista – Elinelza

**Gabriel:** Então posso fazer a entrevista com a senhora?

**Elinelza:** Pode.

**Gabriel:** Aí no caso eu vou pedir permissão pra começar aqui a gravação.

**Elinelza:** Sim.

**Gabriel:** Peraí, só um instante. É... seu nome?

**Elinelza:** Elinelza.

**Gabriel:** É com “u” ou com “l”.

**Elinelza:** Com “l”.

**Gabriel:** Elinelza... de?

**Elinelza:** Costa da Silva.

**Gabriel:** Costa da Silva. Sua data e seu local de nascimento.

**Elinelza:** Manaus, Amazonas.

**Gabriel:** Sim, aí sua data de nascimento.

**Elinelza:** 3 de janeiro de 1952.

**Gabriel:** A sua ocupação?

**Elinelza:** Hoje em dia eu já tô parada [*risos*].

**Gabriel:** Tá. Aí a primeira pergunta da entrevista. Com que frequência a senhora visita o Cemitério São João e pra qual finalidade?

**Elinelza:** Bom, eu visito no meu aniversário do meu pai, Dia dos Pais e Finados. E quando há a necessidade da gente cuidar, aí a gente tem que vir mais, mas antes geralmente só é essas [*sic*];

**Gabriel:** Tá, aí...

**Elinelza:** E agora eu vou ter que vir mais porque minha mãe que ficou ali tá com quatro meses.

**Gabriel:** Certo. Aí nas suas visitas tem pontos negativos que a senhora tem observado. Se sim, quais foram elas?

**Elinelza:** Olha, sinceramente não tem tanta negatividade não porque tudo é sempre a mesma coisa. Quando tá limpo tá lindo quando tá sujo tá sujo. A gente tem que pagar pra manter tudo. Então...

**Gabriel:** Aí, é possível observar que o Cemitério São João ele tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais.

**Elinelza:** É...

**Gabriel:** Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Elinelza:** Administração, né, meu filho? Eu acho que a administração tinha que tomar mais conta, né? Porque isso aqui além de ser praticamente particular, né, é dinheiro nosso que fica aqui. Não é do governo, não é do Estado. É nosso. Então eu acho que a administração teria que ter um pouco mais de zelo com tudo isso, né.

**Gabriel:** Sim. A senhora já teve alguma experiência desse tipo, por exemplo, com furto ou depredação de algum jazigo familiar? Se sim, a senhora pode relatar como se deu isso?

**Elinelza:** Não, não, eu não tenho. Não vou contar porque eu nunca tive, tá?

**Gabriel:** A senhora considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério São João? Por quê?

**Elinelza:** Eu acredito que sim. Eu acredito que sim, olha, no dia de hoje anos atrás isso aqui era super lotado no Dia dos Pais. Hoje você tá vendo, tá vazio.

**Gabriel:** É assim, as pessoas ficam com medo, né?

**Elinelza:** Com medo, não é? Ninguém sabe, aqui, você tá vendo, tem ninguém. De repente acontece um furto. As pessoas têm medo mesmo.

**Gabriel:** Aí, a Semulsp...

[*Um passante diz “bom dia”*]

**Elinelza:** Bom dia!

**Gabriel:** Bom dia, tudo bem? Aí, a Semulsp é o órgão da Prefeitura de Manaus responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e na revitalização do Cemitério São João. Se não, por q

**Elinelza:** É, eu... sinceramente, essa daí eu vou deixar em branco porque eu não acompanho. Porque eu só vejo a limpeza quando eu venho aqui, né.

**Gabriel:** Sim.

**Elinelza:** Porque se eu fosse daquele tipo de frequentador que eu viesse menos de quinze em quinze dias, aí eu ia te responder o que eu acharia, né.

**Gabriel:** O Cemitério São João ele é tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas. Ele foi tombado em 14 de junho de 1988. O tombamento ele consiste num conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de conservar os bens do

cemitério. Nesse contexto, a senhora considera que o Cemitério São João ele tem sido bem preservado?

**Elinelza:** Em termos sim, em termos sim. Você vê que ainda tem muitas coisas que é conservado [*sic*]. E outras que por causa do que acontece a gente não pode afirmar tudo, né.

**Gabriel:** O Turismo Cemiterial ele tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. O seu principal propósito é transformar o cemitério num cemitério-museu aberto pra visitas e estudos. A senhora considera que o Cemitério São João ele tá preparado para receber uma atividade desse porte? Por quê?

**Elinelza:** Eu acredito que ainda não.

**Gabriel:** Por quê? A senhora pode me dizer?

**Elinelza:** Eu acho que tá faltando ainda muita coisa pra ser aberto pra esse tipo de coisas, né.

**Gabriel:** É, mais ou menos o quê?

**Elinelza:** Estrutura mesmo. A própria estrutura, né.

**Gabriel:** Uhum. A senhora recomendaria a visita do Cemitério São João a alguém?

**Elinelza:** Com certeza.

**Gabriel:** A senhora pode me dizer o porquê?

**Elinelza:** Ah, eu não sei, eu acho que isso aqui pra mim é... desde criança eu frequento isso aqui. Então já é marcado aqui dentro da gente.

**Gabriel:** Tem uma importância afetiva, não é?

**Elinelza:** Isso, isso.

**Gabriel:** Tá bom então. Então a gente chega ao final da nossa entrevista. Eu agradeço muitíssimo.

**Elinelza:** Ah!

**Gabriel:** A senhora vai me ajudar muito no meu trabalho, tá bom? Tenha um bom dia aí.

**Elinelza:** Tá bom. Igualmente!

**Gabriel:** Feliz Dia dos Pais!

[*Fim da gravação*]

**Entrevista – Jorgina e Alvina**

**Gabriel:** Vamos começar... Qual o seu nome?

**Jorgina:** Jorgina Maria Paiva Pimentel.

**Gabriel:** Jorgina com G?

**Jorgina:** Jorgina com J.

**Gabriel:** Jorgina Maria...

**Jorgina:** Paiva Pimentel.

**Gabriel:** Data de nascimento?

**Jorgina:** 28/03/1966

**Gabriel:** Ocupação? Zeladora, né?

**Jorgina:** É, zeladora.

**Gabriel:** Tá, aí a gente vai começar a primeira questão da entrevista. Com que frequência a senhora visita o Cemitério Municipal de São João? E para qual finalidade?

**Jorgina:** Pra zelar... eu zelo, né. Faço todo trabalho que aparece aqui eu faço, né? Eu trabalho aqui desde os meus 17 ano [sic]. E o quê mais tem que falar?

**Gabriel:** Pode, pode contar o que a senhora vive...

**Jorgina:** Desde os 17 ano [sic]... Já foi um local bom de trabalhar, hoje aqui tá igual que nós temo [sic] no... como é que se diz? Num quartel. É cheio de regra, mas as pessoas não cumprem com a regra. Feriado a gente não pode trabalhar. Dia dos Pais, Dia das Mães, às vezes ele deixa trabalhar, às vezes não, né... A gente entra 7:00 horas aqui, sai 16:00 da tarde. É 16:00 da tarde... E outra coisa, esse feriado por que que nós não podemos [sic] trabalhar, né. Dia de sábado nós não podemos [sic] entrar. Tá certo que o domingo é pra descansar, né. Mas eles deviam deixar a gente trabalhar aqui até 13:00 da tarde, num sábado isso não acontece.

**Gabriel:** É descaso com vocês, né...

**Jorgina:** É, eu tô dizendo, quando os fregueses vêm pagar a gente a gente não pode entrar. Nem sábado, nem domingo a gente não pode entrar. É isso que tá acontecendo aqui no cemitério.

**Gabriel:** Aí, a segunda questão é se nas visitas quando a senhora vem aqui, até pela questão do seu trabalho, há pontos negativos que a senhora tenha observado, se sim, quais?

**Jorgina:** Aqui é como eu tô falando pra você, né, a coisa negativa aqui, por exemplo, que às vezes vem biqueiro fazer um serviço, aí faz coisa errada, aí quem pega a culpa é a gente.

**Gabriel:** No caso, vocês, zeladores...

**Jorgina:** Nós, zelador... e outra coisa, não tem ninguém pra responder por nós, né. Questão também da barraca que a gente tinha nossas barracas, agora derrubaram todas as nossas barraca [sic] e a gente troca a roupa no relento. A gente faz como, strip-tease.

**Gabriel:** Ficava prali pra trás as suas barracas, né?

**Jorgina:** Sim... agora eles querem que a gente tenha, como é? Alvina, vem cá! Quer que a gente tenha, como é, meu Deus do céu? Como é aquele negócio que eles querem que a gente tenha aqui? Pra fazer a barraca?

**Alvina:** Ah é o... como é, o... projeto.

**Jorgina:** Projeto, aí eles querem que a gente construa o muro. Tá entendendo? A casinha do cachorro. Isso é coisa da prefeitura.

**Gabriel:** Pois é, é da renda própria de vocês que eles querem...

**Jorgina:** Da renda própria nossa. E aqui nós tamo [sic] ganhando pouco, pra bendizer não é mais aquela coisa que a gente ganhava.

**Gabriel:** Uhum.

**Jorgina:** Hoje em dia nós brigamos um com outro até por causa de trabalho aqui no cemitério. Né? Então é esse aí o propósito aqui, porque não dá pra gente... Lá vem nosso chefe. [risos] Então é isso aí, né, porque...

**Alvina:** [sussurros] Ele tá vindo pra cá ó... Sobre o que é mesmo?

**Jorgina:** No caso é uma entrevista pra minha pesquisa de mestrado.

**Alvina:** Então bota pra falar. Fala da... Ajuda.

**Gabriel:** Pode falar. É pra melhoria...

**Alvina:** É pra melhorar, né... Porque é nossa barraca, né, mana.

**Jorgina:** Porque a gente não tem condições, né, da gente mandar fazer o muro. Pagar projeto que é trezentos reais. E outra...

**Alvina:** Fala baixo que lá vem seu [secretário da Semulsp]

**Jorgina:** Como é que diz... as barracas todinhas do jeito que ele quer. Porque isso aí ainda vai pra Semulsp e não tem nada a ver com a Semulsp.

**Gabriel:** Uhum.

**Jorgina:** Porque é a gente que tamo [sic] fazendo.

**Gabriel:** Aí a terceira pergunta é... é possível observar que o cemitério São João tem passado por uma série de furtos e depredações, né...

**Jorgina:** Isso aí é verdade.

**Gabriel:** Dos elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Jorgina:** Olha eu vou falar uma coisa. A questão de segurança, né. Tem segurança sim, tudo, mas continua sendo roubo.

**Gabriel:** Uhum.

**Jorgina:** Principalmente quando é sábado e domingo que a gente chega as nossas coisas tá [*sic*] tudo mexida que a gente guarda ali dentro de um balde. Quando chega tá tudo mexido, tá tudo roubado as coisas da gente. Então que a gente não pode entrar nem sábado nem domingo, como é que a gente vai roubar as coisa [*sic*] aqui?

**Alvina:** É, feriado que também não pode entrar...

**Gabriel:** Mas vocês têm assim alguma noção de o que acontece, de quem são essas pessoas que entram...

**Alvina:** Fala baixo.

**Jorgina:** Lá vem ele [secretário da Semulsp].

**Alvina:** Deixa ele prali. Bora, bora lá atrás.

**Jorgina:** Tem capela toda arrombada as porta [*sic*].

[*Som de passos*]

[*Pausa na gravação*]

[*Retorno*]

**Jorgina:** As nossas plantas, tem plantas, tiraram tudo. Tá entendendo? Aqui que ficava nossa barraca.

**Alvina:** Agora querem que nós levante o muro sem poder... Porque isso aí já foi coisa da prefeitura. Não é por nós, né.

**Gabriel:** Uhum.

**Alvina:** A gente já ganha pouco, mano.

**Gabriel:** Sim, é... como é que vocês vão tirar da renda de vocês se já não é uma quantia assim muito...

**Jorgina:** Como é que a gente vai pagar conta da gente, comprar coisas pro nossos filhos.

**Gabriel:** Não tem o suficiente pra poder fazer essa construção.

**Alvina:** Tem não, mano.

**Jorgina:** Aí tem gente que pensa que a gente tá ganhando milhões.

**Alvina:** Olha como é que tá o muro. Caiu. Ele [secretário da Semulsp] quer que nós levante o muro.

**Gabriel:** Isso é trabalho deles mesmo.

**Alvina:** É, trabalho deles que eles querem que a gente faça. Olha aqui, ó. Era as nossas barraca [sic]. Eles destruíram tudo, jogaram tudo e nossas coisas fora. Agora eles querem que a gente faça o muro. Ainda faça a casa do cachorro. Não tem condições pra gente. Não tem.

[*Vozes e passos distantes*]

[*Inaudível*]

**Gabriel:** A gente vai continuar aqui as nossas perguntas. É, a senhora já teve alguma experiência desse tipo, assim, presenciando essas depredações nos túmulos, ou então algum furto que aconteça por aqui.

**Jorgina:** Não porque é mais assim à noite. Mais é à noite, depois do expediente. Aí é que tem esses tipos de, de furto. Porque quando a gente tamo [sic] aqui, que a gente anda de um lado pro outro não tem como a pessoa roubar, porque qualquer coisa que acontece, que a gente sabe que é a gente, é lógico que a gente vai cooperar com eles (prefeitura), né.

**Gabriel:** Sim.

**Jorgina:** Agora sábado e domingo que tem mais furto aqui. Sábado e domingo, quando a gente não vem, aí que acontece os furto [sic].

**Gabriel:** Aí tem, no caso, um horário assim onde é mais frequente de acontecer.

**Jorgina:** É mais de... do horário que a gente sai. Que a gente sai daqui 16:00 horas, né, de 16:30 pra lá que acontece isso.

**Gabriel:** Aí, vocês consideram que esses acontecimentos eles afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Jorgina:** Afastam.

**Gabriel:** Por quê?

**Jorgina:** Porque eles [os visitantes] acham que aqui não tem segurança. Pra eles vim [sic], né. Mas só que de manhã não acontece assalto. De manhã, à tarde, como a gente tá aqui até umas 16:00 horas. Não acontece. Você pode andar livre que aqui não acontece mais furto nem nada.

Agora só quando a gente sai, né, que acontece. Quando a gente chega tá as capelas sem as porta [sic], sem as janelas. Entendeu? É só esse horário.

**Gabriel:** É muito, assim, é muito, é uma coisa muito rápida, né, porque até a questão do jazigo da minha família a gente acaba de colocar uma coisa e quando já vai no outro final de semana já sumiu de novo.

**Jorgina:** Então, porque como eu falo, às vezes quando deixavam a gente aqui feriado aqui de segunda à sábado tinha sim, mas não era tanto quanto tem agora. Agora quando... por exemplo, quando no feriado a gente não pode tá aqui. A gente entra 7:00 horas da manhã, 16:00 horas a gente já tem que sair, né. Aí uma vez eu falei aí, sai os funcionários e fica os ladrões aqui. Então é isso que tá acontecendo aqui. Porque é pouca segurança e não tem como eles [segurança] dar conta de todo o cemitério.

**Gabriel:** Sim.

**Jorgina:** Não tem como. Porque mais isso acontece à noite, e não tem muito vigia, não tem muito segurança.

**Gabriel:** Ainda mais sem a ajuda tecnológica, né. Câmera assim, essas coisas. Como é que vai fazer isso?

**Jorgina:** Isso aí. E outra coisa, mano, que aqui de noite é uma escuridão, né.

**Gabriel:** Uhum.

**Jorgina:** Os postes tá [sic] lá como vocês estão vendo aqui não tem um poste no meio das quadras...

**Gabriel:** Mal distribuído, né?

**Jorgina:** Entendeu?

**Gabriel:** Sim.

**Jorgina:** Aí de repente acontece de um bandido aqui, escondido aqui, eles veem eles de costa lógico que vai matar eles, né. Não tem segurança não hoje aqui.

**Gabriel:** Uhum. Aí, a Semulsp é o órgão responsável pela manutenção, né, e fiscalização...

**Jorgina:** É isso aí.

**Gabriel:** Do cemitério. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização, obrigado! [recebendo caneta que havia emprestado], do Cemitério São João? Se não, por quê?

**Jorgina:** Não, olha aí. A limpeza é mais lá na frente. Lá na frente tudo é bonito. Chega pra trás você pode olhar que é um descaso.

**Gabriel:** As bordas [do cemitério] não são bem cuidadas, né, é mais a questão central onde as pessoas passam.

**Jorgina:** Uhum. Tudo é bonitinho. Prestou atenção como é?

**Gabriel:** Sim.

**Jorgina:** Agora olha pra cá [refere-se à parte mais afastada do centro do cemitério].

**Gabriel:** O Cemitério São João ele é tombado como monumento histórico, né, do Estado do Amazonas e foi tombado em 14 de junho de 88 pelo Decreto 11.198. Aí o tombamento ele consiste num conjunto de ações que é realizado pelo poder público com o objetivo de preservar esses bens de valor histórico, cultural e arquitetônico.

**Jorgina:** É verdade.

**Gabriel:** Nesse contexto, a senhora considera que o Cemitério São João ele tem sido bem preservado?

**Jorgina:** Não.

**Gabriel:** A senhora pode me dizer por quê, as suas razões para...

**Jorgina:** O monumento é aquele... o monumento histórico fica todo sujo. Não tá limpo, de primeira era limpo agora não tá mais.

[*Toque de telefone*]

**Jorgina:** Alvina.

**Alvina:** Da minha parte é só isso mesmo, o que tá acontecendo é isso, né. A gente troca roupa no meio das pata [*sic*]...

**Jorgina:** Aqui ó, é aqui que a gente troca as roupa [*sic*].

**Alvina:** Isso é uma vergonha porque depois de certa idade, né...

**Gabriel:** Porque eu me lembro que tinha, tinha umas casinhas aqui pra trás, né, onde vocês ficavam assim...

**Alvina:** É, nós trocava a roupa aqui.

**Jorgina:** Jogaram tudo, né, chamaram nossas barracas de galinheiro. Chamou foi a gente também de galinha.

**Gabriel:** É verdade, né..

**Jorgina:** Chamou pelo menos a gente de galinha. Chamou a gente de galinha... É o galinheiro, né. Onde tem galinheiro tem galinha. [*risos*]

**Alvina:** Olha, também o meu problema é só isso também, meu filho... né. Que isso é uma vergonha, com certa idade trocar as roupas no meio das pessoas...

**Gabriel:** Sim. Eu tava [*sic*] falando pra ela, é um descaso com vocês, né... Aí gente, o turismo cemiterial ele tem como foco a exploração do cemitério pra usar ele como patrimônio, né, e como atrativo turístico... Aí vocês acham que o Cemitério São João ele tá preparado pra receber essa atividade?

**Alvina:** Só se for na frente porque pra trás é essa coisa que tu tá vendo aqui.

**Jorgina:** Aí é uma vergonha, como eu ouvi uma senhora que disse do Rio de Janeiro, né, que ela veio aqui. “Meu Deus do céu, esse cemitério é abandonado”, porque pra lá pro Rio de Janeiro, né, é bem conservado os cemitério [*sic*].

**Gabriel:** Lá é o São João também, o São João Batista.

**Jorgina:** É bem conservado, o cemitério é todo limpinho, todo direitinho, até que tem, como todo lugar tem roubo...

**Gabriel:** Como eu tava [*sic*] falando pra ela, até a questão da vigilância lá é melhor, né. Tem câmeras, tem o pessoal, tem o cuidado com os zeladores...

**Alvina:** É, mas aqui não acontece isso...

**Gabriel:** Não acontece, né.

**Alvina:** Não acontece. Não acontece nada.

**Gabriel:** Aí a última pergunta é se vocês recomendariam a visita do Cemitério São João. Aí se sim ou se não, e se vocês pudessem me dizer por quê... Vocês recomendariam?

**Alvina:** [*reflete*] Não.

**Gabriel:** Por quê?

**Alvina:** Porque tudo é mal organizado, meu filho.

**Gabriel:** Uhum.

**Alvina:** Eu não vou dizer uma coisa sem ser.

**Gabriel:** Uhum.

**Alvina:** Né? É muito mal organizado.

**Gabriel:** Sim.

**Alvina:** Tá entendendo?

**Jorgina:** Olha, basta você ver que Dia dos Pais...

**Alvina:** Tá aí ó.

**Jorgina:** Tá um deserto.

**Gabriel:** Tá um deserto mesmo.

**Jorgina:** Que antigamente quando era o Dia dos Pais aqui era cheio de gente que a gente não podia nem passear, nem olhar aqui.

**Alvina:** A gente não chegava nem perto do cruzeiro, pra dizer a verdade.

**Jorgina:** Quando era assim Dia dos Pais, Dia das Mães, Finado [*sic*], a gente não ficava sentado. A gente tava trabalhando prum [*sic*] lado e pro outro pra ganhar o dinheiro da gente. Hoje em dia não...

**Gabriel:** Verdade.

**Jorgina:** Hoje em dia um fica sentado pra um lado, fica sentado pro outro, por quê? O pessoal não vem procurar a gente pra trabalhar. Nós trabalha [*sic*] pras pessoas que já muito tempo aqui...

**Gabriel:** Sim.

**Alvina:** E que é nossas freguesa [*sic*] antiga.

**Jorgina:** É muito desorganizado.

**Gabriel:** É, e tem gente aqui que trabalha há gerações, né, também com isso.

**Jorgina:** É. Porque veio a minha mãe, depois da mamãe veio a gente, aí já veio pessoal mais velho do que a gente pra cá.

**Gabriel:** E é uma tradição que é interrompida, né, e as pessoas não dão a mínima assim. Isso tem uma importância, né, até cultural também.

**Jorgina:** Porque olha, ali é um órgão que eles têm que olhar a gente, né. E a maioria eles pegam serviço lá.

**Gabriel:** Uhum.

**Jorgina:** Aí já empata a gente aqui de ganhar nosso ganha-pão.

**Gabriel:** Sim.

**Jorgina:** Né.

**Alvina:** É por isso que eu tô dizendo, é muito mal organizado. Muito mal organizado.

**Jorgina:** Aí quando chega na hora eles tão [*sic*] fazendo a, tão fazendo b, como agora... A minha irmã falou que ia colocar uma pimenta só pro cachorro sair de cima da sepultura.

**Gabriel:** Uhum.

**Jorgina:** Ela falou como hoje, noutra dia o cachorro morreu daquela doença que dá no cachorro.

**Gabriel:** Cinomose, né.

**Jorgina:** É, isso aí. Só faltaram bater nela aqui dizendo que tinha sido ela que tinha envenenado o cachorro. E ela, e deu uma confusão, mano. Deu uma confusão. Ainda bem que veio o... como é? O veterinário, pegou o cachorro...

**Gabriel:** Pra atestar, né?

**Jorgina:** Aqui e disse que quando envenena o cachorro ele incha e baba.

**Gabriel:** Uhum.

**Jorgina:** E o cachorro não ...

**Gabriel:** Não tinha sido envenenado, né, porque não...

**Jorgina:** Aí como eu peguei eu falei, digo, olha só, vem os protetor [*sic*] dos animais quando acontece aqui porque vocês não vem nenhum protetor [*sic*] de animais.

**Gabriel:** Sim.

**Jorgina:** Aí colocam comida estragada.

**Gabriel:** Uhum.

**Alvina:** E nem água...

**Jorgina:** E nem água dão pro cachorro. E nós tamo [*sic*] passando pelas quadras é a gente que dá água. Ainda tiveram a cara de pau de dizer que a gente chuta as vasilha [*sic*] dos cachorros pros bichinho [*sic*] não tomar água. Que é um ser vivo...

**Alvina:** Se a gente não botar eles morrem de sede...

**Jorgina:** Pra quê que a gente vai pegar e jogar a água dos cachorros, pra quê? Isso é maldade, não é?

**Gabriel:** É. Pura maldade.

**Jorgina:** Então...

**Gabriel:** Então, gente, a gente vai chegando ao final da entrevista.

**Jorgina:** Uhum.

**Gabriel:** Eu agradeço muitíssimo pela declaração de vocês, né, que vai ajudar muito. Inclusive na questão da melhoria do cemitério. Porque não é só uma dissertação, mas é um, assim, é uma manifestação, né. A gente tá [*sic*] se manifestando contra isso, contra essa problemática aqui.

**Jorgina:** Ó, aí vocês ajuda a gente que nós tamo [*sic*] precisando. Olha como é que tá nossa barraca, ainda quer que a gente construa o muro, faça a casinha do cachorro, não temos condições pra isso.

**Gabriel:** Uhum. É, eu posso anotar o seu nome? Aqui também. É porque eu anotei o nome dela. Mas aí na questão... é, só pra questão de registro.

**Alvina:** Tá.

**Jorgina:** É, não tem que ter medo não, mana. Pelo menos a gente...

[*Fim da gravação*]

**Entrevista – Marcelo Lavor**

**Gabriel:** Qual seu nome?

**Marcelo:** Marcelo.

**Gabriel:** De?

**Marcelo:** Souza.

**Gabriel:** Souza.

**Marcelo:** Sobreira de Lavor.

**Gabriel:** Sobreira de ...?

**Marcelo:** Lavor.

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**Marcelo:** 31/07/1980

**Gabriel:** Nasceu em Manaus mesmo, né?

**Marcelo:** Manaus mesmo.

**Gabriel:** Tá. Sua ocupação?

**Marcelo:** Instrutor de autoescola.

**Gabriel:** Tá. A gente vai começar com a primeira pergunta aqui. Com que frequência o senhor visita o Cemitério São João e pra qual finalidade?

**Marcelo:** Bom, vamos lá... Datas, no caso, né. Dia dos Pais, Finados, e querendo ou não, quando a gente sente saudade de tá querendo puxar uma conversa com algum ente que já se foi, né. A gente pode fazer uma oração também. Eu tô sempre por aqui dando uma olhada como é que tá a estrutura do ambiente também. Com uma frequência assim às vezes de três vezes ao mês.

**Gabriel:** Flexível, né?

**Marcelo:** Isso aí.

**Gabriel:** Aí, em suas visitas, há alguns pontos negativos que o senhor tenha observado? Se sim, quais foram eles?

**Marcelo:** Bom, às vezes é questão de organização. A estrutura, no caso, limpeza do local. Né, que tem que ser um pouco mais frequente. Não só em datas específicas, porque a gente visualiza que em datas específicas tem aquela limpeza geral.

**Gabriel:** Aí, é possível observar que o Cemitério São João ele tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Marcelo:** Ah, nesse caso...

**Gabriel:** Essas lápides que a gente encontra vandalizado, destruído, até as mais famosas ali.

**Marcelo:** Sim.

**Gabriel:** O que o senhor pensa sobre isso?

**Marcelo:** No caso, tá na parte de segurança, né. Não sei como funciona a segurança privada, não sei se é privada... do Cemitério São João Batista, né. Às vezes eu posso considerar também que é dos próprios familiares. Manutenção, é sempre bem-vinda. Que com o tempo se deteriora. E se você não conseguir manutenção vai continuar se degradando, se acabando com tudo. A gente pode ver até aqui do lado ó...[*aponta*]

**Gabriel:** Aí, o senhor já teve alguma experiência desse tipo, por exemplo, com furto ou depredação de algum jazigo familiar? Se sim, o senhor pode relatar como isso se deu?

**Marcelo:** Não... não cheguei a presenciar. A gente sabe, né. A gente sabe que existe.

**Gabriel:** O senhor considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Marcelo:** Não

**Gabriel:** Por que o senhor pode me dizer?

**Marcelo:** Vamo lá [*sic*]. Questão dos furtos, não é isso?

**Gabriel:** Uhum.

**Marcelo:** Não. Não pelo fato do quê? Isso não vai chegar a afastar o que a gente sente, né, aqui [*aponta para o peito, lado do coração*]. Porque querendo ou não isso aqui é só lembrança, né. A lembrança de um ente querido que tá enterrado aqui dentro, então uma pessoa furtando ou destruindo alguma coisa, isso não vai afastar a imagem, né... Continua da pessoa, a educação que foi nos dada. Então... por isso que eu tô dizendo, é chegar e a gente ter mesmo aquela vontade, ah, eu sei que foi destruído, pode ter sido alguém ter destruído [*sic*] ou a natureza destruído. É bom sempre reformar. E assim a gente vai deixando sempre direitinho aí pros próximos... próxima geração.

**Gabriel:** Muito bem. A Semulsp é o órgão da Prefeitura de Manaus que é responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus. O senhor considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e na revitalização do Cemitério São João. Se não, por quê?

**Marcelo:** Bom, vamo lá [*sic*]. Eles mantêm, só que como eu falei anteriormente, somente em datas espe...?

**Gabriel:** Específicas.

**Marcelo:** Eu creio que eles focam mais nessas datas específicas, né. Eu também não tenho como te falar assim... Eu não posso chegar e te afirmar que durante todo esse período que eu venho tá totalmente 100% limpo. Não vai existir. Não vai existir. Mas... enquanto essas datas comemorativas estão dando conta do recado, pô, show de bola. Que às vezes nem nós parentes temos tempo de vir limpar também, né. Então...

**Gabriel:** Sim. Esse Cemitério São João ele é tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas. Foi tombado em 14 de junho de 1988. O tombamento ele consiste num conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar os bens do cemitério.

**Marcelo:** Certo.

**Gabriel:** Nesse contexto, o senhor considera que o Cemitério Municipal de São João tem sido bem preservado como um monumento tombado?

**Marcelo:** Sim. Sim. Pessoas históricas ali fora. Com imagens, retratos no caso delas. E o cuidado... Se for parar para analisar tem muito, tem muita... Como é que eu posso dizer? Jazigos antigos aí não tem cuidados. Entendeu? Então eu posso considerar que é um patrimônio histórico tombado, mas o pessoal tá dando...

**Gabriel:** A devida atenção...

**Marcelo:** Conta, atenção, sim. Porque aqui, querendo ou não, tá [sic] os principais, as principais pessoas do Amazonas, né.

**Gabriel:** As pessoas mais ilustres...

**Marcelo:** Mais ilustres, exatamente.

**Gabriel:** Aí o turismo cemiterial ele tem como o foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. O seu principal propósito é transformar o cemitério num cemitério-museu aberto para visitas e estudos. O senhor considera que o Cemitério São João está preparado para receber uma atividade desse porte? Por quê?

**Marcelo:** Não, na minha visão, ele tem que se estruturar um pouquinho mais. Ele tá praticamente, como eu falei, no início ali tem algumas fotos de pessoas especiais, né. E isso já seria um passo pra se preparar pra isso futuramente. Mas tudo começa com o primeiro passo. Então, daqui pra lá, quando tu tiver fazendo aí tudo ok [sic], talvez, já esteja tudo ok.

**Gabriel:** É. Aí o senhor recomendaria a visita do espaço do Cemitério São João a alguém?

**Marcelo:** Ah, quando estiver tudo ok, sim, porque, querendo ou não, é história. Tem pessoas influentes aí, né, influenciadoras, cultas, então por que não estudar um pouco dessa história?

**Gabriel:** É, verdade... Então a gente chega no final da nossa entrevista, eu agradeço muitíssimo pela sua atenção e...

[Fim da gravação]

## Entrevista – Marly Costa

**Gabriel:** Tô começando a gravar... e vou perguntar o seu nome.

**Marly:** Marly Sacramento da Costa.

**Gabriel:** Marly, né?

**Marly:** É.

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**Marly:** 29/04/1956.

**Gabriel:** Nasceu em Manaus mesmo, né?

**Marly:** Aham.

**Gabriel:** Ocupação?

**Marly:** Aposentada.

**Gabriel:** Aposentada, tá. A gente começa então com a primeira pergunta. Com que frequência a senhora visita o Cemitério São João, e pra qual finalidade?

**Marly:** Ah, mano, quase eu moro aqui toda segunda-feira. Olha aqui, ó... [*aponta para o ornamento florido que ajeitou na sepultura de seu familiar*]

**Gabriel:** Tá muito bonito, aliás... E suas visitas? Há pontos negativos que a senhora tenha observado. Se sim, quais?

**Marly:** Ó, o Cemitério, é depois assim, por exemplo, agora que foi o Prefeito, esse Prefeito, o Cemitério tá muito bonito, e, muito bem... as pessoas tão [sic] zelando muito por ele, entendeu? Então eu só achei que mudou muito, porque não era assim, né. Agora tá ótimo.

**Gabriel:** Aí, é possível observar que o Cemitério São João ele tem passado por uma série de furtos e depredações de seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Marly:** Olha, aqui ó, isso aqui foi roubado [*aponta para um item despedaçado*]. Isso nós botamos [sic] recente. Levaram o portão daqui. E a gente vem [sic] na administração, mas eles só falam assim “não pode”. Claro, não podem resolver um problema que... Só aqui nessa quadra roubaram setenta e dois portões aqui. Aí eles disseram que se fizesse B.O, não sei o quê, eles podiam aí ver se retornava alguma coisa, mas não fizeram nada. Nós trouxemos tudo, nós que pagamos outro portão. Mas não fizeram nada não, mas eles não pode [sic], né, tomar conta de toda essas sepulturas.

**Gabriel:** Assim, a senhora tem alguma ideia de quem possa estar entrando aqui e fazendo essas coisas, quem é que tá fazendo isso?

**Marly:** Pra mim são esses pilantras mesmo que pulam o cemitério, eu acho. Eu, na minha opinião, né.

**Gabriel:** Você já teve alguma experiência desse tipo? Por exemplo, com furto, depredação de algum jazigo familiar? Se sim, pode relatar como se deu, que a senhora falou da sua mãe, né.

**Marly:** É, aham.

**Gabriel:** Aí, a senhora considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Marly:** Afasta, porque aqui é muito perigoso tu vir [sic] sozinha pra cá, entendeu? Porque fica uns pilantras por ali, embaixo dessas árvores. Deus te defenda! Ainda mais ali numa sepultura do meu sobrinho, dá medo da pessoa vir. Ainda mais mulher, sozinha no cemitério.

**Gabriel:** É, a Semulsp, ela é o órgão da Prefeitura que é responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus, né. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do Cemitério São João?

**Marly:** Agora sim, tá ótimo.

**Gabriel:** A senhora pode me dizer por quê?

**Marly:** Ó, porque, por exemplo, os nossos banheiros, nossa senhora!, é lindo. Eu, pra mim, né. Nosso banheiro é bem limpo, todo cuidadoso [sic], tem papel. Aí molhou, o pessoal vai lá limpar. Então esse cemitério mudou muito, porque aqui tu tinha que ir lá pra aquelas coisa horrível [sic], mas agora, tá... eu gosto, tá tudo organizado.

**Gabriel:** E o Cemitério São João ele é tombado como monumento histórico do Estado do Amazonas. Ele foi tombado no dia 14 de junho de 1988. Um tombamento consiste num conjunto de ações do poder público com o objetivo de preservar os bens de valor histórico, cultural e arquitetônico, né. Nesse contexto, a senhora considera que o Cemitério São João ele tem sido bem preservado?

**Marly:** Tu viu, só? Eu acho. Tu viu só esses quadros que eles colocaram. Tu vê né? Só de se entrar aqui... É muito bonito saber pessoas importantes da nossa cidade, ter aquele quadro ali eu acho um... Eu, né. Acho bonito. Pra lembrar, né.

**Gabriel:** É até uma forma de ajudar as pessoas com essa questão de identidade amazonense... a se encontrar e tal [culturalmente]...

**Marly:** Pois é, se encontrar... é...

**Gabriel:** Aí, o Turismo Cemiterial tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. Seu propósito é transformar o cemitério num cemitério museu aberto para visitas e estudos. A senhora acha que o Cemitério São João tá preparado pra receber essa atividade? Por quê?

**Marly:** Tem que botar [sic] mais segurança pra isso, eu acho.

**Gabriel:** Pra poder estabelecer esse turismo, né?

**Marly:** É, uhum.

**Gabriel:** A senhora recomendaria a visita ao espaço do Cemitério São João?

**Marly:** É, aqui é o nosso ponto turístico aqui de cemitério, pra nós é São João Batista, né.

**Gabriel:** É uma referência.

**Marly:** É, é uma referência. Quem tem um pedacinho aqui tá “rico” [risos].

**Gabriel:** Tá bom, então a gente chega no final da nossa entrevista. Eu agradeço muitíssimo a vocês, e que vocês tenham um bom dia...

**Marly:** Obrigado, e que Deus te dê uma boa sorte, que tu vai...

**Gabriel:** Ah, muito obrigado!

*[Fim da gravação]*

*Entrevistas feitas no dia 12 de Outubro de 2023 (Dia das Crianças)*

## Entrevista – Carlos Moura

**Gabriel:** Qual o seu nome?

**Carlos:** Carlos.

**Gabriel:** De?

**Carlos:** Moura.

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**Carlos:** 01/01/1980.

**Gabriel:** E qual a sua ocupação?

**Carlos:** Sou industriário.

**Gabriel:** Eu vou começar a primeira pergunta então. Com que frequência o senhor visita o Cemitério Municipal de São João? E pra qual finalidade?

**Carlos:** Rapaz, eu visito só nas datas comemorativas. Tipo, Dia dos Pais, Dia das Mães...

**Gabriel:** Nas suas visitas, há pontos negativos que o senhor tenha observado? Se sim, quais?

**Carlos:** Não não, nenhum não.

**Gabriel:** É possível observar que o Cemitério Municipal de São João tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Carlos:** Rapaz, pra falar a verdade eu não sei te falar porque falta de segurança não é porque ainda agora tinha um monte de guarda passando aí. Acho que é comportamento mesmo. Desse pessoal...

[Alguém perto diz “*Mas acabou esse negócio aqui*”]

**Carlos:** É, mas a sepultura do meu pai ali tá... levaram as pedras de mármore tudinho.

**Gabriel:** Tudo bem. O senhor já teve alguma experiência desse tipo, por exemplo, com furto ou depredação de alguns jazigos familiares? O senhor acabou de citar a sepultura do seu pai, né...

**Carlos:** É, a sepultura do meu pai...

**Gabriel:** Se sim, o senhor pode relatar como isso se deu?

**Carlos:** Não entendi a pergunta.

**Gabriel:** O senhor pode relatar como é que se deu esse evento, esse furto?

**Carlos:** Rapaz, como foi eu não sei não. Eu sei que tá todo quebrado lá. Arrebentaram tudinho. Como foi eu não sei não. Fazia mais de ano que eu não vinha aí. Eu vim hoje porque eu vim por... eu vim ver uma de um irmão meu. Aí eu fui lá acender uma vela pra ele [pro pai], cheguei lá, tá lá quebrado. Eles quebraram e levaram...

**Gabriel:** O senhor considera que esses acontecimentos eles afastam as pessoas do Cemitério Municipal de São João? E por quê?

**Carlos:** Mano, na verdade... Como eu te falei, é comportamento, né...

**Gabriel:** A Semulsp é o órgão da Prefeitura responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus. O senhor considera que eles realizam um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do Cemitério Municipal de São João?

**Carlos:** Sim sim...

**Gabriel:** O senhor tem como me dizer o porquê eles fazem um trabalho bem feito?

**Carlos:** Prefeitura, né... Eu acho que é dever deles, né, isso é dever dos caras, né, mano. Tão sendo pagos têm que fazer.

**Gabriel:** O Cemitério Municipal de São João é tombado como monumento histórico do Estado do Amazonas desde 14 de junho de 1988. Um tombamento consiste num conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo pra população. Nesse contexto, o senhor considera que o Cemitério Municipal de São João tem sido bem preservado?

**Carlos:** Sim.

**Gabriel:** O senhor acha que ele tem sido bem preservado então... mesmo com esses furtos? E todos esses eventos que têm acontecido?

**Carlos:** Não, eu acho que independente do roubo, ele ainda tá sendo bem preservado porque tem cemitério que é pior que esse, mano.

**Gabriel:** Sim. O Turismo Cemiterial tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. Seu principal propósito é transformar o cemitério em um cemitério-museu a céu aberto para visitas e estudos. O senhor acha que o São João está preparado para receber uma atividade assim? De Turismo Cemiterial?

**Carlos:** Cara, acho que não.

**Gabriel:** O senhor tem como dizer por quê?

**Carlos:** Não, ó. A palavra correta não sei te falar não.

**Gabriel:** O senhor recomendaria a visita do espaço do Cemitério São João a alguém?

**Carlos:** Rapaz... recomendar pro cara visitar cemitério eu acho complicado, né. Tanta coisa melhor pro cara visitar do que visitar cemitério.

[Fim da gravação]

**Entrevista – Doralice Klein**

**Gabriel:** Qual seu nome?

**Doralice:** Doralice.

**Gabriel:** Doralice de?

**Doralice:** Doralice Klein.

**Gabriel:** Data e local de nascimento.

**Doralice:** 07/10/1971, Manaus.

**Gabriel:** E qual a sua ocupação?

**Doralice:** Maninho, faz tudo [risos]. Dizem que é empresária mas...

**Gabriel:** Tudo bem. Primeira pergunta. Com que frequência a senhora visita o Cemitério São João Batista e pra qual finalidade?

**Doralice:** Aqui hoje eu vim por causa de uma amiga que faleceu ontem, e hoje ela vai ser enterrada. Mas aqui eu venho por causa do meu pai que é enterrado aqui.

**Gabriel:** Ah sim. Mas a senhora está à vontade para fazer a entrevista?

**Doralice:** Sim sim, não tem problema não.

**Gabriel:** Muito bem então. Nas suas visitas, há pontos negativos que a senhora tenha observado?

**Doralice:** Muitos! [*com ênfase*]

**Gabriel:** A senhora pode falar um pouco sobre eles?

**Doralice:** Avê Maria, como é que eu vou falar? Eu falo por causa da sepultura do meu pai que tem perto dos mordos... mórmons? [*ela queria dizer dos judeus*], e ali o pessoal joga tudo que não presta. É resto de obra, tudo fica prali [*sic*]. Quando a gente chegou pro Dia dos Pais aqui era gramado, era tudo, jogaram só barro, tudo em cima do túmulo, que é a coisa mais, mais... Que eu digo assim, o problema não é que nem se respeita o morto que tá ali. Agora, era gramado, tinha tudo lá, aí só jogaram barro, cataram tudo de algum canto e tudo jogaram prali. Tem uns que estão pra aquele lado que estão tudo socado de barro. Resto de obra, né, que o pessoal faz e joga. Pra cá [*região central do cemitério*] é tudo muito bonito, mas tu vai prali...

**Gabriel:** Pros cantos né, pras margens do cemitério...?

**Doralice:** É, pras margens do cemitério você percebe o descaso.

**Gabriel:** É possível observar que o Cemitério São João tem passado por um série de furtos e depredações dos seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Doralice:** Avê Maria, do meu pai mesmo já levaram como é, a pedra de mármore. Já não existe mais.

**Gabriel:** A Semulsp é o órgão da Prefeitura responsável pela manutenção e organização dos cemitérios. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito de limpeza e revitalização aqui no Cemitério São João?

**Doralice:** Acredito que não.

**Gabriel:** Por quê?

**Doralice:** Só limpam quando tem Dia dos Pais, Dia dos Finados... Se tu vir antes é um matagal só.

**Gabriel:** Aí o Cemitério São João é tombado, né. A senhora considera que o Cemitério São João Batista por ser tombado tem sido bem preservado?

**Doralice:** Acredito que até por ser um cemitério bem antigo, sim.

**Gabriel:** E a senhora acha que o Cemitério São João está preparado para receber o Turismo Cemiterial? A prática do Turismo Cemiterial?

**Doralice:** Aí eu não posso te afirmar.

**Gabriel:** A senhora recomendaria a visitação do Cemitério São João para alguém?

**Doralice:** Recomendo que quem tem parente pode ser onde for, mas a gente vai, né.

*[Entrevista foi encerrada de forma mais rápida por conta da necessidade da entrevistada de se encaminhar para o enterro]*

### Entrevista – Maria Alice

**Gabriel:** Já, então vamos começar. O seu nome é Maria Alice, né? A senhora disse...

**Maria Alice:** É...

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**Maria Alice:** Dia 12/05/1948.

**Gabriel:** E a sua ocupação?

**Maria Alice:** Eu sou aposentada.

**Gabriel:** Com que frequência a senhora visita o Cemitério São João e pra qual finalidade?

**Maria Alice:** Eu frequento pra ver meus familiares que estão aqui tudinho. Meu pai, minha mãe, meu irmão, tudinho... Só tenho duas irmãs, só tem eu e a Rôta [sic]. Eu vou nas duas, dos meus pais e da minha irmã.

**Gabriel:** E nas suas visitas há pontos negativos que a senhora tenha observado? Se sim, quais?

**Maria Alice:** Ponto negativo?

**Gabriel:** É, alguma coisa de ruim que a senhora veja durante o percurso das suas visitas no Cemitério.

**Maria Alice:** Ah, não, eu gosto de vir aqui. Eu gosto de rezar. Eu rezo aqui, rezo lá em casa. Por eles, né, pra onde eles estão. Aqui e ali a gente vê alguma coisinha quebrada, fora do lugar. Mas depois que instalaram a segurança aqui a coisa até que melhorou.

**Gabriel:** Sim. Então... é possível observar que o Cemitério São João tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais? Qual a sua opinião sobre essas questões?

**Maria Alice:** E já passaram por aqui. Nesse pedaço aqui já passaram. Quebraram aqui, algumas coisas. Quem presenciou melhor foi meu sobrinho. Ele que vinha com mais frequência aqui.

**Gabriel:** A senhora comentou anteriormente que depredaram uma cruz daqui, não é?

**Maria Alice:** Foi. Bem aqui [aponta]. Tiraram isso daqui. Aí nós que tivemos que reconstruir por conta própria, né. O meu sobrinho que veio e fez essa outra aí.

*[Interrupção da conversa por um dos seguranças do Cemitério São João em função de saber o que estava se passando]*

**Gabriel:** A senhora considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Maria Alice:** Acho que afasta, às vezes afasta. E às vezes, dependendo da hora do dia, a gente não pode nem vir porque a gente já tá velha [*risos*]. Eu, eu tenho setenta e cinco anos. E venho sozinha, venho sozinha. Daí já rezei, já fechei aqui, já vou daqui pra casa.

**Gabriel:** Muito bem. A Semulsp é o órgão responsável pela organização e manutenção dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus. A senhora considera que a Semulsp realiza um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do São João?

**Maria Alice:** Eles fazem até. Bom, tá muito limpo aqui depois que esse prefeito assumiu, ele mandou reparar algumas coisas dessa área central. Mas essa sepultura aqui, essa árvore que tinha aqui do lado, ela caiu em cima da sepultura uma vez. Aí tinha causado um dano, um dano que foi meu sobrinho que ajeitou. Porque eles não ajeitaram não.

**Gabriel:** O Cemitério São João é tombado como monumento histórico do Estado do Amazonas desde 14 de junho de 1988. Um tombamento consiste num conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de valorizar os bens de valor histórico, cultura e arquitetônico. Nesse contexto, a senhora considera que o Cemitério São João tem sido bem preservado?

**Maria Alice:** Bom, agora ele tá bem limpo aqui. Antigamente, não era limpo. Quanto à preservação dos monumentos, eles deixam a desejar sim.

**Gabriel:** Muito bem. O Turismo Cemiterial tem como foco principal o cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. Seu principal propósito é transformar o cemitério num cemitério-museu, aberto para visitas e estudos. A senhora considera que o Cemitério São João está preparado para receber o Turismo Cemiterial?

**Maria Alice:** Apesar de tudo, eu acho que dá sim.

**Gabriel:** E a senhora recomendaria a visita do Cemitério São João Batista a alguém?

**Maria Alice:** Sim, pode. Claro. Recomendaria sim.

[*Fim da gravação*]

### Entrevista – Maria Lúcia Rodrigues

**Gabriel:** Então vamos começar. Eu vou perguntar o seu nome.

**Maria Lúcia:** Meu nome é Maria Lúcia Rodrigues Soares.

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**Maria Lúcia:** 26/05/1959

**Gabriel:** Ocupação?

**Maria Lúcia:** Eu sou ex-funcionária pública.

**Gabriel:** Muito bem. A primeira pergunta é com que frequência a senhora visita o Cemitério Municipal de São João e pra qual finalidade?

**Maria Lúcia:** Eu sempre venho uma vez no mês. Eu venho ver o túmulo do meu netinho que está enterrado aqui.

**Gabriel:** Aí, nas suas visitas, há pontos negativos que a senhora tenha observado?

**Maria Lúcia:** Eu não tenho ponto negativo nenhum, porque eu vejo que tá organizado. Só que pra lá onde é o túmulo dele que não é calçada assim, não tem calçada. Sempre quando eu venho eu trago até luva, que eu sei que deve estar cheio de ervas daninhas, né.

**Gabriel:** Pra não ferir a mão, né.

**Maria Lúcia:** Mas é assim, né. A gente tem que preservar, a gente tem que também ajudar, né.

**Gabriel:** Sim. Muito bem. É possível observar que o Cemitério Municipal de São João tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Maria Lúcia:** Rapaz, eu acho que é em todo cemitério. Em todos são. Inclusive lá [*túmulo do neto*] eu percebi que tinha o túmulo de uma criança e tinha um crucifixo que ele é feito de... é um material que eles gostam de levar. Não sei como é o nome.

**Gabriel:** Não é o mármore?

**Maria Lúcia:** Não, não é o mármore. É o cobre. Então eles levam mesmo. Lá no túmulo do meu netinho, ao redor é simples. Aí tinha uma pedra, essas pedras, né, pedra de mármore, eles levaram. Levaram, quando eu cheguei aí já era. Dizem que eles tiram já pra botar num outro túmulo. Ninguém tem como provar. Mas não tem como outra função que a gente vá ficar imaginando, porque eu não vou tirar pra levar pra minha casa. Só pode tirar pra botar em outro túmulo. Aí eu fui, trouxe uma cerâmica mesmo, aí eu pedi pra um senhor aqui botar pra mim. Aí foi, ele colocou, mas nos lados eu coloquei cerâmica porque mármore não pode. Essas coisas assim eles levam mesmo. Ainda mais lá pra trás [*do cemitério*].

**Gabriel:** A senhora considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério Municipal de São João? Isso afugenta assim os visitantes?

**Maria Lúcia:** Eu acho que... eu pelo menos fico com medo. Uma vez nós estávamos lá veio um rapaz e disse “não fique com medo”. Um senhor. Porque a gente ficou apreensivo. Porque pelo menos aqueles do Santa Helena eles assaltam mesmo, eles roubam mesmo. Roubam mesmo na cara da gente.

**Gabriel:** Muito bem. A Semulsp é o órgão da Prefeitura responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes na cidade de Manaus. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito de limpeza e revitalização aqui no São João?

**Maria Lúcia:** Rapaz, eu pelo menos aqui na frente tá tudo bonitinho. Tá tudo bonitinho. Ainda mais os túmulos de gente famosa, de gente conhecida, tá tudo ok. Agora os outros que se danem, que fiquem de limpar os seus [risos].

**Gabriel:** Faltam só mais três perguntas.

**Maria Lúcia:** Tudo bem.

**Gabriel:** O Cemitério Municipal de São João é tombado como monumento histórico do Estado do Amazonas. Um tombamento consiste num conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar os bens, né. Nesse contexto, a senhora considera que o Cemitério São João está sendo bem preservado?

**Maria Lúcia:** [silêncio]

**Gabriel:** Ele sendo tombado assim...

**Maria Lúcia:** Eu acho... eu acho que... eu não sei nem te explicar isso aí, mas olha, eu acho que sim. Pelo menos eles fazem de tudo pra preservar, né. Os monumentos... Isso aqui por exemplo [*aponta para um monumento presente na porção central do cemitério onde está se dando a entrevista*] é uma coisa que a gente vê, né, das freiras, dos padres, a gente olha e vê que é bem cuidado.

**Gabriel:** Aí, dona Maria, o Turismo Cemiterial, ele tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio histórico e arquitetônico. A senhora considera que o Cemitério São João está preparado para receber uma atividade desse porte?

**Maria Lúcia:** [silêncio]

**Gabriel:** Fazer turismo nos cemitérios...

**Maria Lúcia:** Eu como turista eu acho que não queria vir não [risos]. Não queria turistar aqui não. Eu não vejo dessa forma. Mas... tem gente que gosta de visitar, né. Porque tem uns túmulos aqui que eles são muito, muito visitado. Aquele da Santa, né.

**Gabriel:** Santa Etelvina?

**Maria Lúcia:** É, Santa Etelvina.

**Gabriel:** Inclusive tem o bairro com o nome, né.

**Maria Lúcia:** Isso. Tem gente que tem curiosidade.

**Gabriel:** Aí, a senhora recomendaria a visitação desse cemitério pra alguém?

**Maria Lúcia:** Não. Não. [*diz com ênfase*]. Eu acho tão insignificante visitar cemitério.

*[Sobrinha diz “Mas em terras estrangeiras eles visitam, né]*

**Maria Lúcia:** Pra lá é.

**Gabriel:** É, é uma prática bem comum mesmo.

**Maria Lúcia:** É.

**Gabriel:** Então, dona Maria, a gente vai ficando por aqui...

*[Fim da gravação]*

## Entrevista – Paulo Andrade

**Gabriel:** Vou pedir a sua permissão para começar a gravar. Qual o seu nome?

**Paulo:** Paulo, Paulo Andrade.

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**Paulo:** 03/10/1960, Manaus.

**Gabriel:** Sua ocupação?

**Paulo:** Aposentado.

**Gabriel:** Então vamos à primeira pergunta. Com que frequência o senhor visita o Cemitério Municipal de São João e para qual finalidade?

**Paulo:** Desse ano e em diante, quase toda semana eu venho para observar a sepultura do meu filho que morreu há 9 meses.

**Gabriel:** Meus sentimentos pela sua perda. Vamos seguir para a próxima pergunta então. Nas suas visitas, há pontos negativos que o senhor tem observado? Se sim, quais? Quais são elas?

**Paulo:** No geral é a limpeza, né? No geral.

**Gabriel:** Você acha que eles deixam pecar pela limpeza, então?

**Paulo:** É assim, por exemplo, a limpeza fica acumulada aí, não recolhe, né. A gente consegue até observar aqui, né.

**Gabriel:** É possível observar que o Cemitério Municipal de São João tem passado por uma série de furtos e depredações de seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Paulo:** Acredito que hoje tem um diferencial, parece-me que tem segurança, né. Quando eu cheguei aqui, eu estacionei o carro aqui. Eu deixei o carro aqui porque não necessariamente facilita só trazer algumas coisas que eu trouxe para trazer, se você reparar o que eu estou fazendo agora aqui. Mas eu acho que logo que eu cheguei aqui, alguns segundos depois, chegou dois seguranças. Chegaram, me cumprimentaram, me trataram muito bem, falaram que eu podia ficar à vontade e tal. Isso é bom, não estou reclamando não. Estou dizendo assim que tem que fazer isso mesmo. Chegou alguém estranho, vai lá, dá uma olhada.

**Gabriel:** É isso aí. O senhor já teve alguma experiência desse tipo, vendo furto ou depredação de algum jazigo familiar? E se sim, o senhor pode relatar como isso aconteceu?

**Paulo:** Não, não.

**Gabriel:** O senhor considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do cemitério de São João?

**Paulo:** Com certeza. Eu tenho a sepultura da minha avó e da minha sobrinha que está enterrada ali. O pai, meu primo, ele vem com uma frequência muito pouca. Ele [*o pai*] é uma

peessoa de idade e quando vem, vem sempre acompanhado. Ele tem um certo receio de vir pra cá.

**Gabriel:** Muito bem. A Semulsp é o órgão da Prefeitura de Manaus responsável pela manutenção e organização dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus. O senhor considera que a Semulsp realiza um trabalho bem feito na limpeza e revitalização do Cemitério de São João?

**Paulo:** Eu acredito que tenha feito alguma coisa. Primeiramente, tem feito, mas ainda falta muito para chegar a um denominador comum. De excelência.

**Gabriel:** O Cemitério de São João é tombado como um monumento histórico do Estado do Amazonas desde 14 de junho de 1988. O tombamento consiste no conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental. Nesse contexto, o senhor considera que o cemitério de São João tem sido bem preservado?

**Paulo:** Eu acredito que sim, até porque tem algumas melhorias lá na frente [*parte da frente do cemitério*]. Tem algumas homenagens a algumas pessoas. Mas eu vejo que eles se preocupam só com a entrada, certo? Agora, com o interno, com as partes que são mais... Eu não vejo dessa forma, né. Eu acho o seguinte, que poderia ser cobrado das pessoas que têm família aqui, a melhoria. E com isso, um trabalho em conjunto entre a família que está enterrada, os integrantes da família, que faça alguma coisa para agregar valor a esse patrimônio. O cemitério como um monumento.

**Gabriel:** O Turismo Cemiterial tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. O seu propósito é transformar o cemitério no cemitério-museu, aberto para visitas e estudos. O senhor acha que o cemitério de São João Batista está preparado para receber uma atividade desse porte?

**Paulo:** Cara, é a mesma resposta que eu dei anteriormente, na pergunta anterior. Eu acho que tem sido feito alguma coisa, mas ainda falta muito para chegar a esse nível [*de receber o Turismo Cemiterial*]. Eu acho o seguinte, que eu não sei como é que é administrado, se é só o pessoal daqui, ou tem um grupo, o governo que faz alguma coisa, mas tem que botar um plano de melhoria, algo corretivo.

**Gabriel:** Sim. E a última pergunta, o senhor recomendaria a visita do espaço do cemitério São João a alguém?

**Paulo:** Cara, eu acho o seguinte, que fica a critério de cada pessoa. Eu venho visitar o cemitério porque eu tenho o meu filho enterrado aqui há pouco tempo. É muito doloroso para mim, e eu venho, sei lá, para o meu ego, para mim [*sic*] ficar um pouco mais tranquilo. É uma reflexão também, né?

**Gabriel:** Muito bem então, seu Paulo. Então a gente chega ao final do...

[*Fim da gravação*]

*Entrevistas feitas no dia 02 de Novembro de 2023 (Dia dos Finados)*

## Entrevista – Ana Paula Lima

**Gabriel:** Seu nome?

**Ana Paula:** Ana Paula Lima.

**Gabriel:** Sua data e local de nascimento?

**Ana Paula:** Manaus, 13/10/1975.

**Gabriel:** E sua ocupação?

**Ana Paula:** Técnica de enfermagem.

**Gabriel:** Com que frequência a senhora visita o Cemitério São João e para qual finalidade?

**Ana Paula:** Mais é visita de entes queridos [*sic*].

**Gabriel:** Nas suas visitas, há pontos negativos que a senhora tinha observado? E se sim, quais são?

**Ana Paula:** Da estrutura?

**Gabriel:** Pode ser estrutural, qualquer tipo de observação que a senhora tenha feito aqui.

**Ana Paula:** Observação é o roubo, né? Os jazigos todos tem uns que são... Como é que eu posso dizer? São roubados, né. São roubados, surrupiados, né. É, surrupiados, isso mesmo.

**Gabriel:** É possível observar que o São João Batista tem passado por uma série de furtos e depredações de seus elementos materiais. Aí eu ia perguntar o seu pensamento sobre essa questão. O que a senhora acha sobre esses roubos que acontecem, depredações...?

**Ana Paula:** Deveria ter mais segurança. E evitar, né. Que essas pessoas que fazem isso, são pessoas realmente que conhecem. Que não são só pessoas que pulam o muro, a cerca, o muro. Não, são pessoas que já frequentam aqui e têm acesso, né.

**Gabriel:** Acesso no cemitério.

**Ana Paula:** Isso.

**Gabriel:** Aí, a senhora já teve alguma experiência desse tipo? Por exemplo, com furto ou depredação de algum jazigo ou sepultura familiar?

**Ana Paula:** Da nossa família, já foi anos atrás.

**Gabriel:** Mas eles roubaram o quê?

**Ana Paula:** Roubaram a placa, né?

**Gabriel:** Placa de ferro, de bronze, né?

**Ana Paula:** De ferro.

**Gabriel:** A senhora considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Ana Paula:** Acho que não, mas... É porque as pessoas também estão deixando muito pra lá. Tem pessoas, nem todas, que abandonam.

**Gabriel:** Aí acabam não vendo o que acontece, né?

**Ana Paula:** Sim.

**Gabriel:** Aí, a Semulsp é o órgão da Prefeitura que é responsável pela limpeza, manutenção e organização do cemitério. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito aqui no São João?

**Ana Paula:** Eles fazem o trabalho, mas bem feito... Sempre a Manaus toda fica a desejar. Tem os lados que são esquecidos, né, também.

**Gabriel:** O Cemitério São João é tombado como um monumento histórico do estado do Amazonas. Ele foi tombado em 14 de junho de 1988. Nesse contexto, a senhora considera que o São João tem sido bem preservado por ser tombado?

**Ana Paula:** Não. Como todas as outras nossas... Nossas... Nossos patrimônios, né. Como também ali... O centro histórico de Manaus também é muito... A nossa catedral também está abandonada.

**Gabriel:** Esquecida, né.

**Ana Paula:** A praça... A praça do relógio...

**Gabriel:** Exatamente. Esses furtos não acontecem só aqui e... São demanda dessas pessoas aí da noite que ficam...

**Ana Paula:** A nossa penúltima pergunta é sobre o Turismo Cemiterial, que é uma prática justamente com o propósito de transformar o cemitério em uma espécie de museu a céu aberto para visitas e estudos. A senhora acha que o São João está preparado para receber uma atividade desse porte? De Turismo Cemiterial, de ver o cemitério como uma atividade turística?

**Ana Paula:** Ainda precisa melhorar um pouco mais. Precisa.

**Gabriel:** A senhora recomendaria a visita do Cemitério São João?

**Ana Paula:** Sim, porque aqui tem nomes muito conhecidos do Amazonas, né. Como o Gilberto Mestrinho, nosso ex-governador... O Jefferson Pérez, né.

**Gabriel:** Eduardo Ribeiro...

**Ana Paula:** Exatamente.

[Fim da gravação]

## Entrevista – Herbert Carvalho

**Gabriel:** Muito bem, nós vamos começar pelo seu nome. Qual é o seu nome?

**Herbert:** Hebert.

**Gabriel:** De quê?

**Herbert:** Batista Carvalho.

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**Herbert:** Manaus, dia 12/12.

**Gabriel:** Sua ocupação?

**Herbert:** Eu sou Personal Trainer.

**Gabriel:** A primeira pergunta é com que frequência você visita o Cemitério São João e para qual finalidade?

**Herbert:** Olha, é tradição, todo... Todo ano a gente vem em Dia dos Finados, né. Mas a gente vem, tipo, uns três dias antes pra ver como é que tá a sepultura. Mas já é tradição, porque quem é enterrado aqui é uma senhora, né, que eu tinha como vó, que me cedeu a casa onde a gente mora hoje, né. Então, já é uma tradição hoje.

**Gabriel:** Aí, nas suas visitas, há alguns pontos negativos que você tem observado? E se sim, você pode me falar sobre elas?

**Herbert:** Não, eu tô muito surpreso, porque o cemitério tá limpo, né. Diferente dos outros cemitérios que a gente já viu se queixar da sujeira, né.

**Gabriel:** Que é bem esquecido, né.

**Herbert:** Isso, e muitos furtos também. Mas pelo menos esse ano não tem do que reclamar, não.

**Gabriel:** É justamente sobre isso que a gente vai falar na próxima pergunta, que é possível observar que o Cemitério São João tem passado por uma série de furtos e depredações. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Herbert:** Ah, sobre essa questão, é referente à segurança mesmo, né. Eu acho que não sei se tem alguma segurança privada dentro do cemitério. E eu acho que devido aos luxos que as pessoas hoje fazem em cima das sepulturas... Mas eu vejo que ninguém tá seguro hoje, né. Nem no cemitério, nem os próprios mortos descansando não têm sossego. Referente a furto, né.

**Gabriel:** Sim, exatamente. Você já teve alguma experiência desse tipo? Se você já presenciou algum furto, alguma depredação de alguma sepultura, algum jazigo?

**Herbert:** Não, pelo menos não, né. Eu não tive nenhum. Mas pelo menos a gente não chega a fazer uma coisa muito luxuosa, nem trazer coisas materiais para não roubarem realmente.

**Gabriel:** Não chamar atenção, né.

**Herbert:** Isso.

**Gabriel:** Você considera que esses acontecimentos afastam as pessoas de São João?

**Herbert:** Eu acho que não é o fato de afastar, né. Eu acho que é o fato de as pessoas acabam [*sic*] deixando de investir na sepultura dos seus entes queridos, né. É porque já fica com medo de ser roubado de novo. Não tem a segurança que era para ter, né. Porque, querendo ou não, aqui as pessoas compram, né. E pagam, às vezes, até para zelar, os zeladores. E não tem a segurança que quer, né.

**Gabriel:** Aí, a Semulsp é o órgão da Prefeitura responsável pela limpeza e revitalização do Cemitério São João. Você considera que eles realizam um trabalho bem feito aqui?

**Herbert:** Eu acho que realizam, né. Só que as pessoas também têm que fazer a parte delas, né. Não adianta a prefeitura, o governo cuidar, até o próprio cemitério e as pessoas não... Porque você vê aí que a parte de fora é tudo pichado os muros, né. Aí isso já é uma parte de outra situação, de vandalismo mesmo.

**Gabriel:** Aí o Cemitério São João Batista, ele foi tombado como um monumento histórico do estado do Amazonas em 14 de junho de 1988. O tombamento, ele visa justamente preservar os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental. Nesse contexto, você considera que o São João tem sido bem preservado?

**Herbert:** Sim. Pelo menos, eu já frequento aqui há um bom tempo e eu acho que ele é bem conservado, né. Em relação a outros também. Ele está bem bonito, né. Pelo menos, eu acho.

**Gabriel:** A nossa penúltima pergunta, ela se trata sobre Turismo Cemiterial, que são as visitas que acontecem em cemitérios. O Turismo Cemiterial tem como propósito transformar o cemitério num museu a céu aberto. Você considera que o São João está preparado para receber uma atividade desse porte?

**Herbert:** Eu acho que sim, não acho não, tenho certeza que sim, né. Como eu te falei, acho que faltam só alguns detalhes que é sobre segurança. Mas, pelo menos, eu acho ele um cemitério bem antigo e bem conservado, né. Pelo menos, eu gosto de visitar. Não quero estar aqui, né [*risos*]. Mas eu sei que um dia a gente vai estar aqui. A gente vai estar, de qualquer forma. Mas, eu acho bem conservado.

**Gabriel:** Aí, a última pergunta é se você recomendaria a visita desse cemitério para alguém?

**Herbert:** Recomendaria sim, né. Eu não sei se ainda tem, como é que eu posso falar, terreno para vender. Porque dizem que aqui só tem sepulturas que já são compradas, que já são antigas.

**Gabriel:** É, de famílias que já estão aqui há algum tempo.

**Herbert:** Isso, porque não tem vaga, né. Mas, eu acho ele um cemitério bem bonito para os falecidos.

**Gabriel:** Uhum. Então, essa foi a nossa última pergunta.

[Fim da gravação]

### Entrevista – José Altamir Cordeiro

**Gabriel:** Então, nós vamos começar. Qual o seu nome?

**José Altamir:** José Altamir Cordeiro.

**Gabriel:** Data e local de nascimento?

**José Altamir:** Manaus, 08/11/1964.

**Gabriel:** E sua ocupação?

**José Altamir:** Economista.

**Gabriel:** Muito bem. A primeira pergunta é, com que frequência o senhor visita o Cemitério Municipal de São João e para qual finalidade?

**José Altamir:** A frequência é anual e a finalidade é, como a gente chama? A gente vem relembrar, fazer a nossa consideração de lembrança dos nossos entes queridos e partidos.

**Gabriel:** Muito bem. Nas suas visitas, há pontos negativos que o senhor tenha observado? Se sim, o senhor pode me falar quais são?

**José Altamir:** Não, não. Ultimamente tem melhorado bastante, principalmente a acessibilidade e a segurança.

**Gabriel:** É possível observar que o Cemitério Municipal de São João tem passado por uma série de furtos e depredações dos seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**José Altamir:** Muito preocupante. Por isso que eu estou dizendo, que houve, no último tempo, teve uma melhoria em relação a isso. Mas antigamente era temerário a visita. Por isso que muita gente deixava de vir, pelo menos nas outras datas também, entendeu? Dia dos Pais, Dia das Mães, por conta da segurança. Agora não. Até melhorou mais, a assistência municipal tem dado assistência. Acredito que mudou o pensamento em relação a isso. Afinal, se trata do mais importante cemitério da cidade de Manaus, onde personalidades da vida política, empresarial estão aqui, foram enterrados nesse cemitério.

**Gabriel:** Muito bem. O senhor já teve alguma experiência desse tipo, por exemplo, presenciando algum furto, alguma depredação de algum jazigo familiar?

**José Altamir:** Não, mas eu tenho conhecidos que tiveram. Tiveram sinistros nas sepulturas. Então é feito um esforço de fazer um jazigo de melhor qualidade e, às vezes, sofre esses danos aí.

**Gabriel:** O senhor considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério São João?

**José Altamir:** Eles diminuem a frequência, mas não afastam. É tradicional já a presença das pessoas, das famílias, mas diminui sim o número de visitação. Isso influencia no número de visitação, pode-se dizer assim.

**Gabriel:** A Semulsp é a órgão da prefeitura responsável pela revitalização e pela limpeza dos cemitérios de Manaus. O senhor considera que eles realizam um trabalho bem feito de limpeza e revitalização aqui no Cemitério São João?

**José Altamir:** A presença deles é constante, mas acredito que são mais serviços particulares, privados que conseguem fazer isso aí, os próprios proprietários das sepulturas que pagam a mensalidade. Por exemplo, nessa aqui, tem uma pessoa que cuida especificamente dessa sepultura, zelando e mantendo. No caso da Semulsp, ela faz no geral, no comum a todos, que são as áreas de acessibilidade, mas a parte pública mesmo.

**Gabriel:** O Cemitério São João foi tombado como um monumento histórico em 14 de junho de 1988. Um tombamento consiste num conjunto de ações realizadas pelo poder público com o intuito de preservar os bens de valor histórico, cultural e arquitetônico, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Nesse contexto, o senhor considera que o São João Batista tem sido bem preservado?

**José Altamir:** Aquilo que eu continuo dizendo, ultimamente sim, já esteve bem abandonado. Ultimamente ele está sendo... as gestões têm valorizado mais a manutenção.

**Gabriel:** O Turismo Cemiterial tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. O seu principal propósito é transformar o cemitério em um museu aberto para visitas e estudos. O senhor acha que o Cemitério São João está preparado para receber uma atividade desse porte?

**José Altamir:** Ele tem tudo. Ele tem arquitetura, tem história. Ele só precisa melhorar mais ainda, mas tem condições.

**Gabriel:** E a última pergunta, o senhor recomendaria a visitação do espaço do cemitério São João a alguém?

**José Altamir:** Sim, pelo menos para... especialmente para quem desenvolve pesquisa. Aqui tem muitas pessoas que tiveram influência na vida da cidade e têm história. Acredito que tem que preservar. Muitas famílias abandonaram alguns jazigos. Então, se o poder público pudesse resgatar a história das pessoas que foram importantes para o município e até mesmo para o estado, seria importante resgatar a história dessas pessoas que, de certa forma, influenciaram no nosso dia a dia.

**Gabriel:** Com certeza. Então, chegamos ao fim da nossa entrevista. Eu lhe agradeço desde já imensamente. Vai me ajudar muito na minha pesquisa.

*[Fim da gravação]*

### Entrevista – Jeane Nascimento

**Gabriel:** Qual é o seu nome?

**Jeane:** Jeane do Nascimento.

**Gabriel:** Sua data e local de nascimento?

**Jeane:** Eu nasci aqui em Manaus mesmo, 20/02/1969.

**Gabriel:** Sua ocupação?

**Jeane:** Eu sou técnica de enfermagem.

**Gabriel:** Muito bem. A nossa primeira pergunta é com que frequência a senhora visita o Cemitério Municipal de São João e para qual finalidade?

**Jeane:** Minha visitação é bastante frequente. Eu venho no Dia das Mães, eu venho no Dia dos Finados, eu venho na data do aniversário dos meus entes queridos, né. Porque aqui eu tenho minha mãe, minha avó, meu bisavô enterrados. É a sepultura da família, né. Aí eu venho bastante.

**Gabriel:** Nas suas visitações, há pontos negativos que a senhora tenha observado? Se sim, quais são eles?

**Jeane:** Olha, na atual gestão, eu não estou vendo nenhum ponto negativo. Aqui o cemitério eu achei que ele teve uma grande modificação, está sendo bem cuidado, entendeu? Assim, só tenho a elogiar, eu não tenho nenhum ponto negativo a observar, não.

**Gabriel:** É possível observar que o Cemitério Municipal de São João tem passado por alguns furtos, né, bem como depredações de seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Jeane:** Por exemplo, essas cruzes que a gente vê, esses mármores que estão quebrados. Isso já vem de longa data, né. Toda vida a gente deixa sabendo que não vai ficar, porque levam, né. Isso daí é desde sempre. E eu acho que é uma coisa que não tem jeito, porque nem fiscalização ia dar jeito. Para esse monte de sepultura que tem aqui não tem como. Tinha que ter uma consciência, né, por parte de quem faz esse tipo de coisa. Mas aí já é pedir demais... É individual.

**Gabriel:** A senhora já teve alguma experiência desse tipo? A senhora já viu algum furto, alguma depredação de algum jazigo por aqui?

**Jeane:** Eu, particularmente, eu não vi. Eu só ouvi comentários. Mas eu nunca vi. Lógico que até na sepultura aqui da minha família a gente deixa um dia, dois, três dias e depois se vier aqui não está mais. Só fica o que está trancado. O que está trancado, graças a Deus, nunca foi arrombado para furtarem nada.

**Gabriel:** A senhora considera que esses acontecimentos afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Jeane:** Eu creio que não. Eu creio que não. As pessoas se afastam por vontade própria.

Isso não empata não a gente de vir aqui porque a gente faz nossa parte, né. Eu trago, independente de saber se vão furtar ou não, eu trago. Eu acho que isso não é motivo para ninguém se afastar não.

**Gabriel:** A Semulsp é órgão da Prefeitura de Manaus que é responsável pela manutenção, organização e revitalização dos dez cemitérios públicos existentes em Manaus. A senhora considera que eles realizam um trabalho bem feito no São João?

**Jeane:** Eu creio que sim. Agora, há um tempo atrás eles estavam deixando meio que a desejar, mas agora eu estou até admirada porque está bem... Está tendo um trabalho mesmo em cima do Cemitério São João.

**Gabriel:** Esse cemitério foi tombado em 14 de junho de 1988 como monumento histórico do estado do Amazonas. Nesse contexto, por ele ser tombado, a senhora considera que São João tem sido bem preservado?

**Jeane:** Eu acredito que sim. Porque o cemitério em si está bem conservado. Agora, cabe a cada um tomar conta da sepultura da família. O que eu vejo é que tem muitas abandonadas. Aí já não depende do município ou do estado. Vai de cada um. Mas a parte deles, eu creio que sim.

**Gabriel:** O Turismo Cemiterial tem como foco principal a exploração do cemitério como patrimônio artístico e arquitetônico. O seu propósito principal é transformar o cemitério num museu, aberto para visitas e para estudos. A senhora acha que o São João está preparado para receber uma atividade desse porte? Do Turismo Cemiterial?

**Jeane:** Eu creio que não. Eu acho que ainda não.

**Gabriel:** A senhora pode me dar uma justificativa sobre isso?

**Jeane:** Na realidade, eu acho que em canto nenhum. Esse é o meu ponto de vista. A nossa cidade não está preparada. Eu não sei se é pela nossa cultura, mas eu já trabalhei em pontos turísticos. E eu acho que a preparação não é legal. E aqui não é diferente. Teria que ter uma estrutura bem melhor para essa visita acontecer.

**Gabriel:** A nossa última pergunta é se a senhora recomendaria a visita do espaço do São João a alguém. A senhora recomendaria?

**Jeane:** Recomendaria, mas não a título de turismo. Recomendaria a título de conhecimento. Para as novas gerações. Porque tem muita gente que nunca nem sequer entra aqui. É da nossa cultura isso. Nunca nem sequer entra aqui. Por quê? Porque vai para o Parque Tarumã, vai para os outros cemitérios. Porque esse aqui já deu. Quem tem sepultura aqui, de família, tem. Quem não tem, não vai ter nunca. Então são essas pessoas que eu acho que a título de conhecimento poderia. Eu recomendaria sim a visita. É isso.

**Gabriel:** Então nós chegamos ao final da nossa entrevista. Eu lhe agradeço desde já.

[Fim da gravação]

## Entrevista – Tereza Santos

**Gabriel:** Seu nome?

**Tereza:** Tereza Teixeira dos Santos.

**Gabriel:** Sua data e local de nascimento

**Tereza:** 20/10/1936, Manaus.

**Gabriel:** A sua ocupação?

**Tereza:** Eu sou doméstica

**Gabriel:** A primeira pergunta agora que a gente vai fazer é com que frequência a senhora visita o Cemitério Municipal de São João e para qual finalidade?

**Tereza:** Eu frequento de quinze a quinze dias por causa dos meus familiares que estão aqui, minha mãe, meus filhos, meus netos.

**Gabriel:** Nas suas visitas que a senhora faz, há algum ponto negativo que a senhora tem observado? Se sim, a senhora pode me falar quais são?

**Tereza:** No momento, esse prefeito tem trabalhado muito bem. Principalmente aqui, nos outros não sei. Mas aqui a limpeza, a orientação, o diálogo dos empregados. E mesmo os supervisores, eles orientam a gente. Mas o cemitério está sempre limpo, sempre arrumado. Então...

**Gabriel:** Tem estado bem organizado?

**Tereza:** Isso, tem estado bem organizado.

**Gabriel:** É possível observar que o Cemitério Municipal de São João tem passado por alguns furtos e depredações de seus elementos materiais. Qual o seu pensamento sobre essa questão?

**Tereza:** Assim, se tem depredação, porque você sabe que tem certos elementos que não tem educação. Não tem estudo. Então, para ele, aquilo que ele fizer está bem feito. Então, aí fica difícil porque eles depredam. Lá, a prefeitura tem que tomar as providências e consertar de novo. E eu acho que isso é uma coisa que... A humanidade, a juventude, né. Então, se a juventude tivesse uma ocupação, procurasse estudar, eu acho que isso não existiria em canto nenhum. Teria um pouco mais de consciência. Teria mais um pouco de consciência, é verdade.

**Gabriel:** Aí, a senhora já teve alguma experiência desse tipo? Assim, a senhora presenciou algum furto? Ou então, alguma depredação de algum jazigo familiar?

**Tereza:** Não, até agora... Até agora não, porque eu tenho esse e tenho o da minha filha ali na outra quadra. Até agora não presenciei, não tenho o que dizer sobre esse assunto. Tudo sempre está direitinho, qualquer coisa que precisa, ela me liga, orienta, olha, está precisando disso. Então, foi isso assim, assim... Então, até agora, né. Minha netinha faleceu em 1988, e eu estou vindo aqui desde 1988. Mas até agora, nesse ponto de vista, eu não tenho o que me queixar.

**Gabriel:** Aí, a senhora considera que esses acontecimentos, quando eles acontecem... Esses furtos, essas depredações, eles afastam as pessoas do Cemitério São João?

**Tereza:** Porque as pessoas ficam magoadas, sentidas, né, de procurar fazer o máximo para o ente querido que está ali. Quando chega e encontra aquilo depredado, ele... se decepciona. Assim, né, no meu modo de ver. Porque eu acho que não deve ser assim. Se você acha, você tem que orientar o local e tomar as providências, né. Eu acho isso assim.

**Gabriel:** Muito bem. A Semulsp é o órgão da prefeitura que é responsável pela revitalização e pela limpeza do Cemitério São João.

**Tereza:** Pois é.

**Gabriel:** A senhora considera que eles realizam um bom trabalho de limpeza e de revitalização?

**Tereza:** Considero, isso eu considero. Porque o cemitério sempre está limpo. Estão sempre... Mesmo com chuva não cria esse matinho, esse capim. Não cria, sabe. Eles procuram sempre cortar com a máquina para não... Se alguma sepultura fica como essa daí [*aponta uma sepultura próxima*] é porque a família não zela, né. Porque se zelar, não fica nas condições que tá. Cuidado individual, né.

**Gabriel:** Pois é. Aí o Cemitério Municipal de São João é tombado como monumento histórico do estado do Amazonas. Ele foi tombado em 14 de junho de 1988. E o tombamento, ele consiste no conjunto de ações realizadas pelo poder público que é com o intuito de preservar esses bens de valor material, histórico, cultural e arquitetônico. Nesse contexto, a senhora considera que o cemitério São João tem sido bem preservado? Por ser tombado?

**Tereza:** Eu acho... Eu acho que não, né? Tem que continuar... Eu que não entendi. Tombado como?

**Gabriel:** Ele é tombado como monumento histórico. Aí isso daria a responsabilidade do poder público de prezar por ele, né?

**Tereza:** Ah sim.

**Gabriel:** Só que, no entanto, acontecem algumas depredações que a gente observa. Aí a senhora considera que ele tem sido bem preservado. Nesse contexto de ser tombado?

**Tereza:** Bom, olha. Eu vou lhe dizer uma coisa. Eu cheguei em Manaus em 1947. Quando eu cheguei aqui em Manaus, ele era só aquele barro vermelho-amarelo como está aqui [*aponta*].

**Gabriel:** Sim.

**Tereza:** Ele não tinha pista. Só tinha o muro. Tanto que esse bairro era um torrão de terra enorme, sabe, quando eu cheguei aqui. Então, já tinha as sepulturas, mas não era assim. Zelado como agora, entende? Como agora... Porque eu vou lhe dizer. Alfredo Nascimento. De Alfredo Nascimento pra cá foi que melhorou. A reforma dele, assim, teve essa preocupação de mandar reformar, de mandar pintar, zelar. Sempre manter o cemitério limpo. Foi do Alfredo Nascimento pra cá, quando ele foi prefeito, porque até então não tinha esse olhar. Não tinha.

**Gabriel:** Então, a gente vai para a nossa penúltima pergunta. O Turismo Cemiterial é um tipo de turismo que tem foco principalmente na exploração do cemitério como um patrimônio artístico e arquitetônico. O propósito dele é transformar o Cemitério Municipal de São João num cemitério museu a céu aberto. A senhora acha que o Cemitério de São João está preparado para receber uma atividade dessas?

**Tereza:** Não está não, meu querido.

**Gabriel:** A senhora tem como me dar um motivo. Assim, o que a senhora acha?

**Tereza:** Como? Como que eles vão fazer isso? Ele vai ficar tipo um museu? Pra eterno? É isso?

**Gabriel:** Na verdade, seria para as pessoas observarem a arquitetura e os objetos mesmo que simbólicos podem servir como artístico, como objeto artístico. Mas aí, nesse ponto de vista, será que a senhora acha que ele tem como receber esse Turismo Cemiterial?

**Tereza:** Ainda não tem. Ainda falta muita coisa. Falta.

**Gabriel:** E a senhora recomendaria?

**Tereza:** Não me atrapalhando. Porque tem tantos prédios que eles deviam fazer esse tipo de coisa que você está falando. Simbólico.

**Gabriel:** A senhora recomendaria a visita do Cemitério São João?

**Tereza:** Se recomendaria a visita dele pra...? Eu recomendaria. Na minha opinião.

**Gabriel:** A senhora teria como dizer por quê? Só pra dar uma justificativa

**Tereza:** Pra ele ser melhor do que ele é. Eu digo assim na minha opinião. O que você acha? Na minha opinião, eu acho que ele tá preparado, mas ele ainda tinha, ele ainda tem muita coisa a se fazer. Muita coisa a melhorar. A capela que já existia, já tinha essa capela. Agora não, o David Almeida, ele tá todo o tempo mandando, sei lá, todo o tempo limpar as laterais repintadas. Tudinho. Tanto que o tanque de água... O pessoal tirava água pra lavar a sepultura não era bem aqui. Era ali atrás daquele prédio.

**Gabriel:** Eu sei onde era.

**Tereza:** Era lá. O pessoal carregava um balde de água pra lavar a sepultura. Agora ele mandou colocar as torneiras bem aqui, fica mais fácil pro pessoal trabalhar.

**Gabriel:** Pois é.

**Tereza:** A senhora que toma conta aqui, ela diz pra mim. De vez em quando que ele sempre tá reclamando porque às vezes arrombam assim mausoléu [*sic*] como esse aqui pra tirar ali as coisas, e de primeira a gente não podia deixar nada aqui. Tudo se tirava. Tanto que a sepultura lá da minha filha eu fiz uma cruz de azulejo. Quando eu cheguei aqui tava quebrada. Quebrada. Porque quando eles passavam com as coisas, comecei a reclamar, eu fiz outra [*cruz de azulejo*]. Até agora tá em paz. As placas, eu coloquei todas as outras. Até agora não arrancaram, porque de vez em quando estão arrancando as placas da sepultura. Isso aí eu já observei. Desculpe eu não lhe dizer logo, mas isso eu já observei.

**Gabriel:** A senhora tem alguma ideia do que pode acontecer pra isso acontecer aqui no cemitério? Essas quebras, essas depredações...?

**Tereza:** Porque você sabe que tem gente de todo tipo. Então eu acho que isso aí pra vender pra esses pobres que trabalham aqui. Os coitados ganha [*sic*] aquela micharia. Que hoje em dia do jeito que tá o desemprego... Meu querido, poxa... Meu filho que diz as pessoas não querem estudar. Mamãe, as pessoas não querem estudar. Porque ele é muito estudioso, então ele fica... Quando ele vê assim essas coisas, quando ele vê esses assaltos, esses roubos na televisão ele fica inconformado. Mas eu digo, “mas meu filho, se tudo isso que passa na tua cabeça passasse na cabeça dessas pessoas o mundo seria melhor”.

**Gabriel:** É verdade

**Tereza:** Porque ele tem dois filhos. Todos dois são formados. O mais velho é geólogo do INPA, e o mais novo tá fazendo Medicina, mas já tem uma faculdade de administração. Mas ele já tá fazendo outra faculdade, então... Mas é como eu digo, a juventude só quer saber de beber, usar droga e fazer isso [*refere-se às depredações*]. Então o que a gente pode fazer? A gente chega fulano “Olha, vamos fazer assim. Procura ser assim. Mas não dão ouvidos. Entra aqui e sai aqui [*aponta de um ouvido a outro*]. Chega bem ali, já tá fazendo de novo.

**Gabriel:** É verdade.

**Tereza:** Então eu digo pra você. Seja muito feliz. Sucesso na sua profissão. E procure sempre fazer o melhor. Tá, desculpe se a minha resposta não foi do seu alcance.

Gabriel: Nada, é desse tipo de resposta profunda que a gente precisa...

[*Fim da gravação*]

## Roteiro de entrevista qualitativa referente ao projeto

### “Entre o Arcabouço e o Silenciamento: memória, patrimônio e turismo no Cemitério Municipal de São João”

*Versão adaptada ao coveiro*

#### Dados de Identificação

- Nome:
- Data e local de nascimento:
- Data da entrevista:
- Ocupação:

#### Questões da Entrevista

- Há quanto tempo você trabalha como coveiro? Como começou nessa profissão?
- Quais foram as principais mudanças que você notou no Cemitério Municipal de São João desde que começou a trabalhar aqui?
- Como é sua rotina diária de trabalho no cemitério? Quais são as atividades mais comuns que você realiza?
- Quais são os maiores desafios que você enfrenta em seu trabalho?
- Você acha que o cemitério está bem mantido? Existem problemas recorrentes de manutenção ou áreas que precisam de mais atenção?
- Com relação à segurança, você já testemunhou ou foi afetado por furtos, vandalismo ou outros problemas de segurança? Como isso afetou seu trabalho e a integridade do cemitério?
- Como é a relação com as pessoas que visitam o cemitério? Há algum tipo de orientação ou suporte que você oferece a elas?
- Você já teve experiências marcantes com visitantes que gostaria de compartilhar?
- Como você vê o papel do cemitério na preservação da memória e da cultura local? Qual é a importância desse espaço para a comunidade?
- Na sua opinião, as ações de preservação do Cemitério Municipal de São João são suficientes? O que poderia ser melhorado?
- O que você acha da ideia de transformar o cemitério em um espaço para turismo cemiterial? Quais seriam os prós e contras dessa iniciativa do ponto de vista de quem trabalha aqui?
- Você acredita que o cemitério está preparado para receber turistas? Se não, o que precisaria ser feito para melhorar essa preparação?
- Na sua percepção, como as diferentes crenças e rituais funerários influenciam o ambiente do cemitério?
- Você já presenciou rituais ou práticas religiosas incomuns ou interessantes que ocorrem no cemitério?
- Como você vê o futuro do Cemitério Municipal de São João? Quais são suas expectativas para o espaço e para seu papel como coveiro nos próximos anos?
- Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre sua experiência aqui no cemitério ou sobre o trabalho que realiza?

*Entrevista realizada no dia 10 de agosto de 2024 (Dia dos Pais)*

**Entrevista – Coveiros Antônio Vicente e Carlos**

**Gabriel:** Já, começou. O nome de vocês?

**Carlos:** Meu é Carlos.

**Gabriel:** E o seu?

**Antônio:** Antônio Vicente Neto.

**Gabriel:** E a data e local de nascimento?

**Carlos:** Eu nasci no estado de Ceará, cidade por nome Baturité.

**Gabriel:** E o senhor? A data e o local de nascimento?

**Antônio:** Codajás.

**Gabriel:** E a data?

**Antônio:** 27/04/1965.

**Gabriel:** Tá. Aí eu vou começar agora a primeira questão da entrevista. Há quanto tempo que vocês trabalham como coveiro e como começou nessa profissão?

**Carlos:** Eu tô com... vinte e três anos de coveiro.

**Gabriel:** E como é que o senhor começou?

**Carlos:** Ao todos eu tô com trinta e um... trinta e três mais ou menos, ao todo.

**Gabriel:** E o senhor?

**Antônio:** Eu tô com vinte anos que eu trabalho no cemitério. É, vinte anos.

**Gabriel:** E o senhor começou como nessa profissão?

**Antônio:** Rapaz, eu entrei através de amigos, entendeu? Que me indicou a trabalhar. Aí depois, um tempo, ele me botou na prefeitura. Porque se depender de estudo mesmo, esse aqui também sabe... É um tempo que a gente dava pra entrar na prefeitura sem ser concursado. Mas nós aproveitamos essas oportunidades. Eu acredito que nós somos os últimos. Graças a Deus. Porque agora não pode mais. Aí eu entrei através desse meu colega e tô aqui. Graças a Deus fui me dando bem e tal. Porque sempre que eu entrei no emprego eu nunca faltei. Sempre eu... Não sou daqui, né. Minha única renda é essa. Então teve que ter zelo, né, irmão. Graças a Deus. É um serviço que é muito discriminado. Mas a gente faz de boa. Eu me sinto feliz no meu trabalho. Com meus parceiros.

**Gabriel:** Quais foram as principais mudanças que o senhor percebeu aqui no cemitério desde que o senhor começou a trabalhar aqui?

**Antônio:** Rapaz, psicologicamente eu acho que a gente aprende a ser mais humilde. Mais humano, né? Nada vale nada, irmão. Nada. Você pode ter dinheiro, se você não tiver paz de espírito, você não tem nada. E é que a gente aprende muito com as pessoas chorando. Tanta gente chorando. A gente descobre que na verdade a gente não é nada. E muita coisa também é

aquilo que a gente tem dentro da gente para aprender. A vida é um aprendizado. Hoje você não sabe nada, mas você já sabe um pouquinho. Ver a pessoa chorando ali. Uma pessoa dá uma palavra, a gente já sente, né. No coração. A gente não é nada. E eu faço parte dessa... Entendeu? Faço parte desse grupo de reconhecer. Porque lá fora está escrito lá em latim. *Laborum meta*, que acaba tudo. Fim dos trabalhos, né? Entendeu? Então é assim que eu me sinto. Eu me sinto feliz.

**Gabriel:** E qual a sua rotina diária aqui no cemitério? Quais são as atividades mais comuns que você realiza?

**Antônio:** Rapaz, a rotina é essa aqui. A gente brinca, entendeu? Aqui a gente só vai em casa mesmo só para dormir, né, irmão? Aqui a gente procura se divertir com os colegas, rir. Brincar. Mangar um do outro. Faz parte, né? É, faz parte, entendeu? Mas aqui é a nossa família, né, cara? Às vezes tem aquela besteirinha. E todos os trabalhos têm, né? Mas a gente chega aqui, no outro dia tem que acabar, porque aqui é a nossa vida. Esse aqui tem trinta e três anos [*aponta para o outro*]. Eu com vinte. E aí? Nós temos que se entender aqui, cara. É como ele falou aí, né, cara? Se nós não aprender aqui, ninguém vai aprender mais nunca. Aqui é uma coisa que a gente fica admirado, entendeu? Esse aqui, sabe, tem Gilberto Mestrinho, Jefferson Péres, gente da alta, entendeu? Filho do Arthur, né? Mas e aí? O que adianta? Nada, cara. Então, é como ele já falou, nós temos que ser humildes, cada dia mais humildes, cada dia a gente se agrada um com o outro. É levar no dia a dia nas brincadeiras, porque o resultado, como sempre eu falo para ele, nós temos que aproveitar a vida. Eu falo isso, nós temos que aproveitar. É o sentido máximo da vida, aproveitar. Como vocês jovens, eu acho bonito o seu trabalho. Verdade. Duas coisas que você não deve querer na sua vida. Droga, meu irmão, cai fora, porque isso aí não é exemplo para ninguém. Você está trabalhando aqui, muitos estão desperdiçando. Olha, a vida é tão boa que você não deve desperdiçar nem um dia da sua vida. Eu fico triste quando eu não faço alguma coisa. Às vezes tu está em casa, tu está sem fazer nada, porra, ali bate uma ideia na cabeça, vou fazer uma calçada aqui, tu já está aproveitando a tua vida. É igual você, jovem. Batalhe pelos seus objetivos, faça uma faculdade, seja útil para a sociedade, não vagabundo da sociedade, nada contra quem usa droga. Mas, infelizmente, não gosto nem de falar nisso, porque ele tem um problema com a filha dele [*aponta para Carlos*]. Ontem mesmo teve. Aí o cara é triste. Ontem eu fui para a feira. Ele sofre por isso, agora ele é um cara que não vai botar a cabeça dele só nisso, senão o cara vai viver só triste, pra baixo daqui pra frente. Mas ele tem os grandes problemas dele. É verdade. Mas fala, fala. Olha, ontem cara, que eu, graças a Deus trabalho aqui, mas o que eu puder fazer na feira, a gente pode fazer. Igualmente você com a sua família, o que seu pai pode fazer para você, você vai fazer. Mas a minha situação não é fácil, cara. Já pelejei, já pelejei de todo jeito, entendeu? Então, quer dizer, ontem mesmo eu fui na feira e peguei um mototáxi, quando eu a vi, era ela [*a filha*] comendo aquelas coisas do chão, não tem necessidade, cara. Não tem necessidade de estar vivendo a vida aquela. Mas, meu amigo, não tem como. A gente conversa, entendeu? E é triste, cara. Não abre a cabeça, cara. Aí eu ia no mototáxi. Entendeu? Ninguém gosta nem de falar para preservar ele, porque é triste, cara. Você tem uma filha que mora nas ruas, tem que saber por onde é que anda. Então é triste, cara. Já sofreu um acidente, ela andava até de muleta, nas ruas, usando droga.

É triste, cara. Olha aqui, olha. A filha dele [*mostra uma imagem dela no celular*]. Olha a filha dele. Tem que tomar cuidado. Bastante cuidado, entendeu? E ela não era para isso. Então faço o possível para minha mulher, faço o possível para a minha criança. A mãe dela cria outra,

entendeu? Então... Se você não prestar atenção, você faz da sua vida um bagaço. Sim. A minha filha não usa droga, mas eu ainda, eu acho que ela não aproveitou. Minha filha era para estar estudando em Fortaleza. Minha família é de lá, tem uns lá que é bem de vida [*sic*]. E a mãe de Raquelzinha veio para cá estudar aqui. Não quis, cara. Aí se meteu com o rapaz aí e tal. Ninguém fala nem dos benefícios materiais, não, e tal. Mas não quis nada com estudo, cara. E o mundo de hoje, sem estudo, não vale nada, cara. Não estudou, fez a quinta série empurrada. Se meteu aí, muito cedo com o que não deve, já tem três filhos.

**Gabriel:** Quais são os maiores desafios que você enfrenta aqui no seu trabalho como coveiro?

**Antônio:** Rapaz, o desafio é o seguinte, irmão. Pelo lado político, cara. Não tinha que ser mais... Não sei pra onde é que você vai levar isso, mas eu falo porque eu acho que nós precisa [*sic*] ser olhado com mais carinho, porque nós já enfrentamos essa pandemia todinha aí, cara. Entendeu? Essa pandemia aí e nós trabalhando... Eu peguei essa covid, fui pra casa, eles aqui ficaram. Entendeu? Aí, cara, a gente... A gente tem que ser mais bem assistido, cara. Valorizar a gente, pô. Porque nós trabalhamos o dia todo nesse sol, a gente pega todo tipo de doença. A gente ainda fica se perguntando, rapaz, como é que vai ficar minha situação? Como é que a gente vai se aposentar? A gente não é nem... Assim, como é que é? Olhado por uma coisa melhor sobre nossa aposentadoria. Micharia, cara. Porque por eles nem serve o salário, cara. Não sei nem pra onde tu vai levar isso, mas eu falo, mano. É a verdade, cara.

**Gabriel:** A pesquisa, ela vai ajudar justamente a mudar a perspectiva das pessoas.

**Antônio:** Ninguém tem dignidade, a pessoa aqui quer dar mil reais, mil e pouco reais, pra pessoa que deu a vida toda num sol desse, pô. O que é que a pessoa faz, a pessoa já idosa, o que é que vai fazer com mil e pouco reais de aposentadoria, cara? Um dia pra você fazer um mercado, um supermercado já dá uns 600, 700 reais. Só pra comprar remédio, cara. Nem isso dá. Tenho um pai que fica em casa, ele precisa de muito remédio. Tu tá entendendo? Pegar uma diabetes, vai pegar uma pressão alta aí, que tem que ter médico direto, cara. Entendeu? É assim, mano. Agora, no momento, nem médico nós estamos tendo. O médico diz, o prefeito não tá pagando remédio pra vocês, não. Tá tudo pendurado aqui, tá todo o tempo. Não é mentira, não. É verdade. Enquanto há escândalo de roubo na prefeitura. É verdade. Pra isso não falta dinheiro, pra nós falta.

**Gabriel:** O que o senhor acha? O senhor acha que o cemitério tá sendo bem mantido? E se existe algum problema recorrente de manutenção?

**Antônio:** Rapaz, eu vou te falar a verdade. Eu gosto das coisas claras mesmo. Eu sou uma pessoa que gosta da verdade. Antigamente não tinha, cara, esses banheiros. E eles ajeitaram, cara. Ajeitaram, cara. As pinturas aqui. Organizaram a cozinha. A administração. A guarda, a guarda também. Eles reforçaram. Isso aí eu não vou falar mal, não. Porque desse lado, eles merecem aplauso mesmo, entendeu?

**Gabriel:** E com relação à segurança, o senhor já testemunhou, foi afetado por furtos, vandalismo ou outros problemas de segurança? Como isso afetou seu trabalho e a integridade de vocês?

**Antônio:** Como eu falei, depois, mandaram essa guarda particular. Tá bom, cara. O negócio de segurança tá bom. Bom mesmo. Melhorou muito? É, melhorou muito.

**Gabriel:** E com relação às pessoas que visitam o cemitério, algum tipo de orientação ou suporte que vocês oferecem a elas?

**Antônio:** Rapaz, antigamente diziam, olha, tenha cuidado, porque de vez em quando tinha negócio de vandalismo, roubo aqui dentro, entendeu? Muita pessoa foi assaltada. Mas depois que essa segurança tá aí, acabou, cara, entendeu? Aqui roubaram, na época, uma moto de um colega nosso. Foi, exatamente. Aqui dentro, daqui. Aí, um tempo, roubaram um carro aí, no cemitério também.

**Carlos:** Foi mesmo, né?

**Antônio:** Foi. Um carro também. Levaram um carro aqui de dentro. Faz tempo, isso. Aí, pra te ver, tem uma cancela lá, agora. Melhorou muito.

**Gabriel:** Vocês já tiveram experiências marcantes, assim, com visitantes que gostariam de compartilhar? Alguma coisinha que tenha acontecido?

**Antônio:** Apareceu uma moça, assim, uma moça jovem, fazendo esse mesmo tipo de entrevista que você tá fazendo. Eu acho bonito, acho bonito o trabalho que vocês fazem.

**Gabriel:** E como é que o senhor vê o papel do cemitério na preservação da memória e da cultura local? Qual a importância desse passo pra comunidade?

**Antônio:** Rapaz, o brasileiro, né, irmão? Ele não gosta, não leva a isso. A gente até admira só você mesmo que estuda, lê livro, procura essas coisas, porque a pessoa em si mesmo, o brasileiro não olha pra essas coisas. Já o europeu chega aqui, bate foto, numa igreja dessas, acha a coisa mais linda, né.

**Gabriel:** Sim, inclusive eles têm o cemitério como museu lá pra fora, né.

**Antônio:** Isso, isso. Eu acho lindo, eu acho maravilhoso, entendeu? Mas o brasileiro em si mesmo, acho que é pouco estudo, né? Pouca curiosidade. Porque também eu nem tive estudo, mas sou uma pessoa muito curiosa. Eu gosto de conhecer o mundo, gosto de conhecer a cultura.

**Gabriel:** E na sua opinião, as ações de preservação do cemitério, elas são suficientes, ou poderia ser melhorado?

**Antônio:** Rapaz, é... Rapaz, essas árvores mesmo. Essas árvores têm muito... Antigamente, essas árvores eram tiradas todas as ramas de passarinho, e agora ele [*secretário em exercício*] não mexe com isso, tá deixando a desejar.

**Gabriel:** As ramas são essas ervas?

**Antônio:** Isso, isso. Tu tá vendo, né, irmão? Aqui onde a gente tá não tem muito, mas tem muitas mais adiante. Olha lá, irmão, lá.

**Gabriel:** Mas elas matam as árvores, né?

**Antônio:** Elas matam. Ela é um parasita, entendeu? Ela é um parasita. Ela mata. É tipo câncer em ser humano. É um parasita.

**Gabriel:** Uma boa comparação.

**Antônio:** Sim. Ela mata a árvore.

**Gabriel:** E o que o senhor acha da ideia de transformar o cemitério num espaço para turismo? E quais seriam os prós e contras dessa iniciativa do ponto de vista de quem trabalha aqui?

**Antônio:** Eu acharia ótimo. Nós temos um exemplo aqui na Argentina, e lá o cemitério é uma coisa linda, meu irmão. É um lugar de turismo. Eu fico triste, cara, quando a gente tá fazendo enterro assim, tem um monte de bosta lá. Cara, isso é uma vergonha pra nós, um americano vir aqui, porra. Né, cara? Isso é uma vergonha, irmão. E é histórico isso aqui, né? Histórico. Entendeu? É histórico. Aqui, esse cemitério aqui, ele é centenário, cara. 1905. Mas disse que já existia. Deve ter uma placa lá que tem essa data. Na entrada da capela. Entendeu?

**Gabriel:** E o senhor acredita que esse cemitério tá preparado pra receber turistas e se não, o que precisa ser feito pra melhorar essa preparação?

**Antônio:** Tem que melhorar. Tem que melhorar. Melhorou, mas não é o suficiente, entendeu? Tem que investir mais.

**Gabriel:** Em sentido de estrutura, de preservação, como é que é?

**Antônio:** Preservação. Eu acho que aqui já deveria ter um crematório, né? Porque aqui não tem mais espaço. Aqui são jazigos perpétuos. Aqui só a família que tem, pronto. Dá de conta mesmo da família. E como aqui é um centro, aqui nós estamos, bem dizendo, no centro de Manaus, né. Então aqui já deveria ter mais investimento. Nossa população aqui é mais de dois milhões, pô, e ainda vive dentro da pedra ainda. Dentro de barro ali. Entendeu? Deveria ser um negócio bem moderno, né?

**Gabriel:** E o senhor acredita que... na sua percepção, como as diferentes crenças e rituais funerários influenciam o ambiente do cemitério?

**Antônio:** Rapaz, cada um tem sua crença, né. Na verdade, eu já tive crença evangélica. Não é o caminho, não. Acho que você tem uma espiritualidade dentro de você. Pra onde você vai, você leva. Deus, ele está aqui dentro de mim. Não precisa eu pagar dízimo pra pastor, comprar casa em Miami. Isso aí eu sou contra. Deus está dentro de você. Como é que você vai encontrar Deus? Tu vai ter uma resposta. Deus está dentro de você.

Não é através de homem botando placa de igreja. Deus não causa nenhuma diferença. Mas causa que eles botam a placa de um jeito ou de outro. É um Deus dividido, né? Mas quem faz é o homem, né.

**Gabriel:** O senhor já presenciou rituais ou práticas religiosas incomuns ou interessantes que ocorrem no cemitério?

**Antônio:** É bizarro. Não precisa matar um animal pra deixar... Deixar lá na frente. Um animal todo lacerado lá. Eu não concordo não, irmão. Valeu uma vida também. Eu não concordo. Eu acho que é como eu te falei. Deus está dentro de você. Ame ele.

Sem precisar nenhum amuleto nem nada. Ele não é tão burro pra ele não entender. Ele não é tão sanguinário. Ele não precisa de sangue lá. Não. Esse não é o meu Deus, não. E eu acho que quem está lá deve prestar atenção muito em conversa de homem. Deus não habita em tempo de homem feito por homem. Eu acho que você sabe disso, né.

**Gabriel:** Sim.

**Antônio:** Então é isso.

**Gabriel:** E como é que o senhor vê o futuro do cemitério São João? Quais suas expectativas pelo espaço nos próximos anos?

**Antônio:** Eu só queria mudança pra melhor. Mas se dependesse desses políticos aí, né.

**Gabriel:** É. Muito difícil, né.

**Antônio:** Ele já deixa a... Não tem dinheiro pra nada. Mas tem dinheiro pra estar aí roubando e os caras não quer [sic] largar o poder. Deixa um mandato e já quer outro. E não tem dinheiro. Poder viciante, né? Tu acha que eu vou governar uma casa cheia de dívida? Não quero. E por que é que eles querem? É essa a resposta. E em termos, assim, de... Tem que mudar. Tem que ser pessoas sérias, né? E quem pode fazer isso é a política. Pessoas que têm compromisso sério com a política.

**Gabriel:** E há algo mais que o senhor gostaria de acrescentar sobre a sua experiência aqui no cemitério e sobre o trabalho que o senhor realiza?

**Antônio:** É, como eu falei no início, né, irmão. A gente tem que ser olhado mais pra gente, né. Como funcionário. Um salário digno, entendeu? Condição de trabalho. E questão de saúde também. E questão de saúde. E que eles dêem valor na velhice da gente, né. Facilite mais. Até os tempos de serviço da gente, ninguém sabe nem se é garantido.

**Gabriel:** Na verdade, vocês exercem um papel essencial aqui no cemitério, né. Central.

**Antônio:** É o mais principal, né? Ninguém quer ser... pessoa como a gente. Se eu disser que é coveira, eles dizem, “vixi Maria, muito sinistro”. Mas no dia a dia, precisam de nós...

**Gabriel:** O senhor lida com muito preconceito aqui em relação a isso?

**Antônio:** Eu não ligo. Eu acho que é besteira. Vai muito da cabeça do ser humano, né? É uma coisa que tem que concordar com a Bíblia. “Conhecereis é a verdade, e a verdade vos libertará”. Mas não está lá dentro das igrejas, não. É uma verdade que está dentro de você. Dentro de você. A verdade está dentro de você. Você tem bom conhecimento, você já é liberto daqui. Então, eu acho que é bobagem, besteira, preconceito, racismo, fobia. Então, o cada ser humano vive o seu, é verdade, contanto que não faça mal a ninguém, não é verdade?

**Gabriel:** Exatamente. Então, a gente chega no final da nossa entrevista.

[Fim da gravação]